



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES

Trabalho de Conclusão de Curso

Alicia Resende Teodoro  
Amanda Cristina de Oliveira Maciel  
Amanda Leonardo Amorim  
Eduarda Milena Santos Berigo  
Hadassa Victória Lacerda Fernandes

**MEMÓRIAS DA FCA: vivências universitárias na ditadura**

Belo Horizonte  
2024

Alicia Resende Teodoro  
Amanda Cristina de Oliveira Maciel  
Amanda Leonardo Amorim  
Eduarda Milena Santos Berigo  
Hadassa Victória Lacerda Fernandes

**MEMÓRIAS DA FCA: vivências universitárias na ditadura**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Nalon Sanglard

Trabalho prático - Podcast

Belo Horizonte  
2024

Alicia Resende Teodoro  
Amanda Cristina de Oliveira Maciel  
Amanda Leonardo Amorim  
Eduarda Milena Santos Berigo  
Hadassa Victória Lacerda Fernandes

**MEMÓRIAS DA FCA: vivências universitárias na ditadura**

Relatório teórico-metodológico de trabalho prático apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Nalon Sanglard

Trabalho prático - Podcast

---

Prof. Dra. Fernanda Nalon Sanglard - PUC Minas (orientadora)

---

Prof. Dra. Iara Cordeiro de Melo Franco- PUC Minas (convidada)

---

Prof. Dr. Mozahir Salomão Bruck - PUC Minas (examinador)

Belo Horizonte, 10 de dezembro de 2024

*A todas as vítimas do período ditatorial cujos relatos foram esquecidos no pós-regime e ao corpo docente e discente da Faculdade de Comunicação e Artes da Puc Minas*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos aos nossos familiares que desde o começo estiveram presentes nessa caminhada e nos incentivaram a continuar perante os momentos difíceis.

A nossa orientadora, Fernanda Nalon Sanglard, por ter desempenhado sua função com dedicação e amizade, dando o auxílio necessário para a elaboração e realização desse projeto.

Ao professor Mozahir Salomão, por ter se disponibilizado a nos ajudar na elaboração e correção deste TCC.

À professora Iara Franco, por ter aceitado compor nossa banca final.

Ao professor Getúlio Nuremberg, por ter nos auxiliado perante aos desafios do trabalho e por ter emprestado a sua voz para a locução da narrativa.

A todos os nossos professores da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais pela contribuição e excelência nos ensinamentos ministrados em sala, e também à universidade por ter nos oferecido as ferramentas necessárias que nos permitiram chegar ao final deste ciclo de maneira efetiva.

Aos profissionais do Centro de Memória da PUC Minas, pelo suporte fundamental na pesquisa bibliográfica do nosso podcast.

Agradecemos em especial a todos os entrevistados, pela colaboração e disposição do tempo, sem vocês esse trabalho não seria possível.

*“Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça”*  
*Carlos Artur Gallo Cabrera*

## RESUMO

A ditadura militar é definida como o período de 21 anos (entre 1964 a 1985) em que os militares governaram o país sob um regime de exceção. A época foi marcada pela censura, suspensão de direitos e atos de violência e perseguição. A Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) da PUC Minas foi criada em 1971, em plena ditadura. Por ser um local destinado ao pensamento crítico e à valorização das liberdades, interessa saber se foi repreendido pelo Estado e se teria sido uma ambiência de resistência à ditadura. Considerando que o movimento universitário foi uma das iniciativas em resposta ao regime, quando estudantes, funcionários e professores se juntaram à luta de outros grupos promovendo reivindicações, protestos e ações críticas, interessa-nos narrar como isso ocorreu na FCA. O objetivo central deste trabalho prático é compreender como eram as vivências acadêmicas no âmbito da FCA em plena repressão, contribuindo para a construção de memórias acerca de tal atuação. Propõe-se, assim, a produção de um podcast narrativo documental sobre essa iniciativa, por meio de recursos sonoros e testemunhos de indivíduos que frequentaram a faculdade naquela época, sejam eles do corpo docente ou discente, além de estudiosos, uso de fontes documentais e revisão bibliográfica. Sob essa ótica, aprendemos e contamos sobre a história da faculdade com destaque ao período ditatorial.

**Palavras-chave:** FCA PUC Minas; movimento estudantil; memória; ditadura militar; podcast jornalístico.

## ABSTRACT

The military dictatorship is defined as the 21-year period (between 1964 and 1985) in which the military ruled the country under a regime of exception. The period was marked by censorship, suspension of rights and acts of violence and persecution. The Faculty of Communication and Arts (FCA) at PUC Minas was created in 1971, in the midst of the dictatorship. As it was a place for critical thinking and the promotion of freedoms, it is interesting to know whether it was reprimanded by the state and whether it was an environment of resistance to the dictatorship. Considering that the university movement was one of the initiatives in response to the regime, when students, staff and teachers joined the struggle of other groups promoting demands, protests and critical actions, we are interested in narrating how this happened at the FCA. The central aim of this practical work is to understand what academic life was like at the FCA during the repression, contributing to the construction of a memory of this action. It is therefore proposed to produce a documentary narrative podcast about this initiative using sound resources and testimonies from individuals who attended the college at that time, whether they were faculty or students, as well as scholars, using documentary sources and bibliographical references. From this perspective, we learn and tell more about the history of the college, with an emphasis on the dictatorial period.

**Keywords:** FCA PUC Minas; student movement; memory; military dictatorship; journalistic podcast

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 JORNALISMO, DITADURA E MEMÓRIA.....</b>	<b>13</b>
2.1 Memória, testemunho e histórias de vida.....	15
2.2 Movimento estudantil.....	17
2.3 Breve histórico da PUC em meio à ditadura.....	19
2.4 Faculdade de Comunicação e Artes – FCA.....	26
<b>3 O PODCAST MEMÓRIAS DA FCA: A vivência universitária na ditadura .....</b>	<b>32</b>
3.1 Breve histórico e elementos de um podcast.....	33
3.2 Metodologia.....	37
3.3 Planejamento e pauta.....	39
3.4 Fontes (documentais, personagens, oficiais e especializadas).....	40
3.5 Produção.....	49
3.6 Detalhamento de produção.....	50
3.7 Produto final.....	52
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>59</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A ditadura militar foi um período da história do Brasil em que os militares governaram o país sob forte repressão após um golpe de Estado. O regime durou 21 anos, entre 1964 e 1985, e tinha como características a falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, suspensões e fechamentos recorrentes do Congresso, censura, prática sistemática de tortura, assassinatos por agentes de Estado, perseguição política e intimidação aos que eram contrários ao governo. A época também foi marcada por um bipartidarismo consentido, em que a base de apoio aos militares se concentrava no Arena e a oposição aceita no MDB, todas as outras formas de agremiação política ou formação partidária eram proibidas e duramente reprimidas.

Ainda assim, a extensa literatura sobre o período (Figueiredo, 2015 e Batista, 2017) dá conta de que mesmo sob forte repressão as universidades eram espaços de contestação e crítica contra o regime autoritário. E é nesse contexto que grupos de estudantes e docentes atuavam para manter liberdades mínimas.

Anos antes, os estudantes universitários de Belo Horizonte, e de diversas partes do Brasil, organizaram-se em movimentos estudantis (ME), culminando com a criação da União dos Estudantes (UNE) em 1938, instituída a partir das atuações estudantis em todo o país, a participação social e popular foi um elemento contra a ditadura. A Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) fez parte desse movimento. Em ocasião dos fatos citados anteriormente e da efeméride dos 60 anos de ditadura militar comemorados em 2024, tivemos como proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a produção de um podcast documental e memorial<sup>1</sup> sobre a FCA enquanto ambiência de resistência à ditadura militar.

Por meio desse trabalho prático, evidenciamos a significativa contribuição da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC-MG, bem como todo corpo docente e discente, na resistência e combate ao período da ditadura civil-militar. E, desse modo, conferimos importância a esses relatos para a rememoração do período da ditadura militar mineira. Com a produção do podcast foi possível dar visibilidade à atuação do movimento estudantil e compreendemos a importância do mesmo para a derrocada da ditadura em Minas Gerais.

---

1

<https://blogfca.pucminas.br/colab/podcast-relembra-vivencias-universitarias-na-fca-durante-a-ditadura-militar/>  
<https://open.spotify.com/episode/6kR22h1HKhiZu2eQoJi2xh?si=8bdcf3fd9f704574>  
<https://open.spotify.com/episode/7zH23cNYgPiOmFB5lVAs9p?si=56992e7b205144a7>

Além disso, houve também o anseio de contribuir para a memória e história da faculdade, destacando sua atuação nesse período.

Consideramos de extrema importância lembrar tais acontecimentos em um contexto em que a memória e a produção jornalística estão sendo contestadas. Escolhemos os testemunhos de estudantes e professores da FCA que vivenciaram o período da ditadura na universidade como temática da produção do podcast. Por meio das entrevistas construímos uma imagem do regime principalmente em Minas, fazendo com que as pessoas tivessem consciência do que ocorreu e não repitam os erros do passado. Além disso, a delimitação regional e a escolha da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas como o referente temático, se deve ao critério de identificação e também para conhecermos mais como foi viver sob o regime no estado. Para tanto, na preparação da coleta dos depoimentos que foram parte do podcast, recorreremos ao método da história oral que pressupõe a realização de pesquisa bibliográfica e documental. Nesse sentido, consultamos acervos do estado e da PUC Minas, além de arquivos e livros sobre as temáticas a serem discutidas ao longo do trabalho. Ademais entrevistamos indivíduos que eram do corpo docente e discente da FCA durante o período da ditadura, documentando seus depoimentos em áudio. Para embasar a pesquisa consultamos referências ao formato narrativo dos podcasts, a ditadura militar em Minas Gerais, a relação e a importância da história oral, da memória e dos testemunhos no estudo do regime, a história do Faculdade de Comunicação e Artes, e a trajetória e a atuação do movimento estudantil em Belo Horizonte e na PUC Minas.

O objetivo geral do trabalho foi compreender jornalisticamente as vivências acadêmicas no âmbito da FCA da PUC Minas durante a ditadura para a produção de um podcast narrativo documental com testemunhos de estudantes e professores

Já os objetivos específicos são: apurar jornalisticamente as vivências acadêmicas no âmbito da FCA no período em questão com vistas à produção de um podcast; aprofundar o estudo sobre o formato e a linguagem do podcast; compreender a relação entre memória, ditadura e jornalismo; tratar da relevância e da trajetória do movimento estudantil e universitário na resistência à ditadura, e, em específico, o movimento na PUC Minas; pesquisar documentos da época que possam contribuir com a produção do podcast; produzir o roteiro, realizar as entrevistas, montar e editar o podcast.

A ideia de produzir um podcast sobre as vivências universitárias na FCA no período da ditadura militar (1964 e 1985), se deu através do Propósito de investigar e dar visibilidade às histórias de alunos e professores que ajudaram a fundar a Faculdade de Comunicação, durante a ditadura militar. Ademais, a vontade do grupo em discorrer sobre um fato histórico

marcante para o nosso país, que completa 60 anos em 2024, com foco em Minas Gerais por uma identificação regional.

A partir dos depoimentos de pessoas que participaram desses movimentos, partilhando suas experiências e memórias, contribuimos para os estudos da ditadura militar brasileira a partir de um ângulo diferente, o da memória, da verdade e da oralidade. Há uma vontade compartilhada de não deixar um tema relevante, que marcou a vida de milhares de pessoas, cair em esquecimento.

Nesse contexto, consideramos de extrema importância trazer à tona fatos do passado evidenciando a importância do jornalismo de qualidade e, juntamente a isso, conseguimos realizar um estudo mais aprofundado sobre a prática jornalística antigamente. Além disso, nosso produto final também mostrou a perspectiva de quem estava do outro lado, atuando na resistência contra a ditadura e contando suas histórias.

Utilizamos depoimentos de jornalistas e sobreviventes, nosso trabalho conta como principais fontes de busca o livro “Faculdade de Comunicação e Artes”, publicação em homenagem aos 35 anos da FCA, os podcasts Ecos da Ditadura e o Nerdcast, além de artigos sobre o gênero, e do acervo construído para o referencial teórico.

Acreditamos que nosso trabalho contribuiu para nossa formação em jornalismo, pois tem uma grande relevância no âmbito social e está ligado diretamente não só com o código de ética mas também com a conduta que deve ser seguida por todos os jornalistas: a busca e o compromisso com a verdade e a precisão da informação, tivemos a oportunidade de conversar com pessoas de maior experiência profissional e além disso produzimos um material jornalístico, passando por todas as fases da produção, desde o roteiro, até a edição final.

A escolha de um produto de áudio se deu pelo fato de se tratar de um assunto que contém uma alta demanda de informações. Acreditamos que dessa forma foi possível criar uma melhor conexão com o público, através de um jornalismo humanizado, também proporcionamos uma ambientação com os sons, para o leitor se sentir dentro da história.

Angelo Aronde (2018) analisa as duas primeiras temporadas do “Projeto Humanos” e busca compreender o podcast como uma mídia recente aberta a veiculação de narrativas de teor testemunhal e histórico. Tanto individual quanto coletiva, a memória só subsiste através da interação entre memórias humanas e símbolos culturais. O podcast se inclui como um meio de elaboração de memória cultural na atualidade. Além disso, de acordo com a pesquisa, a história é pensada como termos de trauma, testemunho e políticas de memória elaboradas para que o passado traumático não se repita.

Em conclusão, o trabalho é também, um tributo e memorial a aqueles que participaram dos movimentos estudantis. Quisemos homenagear, em 2024, todos aqueles, indivíduos que compartilharam suas memórias e experiências conosco, e também aqueles que já se foram, contribuindo para que os acontecimentos da ditadura militar não sejam esquecidos, nem repetidos.

## 2. JORNALISMO, DITADURA E MEMÓRIA

O jornalismo tem como um dos principais fundamentos a noção de interesse público, coloca-se como mediador autorizado da relação entre Estado e sociedade e desempenha papel fiscalizador, por vezes reivindicando funções institucionalmente vinculadas a outras esferas, como os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Por fazer um recorte do que acontece no mundo e trabalhar com representações que buscam alcançar todas as camadas sociais, acaba produzindo atalhos cognitivos pelos quais as pessoas fazem sentido sobre as coisas do mundo.

O jornalismo é uma instituição importante para o funcionamento das democracias, mesmo diante de intensa censura. Publicações alternativas, como "*O Pasquim*", que tinha Ziraldo como um de seus fundadores, assumiam o risco de ser um jornal de atuação contra a ditadura. Na década de 80, bancas que possuíam seus exemplares, sofriam atentados a bomba, deixando de vender o tabloide. Outros periódicos como, *Opinião* (1972), *Movimento* (1975) e *Em Tempo* (1978) também foram censurados. Lançado em 1972, o *Opinião* foi uma publicação semanal brasileira de grande relevância, especialmente no contexto da ditadura militar que vigorava no país. Surgiu em um período de intensa censura e repressão, buscando oferecer uma visão crítica e independente sobre os acontecimentos políticos e sociais do Brasil. *O Movimento* (1975), começou como dissidência da *Opinião*. Sua proposta era de representar uma frente ampla das forças de oposição ao regime e a principal campanha do periódico foi pela anistia aos exilados e presos políticos, parcialmente conquistada em 1979. Já o *Em Tempo*, lançado em janeiro de 1978, tinha como proposta combater a ditadura expondo suas contradições internas e que prenunciavam o fim do regime. Surgiu como uma dissidência do jornal *Movimento* (1975) e passou a ser um veículo de tendência interna do Partido dos Trabalhadores.

A atuação de jornalistas independentes também desempenhou um papel vital na documentação de violações de direitos humanos, torturas e desaparecimentos, contribuindo para manter a sociedade de algum modo informada e fomentando a resistência popular. Além

disso, a veiculação de informações para a imprensa internacional ajudou a pressionar o governo militar por mudanças políticas. Assim, o jornalismo não apenas registrou a história, mas também ajudou a construir uma consciência crítica e a pavimentar o caminho para a redemocratização do país, destacando sua importância insubstituível para o funcionamento e a preservação das democracias.

Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), a liberdade de imprensa, um dos pilares da democracia, foi extinta. As informações eram censuradas, assim como as pessoas. Porém, há registros de fatos acontecidos no período que entregaram no futuro, o horror que aconteceu no passado.

Lucas Figueiredo (2015), revela as distintas fases da relação entre os serviços de inteligência dos militares e os documentos produzidos por eles. E, também, mostra como os arquivos da repressão no Brasil foram produzidos, guardados, preservados e mantidos fora do alcance do público, da Justiça e das vítimas deste período. É discutindo, ainda, se existem registros desconhecidos sobre o período, porque os militares ocultaram seus arquivos mesmo passados trinta anos do fim do regime ditatorial e o motivo de nenhum governos de Sarney à Dilma, ordenaram a abertura dos arquivos secretos.

Neste sentido, Carolina Dellamore, Gabriel Amato e Nathália Batista (2017) apresentam o relato da crueldade do Estado no período militar contra a sociedade na obra “A ditadura aconteceu aqui: A história oral e as memórias do regime militar brasileiro”. No livro, são apresentadas as narrativas de pessoas de diferentes grupos sociais como mulheres militantes, artistas, operários, militares, estudantes universitários, familiares de mortos e desaparecidos, militantes dos movimentos negros, moradores das regiões de guerrilha, moradores das agrovilas da Transamazônica, populações indígenas, anarquistas, pessoas LGBT+, presos políticos — são contemplados, de modo a sublinhar a diversidade das memórias sobre a ditadura.

Para a filosofia, memória não é apenas recordar, mas uma das formas fundamentais da existência humana, a relação do ser humano com o tempo, o que vale dizer, com o tempo passado, com o presente e com o futuro que se projeta. A memória é, portanto, a presentificação do que já passou, e é a marca do agora que será passado na lembrança.

Em conjunto, nas palavras de Marcos Napolitano (2017, p.9), a "matriz essencial da experiência histórica aqui analisada: o sofrimento das pessoas de carne e osso (...)"

A relação entre a memória social e a ditadura é o principal tema de abrangência para Marcos Napolitano (2017, p.9). Ele salienta a complexidade dessa relação uma vez que “a própria longevidade do regime” permitiu, “a sedimentação de muitas memórias daquela

experiência histórica ainda durante sua vigência política, fundindo experiências matrizes em torno do golpe e dos ‘anos de chumbo’ e narrativas memorialísticas mais ou menos estáveis”.

Assim, é de suma importância lembrarmos do trabalho da universidade em favor da democracia e no papel de desenvolver o pensamento crítico, uma vez que o objetivo da ditadura era eliminar ideais diferentes, para assim, moldar ideologicamente as pessoas. É fundamental, também, valorizarmos os testemunhos, voltados para a criação da memória social e com o objetivo de dar visibilidade a distintos pontos de vista, de diferentes grupos sociais que foram resistência, seja no período da ditadura, seja na redemocratização do país.

## **2.1 Memória, testemunho e histórias de vida**

Memória, segundo Pollak (1992, p. 200-212), “é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual, como coletiva, na medida em que ela também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”

No artigo “Memória e Identidade Social”, Pollak cita Maurice Halbwachs, que também é um autor considerado clássico da literatura sociológica sobre memória, quando nos anos 20-30, rompendo com a falsa ideia de que memória seria apenas um fenômeno individual, afirma que para além disso, deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Conciliando memória coletiva e individual, afirma:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que nos tragam seus testemunhos; é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004, p.12)

Ainda segundo Pollak, existem três critérios constituintes do conceito de memória, sendo eles acontecimentos, personagens e lugares. Considerando estes critérios, podemos dizer que a relação entre memória, testemunho e histórias de vida é intrinsecamente ligada, pois os dois últimos conceitos servem como uma das principais formas de materialização da memória.

De acordo com Márcio Seligmann-Silva (2010) “o testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível entre o 'real' e o simbólico, entre o 'passado' e o 'presente'.”

Quando indivíduos compartilham seus testemunhos, suas histórias, eles estão acessando suas memórias pessoais para relatar experiências vividas, contribuindo para a construção da memória coletiva de eventos históricos. Segundo Pierron (2010, p.31) “o testemunho confere, de certo modo, voz à memória. A testemunha é expressão da própria memória.” A memória não é apenas um repositório de experiências passadas, mas um elemento que influencia e molda o testemunho.

Esses relatos pessoais trazem à tona perspectivas subjetivas e emocionais que documentam não apenas os fatos, mas também as percepções e sentimentos associados a eles. Maurice Halbwachs (2004, p. 27) destaca que “apelamos aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma” .

Assim, ambos conceitos desempenham um papel crucial na preservação, construção e ressignificação da memória, garantindo que histórias individuais sejam integradas à narrativa histórica mais ampla, enriquecendo nosso entendimento do passado e construindo a consciência coletiva.

No contexto em foco, da repressão e resistência no âmbito da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas na era ditatorial, a memória coletiva é uma construção que se alimenta das lembranças individuais de professores, estudantes e funcionários que viveram sob o medo constante de perseguição. O período foi marcado por censura, invasões policiais, prisões arbitrárias e até desaparecimentos. Segundo Mozahir Salomão Bruck e Herom Vargas (2020) “se memória é presença de uma ausência, o esquecimento resulta da negação e anulação simbólica do referente - por assim dizer, a morte definitiva das coisas, dos acontecimentos, das pessoas.” Manter viva a memória desses eventos é essencial para impedir que os horrores da ditadura sejam esquecidos, apagados ou relativizados.

Os testemunhos daqueles que sofreram diretamente as consequências da repressão são vitais para o entendimento desse período sombrio. Relatos de ex-alunos e professores descrevem as dificuldades enfrentadas para estudar e trabalhar sob censura, a autocensura imposta para evitar represálias e o clima de medo e desconfiança que permeava o ambiente universitário. Esses depoimentos não só documentam os fatos, mas também humanizam a história, revelando o sofrimento e a resistência dos indivíduos. Entrevistas, cartas, documentos e outros registros pessoais são fontes preciosas que dão voz aos silenciados.

A história de vida dos que resistiram à repressão na FCA é uma narrativa de coragem e resiliência. Muitos professores e estudantes se engajaram em atividades clandestinas, participaram de movimentos de resistência e arriscaram suas vidas para lutar pela liberdade de expressão e contra a ditadura. Suas trajetórias individuais, repletas de desafios e sacrifícios, contribuem para um entendimento mais profundo do impacto humano da repressão.

A memória, o testemunho e as histórias de vida dos que vivenciaram este período se tornaram fundamentais para entender o impacto dessas ações sobre a comunidade acadêmica e para preservar a verdade histórica.

É importante ressaltar ainda, que na era da informação instantânea, onde o esquecimento pode ser acelerado pela sobrecarga de dados, a necessidade de documentar se torna ainda mais urgente. Pierre Nora (1993, p.7) defende que a mundialização, a democratização, a massificação e a midiaticização causaram o desmoronamento da memória e por isso é notável a maior necessidade de suportes exteriores para mantê-las. Registrar os fatos não só protege a memória coletiva, mas também sustenta a verdade, a educação e a conscientização social.

## **2.2 Movimento estudantil**

Durante os anos de 1969 a 1985, os movimentos estudantis foram alvos de repressão por parte dos militares. Em especial, movimentos como a União Nacional dos Estudantes e a Ação Popular. Ações como a prisão e tortura de estudantes além de desmantelamento de organizações estudantis e políticos eram constantes. Uma das atitudes de maior impacto durante esse período foi a aprovação da Lei Suplicy, que colocou fim à autonomia universitária com o propósito de transformar a universidade em mera fundação particular, além de extinguir os Diretórios Centrais de Estudantes (DCE) e a própria União Nacional dos Estudantes (UNE), substituindo-os pelo Diretório Nacional de Estudantes (DNE) (Lira,2009). Para Benevides (2006), na década de 1960 os movimentos estudantis se constituíam em uma importante organização que representava os interesses não apenas dos estudantes, mas de toda a sociedade brasileira, principalmente nos anos iniciais da ditadura militar.

A UNE foi fundada em 1938 e existiu como símbolo e entidade unificadora das lutas estudantis em escala nacional. “A UNE surgiu às vésperas do Estado Novo, sistema autoritário, o que significou a manutenção de um determinado controle do Estado sobre suas atividades durante algum tempo” (SANFELICE, 2008, p.17). A partir da década de 1960, a UNE assumiu uma posição mais destacada no panorama político, debatendo questões amplas na sociedade brasileira, como a orientação econômica, ordem política, nacionalismo,

desenvolvimento e política educacional. Declarada ilegal pelo governo nos anos iniciais do regime militar, essa imposição contribuiu para intensificar as manifestações estudantis no Brasil e também em Belo Horizonte, onde a PUC Minas se inicia.

A Ação Popular foi uma organização política de esquerda, criada em junho de 1962, a partir de um congresso em Belo Horizonte, resultado da atuação dos militantes estudantis da Juventude Universitária Católica (JUC). A JUC foi um movimento católico reconhecido pela hierarquia eclesial em 1950 como setor especializado da Ação Católica, que tinha como objetivo difundir os ensinamentos da Igreja no meio universitário. Foi vista durante a ditadura militar como uma organização de fachada para o comunismo universitário. Com o golpe de Estado em 1964, assim como outros movimentos, a Ação Popular sofreu um grave processo de desarticulação e seus principais dirigentes se exilam em países vizinhos. Em 1965, em São Paulo, ocorreu a Reunião Nacional Extraordinária, a fim de sistematizar o relatório “Resolução Política”, como forma de repúdio ao regime e considerada uma “primeira resposta aos novos desafios”. Duarte Pereira (2014) que se tornou vice-presidente da UNE em 1963 e membro da AP, discorreu sobre o momento em que se vivia e sobre uma possível resistência do regime por meio da luta armada:

Não se pode prescrever antecipadamente se as transformações sociais vão ocorrer por um caminho pacífico ou por um caminho armado. A questão era a seguinte: esgotadas as possibilidades de uma transformação pacífica, tinha-se de encarar a inevitabilidade de uma transformação violenta. E isso veio mais rápido do que nós esperávamos com o golpe de Estado. Com essa “Resolução Política”, portanto, a AP dá consequência ao que já havia previsto no seu “Documento-base”: esgotadas as possibilidades de atuação pacífica, tinha-se de ter a coragem, a valentia, de enfrentar a necessidade de fazer as transformações pela via armada (PEREIRA, 2014).

Durante os anos de chumbo (1968-1974), o Estado estava sob controle do AI-5 e da Lei Geral de Segurança de 1969. O período foi marcado como o de maior violência e censura durante toda a ditadura civil-militar, sendo considerado o mais difícil para o movimento estudantil. Neste contexto, em março de 1968, ocorreu o episódio da morte do estudante Edson Luís de Lima Souto, de 18 anos, que protestava em um restaurante contra o preço das refeições e foi morto à queima roupa pelo comandante da tropa da PM, aspirante Aloísio Raposo.

A morte do jovem causou comoção popular e marcou o início de mobilizações ao regime. Uma delas foi a Passeata dos Cem Mil, em junho de 1968, que contou com a presença de intelectuais, artistas, estudantes e religiosos na avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

A frente da passeata vinham as lideranças estudantis, depois os estudantes ligados a FUEC, o contingente das faculdades (primeiro as federais, depois as particulares), os artistas, outras delegações de faculdades, os intelectuais, o clero, as mães, os arquitetos, os estudantes do colégio Pedro II, os professores, os jornalistas, os estudantes da faculdade da UEG. (Carneiro, 2010, p. 25)

Durante a manifestação, foi eleita uma comissão de representantes da sociedade civil para se encontrar com o general Costa e Silva dias depois. Na reunião, o grupo solicitou a libertação dos estudantes presos, mais verbas e vagas para as universidades, o fim da censura e a reabertura do restaurante Calabouço, onde Edson havia falecido. Nenhuma dessas reivindicações foi atendida. A passeata representava, assim, um dos maiores e mais importantes marcos da história de resistência estudantil durante o regime.

### **2.3 Breve histórico da PUC em meio à ditadura**

A Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG)<sup>2</sup> foi fundada em 12 de dezembro de 1958. Ao completar 25 anos, recebeu autorização para se tornar Pontifícia Católica de Minas Gerais (PUC Minas). De acordo com o Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais (COVEMG, 2017), a PUC era a segunda maior universidade mineira, depois da UFMG. O movimento estudantil da PUC caminhava de forma cautelosa, mas atento aos acontecimentos da época. Em novembro de 1964, o reitor da PUC Minas, Dom Serafim Fernandes de Araújo, manifestou pessoalmente ao ministro Suplicy posição contrária ao fechamento da UNE, além disso, ordenou a suspensão das aulas até que houvesse uma estabilização dos ânimos dentro da Universidade. Mesmo com essas ações cautelosas, a PUC, assim como as demais universidades, também esteve sob vigilância do regime militar. Segundo o padre Henrique Moura Faria (COVEMG, 2017), professor da PUC Minas, todos sabiam que estavam sendo vigiados e gravados. Várias vezes professores e alunos saíam da sala de aula e eram abordados por policiais sendo questionados por falas proibidas, que não podiam ser repetidas.

No dia 10 de agosto de 1965, os estudantes da PUC Minas se reuniram no pátio da universidade, para uma assembleia geral de repúdio à matrícula de militares no Instituto Politécnico da Universidade Católica (IPUC) sem terem prestado o vestibular. Os diretórios da PUC Minas emitiram um “manifesto” para esclarecer os universitários, explicando a posição assumida naquela situação. O manifesto alegava que militares tinham requerido

---

<sup>2</sup> 25 anos após sua fundação a Universidade adquiriu autorização para se tornar PUC. O título honorífico de “Pontifícia Universidade” é recebido por instituições de ensino superior católicas quando são reconhecidas diretamente pela Santa Sé.

ingresso na Escola de Engenharia Especializada do IPUC, sem processo seletivo, e receberam retorno favorável da Congregação, que afirmava ser uma honra a presença desses militares. Entretanto, os estudantes frisavam a escassez de vagas e privilégio de classe, manifestando-se de forma contrária às matrículas dos militares naquelas circunstâncias.

As primeiras movimentações de oposição ao regime aconteceram a partir de 1966. Após a reorganização do movimento estudantil, o número de passeatas e manifestações aumentaram consideravelmente. Estudantes se reuniram em uma passeata pela Avenida Afonso Pena em direção à Igreja São José, “Passeata dos Calouros”, com cartazes em que discordavam das orientações da polícia. A passeata foi reprimida com bombas e pancadaria contra os universitários. Após o ocorrido, decidiram decretar greve por três dias em sinal de protesto. Ordenaram, ainda, uma nova passeata em protesto do ocorrido anteriormente, sendo conhecida como “Passeata do Silêncio”, aproximadamente dez mil estudantes de várias universidades trajados de preto com faixas protestando contra a violência sofrida e o boicote à liberdade de expressão, na praça Afonso Arinos, na região central de Belo Horizonte (COVEMG, 2017).

Em resposta às duas passeatas - “Calouros” e “Silêncio” - instaurou-se Inquérito Policial Militar (IPM) para apurar os fatos, sendo 158 estudantes indiciados, de diferentes Instituições de Ensino Superior da capital mineira, todos julgados em uma mesma sessão, em dois cinemas de Juiz de Fora (MG), então cidade sede da 4ª Circunscrição Judiciária Militar, porque a sala de julgamento não comportava o número de pessoas processadas.

A PUC Minas contava com a existência de um Conselho Universitário que, segundo declaração do DCE, reunia todos os estudantes e os DAs de todos os cursos para discussão de pautas importantes em torno do movimento estudantil. No dia 25 de junho de 1975, os estudantes se reuniram para manifestar e denunciar as violações arbitrárias de direitos humanos sofridas pelos estudantes. Essa reunião ficou conhecida como “Discurso da Bancada Estudantil”. Os estudantes propuseram um abaixo assinado em repúdio aos atos repressivos, sendo eles o desaparecimento de três estudantes do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Henrique Eduardo Veloso, Maria Lucia e Fernando Santa Cruz. Esse manifesto foi assinado por 351 estudantes, em solidariedade aos colegas desaparecidos, e enviado ao Diretor Acadêmico da UFF, Raimundo Soares, que reconheceu a relevância da mobilização (COVEMG, 2017).

Ainda no Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais (2017), no ano de 1978, a PUC Minas foi marcada pela greve feita pelos estudantes do IPUC, eles

reivindicavam melhoria nas condições de ensino, acesso a laboratórios, melhoria nas instalações físicas, dentre outras questões.

Em 1979, o movimento estudantil da PUC Minas experimentou uma nova diretriz, questões culturais foram colocadas em segundo plano e a participação em atos políticos contra o regime ditatorial militar tornou-se mais frequente.

Na década de 1980, o movimento estudantil da PUC Minas sofreu profundas mudanças. Os estudantes da Gestão Renovação, liderados pelo presidente Guilherme Caetano de Menezes Júnior, invadiram a Reitoria da PUC em 1983, por uma proposta que se centrava em um tripé de ideias: mobilização, participação e luta. Com essa “Ocupação da Reitoria”, os estudantes foram taxados como invasores. Eles emitiram uma carta aberta à população, além de uma carta a professores e funcionários da PUC Minas, justificando a ação e expondo a necessidade dessa luta, que era a possibilidade de pagamento da matrícula só em janeiro e não em dezembro, anistia do débito existente para os estudantes desempregados e fixação dos índices de reajuste das mensalidades somente depois da discussão com a comunidade escolar (COVEMG, 2017).

Cabe ressaltar que muitos estudantes e também docentes foram presos durante os anos de repressão, pelos motivos de participação no movimento estudantil, em outros movimentos políticos ou por qualquer posição contrária à política nacional imposta naqueles anos (1964-1985). Além disso, professores também foram demitidos e até mesmo condenados por motivações políticas.

Um dos professores perseguidos no período ditatorial foi Edgar da Mata Machado. Mineiro de Diamantina, jornalista, professor de Direito na antiga Faculdade Mineira de Direito (que se transformaria depois em unidade da PUC Minas) e da UFMG, foi também um dos fundadores da PUC Minas. Apesar de ter iniciado a carreira política filiado ao partido UDN, com a ditadura militar, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e organizou, em Minas Gerais, a Frente Radical Democrata, que reivindicava eleições diretas, anistia geral e o restabelecimento das liberdades democráticas, junto com Simão da Cunha, Jorge Ferraz e João Herculino, em 1966. No mesmo ano, Edgar da Mata Machado foi eleito deputado federal, tornando-se vice-líder do seu Partido meses depois. Em 1996, teve o mandato cassado com base no Ato Institucional número cinco (AI-5), tendo seus direitos políticos suspensos por dez anos. Como consequência, foi demitido da UFMG e afastado de seu cargo na PUC Minas, por determinação do então ministro da Educação, Jarbas Passarinho.

No ano em que se rememora os 60 anos do golpe de 1964, o nome de Mata Machado passará a substituir o atual nome de uma das principais avenidas do entorno da PUC Minas. De acordo com a reportagem “Avenida 31 de Março ganhará novo nome”, do Jornal Marco (FERREIRA e CRISTINA, 2024), foi aprovado pela Câmara Municipal de Belo Horizonte o projeto de Lei (PL) nº 819/23 que altera o nome da Avenida 31 de março, no Bairro Dom Cabral, para Avenida Edgar da Mata Machado. Esta nova nomenclatura faz referência ao jornalista e professor da PUC Minas e da UFMG, opositor da ditadura que também foi deputado estadual e federal, senador e autor de obras literárias e jurídicas. O projeto, de autoria do vereador Pedro Patrus, do Partido dos Trabalhadores (PT), prevê essa alteração porque o nome até então adotado faz alusão à data do golpe de 1964 que deu início à ditadura militar no Brasil. Segundo o vereador, essa demanda antiga é da própria PUC Minas, sendo necessária para a memória coletiva e reconciliação nacional. Esse projeto encontra respaldo na Lei nº 11.516, uma proposta de autoria do vereador Pedro Petrus, que foi sancionada pelo prefeito Fuad Noman (PSD) em junho de 2023, que proíbe homenagens a figuras e datas da ditadura militar em nomes de espaços públicos em Belo Horizonte.

No Relatório Final da Covemg (2017) há também menção ao caso de Haroldo Santiago, professor da PUC Minas que foi denominado pelo Dops-MG como “marginado” por constatar em alguns documentos a forte participação desse professor em organizações como o Centro Popular de Cultura (CPC), organização com forte ligação com a UNE. Há relatos de uma ata de reunião do CPC, no dia 22 de junho de 1963, que responsabiliza Haroldo Santiago por encabeçar o projeto “comunista - Novos Rumos”, que prezava por uma cultura revolucionária, de combate ao regime militar.

Em decorrência dessas acusações Haroldo, em 1976, acabou sendo detido junto ao estudante Alípio Gomes Filho, aluno de economia da UCMG. Conforme relatórios encontrados no Arquivo Nacional as prisões se deram principalmente sob as denúncias de reorganização do PCB.

Como consequência das prisões, as representações estudantis locais distribuíram panfletos e periódicos em protesto. Os panfletos distribuídos pelos estudantes foram montados com recortes de jornais e abordavam assuntos voltados aos universitários como a Crise da faculdade de Brasília e as prisões de pessoas do PCB. Havia também um edital assinado por quatorze entidades estudantis versando sobre o ocorrido.

Além disso o DCE da UCMG e o Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas, distribuíram uma “Nota Oficial” relatando detalhadamente os fatos relacionados às prisões, e que estavam preocupados com as garantias individuais do colega tendo em vista

que a violação dos direitos humanos no país era constante devido ao regime em que se encontrava. O DCE e mais cinco entidades de representação estudantil da universidade também partilharam um panfleto apontando e repudiando o que ocorreu com o professor e o colega.

Em meio a esse contexto, a repressão às universidades se acirrou a partir do Decreto 477, de 26 de fevereiro de 1969. Esse decreto segundo o Portal da Câmara dos Deputados definia infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino particular ou público, além de dar outras providências.

Eram consideradas infrações o aliciamento, a participação e a incitação à deflagração de movimentos que paralisem as atividades escolares, atentar contra pessoas ou bens dentro e fora das instalações de ensino, praticar e organizar movimentos subversivos não autorizados, conduzir, imprimir, realizar, distribuir, ter em depósito e confeccionar materiais subversivos de qualquer natureza, sequestrar ou manter em cárcere privado alguém do corpo docente ou discente e usar as dependências da escola para fins de subversão ou para praticar atos contra a moral e a ordem pública.

As punições para esses delitos incluíam demissão ou dispensa de professores, empregados e funcionários, sendo proibidos de ser contratados, nomeados ou admitidos para qualquer outro cargo similar, pelo prazo de cinco anos, desligamento de alunos e a proibição de se matricular em qualquer instituição pelo prazo de três anos, perda de bolsa e de benefícios, caso o aluno fosse bolsista ou recebesse auxílio do governo, por cerca de cinco anos e a extradição do território nacional caso fosse estudante estrangeiro.

Havendo suspeita de crime o dirigente da instituição previdenciária o inquérito policial. O infrator teria um prazo de apenas 48 horas para apresentar sua defesa.

Os professores da escola de comunicação da UCMG também foram alvos dos militares. De acordo com documentos do Arquivo Nacional, os infiltrados alegavam que os docentes do curso de comunicação eram extremamente fechados, ocasionando a dificuldade em conseguir informações ou dados na UCMG. Esse empecilho afetava o levantamento que eles estavam fazendo sobre alguns funcionários da Faculdade de Comunicação e Artes.

A atuação de Orlando Bueno Pacheco, professor de publicidade e propaganda da FCA, foi uma das questionadas nos inquéritos, de acordo com os informantes, ele, como uma figura de liderança, incentivava seus alunos a protestarem contra o regime, argumentando que o pessoal da comunicação não podia ser apático ou conformista. Além disso, o professor criticava abertamente a situação do país e os militares e por meio de atividades incentivava os alunos a pensarem criticamente sobre o regime.

Além das prisões de professores e alunos, a Universidade Católica de Minas Gerais foi foco de outras ações dos militares, principalmente com o objetivo de apreender materiais considerados controversos ao regime.

Ainda segundo documentos do Arquivo Nacional, o Diretório Central de Estudantes da Universidade Católica de MG, foi alvo de uma diligência realizada pelo CODI/BH, onde foram apreendidos diversos materiais. Foram encontrados no local documentos denunciando torturas, máquinas de escrever e o mimeógrafo usado na confecção de tais documentos. Além disso, um pôster do Che Guevara também foi descoberto no DCE.

Os estudantes retiraram outros materiais que poderiam ser apreendidos antes da operação, levando os militares a crerem que eles foram avisados sobre a diligência, e que havia indícios de que o movimento estudantil estava se reorganizando.

Diferentemente das demais universidades, a PUC Minas não era apenas um lugar de discussões críticas sobre a situação política do país, mas também um local de acolhimento e apoio para os docentes e alunos.

O então reitor D. Serafim Fernandes de Araújo e o conselho da universidade apoiavam os estudantes, como foi demonstrado em muitas das decisões presentes em uma Nota do Conselho Universitário da UCMG, publicada no periódico *O Diário* no dia 9 de maio de 1968, consultada no Centro de Memória da PUC Minas. Os tópicos decididos e comunicados por meio do periódico tinham como finalidade facilitar o diálogo entre as autoridades governamentais e os estudantes garantindo que os universitários entendessem e estivessem preparados para todas as decisões de caráter educacional que o governo poderia tomar, prezar por uma maior liberdade de expressão e por moldar os currículos dos cursos de maneira mais objetiva e condizente com a realidade. No documento também é ressaltado que os estudantes não deveriam permitir a intromissão de estranhos em suas reivindicações, que os agentes que porventura praticam ilegalidades sejam punidos pela lei e que a prisão de alunos somente fosse efetuada se a pessoa ferisse a constituição.

Em consonância com a nota, os relatórios da Comissão Encarregada de Estudar os Acontecimentos Estudantis que Determinaram a Convocação da Última Reunião do Conselho Universitário da UCMG, consultados no Centro de Memória da Puc Mins, também ressaltam esse respaldo que alunos recebiam. Nos documentos da comissão criada com o objetivo de compreender e estudar os acontecimentos estudantis que levaram à última reunião do Conselho Universitário da UCMG, o cenário para os estudantes no país não era nada animador, muitos discentes foram presos, desrespeitados e torturados. Em adição a esses ocorridos havia também a influência militar no Ministério da Educação e a inerência deles ao

tratar dos problemas estudantis, o que levou a criação da “Comissão Meira Medeiros” encarregada de solucionar os problemas criados pelos estudantes no Brasil, em acréscimo a reforma universitária, não levava em conta as questões sociais e humanas raciocinando em termos de uma nação capitalista desenvolvida e não de um país ainda em desenvolvimento e com diversos problemas sociais como era o Brasil.

A política educacional sendo entregue a estrangeiros com a tentativa de transformar as universidades em fundações e o descaso para problemas estudantis como verbas e outros faziam com que os estudantes não ficassem contentes com as universidades e com o sistema educacional, em geral definiam o regime do país como uma ditadura militar colonialista

Nesse contexto, os estudantes por acharem que o ambiente era incompatível com o que eles precisavam para o prosseguimento das aulas, fizeram greves. A greve foi elaborada como protesto contra a ditadura mas também como um meio a fim de que se obtivesse um pronunciamento do Conselho e de outros órgãos da faculdade em relação principalmente ao fato de que um dos estudantes presos era aluno da UCMG, e sobre a prisão da secretária do instituto de psicologia que não foi devidamente esclarecida. Diante dos dados coletados, o Conselho decidiu alguns tópicos, dentre eles se destacam a análise crítica de documentos do Ministério da Educação e do movimento estudantil, o estabelecimento de diálogos com as autoridades, a reflexão com outras escolas católicas sobre o movimento, a volta da liberdade de pensamento e de expressão e melhores condições de ensino.

A ministra do Supremo Cármen Lúcia Antunes Rocha, que foi aluna de direito na universidade durante a ditadura, em um evento na PUC, no dia 16 de setembro de 2024, relembrou esse apoio do reitor não só para com os estudantes, mas também com os docentes e funcionários. Carmen contou que D. Serafim abriu as portas da faculdade para diversos professores que eram proibidos de lecionar mesmo concursados afirmando que a universidade tinha o compromisso de abraçar a todos os que pudessem contribuir para formação dos alunos, a fim de que esses recebessem o melhor ensino, não para se contrapor a outra universidade, mas para ressaltar a natureza democrática e de dignidade da instituição.

## 2.4 Faculdade de Comunicação e Artes (FCA)


A Faculdade de Comunicações e Artes (FCA), da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, foi inaugurada no dia 1º de março de 1971. De acordo com o documentário FCA 50 Anos,<sup>3</sup> realizado pela PUC Minas em 2022, em homenagem aos 50 anos da FCA, o professor Lélío Fabiano dos Santos, que foi coordenador da Comissão de Instalação da Faculdade de Comunicação e Artes, posteriormente escolhido como diretor, afirma que a grande mágica da universidade foi ela ter nascido pequena e ter crescido de forma orgânica.

O nascimento da FCA se deu a partir da Escola Superior de Cinema. Criada em 1962, foi uma iniciativa pioneira da Universidade Católica de Minas Gerais ao apresentar e organizar, um curso superior de cinema para Minas Gerais. De acordo com a dissertação “Escola de Comunicação da PUC-Minas: os desafios da formação em comunicação nos anos 70” a escola foi uma experiência curta, tendo em vista que foi fechada em 1970, e frutífera em razão de que teve produções destacadas e premiadas em festivais nacionais e sendo reconhecida também no exterior. A escola de cinema foi fechada pois era um curso de alto custo e com poucos alunos. Além disso, até o ano de seu fechamento, 1970, não havia sido reconhecido pelo MEC. Apesar do curto período, a Escola Superior de Cinema deixou uma grande experiência de formação.

Criada com o título de faculdade a escola de comunicação sofreu em 1978 com o processo de departamentalização da PUC Minas, ficando conhecida naquele momento com a denominação de Departamento de Comunicação Social. Somente em 2001, conforme a dissertação “Escola de Comunicação da PUC-Minas: os desafios da formação em comunicação nos anos 70” a faculdade se reestrutura e torna-se Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas.

A inauguração foi pautada por diversas conferências a fim de tratar de inúmeros temas como formação teórica e técnica, mercado de trabalho, veículos e liberdade de imprensa.

---

<sup>3</sup>  [FCA 50 Anos] Episódio 1: O Nascimento da FCA

Segundo Lélío (2022), a faculdade e os cursos deveriam ser sintonizados com o novo mundo que estava a todo o vapor naquela época.

De acordo com o Catálogo 35 anos da Faculdade de Comunicação e Artes, produzido pela FCA da PUC Minas, a proposta de criação da Faculdade começou dois anos antes, em 1969, quando D. Serafim nomeou uma comissão para pensar a importância da comunicação naquele momento. O grupo era composto por Marco Antônio Rodrigues Dias, Hélio Fraga, Gamaliel Herval, Emerson Almeida, Wander Moreira e Elzio Costa. Esse trabalho foi o berço do projeto de implantação da Faculdade de Comunicação da UCMG, realizado por Lélío Fabiano, jornalista de 31 anos, impregnado pelo movimento estudantil de maio de 1968. Na ocasião da entrada da primeira turma, ele não sabia o que o curso ia se transformar, mas disse saber o que ele não seria. A efervescência da Faculdade não se restringiu ao espírito contestador dos alunos, nem aos projetos, pesquisas e extensões, tendo um papel articulador na área da comunicação naquela época. O que se fez presente na FCA foi um projeto revolucionário de experimentalismo pedagógico, somado à prática social e resistência política.

O Sistema de Avaliação Permanente do Aprendizado Escolar (Sapae), era um exemplo de ruptura com os padrões tradicionais de ensino. Nesse sistema não haveria chamadas, e as notas eram dadas do resultado de média aritmética entre avaliação dos professores e autoavaliação dos alunos. Para Antônio Fausto Neto, diretor da Faculdade no período de 1976 a 1978,

A escola foi um centro de experimentação. Eu me lembro, como fato absolutamente inesquecível, o arrojado do Lélío, em plena ditadura, de propor que a escolaridade e a pedagogia estruturar em torno do que ele chamou de método Sapae. (FAUSTO NETO, 2006)

O espaço físico da FCA também guarda memórias dessa época. Durante o primeiro ano do curso, as atividades se realizavam no prédio 7 e, somente em 1972, o hoje tradicional "Prédio 13" foi ocupado, durante uma dinâmica de trabalho do francês Georges Lapassade. Ele chegou a Belo Horizonte e fez em algumas escolas uma análise institucional, alegando que a FCA era muito libertária, questionando vários pontos por parte da administração da UCMG e, por fim, induziu a invasão do prédio 13, que ainda estava inacabado.

Em uma entrevista realizada no dia 19 de setembro de 2024, com José Milton, ele relata que essa análise institucional era semelhante a psicanálise Freudiana, através da livre associação e dos relatos ela vai penetrando no inconsciente da instituição, naquilo que está

subjacente, naquilo que não está visível. Lapassade relata sua ida a UCMG em seu livro “Les Chevaux Du Diable”.

Assim a FCA também passou a ter corredores com paredes pintadas com ondas vermelhas e verdes. No Catálogo 35 anos da Faculdade de Comunicação e Artes, Alcione Araújo, que veio a se tornar professor de teatro no curso de comunicação social da época, relata que o prédio parecia um centro cultural de vanguarda ou uma exposição de artes, não uma faculdade.

As pinturas nas paredes da escola foram feitas pelo artista plástico, escritor e ilustrador Marcelo Xavier. Formado em publicidade pela PUC Minas, realizou a obra que atualmente foi restaurada e se encontra nas pilastras e em algumas paredes do terceiro andar do prédio 13.

Alcione Araújo, professora daquela época, nunca tinha pisado em uma redação de TV ou rádio, mas fez com que o cenário da faculdade tomasse forma, dando liberdade aos alunos para escolher em qual área queriam trabalhar durante as aulas, fazendo todos desempenharem bem as suas funções, para se apresentarem no palco da faculdade ao fim do semestre, no chamado “Festival dos Teatros”, após anos de apresentações, de acordo com o Catálogo 35 anos da FCA.

Fotografia 1 - Fotos das pilastras do terceiro andar do prédio 13



Fonte: Amanda Amorim (2024)

Fotografia 2 - Capa do Catálogo de 35 anos da FCA



Fonte: Livro Faculdade de Comunicação e Artes 35 anos : Histórias da nossa história. Editora PUC Minas (2006)

Em 1972 foi criado o I Salão Brasileiro de Comunicação Audiovisual, segundo Emerson de Almeida foi um evento que durou uma semana e foi estruturado em três atividades: Seminário técnico de discussões sobre comunicação; Concurso de audiovisual; Exposição de equipamentos audiovisuais. A ideia foi bastante inovadora e de grande porte para uma escola que estava apenas começando. O Salão estava localizado no Palácio das Artes, espaço cultural e artístico que se mantém principal até hoje em Minas.

No mesmo ano nasceu o Marco, o jornal laboratório da FCA. Considerado o primeiro jornal laboratório do Brasil (PUC Minas, 2006), o Marco era diferente dos demais, voltado para o viés comunitário. Antes disso, outras faculdades e cursos de jornalismo tinham experiências esporádicas de jornalismo impresso, mas sem o cariz de produção laboratorial, como o Jornal de Estudos da UFJF, que data de 1965.

O Marco mudou muito desde a sua criação, em 1972, mas nunca perdeu a essência de produção experimental e de jornalismo comunitário. Paralelamente a ele, também em 1972, circulava o projeto alternativo “O outro”, concomitantemente com a criação do Diretório Acadêmico. De acordo com Glória Varela, diretora do DA, a antiga capela, no centro do jardim, ficou pequena para o curso, sendo aberta a então terceira turma, no terceiro andar do prédio 13. Assim, criou o jornal laboratório alternativo *O outro*. O compromisso desse jornal era publicar tudo.

A revista ordem/des/ordem foi outro projeto criado pelos alunos da FCA. Sua primeira edição foi publicada em 1972, e a última em 1995. Os dois periódicos, não apenas pelo nome, demonstram o caráter subversivo daquela juventude contida pelos desmandos autoritários e que precisava extravasar a criatividade e o desejo de contestação de alguma forma.

Em 1973, a FCA foi sede do primeiro congresso da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação, um empreendimento pioneiro na comunicação. Segundo Fausto Neto, a Abepec antecedeu a Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Neste ano também foi criado o Centro de Pesquisa em Comunicação Comunitária por Valdir de Castro Oliveira. A pesquisa era feita através de trabalhos de campo, alimentando o ensino, novos temas ou abordagens nos estudos da comunicação, para difundir as mensagens à população, no contexto da ditadura. Com base nisso, professores e estudantes atuaram no Campus Avançado do Vale do Jequitinhonha, desenvolvendo projetos de comunicação popular (PUC Minas, 2006).

O centro de estudos era aberto a qualquer pessoa e um de seus objetivos era realizar uma pesquisa sobre comunicação no Vale do Jequitinhonha onde o Projeto Rondon, através de convênio com a Puc Minas de Minas Gerais, a Escola Superior de Agricultura de Lavras e Estabelecimentos de Ensino Superior da ABC paulista, mantinham um campus avançado sediado na cidade de Araçuaí. O Projeto Rondon fazia parte de uma estratégia política do governo militar, para esvaziar o movimento estudantil mais crítico e consolidar uma concepção de sociedade. Alunos e professores questionavam a eficácia desse convênio, acreditando que seriam facilmente manipulados, entretanto, acreditavam que deveriam “pagar para ver” ao invés de especular o desconhecido.

Em Belo Horizonte, uma equipe permanente registrava, acompanhava e avaliava todos os trabalhos, seminários, discussões e publicações eram feitas com esta finalidade. O Cepec atuava em uma periferia de Belo Horizonte, Ávila 31 de Março e em alguns municípios da Região Metropolitana, onde desenvolviam projetos de comunicação popular mobilizando as comunidades para solucionar seus problemas sociais. Segundo Valdir de Castro Oliveira, o Cepec participou do Encontro Internacional de Projetos de Desenvolvimento, em que o estudante José Milton apresentou uma ampla pesquisa coordenada pelo professor Antônio Fausto Neto sobre o Universo Informacional dos Agricultores do Vale do Jequitinhonha.

Em 1973, Paulo Antônio Pereira, professor de cinema da FCA, teve a ideia de fazer com que a disciplina colaborasse com o esforço pedagógico, com a produção de filmes voltados a democratizar o ato criativo cinematográfico. Foi exibido o Primeiro Festival de Cinema de Curtíssima Metragem no departamento de comunicação da UCMG, durando até

2003, foram 311 curtas metragens em Super-8, 16 e 35mm, mais de 1700 alunos fizeram filmes sob sua orientação.

Antônio Fausto Neto assumiu a direção da FCA em 1976. O mandato desses dois diretores, Lélío Fabiano e Antônio Fausto Neto, rendeu grande apoio e confiança do reitor, em meio à ditadura, clima marcado pela violência contra a liberdade de expressão. Os diretores da faculdade contavam com o idealismo e lealdade de Dom Serafim, que durante os dois mandatos, manifestou apoio, confiança e orientações. Segundo Fausto Neto, a escola foi feita para época, e talvez não fosse possível criá-la atualmente (PUC Minas, 2006).

Em 1978, a estudante de comunicação social da UFMG, Maria Aparecida de Paula foi procurada por Ivone de Lourdes Oliveira, professora de comunicação social da UCMG, para compor um grupo para o curso de Relações Públicas numa visão integrada da comunicação e trabalhar um componente político na área. Naquela época, relações públicas carregavam um peso de um forte conservadorismo. Começaram as inúmeras reuniões, com várias visões e experiências dos professores envolvidos dando tom a proposta, em 1979. A estrutura do curso possibilitou uma inserção de novos conteúdos com base nas demandas do mercado de trabalho, como também as exigências da sociedade brasileira às organizações, manifestadas a partir do processo de redemocratização do país na década de 1980. Segundo o Catálogo 35 anos da Faculdade de Comunicação e Artes (2006), em 1985, a reformulação acadêmica do curso confirmou o avanço da proposta, ao criar condições para a abordagem da comunicação organizacional num curso de comunicação, quando esse processo ainda era incipiente no mercado.

Junia Miranda, professora formada em comunicação social pela Puc Minas, ressalta para os espectadores do Documentário em homenagem aos 50 anos da FCA (2022) que na década de 1980 o movimento estudantil e os DAs tinham muitas articulações, essa participação acontecia também dentro da universidade.

Segundo Sandra Tosta (PUC Minas, 2006), coordenadora do Colegiado de Coordenação Didática e professora de comunicação social da PUC Minas da época, início dos anos 80, a criação de uma emissora específica para o público rural foi uma experiência pioneira no Brasil. Além disso, o convênio propiciou a produção de um veículo impresso, o Jornal da Horta, era um jornal comunitário. Na década de 80, os festivais de música, teatro e cinema mobilizaram os estudantes, assim como a Rádio Intervalo, projeto que constituía-se de música, entrevista e informação produzidos pelos alunos durante os dez minutos de pausa entre as aulas, indo ao ar em caixas de sons instaladas na cantina do bloco M da PUC Minas, na Unidade São Gabriel e pelos corredores do prédio 13, na Unidade do Coreu.

A FCA foi um espaço para discussões políticas e sociais do Brasil, que se deu no contexto da ditadura, em um clima político de discriminação e violência contra liberdades individuais e culturais. A escola teve um papel articulador na área da comunicação, e o espírito de resistência marcou a faculdade no período da ditadura militar.

### **3. O PODCAST “MEMÓRIAS DA FCA”**

Escolhido como formato para o trabalho prático, o podcast de acordo com Ana Figueira (2022) pode ser definido como uma plataforma mais democrática de produção, que atrai a atenção do público e proporciona acesso ao conhecimento.

Sobre esse formato de mídia escolhido pelo grupo, Luana Viana (2023, p. 21) destaca:

De acordo com dados divulgados pela Comscore, mais de 80% do consumo de áudio em geral é feito por dispositivos móveis, correspondendo a 30,8 milhões de usuários e 12,9 bilhões de minutos consumidos por mês, representando um gasto médio de 07 horas em plataformas de streaming pelo celular ao longo do mês. Especificamente sobre o consumo e criação de podcasts, o Brasil foi o país com maior crescimento na produção em 2020 e, durante a pandemia, teve um público de 57% das pessoas ouvindo o formato pela primeira vez (Globo, 2021). Esses números justificam o lugar privilegiado da podosfera brasileira no mundo, pois o país já aparecia em 2019 como o segundo maior mercado consumidor de podcasts (Mari, 2019).

Neste tópico foi discorrido mais sobre essa nova mídia de áudio, e sobre a construção do nosso trabalho prático, um podcast narrativo documental sobre as vivências na FCA durante a ditadura militar. O primeiro subtópico abordou um breve histórico sobre o podcast e quais elementos compõem essa mídia. Os demais subtópicos apresentam o desenvolvimento detalhado do nosso produto final.

No tópico metodologia expomos os diferentes caminhos para a construção do nosso podcast. Foram utilizadas diversas referências bibliográficas, acervos da PUC Minas, do jornal o Marco e arquivos digitais. Além de entrevistas para apuração de informações.

Já no planejamento e pauta, tratamos de como planejamos a pauta e a produção do nosso Trabalho de Conclusão de Curso. O podcast tem como recorte principal os depoimentos de pessoas que viveram no período da ditadura, com destaque para os testemunhos do corpo docente e discente da Faculdade de Comunicação e Artes a fim de compreendermos como se deu o movimento estudantil nesse âmbito. A subdivisão das fontes discorre sobre a definição da palavra fonte para o jornalismo abordando as categorias em que podem ser divididas. Ademais é apresentado os indivíduos que foram entrevistados para o podcast .

Por fim o subtópico produção detalha como foi feito o podcast, discorrendo sobre nossas inspirações, nossos pensamentos acerca do produto e o que executamos.

### **3.1 Breve histórico e elementos de um podcast**

De acordo com Corrêa (2024), o podcast começou a ser criado no início dos anos 2000 pelo programador Dave Winer, a fim de que o jornalista Christopher Lydon pudesse disponibilizar uma série de entrevistas via internet. Porém essa iniciativa não se assemelhava ao produto atual.

A mídia, como conhecemos, foi criada em 2004 por Adam Curry, ex-apresentador da MTV americana. Seu propósito era criar um programa diferente do rádio, com uma maior variedade de assuntos, e com a possibilidade de que o ouvinte pudesse escolher o que iria consumir, quando e como.

O termo podcast pode ser definido como um arquivo digital de áudio transmitido através da internet, cujo conteúdo pode ser variado, normalmente com o propósito narrativo

ou informativo. A origem do termo teria surgido a partir da junção de iPod, dispositivo da Apple de reprodução de arquivos MP3, e broadcast, palavra em inglês que significa "transmissão" (Santos, 2021) e designa os recursos de mídia sonora e audiovisual.

Para Santos (2021), algumas das características de maior destaque dessa mídia de áudio são: o aprofundamento do storytelling, ser análogo a rejeição da urgência e da superficialidade informativa, ser um espaço de subjetividade no jornalismo, usufruindo dos diversos modelos e experimentações, poder conferir mais destaque às narrativas diárias. Além disso, o autor também cita a transmidialidade e a serialidade como outras importantes características dessa mídia.

Em adição a essas qualidades, Ana Cristina Peixoto Figueira e Diego Vaz Bevilaqua (2022) apontam também o fato de os arquivos para downloads e arquivamento serem leves, a mobilidade e a atemporalidade em razão de que o ouvinte pode escutar em qualquer lugar a qualquer hora e a informação mais clara com o uso da linguagem coloquial, o que facilita a compreensão de todos.

Santos (2021) também discorre que, com o advento das plataformas de streaming, a integração do meio no cotidiano e no léxico de forma mais generalizada, a procura da audiência por conteúdos constituídos de narrativas e a modernização do mercado, permitindo que todos os usuários possam criar seu próprio podcast, são algumas das razões, junto às características citadas anteriormente, pelas quais esse meio vem se tornando tão popular.

No Brasil, existem indicações de que o primeiro podcast foi o *Digital Minds*, de Daniel Medeiros, criado em 2004 (Corrêa, 2024).

Hoje o país é considerado o que mais consome conteúdo por podcast. De acordo com o relatório da *DataReportal* de 2023, 42.9% dos usuários da internet no Brasil, na faixa etária de 16 a 64 anos, escutam podcast toda a semana.

No ano de 2023, um estudo da plataforma *Spotify* registrou que no Brasil houve um aumento de 28% no consumo de podcasts, e também um crescimento de 36% na produção desses programas. Além disso, os brasileiros escutam por semana cerca de 7,5 horas de podcast.

Dados de 2022 da pesquisa feita pelo site *Cupom Válido.com.br* com dados da *Statista* e do *Ibope*, mostram que os brasileiros consomem o conteúdo em paralelo com outras atividades, e em relação ao formato a narrativa de histórias reais é o segundo favorito.

A fama dessa nova mídia no país se dá também, segundo Santos (2021), pela entrada de novos estúdios com produções próprias e também a criação de canais por pessoas famosas.

Os dados apresentados anteriormente sobre podcast no Brasil, justificam a escolha do formato podcast para o produto final do nosso trabalho de conclusão de curso, ressaltando a relevância de se produzir esse tipo de mídia no país atualmente.

Em relação ao processo de produção, Abud, Ishikawa e Gonzaga (2019), afirmam que para executá-lo o indivíduo precisa ter o domínio ou pelo menos a estimativa de alguns dados, como o modo que o público irá consumir esse conteúdo, com qual frequência, quais temas lhe interessam e quais formatos mais lhe agradam.

Essa nova mídia sonora pode apresentar diversos formatos. Porém, segundo Eduardo Vicente (2022), não existe consenso entre os diferentes autores nas suas classificações das produções. Sérgio Pinheiro da Silva e Régis Salvarani dos Santos (2019), em sua pesquisa apontam uma possível alternativa para os formatos de podcast. As opções mesclam gênero e formato e podem ser apresentadas do seguinte modo: jornalístico, entrevistas, debates, divulgação científica, monólogo, diálogo, educativo, dicas, comentários e outros.

O mais popular dentre os formatos de podcast atualmente é o storytelling. De acordo com Domingos (2008), esse conjunto de técnicas pode ser definido como uma arte antiga que transmite fatos reais ou ficcionais, em diferentes suportes, de modo verbal ou não, com o propósito de emocionar e informar grandes públicos.

Em seu artigo, o autor discorre que os produtores utilizam de recursos como pesquisas, entrevistas, gravações de acervo, músicas, narrações a fim de moldar a narrativa de um jeito mais agradável a prática do storytelling, tornando-a interessante e convidativa, com ênfase para as emoções e os sentidos. Todos esses meios têm como objetivo o aprofundamento e o enriquecimento do tema, fazendo com que o ouvinte se emerja na narrativa e se emocione.

A internet e o formato podcast a partir das técnicas e recursos voltados para o storytelling popularizaram o ato de contar histórias, em particular as públicas. Histórias públicas podem se compreender, de acordo com o artigo de Aécio Tiago Alves de Souza (2022), como a narrativa que adentra o cenário político e público com uma enorme capacidade de emancipação por meio do incentivo, publicização e diálogo do conhecimento histórico, em que grupos marginalizados podem se fazer ouvir.

Os podcasts são fortes mecanismos para a promoção da história, tendo em vista a fácil inserção dos mesmos no cotidiano prático dos indivíduos, por meio do contato de muitas pessoas com conteúdos voltados para essa temática que atendam e sejam de sua preferência. Consumir recursos históricos dessa forma desperta a consciência histórica e seguem a demanda de um lembrar ativo.

O conteúdo histórico a partir das técnicas de storytelling é bastante popular, principalmente por, além de informar e discorrer sobre o que aconteceu, fazer com que o ouvinte consiga se inserir na narrativa principalmente emocionalmente. Recursos como falas de especialistas, arquivos sonoros da época e testemunhos de pessoas que viveram nos períodos relatados são estratégias para um mergulho ainda mais profundo do público.

Conforme relatado por De Souza (2022), temas como a ditadura militar brasileira são retratados por esses veículos dessa forma com o objetivo de combater as práticas de negacionismo e revisionismo histórico do acontecimentos que ocorreram no país, dando destaque a violência desse período para com pessoas de diferentes setores da sociedade.

Ardonde (2018) reflete em sua obra que podcasts narrativos podem ser usados também de maneira educacional, tendo em vista suas características próprias de produção, as diferentes formas de construção das narrativas e o âmbito da oralidade. Esses elementos combinados fazem com que o teor das experiências relatadas transpareça, elaborando um local de escuta que valorize as histórias e os testemunhos das vivências e saberes dos entrevistados sobre a história.

Em conformidade com Ardone, Barrel (2011) ressalta que o áudio possibilita um envolvimento maior do que a escuta linear comum oferecida pelas rádios. O som tem a capacidade de levar o ouvinte para fora do cotidiano, envolvendo-o e acionando sua imaginação, criando imagens mentais, oferecendo um portal no qual pode-se vislumbrar uma consciência mais profunda (Hall, 2010).

Produzir um documentário de áudio exige, segundo Lindgren (2011) diversos conhecimentos de informações, acontecimentos, procedimentos e julgamentos, sendo necessário relacionar os materiais que serão absorvidos de uma forma que adquiram sentido.

Barrel supõe que criar uma estrutura para a narrativa pode ser um processo metódico. Sendo necessário gravar e criar uma sequência lógica, em que as peças se encaixem.

De acordo com Barbosa (2015), tratando-se de podcast, as entrevistas têm três objetivos diferentes. O primeiro é criar imagens na mente do ouvinte, auxiliando na visualização do contexto da narrativa. O segundo é contar a história, de modo que o ouvinte consiga compreender seu desenvolvimento. E o terceiro é fazer com o que o entrevistado reflita sobre os acontecimentos, para que o ouvinte acompanhe como essa pessoa entende e processa o que aconteceu naquele momento.

Com esses propósitos, entrevistamos alunos e professores que vivenciaram na Faculdade de Comunicação e Artes o período da ditadura militar. Seus testemunhos e memórias são de extrema importância para a narrativa tendo em vista que dão o rumo ao

nosso podcast já que são testemunhas desse período. O diálogo com as fontes nos leva a uma abordagem de maior conexão com a história da FCA e com as histórias pessoais deles que são entrelaçadas e muitas vezes situadas nesse importante local, a universidade.

Barbosa (2015) argumenta em seu texto sobre a “cena”, definida como uma gravação da realidade, um espaço em que os personagens se relacionam e interagem uns com os outros, se desenvolvendo para o público e sendo colocado em contexto sem haver a intervenção do entrevistador. Porém, o que é revelado durante uma entrevista, diferentemente da “cena”, é reflexivo e orientado ao passado, interações entre pessoas em tempo “real” resulta um efeito mais natural e interessante.

Diante do exposto o podcast é uma possibilidade de inovação e resistência em diversas áreas, podendo se incluir como um meio de informação, contextualização e elaboração de memória coletiva, histórica e cultural de uma sociedade ou de um país.

A princípio, o grupo havia vislumbrado a possibilidade de produzir um documentário audiovisual. Todavia, após refletir sobre o fato de já existir um documentário sobre os 50 anos da FCA, celebrado em 2021, entendemos que o podcast seria um produto mais interessante e uma contribuição de outra ordem a ser deixada para a instituição em que nos formamos jornalistas.

Um podcast narrativo documental foi o formato escolhido pelo grupo como produto final. A escolha também teve em vista que o storytelling, estilo em que a mídia será feita, é há muito tempo utilizado e, majoritariamente, para contar histórias reais (Pinheiro e Santos, 2022). Ademais, um dos objetivos principais desse produto é a construção sonora da realidade daquela época, fazendo com o que o público possa ter acesso aos códigos necessários a fim de gerar imagens concretas daquele período (Kischinhevsky e Modesto, 2014), estimulando as memórias daqueles que vivenciaram a época e a imaginação daqueles que, como nós, sequer tinham nascido. Esses códigos serão criados através do uso dos quatro elementos principais em uma linguagem radiofônica: o diálogo, a música, o silêncio e os efeitos sonoros (Kischinhevsky e Modesto, 2014), em conjunto aos testemunhos do corpo docente e discente da FCA.

### **3.2 Metodologia**

Ao nos reunirmos para decidir o tema do Trabalho de Conclusão de Curso, vimos um comum desejo entre nós, integrantes do grupo, de contar histórias, por meio de um podcast

narrativo documental, de um determinado grupo de pessoas que de certa forma foram invisibilizadas pela mídia da época, seja porque era apoiadora do regime, seja porque estava sob forte censura. Com os 60 anos do golpe civil-militar no ano de 2024, reconhecemos a importância de contar as histórias de pessoas que sofreram no período, e como aconteceu o movimento estudantil da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) a partir do relato de estudantes e professores da Faculdade de Comunicação e Artes, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Após o tema ser escolhido, analisamos diferentes produtos para conseguirmos ter mais domínio sobre o assunto e conseguir visualizar o contexto em que nossas fontes personagens estavam inseridas.

Ao iniciarmos a pesquisa, o levantamento documental e de fontes, deparamo-nos também com a carência de registros oficiais ou produzidos por estudantes da FCA sobre o período. Identificamos também muitas histórias inéditas para nós e para nossos colegas, como a motivação da pintura das pilastras do terceiro andar do prédio 13, a razão de a FCA estar localizada ali, a atuação do então reitor na defesa das liberdades e da democracia e o fato de dom Paulo Evaristo Arns ter se tornado paraninfo de uma turma formada no período ditatorial.

Dom Evaristo foi ordenado arcebispo de São Paulo em 1970 e, entre 1979 e 1985, coordenou, juntamente com o pastor presbiteriano Jaime Wright, de forma clandestina, o projeto *Brasil: Nunca Mais*, que resultaria em um dos livros mais importantes de denúncia contra a ditadura brasileira. O projeto tinha o objetivo de evitar o possível desaparecimento de documentos do Superior Tribunal Militar (STM) durante o processo de redemocratização do país. Com o auxílio de advogados e militantes dos direitos humanos, o grupo fotocopiou em sigilo mais de um milhão de páginas de processos do STM. Portanto, a presença dessa figura em uma formatura da FCA naquele período era também representativa de como a instituição e os alunos desejavam se posicionar politicamente contra o regime.

Por desconhecermos até então tais episódios, consideramos que eles deveriam vir à tona para toda a geração que hoje estuda e trabalha na FCA e que também não tinha acesso a tais acontecimentos. Justificamos a importância deste trabalho de conclusão de curso pela contribuição com a construção de uma memória coletiva sobre a FCA que valorize seu papel de formação democrática e humana, mesmo em um regime autoritário.

A pesquisa para o nosso trabalho se iniciou através das pesquisas bibliográfica e documental, que é de extrema importância para a contextualização histórica e para fazer com que o público se conecte com a narrativa. Escolhemos algumas produções principais para nortear o nosso trabalho. Para um cenário mais geral, antes de nos aprofundarmos sobre o

movimento estudantil, selecionamos o livro: “*A ditadura aconteceu aqui: A história oral e as memórias do regime militar brasileiro*”, dos autores Carolina Dellamore, Gabriel Amato e Natalia Batista, pela sua importância no cenário ditatorial e por se tratar de história oral e memória, foco principal deste trabalho. Ainda sobre a ditadura, enfatizando propriamente o nosso estado, Minas Gerais, utilizamos como fonte de busca o Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais (2017).

Ainda sobre a Covemg, tivemos como grande inspiração para o nosso trabalho o documentário *Vozes da resistência*, produzido pela comissão em 2018, por se tratar de um produto semelhante ao nosso objetivo de entrega final. O documentário em questão, dirigido pela nossa orientadora, Fernanda Nalon Sanglard, traz à tona os testemunhos de pessoas que vivenciaram o período ditatorial e foram depoentes da Covemg.

Para contextualizar sobre o formato podcast, utilizamos o livro: “*De que falamos quando dizemos jornalismo?*”, dos organizadores José Carlos Correia e Inês Amaral, especificamente o capítulo “*Os podcasts: um lugar novo para o regresso das histórias ao jornalismo*”, escrito pelo autor Sílvio Santos, inspirou-nos, por apontar características importantes sobre o gênero e uma análise sobre sua relação com o jornalismo.

A fim de enriquecer o relatório e o trabalho prático consultamos também o Centro de Memória da PUC Minas. No acervo localizado na biblioteca da universidade examinamos as séries periódico, portaria, relatório, resolução, processos, atas e parecer, todos pertencentes à coleção Conselho Universitário. Ademais complementamos a pesquisa com documentos do acervo online do governo no Arquivo Nacional.

Consideramos nosso trabalho de extrema relevância, pois, até os dias atuais, não foi produzido nenhum produto com o objetivo específico de contar as histórias dos estudantes da FCA na época ditatorial e seu movimento estudantil. Sendo assim, a maior parte do nosso material foi baseado em entrevistas e coleta de informações através do corpo docente e discente da Faculdade de Comunicação e Artes da época.

Por fim, para conseguir visualizar o contexto em que nossas fontes personagens estavam inseridas, utilizamos o livro *35 histórias da nossa história FCA*. Nele pudemos visualizar como era a Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas através do relato de estudantes e funcionários da FCA desde que foi criada.

Após a pesquisa ser realizada e o planejamento do produto ser finalizado, começamos a realizar as entrevistas, ponto principal para estruturar nosso podcast. Optamos por realizar as entrevistas semiestruturadas, que, segundo Sanglard, Garcês e Maia (2022), é uma combinação entre a entrevista estruturada, que contém um conjunto de perguntas e

alternativas predefinidas, e a entrevista aberta, que é mais flexível e permite mais liberdade ao entrevistado ao contar seu relato. A semiestruturada, apesar de ter um roteiro, também permite a inserção de novas perguntas ou reordenamento ao longo do encontro.

Nas pesquisas acadêmicas, se o estudo focaliza nas vivências e experiências dos sujeitos, as histórias de vida ou as memórias sobre um tópico, as fontes testemunhais são entrevistados ideais. Todavia, a pesquisa também pode objetivar compreender algo de modo mais amplo, constituindo um mosaico de perspectivas, o que pode levar a escolher fontes de categorias distintas. (Sanglard, Garcês e Maia, 2022, p. 178)

As entrevistas foram feitas no segundo semestre de 2024 com o corpo discente e docente da época pré-estabelecida (anos 1970 e 1980), pessoas que tiveram contato direto e indireto com o movimento estudantil da Faculdade de Comunicação e Artes.

### **3.3 Planejamento e pauta**

A partir dos pontos citados no tópico anterior, a produção do nosso podcast teve como recorte principal os depoimentos de pessoas que viveram no período da ditadura (1964-1985), que foi caracterizada pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. Nesse período, tudo isso contribuiu para invisibilizar essas histórias, mas esses relatos são importantes para compreendermos como se deu o movimento estudantil na Faculdade de Comunicação e Artes.

No podcast, a prioridade foi a narrativa do corpo docente e discente da FCA que frequentou a faculdade no período ditatorial. Nosso podcast, narrativo documental, usou técnicas de entrevista, efeitos sonoros e sequência de acontecimentos.

Para abordar essa temática de relatos da ditadura de forma coerente e verídica, entrevistamos diretores, alunos e professores que participaram e/ou testemunharam a repressão e as vivências na FCA na época ditatorial, além disso, cruzamos os dados com documentos e bibliografia.

O tema é de grande relevância do ponto de vista social, jornalístico e memorial, especialmente neste ano de 2024, que o golpe militar completou 60 anos. Além disso, é importante visibilizar essas histórias, trazendo memórias do período.

O podcast narrativo documental conta com dois episódios, de 32m11s e 39m31s, respectivamente, narrados pelas participantes do grupo Eduarda Berigo e Amanda Maciel. O produto, no formato de *storytelling*, é estruturado por testemunhos e trechos de entrevistas, trilha sonora, trechos de nossa pesquisa bibliográfica e documental, além da narração.

Os episódios foram divididos em síncrono e diacrônico. O primeiro é denominado “Como nasce uma faculdade ?” e aborda a história da FCA, traçando uma linha do tempo da faculdade. Já o segundo episódio que recebe o título de “Resistência e criatividade como identidade da FCA”, tem como pauta as vivências na universidade no período da ditadura militar, ressaltando o viés libertário da faculdade por meio dos testemunhos das pessoas que estiveram na FCA naquele momento.

A mídia de áudio foi veiculada no ColabCast<sup>4</sup>, podcast do Colab, Laboratório de Comunicação Digital da Puc Minas.

### **3.4 Fontes (documentais, personagens, oficiais e especializadas)**

As fontes são de extrema importância para o jornalismo, elas dão uma nova perspectiva para as narrativas. Tendo em vista que o foco principal do nosso trabalho de conclusão de curso consiste em narrar as vivências na FCA durante a ditadura e coletar relatos de pessoas que viveram a repressão estudantil na época, as fontes são importantes, pois sem elas nosso trabalho não seria possível.

Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. São o que se chama de fontes (LAGE,2001,p.23).

Em seu livro “*A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*”, o autor Nilson Lage (2001) explora a natureza das fontes e as classifica como:

- a. Fontes oficiais, oficiosas e independentes: fontes oficiais são aquelas mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem

---

<sup>4</sup> <https://blogfca.pucminas.br/colab/category/colabcast/>  
<https://blogfca.pucminas.br/colab/>

poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso.

- b. Primárias e secundárias: Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais.
- c. Testemunhas e *experts*: O testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva: pode-se testemunhar uma guerra sem presenciar uma batalha, assistindo a um pedaço de uma (dificilmente se terá acesso ao todo), ou vendo várias; do lado do vencedor ou do vencido; identificando-se com as vítimas ou com os agressores. *Experts* são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos.

Além disso, também existem as fontes documentais, que são quando usamos documentos como fonte primária, tornando-se assim a origem das informações para fins de investigação (documentos, livros, artigos, etc.)

Uma das nossas fontes documentais foi o acervo do jornal Marco, já que o mesmo foi um veículo de comunicação bem presente na história da PUC Minas no período em foco. Outra importante fonte documental consiste nas atas do Conselho Universitário da época.

Para compartilhar as experiências vividas na Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas no período ditatorial, uma das fontes testemunhais que entrevistamos foi Ana Maria Rodrigues de Oliveira, que, além de aluna da FCA, foi também professora no período de 1990 a 2022. Tivemos também a participação do professor Mozahir Salomão Bruck, que foi aluno da FCA nos anos 1980 e hoje ocupa os cargos de professor e Secretário de Comunicação da PUC Minas há 29 anos. Destacamos ainda as entrevistas com o ex-diretor Lélío Fabiano e com a ex-diretora Ivone de Lourdes Oliveira, ainda docente da FCA. Além deles, outras 12 pessoas foram entrevistadas para o TCC e a produção do podcast. Utilizamos também de narração em off, narração de documentos e trechos de fala em evento da FCA.

Lista das fontes que foram ouvidas:

<b>Fonte</b>	<b>Cargo e função</b>	<b>Data entrevista</b>
Américo Antunes	Jornalista formado pela PUC Minas. Foi repórter e editor do Diário do Comércio, do Diário de Minas e de O Globo e presidiu o Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais	30/09/2024

	<p>(1990/92) e a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) por dois mandatos, 1992/98.</p> <p>Foi diretor do DCE da PUC e segundo presidente eleito da União Estadual dos Estudantes de Minas (UEE-MG) no início dos anos de 1980. É autor do livro “Nós, que amamos a revolução”, um romance histórico do Movimento Estudantil naquela época.</p>	
Ana Maria Rodrigues de Oliveira	<p>Graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1977); Doutora em Ciências Sociais; professora de graduação entre 1990 e 2022 na PUC-MG</p> <p>Trabalhou durante 14 anos na redação do Jornal Estado de Minas.</p> <p>Editora do Jornal Marco de 2015 a 2022 na PUC-MG.</p>	25/09/2024
Cármen Lúcia Antunes Rocha	<p>Graduada pela Faculdade Mineira de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de Minas. Exerceu a advocacia e, por concurso, em 1983 tornou-se Procuradora do Estado de Minas Gerais. Em 2001 assumiu o cargo de Procuradora Geral do Estado. Em 1993 Exerceu, também, a função de Vice-Presidente da Comissão de Temário da Conferência Nacional dos Advogados Em 2006 tomou posse no cargo de ministra do Supremo Tribunal Federal. Em 2008 tomou posse como Ministra Substituta do Tribunal Superior Eleitoral. Nomeada, diretora da Escola Judiciária Eleitoral. Em 2009 tomou posse como ministra efetiva do TSE e em 2012 assumiu a Presidência do Tribunal Superior Eleitoral. Em 2020 foi novamente eleita pelo Supremo Tribunal Federal para o cargo de ministra substituta do Tribunal Superior Eleitoral. Em 2012 assumiu a Vice-Presidência do Supremo Tribunal Federal e em 2016 a Presidência do Supremo Tribunal Federal e do Conselho Nacional de Justiça. Como Presidente do Supremo Tribunal Federal exerceu as funções da Presidência da República do Brasil entre 13 e 14 de abril de 2018, tendo sido a sexta Presidente do STF a assumir as funções inerentes à chefia do Poder Executivo do País. Assumiu interinamente o exercício das funções da Presidência da República mais quatro vezes</p>	<p>Sonora retirada de um evento realizado na PUC Minas no dia 16/09/2024</p>

	em 2018: em 18 de junho, nos dias 17 e 18 de julho, entre os dias 23 e 28 de julho e no dia 15 de agosto. É membro honorário do Instituto dos Advogados Brasileiros. Autora de diversas obras jurídicas.	
Carmen Dulce Diniz Vieira	Graduada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1978), especializada em Comunicação Rural pela Universidade Federal de Pernambuco (1979) e mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (1985). Foi professora assistente da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração. Atuou principalmente nos temas: teoria e história do jornalismo; teoria e história dos movimentos sociais no Brasil. Professora aposentada.	18/09/2024
Chico Pinheiro	Formou-se em jornalismo pela PUC Minas em 1976. Estagiou no Diário de Minas em 1971, atuando nas editorias geral e depois na de esportes. Trabalhou na sucursal mineira do Jornal do Brasil. Pós-graduação na universidade de Navarra na Espanha em 1980. Em 1981 foi repórter do Jornal Nacional em Belo Horizonte. Professor de Jornalismo da UFMG (1983). Trabalhou na produtora Quilombo, editou o jornal Trem Azul e foi chefe de gabinete do secretário de Saúde do Governo de Minas Gerais. Também comandou um programa de debates na TV Minas, chamado Alta Tensão. Foi editor e apresentador do programa Canal Livre, na TV Bandeirantes. Nessa emissora fazia comentários políticos no telejornal local noturno. Em 1992, coordenou a cobertura da segunda visita do Papa João Paulo II ao Brasil e foi premiado pela cobertura do impeachment de Fernando Collor. Foi âncora do Jornal da Noite (1992-1993), do Jornal de Domingo (1993) e do Jornal da Bandeirantes (1993-1995). Em 1995 assumiu o cargo de diretor de jornalismo da TV Record e âncora do Jornal da Record. De 1996 a 1997, apresentou o Jornal da CBN. Apresentou o Jornal Nacional e o Jornal da Globo, eventualmente, em 1996. Apresentou o Bom Dia São Paulo e editou o Bom Dia Brasil. Foi premiado duas vezes pela Associação Paulista dos Críticos de Arte	28/10/2024

	(APCA): em 1992, pela cobertura do impeachment de Fernando Collor, e em 1997, por seu trabalho como apresentador do Bom Dia São Paulo. Em 1998 apresentou o telejornal local SPTV, na Globo, e o programa Espaço Aberto, na GloboNews.	
Fernando Miranda Arraz	<p>Pós-doutor (PhD) em Educação (UFMG). Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa na linha de pesquisa Linguagem e Enunciação: interações sociais e práticas discursivas (PUC Minas). Doutorando em Educação - conhecimento e inclusão social - Linha de pesquisa: Educação e Linguagem (UFMG). Mestre em Educação (PROMESTRE) - Linha de pesquisa: Didática e Docência (UFMG). Especializações em: Gestão escolar integradora: administração, orientação, supervisão e inspeção; Psicopedagogia institucional (2013); Tutoria em EaD; Educação especial e Neuropsicopedagogia; Orientação educacional; Metodologia Ativas de Aprendizagem; e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Graduações: Licenciatura em Pedagogia; Licenciatura em História; Licenciatura em Letras - habilitação em Espanhol; Licenciatura em Educação Física. Sou servidor público - Analista Executivo de Defesa Social/Pedagogo na Secretaria de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP) desde 2015. Atuei como Diretor de Atendimento e Diretor-Geral em um Centro de Internação Provisório de Belo Horizonte. Atualmente estou lotado na Subsecretaria de Integração da Segurança Pública (SUINT). Já atuei como Servidor público da Prefeitura Municipal de Lagoa, exercendo a função de Professor - Ensino Fundamental, Supervisor e Direção escolar (2013 a 2019). Pela PUC Minas, participou do Núcleo de Estudos em Linguagens, Letramentos e Formação (NELLF) e Grupo de Estudos em Mídia e Discurso. Pela UFMG participou do grupo de pesquisa - Laboratório de Pesquisa em Experiências de Formação e Narrativas de Si (LAPENSi) e Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática (DIDATIKÉ). Atuando como parecerista da Revista Trabalhos em linguística Aplicada - TLA (UNICAMP/SP); Revista Raído (UFGD/MS); Revista Brasileira de Estudos de</p>	26/09/2024

	<p>Segurança Pública - REBESP/GO; Revista Gatilho (UFJF/MG) e Revista Letras Letras (UFU/MG). Atua com elaboração de apostilas (Professor conteudista); Membro efetivo de banca de concurso na área de legislação educacional e conhecimentos específicos (Pedagogia e Língua Portuguesa). Professor Formador do curso de Pedagogia da UEMG em 2023. Interesse em pesquisas voltadas para a Socioeducação; Narrativas docentes em unidade de privação de liberdade; Pesquisa (auto)biográficas; Casos de ensino - Dispositivos de pesquisa-formação; Temáticas voltadas ao autor Michel Foucault. Autor do livro: “No início tive uma sensação de medo: o exercício da docência em um ambiente socioeducativo trajetórias de vida-formação-docência” - pela Editora Dialética.</p>	
Glória Maria Varella	<p>Editora de texto da TV Câmara e foi Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Comunicação da UCMG (Apurando informações)</p>	20/09/2024
Ivone de Lourdes Oliveira	<p>Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Leciona no Mestrado em Comunicação Social “Interações Midiáticas”. Pós-doutora pela Université de Toulouse- Paul Sabatier (2013). Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1993). Graduanda em Comunicação Social- habilitada em Relações Públicas pela PUC Minas (1998). Diretora da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas (2001-2010). Presidente da Associação de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas- ABRAPCORP (2010 - 2012)</p>	05/09/2024
Itamar de Oliveira	<p>Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais(1970), graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais(2001), mestrado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais(2004) e doutorado em Sociologie pela Universite de Paris I (Pantheon-Sorbonne)(1976). Atuando</p>	20/09/2024

	<p>principalmente nos seguintes temas: Sociologia, Cultura, Cultura Popular, MPB, Comunicação e Comunicação de Massa. Autor de diversas obras no campo da política e da memória política de Minas Gerais. Os mais recentes Constituição de 1988: Semente da Liberdade e da Cidadania (2016) Hélio Garcia a arte mineira de fazer política (2022)</p>	
<p>João Francisco Pereira de Meira</p>	<p>Doutor em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Especialista em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais (1983). Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1979). Aperfeiçoamento em Marketing, Fundação João Pinheiro (1981). Professor Assistente - (em licença não-remunerada) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Professor na UNA Ciências Gerenciais (1982 - 1985); Professor no Curso de Especialização em Marketing Político do Departamento de Ciência Política da UFMG; Professor na Faculdade Pitágoras de Belo Horizonte (2016-2017). Co-fundador e sócio-diretor do instituto de pesquisas privado Vox Populi Mercado e Opinião S/C Ltda (1984). Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Pesquisa de Opinião Pública, Comunicação Política e Eleitoral e Partidos Políticos, atuando principalmente nos seguintes temas: campanhas eleitorais, comunicação política, comportamento político, regulamentação eleitoral e marketing político.</p>	<p>03/09/2024</p>
<p>José Milton Santos</p>	<p>Jornalista e Relações Públicas pela PUC Minas, formado em 1974 e 2003 respectivamente. Especialista em Ciência Política pela UFMG em 1978. Mestre em Comunicação Social pela PUC Minas em 2016. Professor dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Cinema e Audiovisual da PUC Minas de 1975 a 2019. Membro da coordenação do Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (1991/1995). Coordenador Técnico (1995/1998) e Gerente de Comunicação e Marketing do Lumen Instituto de Pesquisa PUC Minas (1998/2001). Coordenador do Centro de Pesquisa em Comunicação da PUC Minas (Cepec) de 2005</p>	<p>19/09/2024</p>

	<p>a 2007 e de 2010 a 2016. Diretor do Sindicato dos Jornalistas de Minas de 2002 a 2017. Diretor da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) de 2004 a 2007. Integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Narrativa da PUC Minas desde 2016 e do programa Olhar Crítico da TV Horizonte.</p>	
Lélio Fabiano dos Santos	<p>Jornalista. Diretor da Lélio Fabiano e Associados - Comunicação Empresarial. Fundador da Faculdade de Comunicação da PUC Minas. Diretor da FCA durante 5 anos e professor por mais de 20 anos. Diretor da Faculdade de Comunicação (Instituto de Comunicação e Artes) da UNA (2011 - 2016)</p>	17/09/2024
Maria Ângela Mattos (Dedé)	<p>Graduada em Comunicação Social pela PUC Minas (1977), mestrado em Mestrado em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo (1992) e doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Foi professora do curso de graduação da PUC Minas, nas habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, nas disciplinas de Comunicação Comunitária e Teorias da Comunicação, a primeira entre 1987 a 1989, e a segunda entre 1990 a 2021. Foi supervisora de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) entre 1990 a 2020. Foi professora e pesquisadora do curso de mestrado em comunicação, lecionou a disciplina Pensamento Comunicacional Contemporâneo, entre 2007 a 2021. Foi líder do grupo de pesquisa (CNPq/PUC Minas) entre 2004 a 2021. Atualmente é vice-líder do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas interfaces (sendo líder até 2023) (CNPq/IDF). É integrante do grupo de pesquisa Mídia, Interação &amp; Sentido (CNPq/PUC Minas) e da Rede de Pesquisa em Semiótica, Interações e Materialidades Midiáticas, constituídas pelos pesquisadores dos PPGCOM da UFMG, PUC Minas e UFOP.</p>	23/09/2024
Mozahir Salomão Bruck	<p>Professor adjunto IV da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC-MG. Mestrado em em Comunicação pela Universidade Federal</p>	6/09/2024

	do Rio de Janeiro (2000). Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2005-2008). pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social; Pós-Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa, Portugal. Presidente da Compos - Assoc. Nacional dos Programas de Pós-graduação. Secretário de Comunicação da PUC Minas desde 2007.	
Paulo Bernardo Ferreira Vaz	Graduado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1974); Mestre em Editoração e Audiovisual (1980), Diploma de estudos aprofundados (DEA) em Audiovisual e Telemática (1981) e Doutor em Comunicação e Educação (1983) pela Université de Paris XIII (Paris-Nord); Pós-Doutorado pela Universidade do Minho (2010). Aposentado como professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve pesquisas sobre design gráfico, fotojornalismo, imagem, tipografia e publicidade na mídia impressa. Coordenou o Projeto Tecer: Jornalismo e Acontecimento, PROCAD/CAPES (2008-2012), desenvolvido por pesquisadores da UNISINOS, UFMG, UFRGS e UFSC. Coordenou projeto de cooperação CAPES-FCT entre pesquisadores da UFMG (grupos de Tramas Comunicacionais e Gris) e da UMINHO, Universidade do Minho/Portugal (2013/2017). Foi Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e docente dos PPGs: Comunicação Social (UFMG, 1995-2020), Jornalismo (UFSC, 2012-2014) e Estudos Culturais (FUMEC, 2015-2017). Professor Visitante junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto - PPGCOM/UFOP (desde 2024). Na UFOP integra os grupos de pesquisa "Poéticas do Olhar" e "GIRO - Grupo Pesquisa em Mídia e Interações Sociais"; e na UFMG, o "Ex-Press" - Grupo de Pesquisa Historicidades das Formas Comunicacionais".	28/09/2024
Valdir de Castro Oliveira	Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1976), Especialização em Comunicação e Planejamento (Ciespal/Equador - 1978) e	21/09/2024

	<p>Comunicação Audiovisual e Meio Rural (Ministério da Agricultura do Peru/FAO/ONU - 1976), Especialização em Comunicação Rural (UFPE - 1980), mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (1984) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1996). Professor de Comunicação Rural e de Planejamento da Comunicação da PUCMinas (1977-79) e professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais (aposentado por tempo de serviço em 4/4/2007). Atua nos seguintes campos: Comunicação, Participação e Mobilização Social; Mídias Comunitárias; Comunicação e Saúde e Controle social; Jornalismo. Coordenador do Programa de Extensão de Mídias Comunitárias do Departamento de Comunicação Social da UFMG (2001/2006). Editor do programa Rádio Inter FM, de Brumadinho, 1998-2008. Desde 2008 é professor do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação para a Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde - ICICT).</p>	
Vera Regina Veiga França	<p>Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG; fundadora e pesquisadora do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da FAFICH/UFMG). Atua nas áreas de Teorias da Comunicação, Comunicação e Cultura Midiática, Metodologia de Pesquisa em Comunicação. É formada em Comunicação Social / Jornalismo pela PUC-MG, com mestrado em Comunicação pela UnB, DEA e doutorado em Ciências Sociais na Université René Descartes - Paris V (1989-1993).</p>	26/09/2024

### 3.5 Produção

Realizamos a produção de uma série de podcasts contendo dois episódios narrativos documentais sobre as vivências no âmbito Faculdade de Comunicação e Artes, durante o

período ditatorial. Para isso, iniciamos nossas pesquisas com livros, artigos e fontes documentais a fim de melhor compreendermos o assunto, podermos contextualizar e aprimorar nossas técnicas de produção de áudio e vídeo. Uma de nossas preocupações foi fazer uma produção baseada na metodologia qualitativa, explorando sentimentos, opiniões e experiências para a melhor compreensão do tema.

Partindo desse ponto, o grupo roteirizou o podcast e iniciou o trabalho de produção, entrando em contato com fontes já estipuladas previamente, aptas a falar sobre o assunto, como membros da comissão da verdade, fontes personagens e pesquisadores, que participaram de entrevistas semiestruturadas em profundidade.

Com o roteiro pronto e as entrevistas realizadas, a produção do podcast começa a ganhar forma com a gravação das locutoras. Produzimos dois episódios com 32m11s e 39m31s, respectivamente, apresentando o contexto de criação da FCA e o espírito de resistência e liberdade da faculdade. Os episódios possuem o formato narrativo documental, intercalando falas dos locutores, trechos de músicas, testemunhos e outros recursos de áudio.

Nossas inspirações, foram o podcast Ecos da Ditadura, que chamou a atenção do grupo pela estrutura simples e clara, dando destaque ao depoimento da fonte. Outro podcast inspirador, um tanto quanto diferente do primeiro, foi o Nerdcast episódio 185 - Histórias do Brasil, em que a dinâmica é mais interativa e até humorística, incluindo músicas e comentários dos locutores durante o episódio.

Nossa ideia, no entanto, foi mesclar a dinâmica dos dois, de modo que seja um podcast simples e objetivo, destacando nossas fontes, mas com algumas inserções de músicas e comentários durante o episódio, para contribuir com a valorização das memórias da FCA e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

### **3.6 Detalhamento de produção**

A fim de compreender as vivências universitárias na Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) durante a Ditadura Militar, realizamos uma pesquisa a partir do livro *Histórias da nossa história: catálogo de 35 anos da FCA* (PUC Minas, 2006). A edição, publicada pela editora da PUC Minas, permitiu um aprofundamento na história da faculdade, destacando curiosidades e fatos marcantes.

A pesquisa foi realizada com base na obra mencionada, além de entrevistas prévias e orientações do professor doutor Mozahir Salomão e da professora doutora Fernanda Nalon

Sanglard. A partir dessas fontes, levantamos uma lista de pessoas que integraram o corpo docente e discente da FCA durante o regime militar. Com essa lista, realizamos um levantamento detalhado e elaboramos uma tabela com os nomes e funções dos entrevistados, a fim de facilitar a compreensão das fontes e auxiliar no agendamento das entrevistas.

Foram entrevistados os seguintes indivíduos: Américo Antunes, Ana Maria Rodrigues de Oliveira, Carmen Lúcia Diniz Vieira, Chico Pinheiro, Fernando Miranda Arraz, Glória Maria Varella, Ivone de Lourdes Oliveira, Itamar de Oliveira, João Francisco Pereira de Meira, José Milton Santos, Lélío Fabiano, Maria Ângela Mattos, Mozahir Salomão Bruck, Paulo Bernardo Ferreira Vaz, Valdir de Castro Oliveira e Vera Regina Veiga França. As entrevistas presenciais ocorreram na PUC Minas e também nas residências dos entrevistados. Foram realizadas também algumas entrevistas online, por videoconferência ou áudio.

Além dos entrevistados participantes do podcast, outras pessoas também contribuíram com as pesquisas, mesmo que indiretamente. Embora suas participações não tenham sido incluídas no produto final, elas foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho.

Para complementar a pesquisa, visitamos o Centro de Memória da PUC Minas, um acervo contendo diversos documentos da universidade, como atas, correspondências, cartazes e boletins. Consultamos e digitalizamos alguns desses documentos para garantir que o trabalho fosse o mais completo possível e refletisse com precisão o contexto da FCA durante o período ditatorial. Além disso, também acessamos fontes online, como o Arquivo Nacional.

Paralelamente ao processo de gravação das entrevistas, iniciamos a elaboração do roteiro. O objetivo era apresentar as vivências da FCA no contexto da Ditadura Militar de maneira dinâmica e detalhada. O roteiro foi dividido em dois episódios: “Como nasce uma faculdade?” e “Resistência e criatividade como identidade da FCA”. Esta divisão facilitou a escolha das sonoras, a construção da narrativa e a organização da temática de cada episódio. O mapeamento dos personagens principais e secundários foi crucial para a fluidez da história e para a integração das sonoras.

Após a elaboração do roteiro, realizamos a gravação da narração. As locutoras do podcast foram duas integrantes do grupo: Amanda Maciel e Eduarda Berigo, além do professor Getúlio Nuremberg, que ficou responsável pela leitura de documentos complementares, como a portaria de criação da FCA. A utilização das sonoras, juntamente com a narração, tornou o podcast mais dinâmico e manteve o interesse do ouvinte ao longo dos episódios.

O processo de edição ficou à cargo das alunas Alícia Resende e Amanda Amorim. A integrante do grupo e aluna Hadassa Victoria foi a responsável pela decupagem.

O trabalho, realizado através da plataforma *Première*, consistiu em decupar as sonoras, ajustar as trilhas, efeitos e vinhetas, criando uma identidade sonora que complementasse a narrativa e proporcionasse uma experiência imersiva ao ouvinte. Foi um processo lento, de muita atenção e correções.

Optamos por um podcast documental narrativo, utilizando técnicas de *storytelling* para proporcionar uma experiência imersiva. A proposta era fazer com que os ouvintes se envolvessem com a narrativa e criassem imagens mentais a partir dos recursos sonoros, das sonoras e da narração. O roteiro foi escrito de forma informal, como se a história estivesse sendo contada diretamente para o ouvinte, com tons que variam entre o sério, o investigativo e o narrativo. A inspiração para a construção do roteiro veio de podcasts como *Ecos da Ditadura*, *Nerdcast* e *A Mulher da Casa Abandonada*, os quais foram destacados pelo uso eficaz de recursos sonoros e pela detalhada construção das histórias.

A pesquisa realizada permitiu um aprofundamento nas vivências da FCA durante a Ditadura Militar e contribuiu para a preservação da memória da universidade, além de promover uma reflexão sobre a resistência e a criatividade como elementos identitários dessa instituição durante o período.

### **3.7 Produto final**

Como produto final foi elaborado uma série de dois podcasts, no formato narrativo documental em formato *storytelling*, denominados [“Como Nasce uma Faculdade?”](#) e [“Resistência e Criatividade como Identidade da FCA”](#), com o objetivo de relatar as vivências universitárias na FCA durante a ditadura militar. O produto foi seriado, tendo dois episódios veiculados no site do Colab da FCA, por meio do ColabCast, e está disponível também na plataforma de áudio *Spotify*.

A narração foi feita por duas integrantes do grupo: Eduarda Berigo e Amanda Maciel. Além disso, contou com recursos sonoros, trilhas, testemunhos de pessoas do corpo docente e discente da época, participação de estudiosos e uso das referências bibliográficas citadas anteriormente.

## **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Trabalho de Conclusão de Curso teve como propósito lembrar e revelar as vivências universitárias na Faculdade de Comunicação e Artes durante a ditadura, em razão dos 60 anos do golpe de 1964, comemorado em 2024. Por meio da pesquisa prévia, revisão de literatura e da produção de um podcast seriado em dois episódios, pudemos compreender mais sobre a história da FCA e sobre as pessoas que estudaram e lecionaram no local naquele contexto tão difícil.

A pesquisa do tema foi desafiadora tendo em vista que não existem TCCs com temática semelhante à nossa, ademais havia pouco material sobre o assunto de modo geral. Encontramos muita coisa sobre as universidades federais, mas poucos registros sobre a PUC Minas e a FCA, especificamente.

Por meio de pesquisas no Arquivo Nacional e Centro de Memória da PUC Minas, além de 16 entrevistas realizadas pelo método da História Oral, exploramos as histórias de professores e estudantes da FCA que vivenciaram a ditadura na instituição, e conseguimos responder nossa questão de pesquisa e cumprir com nossos objetivos. Dentre os achados do TCC que nos surpreenderam estão:

A ocupação do prédio 13 durante uma dinâmica do professor Georges Lapassade, a pintura das pilastras do terceiro andar da escola, os festivais de cinema e teatro, a presença dos militares na FCA, o apelido de Cuca carinhosamente dado pelos alunos daquela época, o sistema de avaliação do período o Sapae, o significado do bordão “coragem” do Chico Pinheiro e entre outros.

Em um contexto de desinformação, como o da atual conjuntura social e política, em que os conceitos de memória e verdade são deturpados e a existência de grupos e correntes negacionistas confrontam o jornalismo, escutar os testemunhos de quem vivenciou e lutou naquele período é fundamental. As histórias e vivências da Faculdade de Comunicação e Artes foram surpreendentes objetos de estudo, principalmente no que se refere aos conceitos de memória, testemunho e história de vida. Desse modo, compreender o papel do jornalismo em relação com a memória é fundamental.

O formato definido pelo grupo, o podcast, se confirmou como uma ótima escolha para abordar e explorar a temática. Isso porque tivemos acesso ao livro “35 histórias da nossa história FCA” produzido em decorrência ao aniversário de 35 anos da escola, e ao documentário “FCA 50 ANOS websérie documental dos 50 anos da FCA”, divulgado em

decorrência do aniversário de 50 anos. Todavia, não encontramos material exclusivamente sonoro nem direcionado especificamente a narrar o período da ditadura, o que nos apontou um caminho na produção e uma forma de trazer uma contribuição distinta.

O podcast, então, por meio das locuções, das sonoras, das trilhas e dos demais recursos escolhidos, foi construído tentando criar uma narrativa imersiva, que envolve o público e desperta sua curiosidade. O formato escolhido também foi de extrema importância para a execução da narrativa. Por meio do storytelling conseguimos narrar de forma mais leve e menos formal, mas também com seriedade por se tratar de um tema pesado e pessoal.

Além disso, realizando esta monografia e o produto final, aprendemos sobre todos os processos de produção de um podcast documental compreendendo de forma ampliada e melhorada como se dá a construção desse formato/gênero comunicativo.

Perante ao que foi exposto, acreditamos que cumprimos com nosso objetivo de lembrar e revelar as vivências da FCA durante o regime autoritário, considerando o caráter de resistência, liberdade e criatividade dessa escola. Nos episódios narramos a criação da Faculdade de Comunicação e Artes em plena ditadura e os relatos, narrativas pessoais, testemunhos e vivências daquele período.

Assim, finalizamos esse Trabalho de Conclusão de Curso com a certeza de que nosso propósito com esse projeto foi cumprido de forma positiva e coesa, destacando uma instituição tão importante para a formação de profissionais críticos e para os estudos de Comunicação em Minas Gerais.

## 5. REFERÊNCIAS

[FCA 50 ANOS] websérie documental dos 50 anos da FCA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fcw9sKDr2CI&list=PL97KN1qwPthwUTiqVGxaQ7OxRib5GgN-m&index=1>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ABUD, Marcelo; ISHIKAWA, Cesar Yuji; GONZAGA, Luiz Dias. **Tendências do podcast no Brasil: formatos e demandas**. Núcleo de inovação em Mídia Digital da FAAP. Belo Horizonte, v.1, p.1-19, 2019. Disponível em: Tendências do Podcast no Brasil: Formatos e Demandas (faap.br). Acesso em: 22 set. 2023.

ARDONDE, Angelo Gabriel Uehara. **Projeto Humanos: o podcast como uma nova ferramenta de rememoração do passado**. Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da Unicamp. Campinas, 1v.26n,n.p.março.2018. DOI:10.20396/revpibic262018158. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/pibic/article/view/158/37>. Acesso em: 23 de set de 2023

ARQUIVO NACIONAL. Acervo Digital. Brasília: **Arquivo Nacional**, 2023. Disponível em: <https://www.arquivonacional.gov.br/acervodigital>. Acesso em: 12 set.2024

ARQUIVO NACIONAL. **Atividades subversivas no DCE da Universidade Católica de Minas Gerais**. Brasília: Arquivo Nacional, 2024. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/70024033/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_70024033\\_d0001de0002.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/70024033/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_70024033_d0001de0002.pdf). Acesso em: 12 set. 2024.

ARQUIVO NACIONAL. **Movimento estudantil II encontro nacional de estudantes de comunicação ENECOM**. Arquivo Nacional, 2024. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/RRR/83004320/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_RRR\\_83004320\\_d0001de0002.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/RRR/83004320/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_RRR_83004320_d0001de0002.pdf). Acesso em: 12 set. 2024.

ARQUIVO NACIONAL. **Orlando Bueno Pacheco, professor de publicidade da UCMG**. Brasília: Arquivo Nacional, 2024. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/000/82006866/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_000\\_82006866\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/000/82006866/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_000_82006866_d0001de0001.pdf). Acesso em: 12 set. 2024.

ARQUIVO NACIONAL. **Repercussão no meio estudantil de Belo Horizonte, MG das prisões dos elementos do PCB**. Brasília: Arquivo Nacional, 2024. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_V8/MIC/GNC/AAA/70024033/BR\\_DFANBSB\\_V8\\_MIC\\_GNC\\_AAA\\_70024033\\_d0001de0002.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/70024033/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_70024033_d0001de0002.pdf). Acesso em: 12 set 2024.

Batista, C. D. G. A. (2017). **A ditadura aconteceu aqui: A história oral e as memórias do regime militar brasileiro**. Letra e Voz. [https://books.google.com.br/books?id=IXqoDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=IXqoDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

BERTOLINO, Farley da Conceição. **O golpe civil militar e a Universidade de Minas Gerais: repressão e resistência estudantil**. V. 5, n. 3 (set./dez. 2013). Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2013.

CARVALHO, Júnia et al. **Faculdade de Comunicação e Artes: História das nossas histórias**. 1. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2006. 1-104 p. v. 1.

CENTRO DE MEMÓRIA PUC MINAS. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2024

CENTRO DE MEMÓRIA PUC MINAS. **Criação da FCA e Representação do corpo discente**. Fundo Conselho Universitário, Série Resolução. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2024

CENTRO DE MEMÓRIA PUC MINAS. **Setor de imprensa e periódicos**. Fundo Conselho Universitário, Série Periódico. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2024

COMISSÃO MUNICIPAL DA VERDADE DE JUIZ DE FORA (Brasil, MG, Juiz de Fora). **Memórias da Repressão: Relatório da Comissão da Verdade de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Editora MAMM, 2015. 272 p. ISBN 978-85-62136-28-3. Disponível em: [https://www.pjf.mg.gov.br/comissaodaverdade/documentos/relatorio\\_final\\_cmv\\_jf.pdf](https://www.pjf.mg.gov.br/comissaodaverdade/documentos/relatorio_final_cmv_jf.pdf). Acesso em: 9 jul. 2024.

CORRÊA, Enrico Bertoni. **Podcasting: o fazer podcast na prática**. 2024. 45 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024. Disponível em: [https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/6630/2/MONOGRAFIA\\_PodcastingFazerPodcast.pdf](https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/6630/2/MONOGRAFIA_PodcastingFazerPodcast.pdf). Acesso em: 13 junh 2024.

COVEMG, Comissão da Verdade de Minas Gerais (Minas Gerais). **Relatório final Comissão da Verdade de Minas Gerais. Comissão da Verdade em Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano 2017, v. 1, p. 1-1781. Disponível em: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736>. Acesso em: 22 fev. 2024.

DE OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. **Memória e Testemunho**. 2019. Disponível em: <http://inconfidentia.famariana.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/MT.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2024.

DE SOUZA , Aécio Thiago Alves. **A Ditadura Militar Brasileiras em Podcasts: História no Mundo Digital e Usos do Passado**. Dourados, ano 2022, v. 1, n. 1, p. 1-131. Disponível em: <file:///C:/Users/alici/Downloads/Dissertacao-Aecio-Thiago-Alves-de-Souza.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.

DE TILIA , Caroline. **5 tendências para podcasts no Brasil, segundo o Spotify**: Levantamento feito pela equipe editorial da plataforma apontou as principais novidades em relação a criação de conteúdo de áudio em 2023. Forbes , [S. l.], ano 2023, 30 out. 2023. Forbes Tech, p. 1-1. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/10/as-5-tendencias-mais-recentes-para-podcasts-no-brasil/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

DOMINGOS , Adenil Alfeu. **Storytelling: Fenômeno da Era da Liquidez**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, ano 2008, v. 1, n. 11, p. 93-109, 23 jul. 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277737923\\_Storytelling\\_fenomeno\\_da\\_era\\_da\\_liquidez](https://www.researchgate.net/publication/277737923_Storytelling_fenomeno_da_era_da_liquidez). Acesso em: 23 maio 2024.

**ENTREVISTAS**. In: N. SANGLARD, Fernanda; L.GARCÊZ, Regiane; C.M.MAIA , Rousiley. Métodos de Pesquisa em Comunicação Política. 1. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2022. v. 1, cap. 7, p. 173-188. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1cGup-60WYwzjtWlBR5tW2-9C4BxamChl/view>. Acesso em: 24 maio 2024.

**Escola de Comunicação da PUC-Minas: os desafios da formação em comunicação nos anos 70**. Belo Horizonte. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [s.d.]. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/18381148384231271016308174080945830595.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES (Brasil, Minas Gerais, Belo Horizonte). História. Belo Horizonte, 27 fev. 2015. Arte Gráfica. Disponível em: <https://radio.fca.pucminas.br/a-radio/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

FERREIRA , Mariele; CRISTINA , Karen. **Avenida 31 de março ganhará novo nome**. Marco , Belo Horizonte, ano 2024, n. 362. Política, p. 4. Disponível em: <https://fca.pucminas.br/wp-content/uploads/2024/05/Edicao-362.pdf>. Acesso em: 25 maio 2024.

FIGUEIRA, Ana Cristina Peixoto. **Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros**. 2020. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz; Casa da Ciência, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisas

Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/alici/Downloads/revista,+9\_2427.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2024

FIGUEIREDO, Lucas. **Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KEMP, S. Digital 2023: Brazil. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 14 jun. 2024.

KISCHINHEVSKY, M; MODESTO C.F. **Interações e mediações – Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica**. Revista Questões Transversais , v. 2, n. 3, 11 jun. 2014. Disponível: <file:///C:/Users/alici/Downloads/[1library.co]%20intera%C3%A7%C3%B5es%20e%20media%C3%A7%C3%B5es%20inst%C3%A2ncias%20de%20apreens%C3%A3o%20da%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20radiof%C3%B4nica.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2024

LAGE , Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística**. 7 . ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008. 196 p. ISBN 8501060909, 9788501060907. Disponível em: https://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf. Acesso em: 19 maio 2024.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10.1992, p. 200-212. Disponível em: file:///C:/Users/alici/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/PALLTLXP/POLLAK\_(1992)\_Memoria\_e\_identidade\_social[1].pdf. Acesso em: 21 maio 2024.

RIOS, FÁBIO; “**Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo**”. In: Revista Intratextos, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102. Disponível em: <file:///C:/Users/alici/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/PALLTLXP/Memoria\_Coletiva\_e\_lembrancas\_individuais\_Fabio\_Daniel\_Rios[1].pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2024

ROVAROTO , Isabela. **Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo: Pesquisa destaca os podcasts mais ouvidos no Brasil**. Confira:. Exame , São Paulo, ano 2022, 21 mar. 2022. pop, p. 1-1. Disponível em: https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/. Acesso em: 13 jun. 2024.

RUTES HENNING, R.; SELIGMAN, L. **Jornalismo, memória e a ditadura militar – marcas do silenciamento e da censura.** Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0169-1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SALOMÃO BRUCK, M., & VARGAS, H. (2020). **Narrativas da memória como dispositivo: A Sirene e a luta contra o esquecimento.** *Matrizes*, 14(2), 289-306. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143066518016>. Acesso em: 03/06/2024

SANFELICE, José Luís. **A UNE NA RESISTÊNCIA AO GOLPE DE 1964 E À DITADURA CIVILMILITAR.** *Simbio-Logias*, Campinas: Unesp, ano 2015, n. 8, p. 127-143, 11 dez. 2015. Anual. Disponível em: <https://www1.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Educacao/Simbio-Logias/a-une-na-resistencia-ao-golpe-de-1964-e-a-ditadura-civil.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SANTOS, Jordana de Souza. **A repressão ao movimento estudantil na ditadura militar.** *Aurora*, São Paulo : Unesp, ed. 5, ano 2009, p. 101-108, Mensal. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/SANTOS.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SANTOS, Silvio. **Os podcasts: um lugar novo para o regresso das histórias ao jornalismo.** In: CORREIA, João Carlos; COELHO, Pedro; TORRES DA SILVA, Marisa; MIRANDA, João; CAVALHEIRO, José Ricardo; BASÍLIO DE SIMÕES, Rita; SILVERINHA, Maria João; NUNO VICENTE, Paulo; MOREIRA FLORES, Ana Marta; SANTOS, Silvio; BRITES, Maria José; FAUSTINO, Paulo; LAMEIRAS, Maria. *De que falamos quando dizemos jornalismo? Temas emergentes de pesquisas.* [s.n.]. Portugal. LabCom, 2021. p.195-209. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=jrJFEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA195&dq=podcast+jornalismo+&ots=OCxolPHbxw&sig=-JRC75-uWbGFEwq8to0qMwP2RlM#v=onepage&q=podcast%20jornalismo&f=false>. Acesso em: 19 set. 2023

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local do testemunho.** *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 03–20, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894>. Acesso em: 3 jun. 2024.

SILVA, Débora Raiza Carolina Rocha. **Resistências contrárias: uma análise dos movimentos femininos de Belo Horizonte no ano de 1964.** V. 5, n. 3 (set./dez. 2013).

Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2013. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao36/materia01/texto01.pdf>>. Acesso em: 30 de maio de 2024

SILVA, S. P. ; SANTOS, R. S. **O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019.** Radiofonias — Revista

de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr. 2020. Disponível em: <<file:///C:/Users/alici/Downloads/4317-Texto%20do%20artigo-9720-1-10-20200704.pdf>>. Acesso em: 30 de maio de 2024

**Trajatória arrojada.** Revista PUC Minas, Belo Horizonte, 2018, 1.18. Disponível em: <https://revista.pucminas.br/revista/materia/trajetoria-arrojada/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcast: Imersividade, dramaturgia e narrativa autoral.** 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. (Série Mídia Sonora, v. 1). E-book (PDF; 3,35 Mb). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=lprEEAAAQBAJ&printsec=copyright&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 21 de agosto de 2024.

XAVIER, Marcelo. **Marcelo Xavier.** Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo\\_Xavier](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_Xavier). Acesso em: 11 dez. 2024.

## 6. APÊNDICE

Apêndice A - Roteiro de perguntas para docentes e discentes da época da ditadura civil-militar.

<b>Roteiro de entrevistas para professores</b>
Nome:
Nascimento:
Profissão e ocupação:
1. Você pode compartilhar sua experiência pessoal durante o período da ditadura militar? Como afetou a sua carreira acadêmica?
2. Você conhece pessoas que participaram do movimento estudantil, da ação popular, e da atuação dos jornalistas na época? Como aconteceu?

3. Você tem conhecimento de algum funcionário, aluno ou professor que tenha sido afastado das funções por razões políticas?
4. Qual era o seu papel na FCA durante a ditadura? Como você contribuiu para a resistência acadêmica e intelectual?
5. Como eram as instalações físicas da FCA na época? Que impressão causava nos visitantes e na comunidade acadêmica?
6. Como era a dinâmica de relacionamento entre professores e alunos durante o regime? Havia espaço para diálogo e debate crítico?
7. Quais projetos acadêmicos foram instrumentos de conscientização e resistência no período da ditadura? Pode nos falar sobre iniciativas como o Marco, Cepec, a revista Ordem/des/ordem?
8. Quais eram os desafios enfrentados na época da ditadura pelos docentes e estudantes da FCA? Como vocês lidaram com esses desafios?
9. Ocorreu algum caso de repressão e violência na FCA após sua criação?
10. Você ou algum colega da PUC foi investigado, preso, perseguido, chamado para depor após o Terceiro Encontro Nacional de Estudantes ou em algum outro momento? Poderia contar um pouco mais sobre?
11. Quais as memórias mais marcantes que você guarda da FCA durante o período da ditadura? Há alguma lembrança particularmente dolorosa ou positiva que gostaria de compartilhar?
12. Como você enxerga a FCA hoje, depois de todos esses anos? O que mudou e o que permaneceu igual?
13. Você tem contato ou poderia sugerir mais alguém que tenha vivência acadêmica na PUC à época?
14. Algo que não perguntei, mas gostaria de acrescentar?
15. Quais foram as motivações para a criação da FCA? Qual era a visão original para a faculdade? (pergunta exclusiva para os responsáveis pela criação da Faculdade de Comunicação e Artes)

Apêndice B -


<b>Roteiro entrevista para alunos</b>
Nome:
Nascimento:
Profissão e ocupação:


1. Qual curso na área de comunicação você estava cursando durante o período da ditadura militar? E em que ano ou semestre você estava na época?
2. Quantos anos você tinha, onde vivia e o que fazia à época do golpe de 1964? Como tomou conhecimento de que houve um golpe de Estado?
3. Como era sua rotina diária durante o período da ditadura militar?
4. Participou de movimento estudantil ou de entidade de classe naquele período?
5. Alguém na sua família apoiava a ditadura ou se mobilizava contrariamente? Poderia contar um pouco a respeito?
6. Participou de passeatas, protestos ou outro tipo de ato em oposição ao regime autoritário?
7. Como você e seus colegas se organizavam para discutir e debater questões políticas, dada a repressão do regime?
8. Quais estratégias você e seus colegas usavam para driblar o sistema e obter informações verídicas?
9. Havia repressão ou medo no ambiente universitário da PUC? E da FCA mais especificamente?
10. Você tinha consciência crítica à época da gravidade da ditadura, ou isso só veio depois?
11. Qual foi o papel da PUC-MG, mais precisamente da FCA, para o entendimento do momento? Havia espaço para uma discussão crítica?
12. Houve algum professor ou figura dentro da universidade que teve papel fundamental na resistência contra a ditadura? Poderia contar mais sobre essa pessoa?
13. Em que medida os eventos políticos da época influenciaram a escolha da sua carreira em jornalismo?
14. Depois do fim da ditadura, como você avalia o impacto que esse período teve em sua vida profissional e pessoal?
15. Como você vê o papel da mídia na época da ditadura em comparação com o papel da mídia hoje em defesa da democracia?
16. Você tem contato ou poderia sugerir mais alguém que tenha vivência acadêmica na PUC à época?
17. Algo que não te perguntei mas gostaria de acrescentar?

Apêndice C- Prévia do roteiro do podcast:

**ROTEIRO**  
**Episódio 1: “Como nasce uma faculdade ?”**

<b>TEXTO</b>	<b>BACKGROUND</b>
	VINHETA COLABCAST
<b>LOC1:</b> Você conhece a Cuca?	
<b>RECURSO SONORO</b>	<b>Risada de bruxa</b> 📎 witch-103635.mp3
<b>LOC1:</b> E não! Não é aquela bruxa jacaré do Sítio do Pica-Pau Amarelo, viu? Cuca era o nome carinhoso que os alunos davam à Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas durante a ditadura militar.	
<b>LOC2:</b> Naquele tempo sombrio, a FCA se tornou um lar para estudantes e professores, onde o pensamento crítico e a liberdade de expressão se faziam presentes. Era um espaço ousado, que incentivava uma geração a romper as barreiras da censura.  Nós vamos te apresentar neste podcast essa e	

<p>outras curiosidades sobre a FCA que temos certeza que você não fazia ideia. E tudo aconteceu num dos períodos de maior autoritarismo da história do Brasil.</p>	
<p><b>SOBE SOM</b></p>	<p><b>Wheel of Time - Spoq (0:13 - 0:19)</b></p>
<p><b>LOC1:</b> Olá, eu sou a Amanda Maciel.</p>	
<p><b>LOC2:</b> E eu sou Eduarda Berigo.</p>	
<p><b>LOC1:</b> Neste podcast, nós vamos te contar um pouco dessa e de outras histórias que vão para além do campus da faculdade, que foi criada num dos períodos de maior obscurantismo, a ditadura militar.</p>	
<p><b>LOC2:</b> Então, sejam bem-vindos ao podcast Memórias da FCA: vivências universitárias na ditadura militar. Episódio 1: Como nasce uma faculdade ?</p>	
<p><b>LOC1: (0'05)</b> Censura, suspensão de direitos, atos de violência e perseguição.</p>	
<p><b>LOC2: (0'05)</b> Reivindicações, protestos, lutas e resistência.</p>	
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p><b>Notícia do golpe 0:21 - 0:26</b>   <b>Notícia do golpe.mp3</b></p>
<p><b>LOC1: (0'15)</b> A ditadura militar foi um período que se estendeu de 1964 a 1985, quando o Brasil foi governado de modo autoritário após um golpe de Estado.</p>	
<p><b>LOC2: (0'15)</b> Durante 21 anos, mesmo sob forte repressão, censura e violações dos direitos humanos, as universidades eram espaços de contestação e</p>	

<p>crítica contra o regime ditatorial. E é neste contexto que estudantes e professores atuavam para manter liberdades mínimas.</p>	
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p><b>Wheel of Time - Spoq 1:51 - 1:59</b>   <b>Wheel of Time - Spoq - Free Music ...</b></p>
<p><b>LOC1:</b>  Em março de 1971 nasceu a faculdade de comunicação da Universidade Católica, que não sei se você sabe, mas naquela época ainda não tinha o nome de Pontifícia. A FCA, como carinhosamente chamamos, surgiu a partir de uma proposta elaborada pelo então reitor, Dom Serafim, dois anos antes, em 1969. Ele nomeou uma comissão para pensar a importância da comunicação naquele momento.  A escola, como era conhecida, foi criada pouco mais de dois anos após o AI-5, período marcado pela censura mais violenta que a sociedade brasileira, e a imprensa, poderiam ter.</p>	
<p><b>LOC2:</b>  O grupo, composto por Marco Antonio Rodrigues Dias, Hélio Fraga, Gamaliel Herval, Emerson Almeida, Wander Moreira e Elzio Costa, elaborou o projeto que se tornou o marco para a implantação da faculdade de comunicação.  Lélio Fabiano dos Santos, um jornalista de 31 anos, instigado pelo movimento estudantil, foi o encarregado de fazer acontecer. Assim, a FCA começou com poucos alunos e professores, numa capela que funcionava ali bem no centro do campus do Coração Eucarístico, onde hoje funciona o café do piano.</p>	
<p><b>SONORA LÉLIO FABIANO: 12'29 - 14'02</b></p> <p>Eu queria que essa escola fosse conhecida. Eu tinha uma veia publicitária. Eu não queria mediocridade, eu queria ser a melhor escola do Brasil. [...]</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1mx1LwJHC6q1kTIsNMgOWjARML1CLhV7R/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1mx1LwJHC6q1kTIsNMgOWjARML1CLhV7R/view?usp=drive_link</a></p>

<p>E a escola começou com 15 dias de palestra. Eu não tinha aula no começo. Foi assim, eu trouxe um jornalista do Estadão, o Mesquita, trouxe um Frias da Folha de São Paulo, o Henfil, era o meu colega, Henrique, irmão do Betinho, da música, ele já estava começando no Pasquim, então veio o Henfil. O presidente da Associação Brasileira de Relações Públicas, o presidente da Associação Brasileira de Propaganda. Então, a escola ocupou o espaço da nossa mídia. Durante 15 dias, a faculdade foi notícia. Tanto é que, onde nós funcionamos? Naquele prédio pequenininho do meio do campus, com a gracinha ali. Era a minha sala, a sala de aula e a secretaria.</p>	
<p><b>LOC 1:</b> Lélío Fabiano fala do esforço feito para trazer nomes de peso da época e atrair a opinião pública. Já José Milton Santos, que era professor e chefe de departamento, destaca a ousadia do reitor.</p>	
<p><b>SONORA JOSÉ MILTON: 00'49 - 01'49</b> Dom Serafim Fernandes de Araújo que era reitor na época, [...] afirma que não foi fácil criar a faculdade de comunicação, com a ousadia de propostas que estavam na contramão da época, a comunicação social foi um dos marcos na luta pela redemocratização do Brasil. Então a escola já foi criada com um propósito de ser um espaço de resistência e de luta pela liberdade redemocratização, isso não foi um acaso, foi uma decisão deliberada pela direção e pelo reitor.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC 2:</b> Agora, o jornalista e professor Itamar de Oliveira explica por que construir um curso de comunicação, e não de jornalismo, era tão inovador.</p>	

**SONORA ITAMAR DE OLIVEIRA**  
**17'57 - 18'16**

Dom Serafim não era de esquerda nem de direita, ele dialogava. Ele não podia se expor. O papel dele era um papel ecumênico. Ele tinha que dialogar. Mas ele tinha um apreço muito pela questão da comunicação. Ele entendia o papel da comunicação. Sabia o que era isso.

**14'31 - 15'21**

Eu entendo que o meu vínculo com a PUC não é um vínculo de tempo, é um vínculo mais de trajetória mesmo, porque eu ajudei a pensar a criação da universidade, da faculdade, antes, porque como eu estava na UFMG, eu sabia dos efeitos do curso da UFMG, eu não queria um curso da PUC, eu ia repetir o UFMG. Então, nós fizemos um seminário, e o D. Serafim nos apoiou muito. Nós fizemos um seminário sobre comunicação de massa na época, nos anos 68. [...] Esse seminário foi um pouco a raiz da formação do curso, porque aí nós conseguimos agregar gente que estava na ativa, gente de televisão, gente de rádio. Em vez de criar um curso de jornalismo, criamos uma faculdade de comunicação. Foi uma coisa inovadora.

[https://drive.google.com/file/d/1bBF5qIJOas4ecfqOHOKFA-c\\_32\\_umpKe/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1bBF5qIJOas4ecfqOHOKFA-c_32_umpKe/view?usp=drive_link)

**RECURSO SONORO**

**Rádio sintonizando 0:00 - 0:06**

 50750\_\_rutgermuller\_\_radio-noise.wav

**Loc Getúlio Nuremberg**


Universidade Católica de Minas Gerais

RESOLUÇÃO N° 10/71

Autoriza o funcionamento do curso de Comunicação da Faculdade de Comunicação

Leitura de trecho da portaria de criação da FCA


 Criacao\_FCA\_e\_REPRESENTACA...

<p>O Conselho Universitário da Universidade Católica de Minas Gerais, no uso da atribuição que lhe confere o item 8 do art 21 do Estatuto. e tendo em vista o processo número 6/71</p> <p>Resolve:</p> <p>Art. 19 - Fica autorizado o funcionamento do Curso de Comunicação da Faculdade de Comunicação</p> <p>Art. 29 - Esta resolução entra em vigor nesta data</p> <p>Art. 39 - Revogam-se as disposições contrárias</p> <p>Belo Horizonte, 19 de março de 1971</p> <p>ass Dom Serafim de Fernandes Araujo Reitor</p>	
<p><b>LOC2:</b> A escola de comunicação, como era conhecida, sofreu com o processo de departamentalização da PUC Minas, em 1978, ficando conhecida como Departamento de Comunicação Social. Somente em 2001, a faculdade se reestrutura e se torna Faculdade de Comunicação e Artes, a famosa FCA.</p>	
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p><b>Estudantes conversando 0:00 -0:07</b>   352096__deleted_user_3667256__st...</p>
<p><b>LOC1: (0'20)</b> Os estudantes foram protagonistas em muitas manifestações e protestos, desafiando a repressão, lutando pela liberdade de expressão e pelos direitos democráticos. As universidades, enquanto lugares de reflexão crítica, foram palco de debates acalorados e de organização de atos contra a ditadura. Na</p>	

<p>PUC não era diferente, como conta o ex-aluno de comunicação social, Paulo Bernardo Ferreira Vaz.</p>	
<p><b>SONORA PAULO BERNARDO 00'47 - 01'24</b></p> <p>Nós vivíamos uma vida universitária que eu chamaria de singular e especial. Pois a direção da escola, sob comando do Lélcio Fabiano dos Santos, que foi o primeiro diretor, o criador da escola, permitia um modo de vida universitário bem livre, tanto para os alunos quanto para os professores.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1hv9IZ5N46DyrudYXooUb_LhatROwWKSf/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1hv9IZ5N46DyrudYXooUb_LhatROwWKSf/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC2:</b></p> <p>Todos conhecem o prédio 13, mas vocês sabiam que ele foi ocupado em 1972 durante uma dinâmica de trabalho do francês Georges Lapassade? Ele criticava a escola de comunicação por ser muito libertária, questionando vários pontos da administração da Universidade Católica. Escuta o que o José Milton Santos explica pra gente.</p>	
<p><b>SONORA: JOSÉ MILTON 01'56 - 02'54</b></p> <p>A escola originariamente só funcionava à noite, então nós começamos a funcionar no centro do campus, depois mudamos para o prédio, onde hoje é a faculdade de ciências humanas e estava sendo construído o prédio 13 para a faculdade de ciências econômicas. [...]</p> <p>Só que o prédio estava quase pronto e lá a situação era um pouco incômoda, aí nós resolvemos numa noite pegar as carteiras e mesas e mudamos ocupando o prédio 13, isso em 1972.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1:</b></p> <p>Após a ocupação, a faculdade foi se organizando aos poucos. No começo, os corredores do prédio pareciam uma</p>	

<p>exposição de artes ou um centro cultural de vanguarda, pintadas e decoradas das mais diferentes formas. Os ex-alunos Fernando Miranda e Francisco Meira contam um pouquinho como era.</p>	
<p><b>SONORA FERNANDO MIRANDA: 04'15 - 05'10</b></p> <p>Quando a gente foi mudar para o prédio novo, surgiu essa ideia dos alunos e dos professores de fazer uma escola diferente. E qual foi a diferença? Ela foi colorida. Os corredores foram pintados de colorido, foram coloridos. As salas tinham a disposição das carteiras. A gente colocava do jeito que a gente quisesse. Não tinha muita... Tinha organização, mas não tinha pressão.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1n7cTciDqHcDRSRKmlKn7wPB9wC3zq1y5/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1n7cTciDqHcDRSRKmlKn7wPB9wC3zq1y5/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA FRANCISCO MEIRA: 02'21 - 03'16</b></p> <p>E ali era um negócio completamente diferente, era um espaço inteiramente diferente de tudo que eu já tinha visto. Primeiro porque o visual era marcante. Mas aquilo tinha uma pintura, uma decoração de parede, muito assim... remetendo muito à arte moderna da época, umas coisas que... sei lá, era uma mistura de coisa de história em quadrinho com pintura abstrata. Eu sei que aquilo impactava fortemente.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1nQ-EXFaaAqsLaWyQCMguRQyHrRO_UDot/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1nQ-EXFaaAqsLaWyQCMguRQyHrRO_UDot/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p>peessoas conversando</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>■ chattering-crowd-73725.mp3</li> <li>■ group-talk-of-a-crowd-99763.mp3</li> </ul>
<p><b>LOC2:</b></p> <p>Sentiu a criatividade e ousadia dos estudantes da época? Pois saiba que não era só no espaço físico que a FCA rompia com o tradicional. A faculdade se diferenciava também pelo ensino, principalmente pelo</p>	

<p>jeito de avaliar os trabalhos. Lélio Fabiano e a ex-aluna Glória Varella contam sobre o Sapae.</p>	
<p><b>SONORA: LÉLIO FABIANO 01'21 - 01'54</b></p> <p>E eu inventei uma coisa que chamava Ensino Centrado no Aluno. E começava, e eu falava o seguinte, botei autoavaliação, as primeiras provas, a nota do aluno era a média aritmética da nota do professor e a dele. [...]</p> <p><b>04'10 - 04'17</b></p> <p>Mas aí eu falava assim pra turma, eu falava, gente, vocês não vão criar diretório acadêmico? Porque os alunos não tinham ainda aquela consciência.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1kDbnKIRrwlCjYBp_d-L2oXJcMVhn3ZNx/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1kDbnKIRrwlCjYBp_d-L2oXJcMVhn3ZNx/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA: GLÓRIA VARELLA</b></p> <p><b>02'55 - 03'07</b></p> <p>Bom, como uma escola nova, não tinha um diretório acadêmico. Então, pensamos, vamos criar o diretório acadêmico. Criamos e eu fui a primeira presidente.</p> <p><b>05'00 - 05'12</b></p> <p>A gente não sentia repressão política, dentro da escola não. Repressão da diretoria? Nenhuma. A diretoria da escola era abertura total.</p> <p><b>02'12 - 02'46</b></p> <p>E a escola em si era, mais que libertária, era uma escola experimental. Nós tínhamos um guru retórico por semestre. O Lélio Fabiano, que era o diretor, tinha estudado na França, conhecia várias autoridades na área de educação e nós experimentávamos um guru a cada semestre. A gente já estava acostumado com aquela troca de gurus. O que para a gente era muito bom, porque a</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1nrBMDWP9gJrkebaEVCLhfWACqduEOstV/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1nrBMDWP9gJrkebaEVCLhfWACqduEOstV/view?usp=drive_link</a></p>

<p>cada guru trocado a gente estudava a obra dele.</p>	
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p>Máquina de escrever   43558__tams_kp__typewriter18.ogg</p>
<p><b>LOC1:</b>  Criados em plena ditadura, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e o Diretório Acadêmico (DA) da faculdade de comunicação, foram fundamentais na defesa dos interesses estudantis e na luta pela liberdade nas universidades. Em um contexto de censura e repressão, esses diretórios tornaram-se espaços de resistência, promovendo debates e enfrentando o regime autoritário, mesmo sob risco de perseguição. Foram essenciais para a organização e mobilização dos estudantes em defesa da democracia e dos direitos civis.</p> <p>Américo Antunes, ex- diretor do DCE da PUC e ex-presidente da União Estadual de Estudantes de Minas Gerais, relata sobre o papel dos DCEs e dos DAs na luta contra o regime.</p>	
<p><b>SONORA: AMÉRICO ANTUNES 00'41 - 02'04</b>  A gente vivia um momento de inflação galopante no país e os reajustes de mensalidade afligiam não só os estudantes, mas sobretudo as suas famílias. Então as primeiras mobilizações na Católica tiveram como eixo a questão exatamente do aumento, da luta contra o aumento do preço das mensalidades. E fazíamos assembleias, mobilizações e, sobretudo, boicote. campanha pelo não pagamento das mensalidades, forçando com que a reitoria negociasse conosco e desse descontos, ou seja, não reajustar os preços no ritmo da inflação. No caso da Católica, e no meu caso em particular, esse movimento, a gente</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1oP4DMSE4aoO-Rs_ixBtyTmm3BAfiPcrt/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1oP4DMSE4aoO-Rs_ixBtyTmm3BAfiPcrt/view?usp=drive_link</a></p>

<p>assumiu o DCE em 1978 e assumimos no momento onde o movimento estudantil já tinha uma pujança maior na sociedade, crescia o movimento pela anistia, a luta política contra o regime militar, e a nossa experiência foi muito calcada, tanto nessas lutas econômicas, né, vividas pela universidade, com a questão das mensalidades e condições de ensino, quanto também pela luta política, que se travava no conjunto da sociedade, pelas liberdades democráticas.</p>	
<p><b>SONORA IVONE 14'10 - 14'32</b></p> <p>Na época não tinha essa coisa de chamada, de ficar em sala de aula. Não tinha essa cobrança, não. A proposta dele é liberdade total para todo mundo. Cada um vai procurando o seu caminho. Mas tinha horas que ele chamava a gente e falava, vocês não estão lendo, vocês precisam de ler, as pessoas da área de comunicação precisam de ler, os jornalistas têm que ter curiosidade.</p> <p><b>15'03 - 15'13</b></p> <p>O espaço, aquele prédio 13, é uma marca. É uma marca que é diferente, totalmente diferente do resto da universidade.</p> <p><b>31'33 - 31'38</b></p> <p>Você ficava na sala se você quisesse, saia se você quisesse. Uma relação muito próxima com os professores.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1hsfUsrzguLuezp1XXTVULOg0zo2P3Db2/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1hsfUsrzguLuezp1XXTVULOg0zo2P3Db2/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>Loc 2</b></p> <p>Essa que acabamos de ouvir é a Ivone de Oliveira, ex-aluna, mais tarde diretora e hoje professora da FCA . Ela nos conta do ambiente da escola sob a direção do Lélío. E agora, a Carmen Dulce Diniz Vieira, que foi integrante do DA nos ajuda a gente a</p>	

entender como eram as relações entre professores e alunos.	
<p><b>SONORA CARMEN: 04'10 - 04'25</b></p> <p>Havia uma empolgação, havia uma vontade de ensinar por parte dos professores e a gente entrava lá e acabava sendo contaminado por aquele clima extremamente positivo.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC 1:</b> Os ex- alunos Vera França e Francisco Meira também contam sobre a relação entre professores e alunos.</p>	
<p><b>SONORA VERA FRANÇA 0:02:49</b></p> <p>A relação de proximidade entre professores e alunos era muito grande, era um clima de muita conversa, muito entrosamento, muito diálogo. Então, a vida interna lá do curso de comunicação, era... a gente às vezes brincava que era uma festa, mas com ótimas experiências acadêmicas e o clima de liberdade, a abertura das relações era muito grande</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1FrBjblqsHFo7do5jG10cZsbr6QrKWhsv/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1FrBjblqsHFo7do5jG10cZsbr6QrKWhsv/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA FRANCISCO MEIRA 21'11 - 21'25</b></p> <p>Era um ambiente em que havia uma interação muito aberta, muito franca com os professores, para além das disciplinas específicas.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1nQ-EXFaaAqsLaWyQCMguROyHrRO_UDot/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1nQ-EXFaaAqsLaWyQCMguROyHrRO_UDot/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1:</b> A criação da Universidade Católica esteve alinhada com um período de profundas transformações sociais e políticas no país, sendo um projeto que unia experimentalismo pedagógico, prática social e resistência política.</p>	
<p><b>LOC2:</b></p> <p>Em 1972 foi criado o primeiro Salão de Comunicação Brasileiro, evento que durou uma semana e teve três atividades como foco principal. Esse evento foi uma ideia</p>	

bastante inovadora e de grande porte para uma escola que estava apenas começando.	
<b>RECURSO SONORO</b>	Pessoa folheando um jornal impresso 528580 __jacksaw __newspaper-turni...
<b>LOC1:</b> No mesmo ano foi criado o Marco, que é publicado até hoje. Considerado um dos primeiros jornais laboratório do país, levando em consideração que outras faculdades e cursos de jornalismo também ofereciam experiências no impresso, mas sem as características de uma produção laboratorial. O ex-aluno Valdir de Castro e o José Milton Santos explicam melhor sobre a criação do jornal.	
<b>SONORA: VALDIR DE CASTRO: 38'20 - 39'02</b>  No Marco, nós fazemos um jornal para a comunidade de Dom Cabral. Da preocupação que, em vez de fazer para a grande massa, a gente queria fazer para a população marginal, para fazer um tipo de jornal engajado com a população. E, a gente ia lá para o bairro, a gente tinha uma interação muito grande com a comunidade e os alunos eram muito engajados, todos os alunos eram muito engajados com o projeto. E era fácil de fazer porque o bairro ficava do lado, né?  <b>01'17'28 - 01'17'49</b> O Marco era, a gente considerava ele como um jornal alternativo. Então, não era só um jornal de só falar, habilidades, mas para aprofundar as questões da comunidade, ajudar a integrar a comunidade, apoiar a comunidade nas suas lutas.	<a href="https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNJiX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNJiX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link</a>
<b>SONORA: JOSÉ MILTON 15'01 - 15'15</b> O Marco é um dos jornais laboratórios mais antigos e premiados do Brasil, foi considerado por uma rede de doutorado na	<a href="https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link</a>

<p>USP como principal jornal laboratório do país.</p>	
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p>📄 paperboy-voiceover-extra-extra-read-...</p>
<p><b>LOC2:</b>  Na mesma época do Marco, outras produções experimentais também foram criadas e circulavam pela faculdade. Como o jornal O Outro, que tinha como objetivo publicar sobre tudo e se diferenciar do Marco  Já a revista Ordem/Des/Ordem, também estudantil, tinha um viés mais criativo, e publicava as indignações dos universitários sobre o regime militar.  Os ex-alunos Fernando Miranda, Glória Varella e Valdir de Castro nos ajudam, novamente, a entender mais sobre esses projetos.</p>	
<p><b>SONORA FERNANDO MIRANDA 06:04 - 06'36</b></p> <p>A gente imediatamente criou O Outro, que chamava... Eu não sei se você conseguiu encontrar algum exemplar desse boletim. Mas, ele é um jornalzinho que saía diariamente, chamava O Outro. Por quê? Saí o boletim oficial, e imediatamente saía O Outro. Imediatamente saiu outro, e questionava as coisas da escola, mas de forma até respeitosa.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1n7cTciDqHcDRSRKmlKn7wPB9wC3zq1y5/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1n7cTciDqHcDRSRKmlKn7wPB9wC3zq1y5/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA GLÓRIA MARIA VARELLA: 05'37 - 06'36</b></p> <p>Era um jornal oficial, bacana, inovador, experimental, mas era um jornal oficial. Então, nós criamos o outro. O outro era o maior barato, pelo seguinte, quem quisesse escrever, escrevia, mas já tinha que levar a matriz pronta, porque a gente não tinha quem fizesse o jornal. Então, às vezes, ele circulava com o mimeógrafo a álcool, às vezes, com o mimeógrafo a tinta, depende da matriz que a gente recebia. E o papel era doado pelos próprios alunos e, às vezes,</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1nrBMDWP9gJrkebaEVCLhfWACqduEOstV/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1nrBMDWP9gJrkebaEVCLhfWACqduEOstV/view?usp=drive_link</a></p>

<p>roubado. A gente chegou a fazer algumas incursões em algumas escolas, em algumas secretarias, para conseguir papel. Às vezes, pedíamos emprestado e depois pagávamos, às vezes, pedíamos emprestado e depois não pagávamos, tinha de tudo. O outro era simplesmente maravilhoso. Circulou durante um bom tempo.</p>	
<p><b>SONORA VALDIR DE CASTRO:</b> <b>00'15'06 - 00'15'42</b></p> <p>A gente ficava nesses estudos de comunicação e nós passamos a estudar muito a questão da teoria da informação, sobre a questão da entropia. Entropia era a desordem. A desordem era aquilo que vinha, aquilo que trazia o novo. Era a desordem que trazia o novo. E do novo que você vinha uma nova forma de comunicação. Então isso virou uma ordem desordem. Então era uma teoria baseada na teoria da informação, que foi o nome da revista.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/10aedef4ZW0WBTNjX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/10aedef4ZW0WBTNjX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1:</b> No ano seguinte, 1973, a FCA foi sede do primeiro congresso da Associação Brasileira de de Ensino e Pesquisa em Comunicação. E foi criado o Centro de Pesquisa em Comunicação Comunitária.</p>	
<p><b>LOC2:</b> O projeto atuou no Vale do Jequitinhonha, desenvolvendo ações de comunicação popular, com destaque para a cidade de Araçuaí, sede do campus avançado da Universidade na época do projeto Rondon, do governo federal. O ex aluno e jornalista Chico Pinheiro explica o que foi esse projeto.</p>	

**SONORA CHICO PINHEIRO: (áudio maior)**

0:14:22 Foi uma invenção dos militares, é a leitura que eu faço, com o objetivo de desmobilizar o movimento estudantil, que era muito forte, havia vários estudantes perseguidos pela ditadura, pessoal da UNE, né?. Teve muita gente presa e eles queriam desmobilizar. Como é que você faz para desmobilizar os estudantes? Você impede essa reflexão em grupo e esses núcleos que se formavam na universidade.

Como é que você faz isso?

0:15:00 Vamos levar, pensavam os estrategistas da ditadura, vamos levar essa galera para o interior do Brasil, para o mar, para regiões remotas, para eles terem contato com a realidade brasileira concreta e não com as teorias dos comunistas, da esquerda e tal.

0:17:34 Então nós fomos para lá e no fundo a gente tinha esperança de chegando lá...

Olha só, uma coisa meio Durango Kid, nós vamos chegar lá e vamos subverter esse projeto, nós vamos sabotar o projeto, nós vamos para lá para trabalhar com comunidades na área da comunicação, munidos aqui de teorias da esquerda, vamos de Paulo Freire em punho e vamos ajudar esses povos a fazer a revolução.

0:18:08 E com esse intuito de sabotagem do projeto Rondon, eu estou contando isso porque isso foi talvez a coisa mais importante que aconteceu no meu período da comunicação. Acabou que a gente chegou lá, trancamos matrícula e ficamos, não um mês, mas ficamos quase seis meses em Araçuaí.

LOC1:

Valdir de Castro e Ivone de Oliveira, ex-alunos da escola, nos dão mais detalhes sobre o Centro de Pesquisa em Comunicação Comunitária.

<p><b>SONORA VALDIR DE CASTRO:</b> <b>01'09'39 - 01'09'58</b></p> <p>O CEPEC passou a aglutinar tanto alunos quanto professores, que queriam estudar principalmente a questão da comunicação rural, a comunicação em comunidades e a comunicação com populações marginalizadas.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNjX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNjX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA IVONE 11'19 - 12'20</b></p> <p>Era um lugar que a gente discutia e a gente ia para as comunidades. A gente ou ia para Jequitinhonha, ou íamos aqui para perto, que é em Brumadinho, [...] a gente acreditava muito que a gente poderia mudar, transformar, quase que fazer uma revolução, tentar levar um conhecimento mais crítico para essas comunidades, uma visão mais crítica sobre a mídia. [...] A gente achava que aquilo era uma forma de a gente resistir ao regime. Porque acreditava em uma mudança.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1hsfUsrzguLuezp1XXTVULog0zo2P3Db2/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1hsfUsrzguLuezp1XXTVULog0zo2P3Db2/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA VALDIR DE CASTRO:</b> <b>00'07'50 - 00'08'41</b></p> <p>Então esse era o trabalho que a gente fazia na zona rural. E além do trabalho, a gente fazia pesquisa. Então nós fizemos uma pesquisa, chamava Incomunicação no Meio Rural. Ela foi coordenada pelo professor Fausto Neto, e nós fizemos o trabalho de campo. [...] E o resultado dessa pesquisa foi publicado e teve um impacto muito grande na América Latina toda. Porque todo mundo queria estudar comunicação. Então nós passamos a estudar a incomunicação no Vale de Jequitinhonha.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNjX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNjX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1:</b></p> <p>Você sabia que em 1973, Paulo Antônio Pereira, professor de cinema da FCA, teve a ideia de fazer com que a disciplina colaborasse com o esforço pedagógico, com</p>	

<p>a produção de filmes voltados a democratizar o ato criativo cinematográfico? Assim foi então produzido o Primeiro Festival de Cinema de Curtíssima Metragem na FCA, que durou até o ano de 2003.</p>	
<p><b>LOC2:</b> Três anos depois, em 1976, o comunicador Antônio Fausto Neto assumiu o cargo de diretor da FCA. Durante os difíceis anos da ditadura, tanto os diretores quanto os alunos, como Ana Maria Rodrigues de Oliveira e Valdir de Castro, sentiam-se amparados pela confiança do reitor Dom Serafim, como eles próprios relatam.</p>	
<p><b>SONORA ANA MARIA 05'38 - 05'59</b></p> <p>O Dom Serafim, numa edição de 50 anos da PUC, em 2008, o Dom Serafim, ele já é conhecido, ele admitiu que ele queria que a escola fosse isso, um lugar de bom ensino e também de luta pela redemocratização do país. Então, nós vivemos esse contexto.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA VALDIR DE CASTRO: 10'26 - 10'49</b></p> <p>E ele, de certa maneira, era uma espécie de pai protetor da gente. Ele, o diretor da faculdade, que era o Lélío Fabiano, também era paixão da gente, e ele também ficava segurando qualquer coisa que tivesse contra a gente, qualquer coisa ele fazia na intervenção.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNJiX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNJiX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1</b> Durante a década de 70 e o início dos anos 80, diversos outros trabalhos foram sendo instaurados, como a Rádio Intervalo, festivais de música, teatro, cinema e o Jornal comunitário, o Jornal Horta. Para o então estudante Chico Pinheiro, era um ambiente muito rico de cultura, de política, de vida, de teoria.</p>	
<p><b>SONORA CHICO PINHEIRO: (áudio maior) 0:13:30</b></p>	



<p>Foi na faculdade de comunicação que eu fui, pela primeira vez, ter contato, por exemplo, com os livros de Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido, Educação com Prática da Liberdade, comunicação ou extensão e a gente fazia leituras em grupo e refletindo sobre isso.</p>	
<p><b>SONORA DEDÉ: 00'13 - 00'21</b></p> <p>O ambiente ele era permeado por uma coisa da liberdade mesmo. [...]</p> <p><b>01'16 - 01'58</b></p> <p>E a escola era um espaço de realização de palestras, cursos, eventos, de cursos, por exemplo de teatro popular, seminários com pesquisadores da América Latina, Juan Bordenalli, Antonio Pasquali, que eram os nossos referentes, os nossos autores referentes. Paulo Freire não chegou a ir na escola, mas assim educadores e comunicadores que trabalhavam na perspectiva da educação libertadora do Paulo Freire, a gente conhecia, tinha contato direto, com esses movimentos, com essas pessoas.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/16HbY3vk3g9bFb96EEMHMOH5ic-pgFwAf/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/16HbY3vk3g9bFb96EEMHMOH5ic-pgFwAf/view?usp=drive_link</a></p> <p><a href="https://drive.google.com/file/d/1orz0DuXH RynRqEsSAOzgtRPmG7Grh27p/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1orz0DuXH RynRqEsSAOzgtRPmG7Grh27p/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA MOZAHIR SALOMÃO 19'32 - 20'09</b></p> <p>Os projetos, as ações, elas materializavam posturas políticas e posturas ideológicas. Isso é o que foi mais efervescente na Faculdade de Comunicação. E que eu torço muito para que a faculdade nunca perca essa efervescência. Porque ela é que é a formativa do aluno. O aluno vem aqui estudar jornalismo, ele vem estudar publicidade, mas a universidade tem que ser efervescente, e tem que ser um bom ninho, se permite dizer assim, para que aqui ele aprenda a ser um cidadão libertário, um profissional libertário, um profissional democrático, progressista.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1FM_j9L1fq9ypfw1I8YkVvR07ZEduQ6RD/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1FM_j9L1fq9ypfw1I8YkVvR07ZEduQ6RD/view?usp=drive_link</a></p>

<p><b>LOC2:</b>  Quem acabou de nos contar um pouquinho sobre os outros projetos da FCA criados naquele período foi a professora e aluna da época Maria Ângela Mattos e o ex-aluno e professor Mozahir Salomão. Agora, a Carmen Dulce Diniz Vieira, aluna da PUC na época do regime conta como a FCA era um amplo espaço de discussão política e social mesmo no contexto da ditadura, em um clima político de discriminação e violência contra liberdades individuais e culturais.</p>	
<p><b>SONORA CARMEN: 17'49 - 18'37</b></p> <p>Mais do que isso, era um clima em que todo mundo estava na mesma direção, que é isso que eu te falei, essa esperança de que a gente estava contribuindo para melhorar o Brasil, mesmo profissionalmente, a gente ia ser bons profissionais, sabe? Muito diferente da visão de hoje. A visão de hoje é assim, você forma o aluno para o mercado. Não, a gente ali estava querendo que o mercado é que fosse o que a gente queria, entendeu? Porque a gente estava saindo de um país extremamente fechado, atrasado, que foi o país da ditadura, para alguma coisa que a gente não sabia o que era que estava para ser feito. Estava para ser construído, então fomos nós lá fazer o que a gente achava que tinha que fazer.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1:</b> A Faculdade de Comunicação teve um papel fundamental como espaço de resistência durante a ditadura militar. Foi um verdadeiro ponto de articulação, especialmente na área da comunicação, onde estudantes e professores se uniram para enfrentar a repressão. O espírito de luta</p>	

daquela época marcou profundamente a história da instituição, e o mais curioso é que, talvez, uma faculdade como essa nem pudesse ser criada nos dias de hoje.	
<b>LOC 2:</b> Mas não foi só isso. A faculdade se tornou um verdadeiro guardião de memórias e histórias, um espaço onde a liberdade e a criatividade floresceram, mesmo sob ameaça constante. E isso é só o começo.	
	<b>Trilha do colab</b>
<b>LOC1:</b> Para ver outros conteúdos sobre “Memórias do FCA: vivências universitárias na ditadura” siga o perfil do Colab no instagram @ colabpucminas A série de podcasts “Memórias do FCA: vivências universitárias na ditadura” é o produto final do trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em jornalismo da PUC Minas	
<b>LOC2</b> Produção e entrevistas : Amanda Maciel, Eduarda Berigo e Hadassa Victoria Roteiro: Alícia Resende Teodoro, Amanda Amorim, Amanda Maciel, Eduarda Berigo e Hadassa Victoria. Locução:Amanda Maciel, Eduarda Berigo, e Getúlio Neuremberg Edição: Alícia Resende Teodoro e Amanda Amorim Orientação e coordenação: Professora Fernanda Nalon Sanglard	
<b>Episódio 2: “Resistência e criatividade como identidade da FCA”</b>	
	VINHETA COLABCAST

<p><b>LOC1</b> A criação da faculdade de comunicação foi um dos primeiros atos de resistência da Universidade Católica de Minas Gerais.</p>	
<p><b>LOC2</b> Característica presente não apenas na própria instituição, mas também entre seus funcionários, alunos e professores.</p>	
<p><b>SOBE SOM</b></p>	<p><b>Trilha sonora</b> <b>Wheel of Time - Spoq (0:13 - 0:19)</b> ■ <b>Wheel of Time - Spoq - Free Music ...</b></p>
<p><b>LOC1:</b> Olá, eu sou a Amanda Maciel.</p>	
<p><b>LOC2:</b> E eu sou Eduarda Berigo.</p>	
<p><b>LOC1:</b> Neste episódio revelaremos o caráter libertário e de resistência da faculdade, que não seguiu o padrão conservador da época.</p>	
<p><b>LOC2:</b> Então, sejam bem vindos ao podcast MEMÓRIAS DA FCA: vivências universitárias na ditadura. Episódio 2: Resistência e criatividade como identidade da FCA</p>	
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p><b>Som de bombas e guerra 0:00 - 0:05</b> ■ <b>Som de bombas e guerra</b></p>
<p><b>LOC1: (0'20)</b> Anos antes da ditadura militar, os estudantes universitários de Belo Horizonte e de diversas partes do Brasil já estavam se organizando em movimentos estudantis, culminando na criação da União Nacional dos Estudantes, a UNE, em 1938.</p>	
<p><b>LOC2: (0'20)</b> Nascida da mobilização estudantil em todo o país, tornou-se um elemento crucial na resistência contra o regime militar, articulando ações em defesa da liberdade de expressão e dos direitos civis, mesmo sob</p>	

<p>constante vigilância e perseguição por parte das autoridades.</p> <p>Lembra do José Milton Santos, um dos fundadores da escola, que foi apresentado no primeiro episódio? Aqui, ele nos explica como foi o movimento para a reestruturação do Encontro Nacional dos Estudantes.</p>	
<p><b>SONORA JOSÉ MILTON: 03'25 - 04'03</b> 74, começou o movimento de refundação da UNE, que tinha sido fechada pela ditadura. Então foi realizado o 1º ENE Encontro Nacional de Estudantes, o 2º N, o 3º N seria realizado em Belo Horizonte, na faculdade de Medicina da UFMG.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1gJRL1740a0zFt7AOPThdkKSAGVRBiE8H/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1gJRL1740a0zFt7AOPThdkKSAGVRBiE8H/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1:</b> Os alunos da comunicação da Universidade Católica, realizam junto com outros estudantes de todo país o primeiro Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação sediado em Goiânia. O Encontro, como ficou conhecido, foi o primeiro no âmbito nacional a acontecer depois do Ato Institucional número 5.</p> <p>O AI-5 deu início aos tempos mais sombrios da ditadura no Brasil. Foi o mais rígido entre os 17 atos institucionais.</p> <p>A partir do 1º ENE, diferentes categorias de estudantes começaram a realizar outros encontros. E o D.A da Comunicação conseguiu ajudar a reativar o movimento estudantil em toda a universidade católica, como ainda conta José Milton.</p>	
<p><b>SONORA JOSÉ MILTON 07'09 - 08'07</b> O segundo foi marcado para 1978, em Natal, no Rio Grande do Norte. Mas em Natal a polícia prendeu a comissão organizadora e não teve como ser realizado. Aí nós propusemos trazer pra cá e realizar aqui. O interlocutor nosso era o Gamaliel Herval, secretário Geral, e eu era coordenador do curso, chefe de departamento, ele me</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link</a></p>

<p>procurou e literalmente falou “seus meninos estão querendo fazer o segundo ENECOM aqui, mas a polícia federal está pressionando, não quer. [...]</p> <p>Eu falei a ele: Gamaliel, eu podia requisitar a universidade em meu nome ? e ele falou: pode . Fui até as máquinas de datilografia e fiz um ofício e requisitei, a universidade ficou sob minha responsabilidade nos dias do encontro.</p>	
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p><b>Rádio sintonizando 0:00 - 0:06</b>   50750__rutgermuller__radio-noise.wav</p>
<p><b>Loc Getúlio</b></p> <p>O II será diferente do primeiro, este "com sua postura de conchavos com o MEC e com as direções das escolas".</p> <p>O II ENECOM procurará funcionar como pólo aglutinador da luta contra as atuais condições de ensino, contra as medidas repressivas que se abatem sobre a Universidade e pela livre e independente organização e manifestação do setores oprimidos da população".</p> <p>Os temas indicativos para as teses de II ENECOM são: Situação do ensino e mercado de trabalho; Função dos meios de comunicação na sociedade brasileira; Representação, organização e manifestação</p> <p>Ao final, em letras maiores, os seguintes lemas:</p> <p><b>PELA REALIZAÇÃO DO II ENECOM  PELA NOSSA ORGANIZAÇÃO  INDEPENDENTE; e  PELA LIVRE ORGANIZAÇÃO,  MANIFESTAÇÃO E EXPRESSÃO</b></p>	<p><b>DOCUMENTO ENECOM</b>   <b>enecom 77.pdf</b></p>
<p><b>LOC2:</b></p> <p>Esses movimentos estudantis tiveram um papel vital na oposição à ditadura. A faculdade de comunicação foi um reduto</p>	

<p>importante nessa luta contra o regime militar.</p> <p>Estudantes da capital mineira participaram ativamente de manifestações, protestos e debates que desafiavam o autoritarismo e lutavam por direitos democráticos, enfrentando dura repressão, prisões e torturas.</p> <p>Entre eles, o Terceiro encontro nacional dos estudantes foi realizado, como conta José Milton Santos e os ex-alunos Francisco Meira e Ana Maria Rodrigues de Oliveira.</p>	
<p><b>SONORA JOSÉ MILTON: 04'37 - 05'31</b></p> <p>Tínhamos também os nossos olheiros na repressão e um deles nos avisou que às 5 hora da madrugada, seria todo mundo preso, lá na Faculdade de Medicina. Eu e mais uns dois colegas, fomos lá e avisamos,mas ninguém acreditou e quando deu 5hfoi todo mundo preso, colocados em ônibus e vieram pra gameleira. Dentre eles, a unidade que tinha mais estudantes presos era da FCA. Daqui foram 42 estudantes presos, mais do que qualquer outra unidade, entendendo por unidade faculdade ou instituto.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1gJRL1740a0zFt7AOPThdkKSAGVRBiE8H/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1gJRL1740a0zFt7AOPThdkKSAGVRBiE8H/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA FRANCISCO MEIRA 15'06 - 15'54</b></p> <p>Eles cercaram com a polícia, foram lá e prenderam todo mundo. Todo mundo que estava lá. Nesse dia, por exemplo, eu estava participando, mas não lá dentro. Eu tinha ficado acordado aquela noite, então eu vi a mobilização tentando, a gente tentou avisar, porque tem que lembrar também o seguinte, naquela época não tinha telefone celular, o telefone era tudo grampeado, ligar da PUC para alguém, não vai lá não, que a polícia está te esperando, a polícia lá prendia o cara e prendia você. Era tudo muito mais difícil. Então, por um acaso, eu não fui preso nesse dia.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1nO-EXFaaAqsLaWyOCMguRQyHrRO_UDot/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1nO-EXFaaAqsLaWyOCMguRQyHrRO_UDot/view?usp=drive_link</a></p>

<p><b>SONORA ANA MARIA OLIVEIRA</b> <b>09'06 - 09'50</b></p> <p>Eu e vários colegas, nós fomos presos, ficamos o dia inteiro no DOPS, ali na Avenida Afonso Penna, eu com várias colegas, eles queriam prender e manter no DOPS e também na exposição, onde é hoje o Expo Minas, havia um setor de exposição. As lideranças da UFMG foram todas mandadas para lá, e nós da Católica ficamos no DOPS. Eles queriam ouvir depoimentos das lideranças, o que eles pretendiam. Então, nós ficamos, eu e mais umas amigas, o dia inteirinho lá no DOPS, porque houve uma repressão geral.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1:</b></p> <p>Além disso, o diretor da faculdade, o Lélío Fabiano, foi chamado para depor no Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS, o mesmo órgão mencionado pela ex-aluna e professora aposentada da FCA Ana Maria Rodrigues de Oliveira. Este órgão era responsável pela repressão a quem era contrário ao regime, mas Lélío Fabiano não chegou a ser preso, como ele mesmo conta.</p>	
<p><b>SONORA LÉLIO FABIANO 27'55 - 28'24</b></p> <p>Me puseram numa sala, deixaram seis órgãos sentados e ouvindo instrumentos de tortura.</p> <p>Aqui no DOPS, na Afonso Pena. Eu falei, nossa mãe. Mas aí chegou uma hora, lá pra Faso, falava assim, ó, na hora que entrou um, falei, olha, eu sou diretor da faculdade, preciso abrir a escola.</p> <p>Falei isso, o cara, ah, então, vamos lá. Me levaram no chefe, falei, olha, eu sou diretor, a escola tá lá, eu tenho que tá lá. Deixaram eu ir.</p> <p><b>28'59 - 29'09</b></p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1kDbnKIRrwlCjYBp_d-L2oXJcMVhn3ZNx/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1kDbnKIRrwlCjYBp_d-L2oXJcMVhn3ZNx/view?usp=drive_link</a></p>

<p>Era uma época muito pesada, mas só que isso não nos deixava de que nós fizéssemos uma coisa aberta, livre, boa, prazerosa.</p>	
<p><b>LOC 2:</b> Após Lélío ser liberado, as lideranças da escola se reuniram para discutir como poderiam tentar ajudar na libertação dos alunos detidos. O próprio José Milton e as ex-alunas da FCA, Carmen Dulce Diniz Vieira e Ana Maria Rodrigues de Oliveira relembram esse processo.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA JOSÉ MILTON 09'26 - 09'45</b></p> <p>Uma das medidas que nós conseguimos foi que o Dom Serafim abrisse a Puc pra que os estudantes de Belo Horizonte pudessem se reunir aqui e aumentar a pressão pela libertação dos nossos alunos presos.</p>	
<p><b>SONORA CARMEN: 14'18 - 14'53</b></p> <p>O Lélío me contou isso, que ele chamou o Dom Serafim, que era o reitor da universidade. Ele falou com D.Serafim: você tem que fazer alguma coisa, são os nossos estudantes que estão lá, o D. Serafim entrou em contato com o Cisalpino, o Eduardo Cisalpino, que era o reitor da UFMG. O Eduardo Cisalpino não queria fazer nada. Aí eles foram no Aureliano Chaves, no governador, vocês não podem prender aquela meninada que está lá, são os filhos nossos e tal e tal.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MOCAXzB/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MOCAXzB/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA ANA MARIA OLIVEIRA 09'50 - 10'20</b></p> <p>Quem foi uma pessoa fundamental nesse dia foi o governador Aureliano Chaves. Já era, em 77, o presidente Ernesto Geisel, o general Ernesto Geisel . Então, o governador de Minas, que era muito respeitado pelo Geisel, ligou pro Geisel e falou assim, olha,</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link</a></p>

<p>se encostar a mão nos meus estudantes, eu renuncio agora. Uma coisa que é muito emocionante, quando eu me lembro, eu fico emocionada.</p>	
<p><b>SONORA CARMEN: 14'54 - 15'22</b></p> <p>Aí eles fizeram um acordo, então a polícia abriu espaço pra gente sair. Nós saímos de lá em ônibus da polícia, fomos lá pra gameleira, ali na gameleira perto da PUC, eles anotaram o nome de todo mundo, prenderam algumas lideranças, poucas, deixaram o resto das pessoas irem embora. E quem ficou preso ficou preso, sei lá, 24 horas, 48 horas, depois eles soltaram.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA ANA MARIA OLIVEIRA 10'33 - 11'00</b></p> <p>O governador Auréliano Chaves. Posteriormente, ele foi vice-presidente na chapa, na chapa não, na posição do general João Batista de Figueiredo. Ele não deixou que os militares da 4ª Divisão de Exército, que é sediada em Daunt, batessem na gente, molestassem a gente. Então, foi um dia assim, esse dia me marcou muito. Hoje, quando se fala em anistia, direitos humanos, eu me lembro diretamente do que nós vivenciamos.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC 1:</b> Os ex-alunos contam da atuação como estudantes, mas também como jornalistas. E o que faziam pra driblar a opressão, como foi o caso do ex-aluno Itamar de Oliveira.</p>	
<p><b>SONORA ITAMAR DE OLIVEIRA: 00'17 - 00'37</b></p> <p>Eu sou de uma geração que, de uma certa forma, eu já participava do movimento estudantil secundarista. Então, eu já tinha sido presidente da União Estudantil da minha cidade, eu participava da União</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1bBF5qIJOas4ecfqOHOKFA-c_32_umpKe/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1bBF5qIJOas4ecfqOHOKFA-c_32_umpKe/view?usp=drive_link</a></p>

<p>Colegial de Minas Gerais. Então, quando eu cheguei para a universidade, eu já tinha bastante consciência política.</p> <p><b>07'59 - 08'06</b></p> <p>Eu comecei a trabalhar, então eu cobria desses movimentos todos, então eu já cobria, eu não ia como militante nem como nada. Eu ia como repórter.</p> <p><b>11'34 - 11'44</b></p> <p>Só que eu cheguei lá, a hora que eu vi o curso, a minha satisfação foi muito grande, porque eu já era jornalista, já tinha trabalhado em rádio, jornal, já tinha uma história de jornalista.</p> <p><b>16'52 - 17'15</b></p> <p>Então eu estava em tudo que a ditadura não gostava. Eu estava vinculado à igreja progressista, depois aos sindicatos, que eram lugares de resistência, e à faculdade, onde ninguém aceitava a ditadura. Então eu estava nesses três universos que formam quase a consciência de um todo.</p>	
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p>Som de protesto</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>■ protest02-22345 (1).mp3</li> <li>■ 20150620_bratislava_protest_01-527...</li> <li>■ 71462__noisecollector__protest_cro...</li> </ul>
<p><b>LOC1:</b></p> <p>Durante a ditadura militar, o movimento estudantil, liderado pela União Nacional dos Estudantes, a UNE, contou com a ativa participação dos Diretórios Centrais dos Estudantes nas universidades. Os chamados DCEs organizaram protestos, assembleias e campanhas, desafiando a repressão estatal e mobilizando alunos em atos de resistência. Eles foram fundamentais para articular a oposição ao regime, promovendo conscientização política e defendendo os</p>	

<p>direitos civis e a democracia, mesmo sob risco de prisão e perseguição, como mostram Carmen Dulce Diniz Vieira e Francisco Meira.</p>	
<p><b>SONORA CARMEN: 09'08 - 10'42</b></p> <p>E eu me lembro que a gente varava a noite rodando jornalzinho no mimeógrafo do centro acadêmico. Aquele mime, vocês nem sabem o que é isso, né? É mimeógrafo, é uma bola redonda com uma tinta de um lado e você põe o álcool, né? E aquele negócio tinha que ficar rodando aquela manivela, entendeu? A gente ficava até duas horas da manhã rodando a manivela, né? Porque o curso só existia à noite. Então, assim, você me pergunta se eu me envolvia no curso, eu chegava lá 11 horas da manhã e saía 2 da manhã. Passava o dia inteiro na universidade. E o dia inteiro você estava discutindo política, você estava rodando jornalzinho, você estava passando nas salas para chamar as pessoas. A gente fazia assembleias com todos os alunos para decidir as coisas. O curso ainda era um curso pequeno. Assim, 60%, 70% dos alunos compareciam nas assembleias. Então era realmente aquilo que a gente imunizou uma experiência democrática. [...] Olha, nós vamos fazer lá no DCE hoje uma assembleia para discutir X ou Y, estamos convidando todo mundo. É claro que muita gente não ia, mas todo mundo tomava conhecimento. Então era tudo muito quase que puro, cheio de energia, cheio de boas ideias, porque a gente vivia um momento de boom dentro do país.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA FRANCISCO MEIRA: 13'33 - 14'06</b></p> <p>A gente também conviveu com pessoas que tinham sido machucadas, torturadas, sido presas e mantidas incomunicáveis, ou que tiveram parentes que foram mortos pela ditadura, mortos em circunstâncias covardes, porque já estavam presos e foram mortos por conta de tortura. E a gente tomava conhecimento dessas histórias e se revoltava</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1nQ-EXFaaAqsLaWyQCMguROyHrRO_UDot/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1nQ-EXFaaAqsLaWyQCMguROyHrRO_UDot/view?usp=drive_link</a></p>

<p>muito.</p> <p><b>25'17 - 25'27</b> Eu nasci em Diamantina. Eu morei em Diamantina até os 17 anos. Então, em 64, eu tinha 11 anos de idade.</p> <p><b>26'20 -27'00</b> Um dos caras que ajudaram a deflagrar esse movimento, o general Olímpio Mourão Filho, é diamantinense, e, por acaso, é irmão da minha bisavó. Então, ele é meu tio bisavô. E eu sabia que ele era doido. Eu conheci o cara. Entendeu? Então, no meu caso pessoal, a consciência da maluquice, da doideira, do que era esse golpe militar, com 11 anos de idade, eu já tinha caído a ficha.</p> <p><b>14'07 - 14'29</b> Então, isso tudo não era só porque a gente gostava de política, é porque a gente tinha uma noção de que era preciso fazer isso. Essa era uma espécie de missão de tentar tentar ajudar a levar o país de volta para um processo democrático, para a normalidade democrática.</p>	
<p><b>LOC2:</b> As participações no movimento estudantil, em outros movimentos políticos ou em atos de protesto, resultaram infelizmente na prisão de estudantes e docentes. Isso é pontuado quando José Milton relembra a própria trajetória.</p>	
<p><b>SONORA JOSÉ MILTON: 11'23 - 12'00</b></p> <p>Eu comecei minha militância política em 1961. Então em 71 eu já tinha 10 anos de militância. Já tinha respondido a dois inquéritos policiais militares antes do golpe de 64.</p> <p>Um em outubro de 63 e outro em fevereiro de 64. Então eu já tinha uma tradição de luta e cheguei a ser considerado durante um bom</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgiVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link</a></p>

<p>tempo como o coordenador das esquerdas em MG, no movimento estudantil. Isso era assim que a polícia se referia a mim.</p>	
<p><b>LOC1:</b> Diferentemente de outras universidades, a PUC Minas não era apenas um lugar de discussões críticas sobre a situação política do país, mas também um local de acolhimento e apoio para os docentes e alunos. O então reitor D. Serafim Fernandes de Araújo, abriu as portas da faculdade para diversos professores que eram proibidos de lecionar, mesmo que fossem concursados nas universidades de origem, como lembrou a atual ministra do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral, Cármen Lúcia, em um evento na PUC Minas, no dia 16 de setembro de 2024.</p>	
<p><b>SONORA MINISTRA CÁRMEN LÚCIA: 00'03 - 00'49</b></p> <p>Naquela ocasião, muitos professores de direito, porque todo ditador faz isso, rasga a constituição, prende o juiz e mata o professor de direito constitucional em geral. Nós chegamos aqui nesta faculdade como estudantes sendo que a puc recebeu os professores que eram proibidos de dar aula mesmo concursados na Universidade Federal. Então o reitor Dom Serafim nos recebeu dizendo: “Nós temos o compromisso de abraçar todos os que podem contribuir para formação dos senhores, vocês estudantes receberam o melhor, e não para se contrapor a outra faculdade, mas porque este é o espaço no qual cabe todo mundo, o mais diferente. 50 anos depois a PUC é isso, um espaço democrático no qual cabe todo mundo.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1PJVxf0HV9HzULC1o6hRl45_m5wqONfb6/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1PJVxf0HV9HzULC1o6hRl45_m5wqONfb6/view?usp=drive_link</a></p>

<p><b>LOC 2:</b> Ivone de Lourdes, Maria Ângela Mattos e José Milton complementam a fala da ministra Cármen Lúcia.</p>	
<p><b>SONORA IVONE DE LOURDES: 09'46 - 10'00</b></p> <p>Eu tenho quase certeza que ninguém foi afastado da Faculdade de Comunicação por causa do regime. Porque lá, para mim, ali era um reduto mesmo democrático da liberdade.</p> <p><b>06'37 - 07'21</b></p> <p>Todos os professores, eles traziam informações, leituras e teorias que levavam a gente a perceber a sociedade de uma outra forma. Foi lá na faculdade que eu percebi, eu já falei anteriormente, o que é a sociedade, qual era o jogo político, o que era ser uma pessoa de esquerda, o que era ser uma pessoa de direita. Então assim, a gente vivia um pouco com apreensão, mas lá dentro nós tínhamos total liberdade e a gente sabia das coisas.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1hsfUstrzguLuezp1XXTVULOg0zo2P3Db2/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1hsfUstrzguLuezp1XXTVULOg0zo2P3Db2/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA DEDE: 00'05 - 00'54</b></p> <p>Tínhamos grande parte dos professores, claro que não todos né, que usava uma metodologia de ensino mais horizontal e dialógica, então nossas aulas eram verdadeiros espaços de discussão, de provocação, debate, reflexão crítica, éramos provocados a pensar criticamente sobre a situação do país e também espaços de inovação, de buscar uma comunicação popular, uma comunicação comunitária e alternativa e que foi muito marcante nesse período, até meados de 80.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1Dg3raYVQ8euxvyITS_2voos29G753UOG/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1Dg3raYVQ8euxvyITS_2voos29G753UOG/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA JOSÉ MILTON: 04'16 - 04'53</b></p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgjVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgjVTeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link</a></p>

<p>Era uma relação de muita horizontalidade, até porque o método adotado foi um método baseado na psicologia social norte americana, do Carl Rogers, e o método se chamava “o ensino centrado”, então os alunos eram o centro. Não havia nível de hierarquia entre direção, professores e alunos. Ninguém chamava ninguém de senhor.</p>	
<p><b>LOC1:</b> A empatia prevalecia entre professor e aluno, e isso fazia com que todos se colocassem no lugar do outro. Uma solidariedade não apenas no sentido acadêmico, mas também nas questões pessoais e familiares, como recorda Carmen Dulce Diniz Vieira, Maria Ângela Mattos e Glória Maria Varella.</p>	
<p><b>SONORA CARMEN: 16’40 - 17’37</b></p> <p>E eu me lembro muito bem que eu fiz um acordo com o professor de fotografia, o Juan, ele é um peruã, eu falei com ele assim, Juan, deixa eu falar com você, eu não vou ser jornalista, eu sou acadêmica, eu tô interessada em fazer política, eu não quero aprender a fotografar. Você me passa? Eu passo. Eu nunca pus o pé na aula de fotografia. [...] A gente tinha um diálogo muito franco com as pessoas, mas em nenhum momento a gente tirava autoridade dos professores, pelo contrário, a gente precisava dos professores pra direcionar a gente, pra onde a gente ia.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA DEDE: 00’13 - 00’57</b></p> <p>A gente saía não só dentro da escola, para barzinhos para comemorar e festejar, acampamentos, então tinha uma relação</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/13pVngzbnrOdfCVygT-7eTfF16FWXLpIN/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/13pVngzbnrOdfCVygT-7eTfF16FWXLpIN/view?usp=drive_link</a></p>

<p>aberta de muita amizade, ultrapassa aquela relação formal de professor e aluno, era uma coisa, né, de comunidade, a gente pertencia aquela comunidade que era um momento diferente do que a gente vive hoje.</p>	
<p><b>SONORA GLÓRIA VARELLA: 07'01 - 07'24</b></p> <p>Tinha, claro, alguns professores que a gente gostava mais, que a gente, assim, era mais formais, um pouquinho mais formais. Os formais não deram certo na faculdade. Pelo menos, nos primeiros três anos, quatro anos, os professores formais não deram certo na faculdade. Era uma relação de amizade mesmo.</p> <p><b>08'22 - 08'57</b></p> <p>Por exemplo, tinha um problema na escola. Como é que nós vamos resolver esse problema? Vamos organizar um acampamento. Os acampamentos eram feitos geralmente no sítio do Eduardo Filizola, que era da minha turma. Eduardo era da turma de publicidade. Ele estava casado com a Lúcia, aquela colega de turma nossa também. Então, a gente ia para o sítio do Eduardo, o professor, o pessoal da secretaria da escola, alunos. Então, ali a gente acampava, a gente acendia uma fogueira, tomava uma cerveja, tocava violão, cantava, discutíamos o problema e resolvíamos o problema.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1nrBMDWP9gJrkebaEVCLhfWACqduEOstV/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1nrBMDWP9gJrkebaEVCLhfWACqduEOstV/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC2:</b></p> <p>Enquanto professores e estudantes se envolviam em movimentos contrários ao autoritarismo, promovendo debates e atividades desafiadoras, a instituição era alvo de vigilância e intervenção do governo, de acordo com Chico Pinheiro, Maria Ângela Mattos e a Ana Maria de Oliveira.</p>	

<p><b>SONORA CHICO PINHEIRO (áudio maior)</b>  <b>0:34:58</b></p> <p>A cada turma nova que entrava na faculdade, a cada pessoa que entrava lá, a gente ficava cismado porque havia infiltração de agentes do regime, pessoal do DOPS, de dedos duros que iam pra lá pra pegar a gente, e havia um clima de terrorismo mesmo no meio estudantil. De vez em quando você tinha informação de alguém que foi detido, que não aparecia mais em sala de aula.</p>	
<p><b>SONORA MARIA ÂNGELA (DEDE):</b>  <b>01'11 - 01'48</b></p> <p>A gente tinha muito medo porque havia militares camuflados, civis que participavam das aulas e ficavam ouvindo o que a gente discutia. Mas a gente era muito esperto porque a gente conseguia localizar essas pessoas que estavam ali para poder dedurar, pra poder realmente, fazer alguma coisa contra a universidade e sobretudo contra a faculdade de comunicação.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/16HbY3vk3g9bFb96EEMHMOH5ic-pgFwAf/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/16HbY3vk3g9bFb96EEMHMOH5ic-pgFwAf/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA ANA MARIA: 07'10 - 07'46</b></p> <p>Era um período de muito cuidado para se falar as coisas, para dar opinião, porque havia muitos casos de agentes da ditadura que entregaram estudantes posteriormente. Então, nós tínhamos esse temor também. Os professores também, mas a PUC, que foi interessante, ela deu muita força para essa luta pela redemocratização. O reitor tinha muito claro isso para ele. Então foi muito interessante esse apoio.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1gwY2zCaDXz7U9DADmPguNlvknXqsmRKE/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC 1:</b> O José Milton Santos também conta um pouquinho desse momento.</p>	
<p><b>SONORA JOSÉ MILTON: 10'26 - 11'12</b></p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgjV">https://drive.google.com/file/d/1oXuDZgjV</a></p>

<p>Uma estudante de história que era casada com um policial, ela nos avisou “lá em casa estão 4 policiais que estão aqui com objetivo de vigiá-los. [...] Ela deu os nomes, deu as características e nós conseguimos identificar esses policiais infiltrados em nossas reuniões. A hora que eles chegavam a gente parava de discutir política e começava a discutir futebol e outras coisas.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/TeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link">TeGKIVD2AbJVXOciLBqmxESU/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p>Sala de aula</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>■ classroom-32941.mp3</li> <li>■ classroom-background-54177.mp3</li> <li>■ classroom-sounds-98343.mp3</li> <li>■ 030264_classroom-ambience-69656....</li> </ul>
<p><b>LOC1</b></p> <p>Os alunos enfrentavam outra situação que intensificava o clima em meio aos debates sobre liberdade e resistência ao regime: ter uma disciplina com um Coronel da Polícia Militar. Quem conta essa parte da história é o Paulo Bernardo Ferreira Vaz, escuta só.</p>	
<p><b>SONORA PAULO BERNARDO: 00’07 - 01’19</b></p> <p>Eu vou dar um exemplo, assim, de um professor que foi contratado para dar a disciplina “Educação moral e cívica”, [...] era Coronel da polícia militar, ele apareceu na nossa sala e não nos atemorizava. Era uma figura baixa, gordinho e com vozeirão, nos tratando de uma maneira simpática. [...] Nós nunca desenvolvemos na teoria da conspiração que o coronel veio para nos vigiar.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1SK-vxetIrRkzZN3-EdfnPDB117s9qBH/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1SK-vxetIrRkzZN3-EdfnPDB117s9qBH/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>Loc 2:</b> O coronel era uma figura que não causava medo mas ao mesmo tempo ninguém o contrariava como comentam os</p>	

<p>ex-alunos Carmen Dulce Diniz Vieira e Francisco Meira .</p>	
<p><b>SONORA CARMEN : 22'00 - 23'02</b></p> <p>O que ele percebeu, eu acho, ele percebeu que a gente tinha aquele bando de meninos cheio de ideologia e tal, que ele não ia, não queria casa com ninguém. Então a gente tinha que ir lá, a gente tinha que fazer um trabalho pra ele e ele dava nota. E aí o pessoal chamava ele de cocô, coronel, cocô, ele achava mó graça, encontrava com todo mundo no corredor, batia papo, eu no fim tinha medo dele. [...]</p> <p>Ele pediu um trabalho sobre a situação do Brasil, a gente escrevia que o Brasil era lindo, maravilhoso, só que ele passava por todo mundo.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1tFUBi-5XruEYrwlwdgY5kV7S9MQCAxzB/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>SONORA FRANCISCO MEIRA: 18'54 - 19'06</b></p> <p>E a gente ficava lá sentado olhando pra cara dele. Ninguém discutia com o cara, ninguém falava nada. Ele fazia chamada, todo mundo calado. Ele dava a aula dele e ia embora. Nós íamos embora também. Era uma espécie, assim, de pacto.</p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/1nQ-EXFaaAqsLaWyQCMguRQyHrRO_UDot/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1nQ-EXFaaAqsLaWyQCMguRQyHrRO_UDot/view?usp=drive_link</a></p>
<p><b>LOC1:</b></p> <p>Naquela época ou você estava do lado da ditadura ou você estava contra a ditadura, é o que narra Valdir de Castro. Não tinha meio caminho e algumas pessoas vivenciaram experiências muito duras com a repressão. A escola era muita inquietação, tanto no sentido de manifestar contra a ditadura militar quanto pensar a comunicação de um ponto de vista diferente do que se pensava.</p>	
<p><b>SONORA VALDIR DE CASTRO: 01'26 - 02'23</b></p>	<p><a href="https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNjX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/10aedf4ZW0WBTNjX6tMfgqcfUafiqHPs/view?usp=drive_link</a></p>

Naquela época, o Brasil estava passando de uma condição agrária para uma condição urbana. [...] E era uma preocupação, não só no Brasil, mas na América Latina toda, a questão da comunicação rural, como fazer comunicação rural? como levar o desenvolvimento para a população rural? a população além de pobre, carente de informação e não havia nenhum programa dirigido à população rural.

**02'59 - 05'17**

Nós passamos a desenvolver pesquisas nesta área e a Universidade Federal de Lavras, pudessem atuar no Vale do Jequitinhonha, em Araçuaí, que era na época, veja bem, estou falando dessa época, era considerado pela ONU como uma das regiões mais subdesenvolvidas do mundo.

Então, é uma pobreza, uma miséria danada. E eu, juntamente com, na época, o professor José Milton, vários outros alunos, Chico Pinheiro, nós encampamos esse projeto através de um órgão que nós criamos, chamava CEPEC. [...] E a partir daí nós começamos a viajar todo mês para o Vale do Jequitinhonha. E nós íamos lá para trabalhar com as pessoas. [...] Aí a gente trabalhava com rádios, dava curso de rádio, curso de jornal.

**11'14 - 11'22**

Então também, ali, junto com os outros estudantes, a gente estava sempre fazendo manifestações contra a ditadura militar.

**21'22 - 21'31**

O Vale do Jequitinhonha é o que mais me marcou, embora não tenha sido só ele, mas me marcou assim como marcou muitos alunos.

<p><b>22'41 - 23'34</b></p> <p>Todo mundo gostava desse trabalho, tinha admiração. Todo mês você mandava uma equipe nova, iam de 5 a 10 alunos de comunicação, cada um ia, fazia um projeto, desenvolvia o projeto, voltava, no mês seguinte ia novamente. E eu era da coordenação permanente desse trabalho.</p> <p><b>51'22 - 52'03</b></p> <p>Veja bem, tudo quanto era manifestação contra a ditadura, eu estava junto. [...] Mas eu militava, militava também junto com eles, mas a minha grande militância era no Vale de Jequitinhonha.</p>	
<p><b>LOC2</b></p> <p>Os estudantes se juntavam e desenvolviam projetos no Vale do Jequitinhonha, cada um atuando em uma área, tudo para melhorar a vida daquele povo. E o ex aluno Chico Pinheiro, participou de perto dessa interação.</p>	
<p><b>SONORA CHICO PINHEIRO:</b></p> <p><b>0:20:10</b></p> <p>Mas nós da comunicação, a gente acabava participando desse projeto da medicina e da enfermagem, por exemplo, porque a gente começava a fazer uma pesquisa para a gente entender a realidade dessas pessoas, a cultura em que elas estavam imersas, e para que pudesse trabalhar com essas pessoas, para que a medicina, quando chegasse, já tivesse um conhecimento de quem é quem, quem são as lideranças, o que eles fazem, o que eles pensam, por que existe esse problema de saúde lá. Enfim, a gente interagia com todas as áreas do conhecimento. E a gente foi com a intenção disso, de fazer mesmo. A gente era muito jovem, muito idealista, muito maluco. A gente sabia que a gente ia fazer uma grande revolução.</p>	

<p><b>RECURSO SONORO</b></p>	<p>Ponteiro do relógio</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>📁 clock-noise-188047.mp3</li> <li>📁 clock-ticking-natural-room-verb-172...</li> <li>📁 clock-ticking-sound-effect-240503.mp3</li> <li>📁 ticking-clock_1-27477.mp3</li> </ul>
<p><b>LOC2:</b> A memória, o testemunho e as histórias de vida dos que vivenciaram aquele período se tornaram fundamentais para entender o impacto dessas ações sobre a comunidade acadêmica e para preservar a verdade histórica.</p>	
<p><b>LOC1:</b> A memória coletiva alimentou e foi alimentada pelas lembranças individuais de professores, estudantes e funcionários que viveram sob o medo constante de perseguição.</p>	
<p><b>LOC2:</b> Os testemunhos daqueles que sofreram diretamente as consequências da repressão são vitais para o entendimento desse período sombrio.</p>	
<p><b>LOC1</b> E a história de vida dos que resistiram à repressão na FCA de alguma forma é uma narrativa de coragem e resiliência. E o ex-aluno e jornalista Chico Pinheiro é um exemplo. Ele sugeriu que a sua turma convidasse o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, baita guerreiro contra a ditadura, para ser o paraninfo desta turma.</p>	
<p><b>SONORA CHICO PINHEIRO: (áudio maior)</b> 0:39:30A melhor coisa para a nossa formatura era Dom Paulo. Aí eu fui escrever uma carta para ele, eu mesmo, né? Dizendo a minha profunda decepção de, enquanto a gente estava com o país silenciado pela censura e pela repressão, não ter a voz dele</p>	

dentro de uma universidade que era, por definição, universidade católica. Então, eu dei uma cutucada nele.

0:39:58de não ter um bispo dessa importância e dessa energia do senhor não vir aqui e tal. E pedi uma audiência. Ele concedeu, eu peguei um ônibus aí, mais uma ou dois colegas, que eu não me lembro exatamente de quem, a gente veio, chegamos aqui em São Paulo de manhã, passamos o dia aí pela rua de São Paulo, tivemos a reunião com ele à tarde, e à noite tomamos um ônibus e voltamos para Belo Horizonte. Duas noites dormindo em ônibus.

0:40:33Com o Dom Paulo, eu falei, Dom Paulo, nós não podemos falar, a gente vai se transformar em jornalismo e a gente não pode falar, a censura não deixa. Agora o senhor é a grande voz. E acabou que desafiado, ele aceitou. e Dom Paulo foi para a formatura, aí na PUC, no auditório, e naturalmente isso atraiu atenção de toda a imprensa nacional.

0:41:06O Dom Paulo, onde pisava, era referência e a gente sabia que ele ia fazer um discurso forte. Eu me lembro que no dia não só os alunos e pais de alunos e parentes, mas jornalistas de todos os veículos da Veja, da Isto É, do Globo, do Jornal do Brasil...

LOC1:

Mozahir Salomão Bruck, ex-aluno e atualmente professor da FCA reflete sobre a condição que se dá uma memória, seja ela na maior lucidez possível.

**SONORA MOZAHIR SALOMÃO: 25'42 - 26'27**

**26'49 - 27'05**

Para mim o mais importante do acionamento dessa memória, não uma memória moral, mas uma memória reflexiva, é você aprender, dizer isso parece coisa de ciência comum, mas não é, é você aprender com o percurso histórico.

**32'26 - 33'56**

Então, por que a memória é assim? É porque nós nos lembramos das coisas a partir do ponto de vista que a gente, naquele determinado momento, compreendeu determinado fato histórico. Sobre isso, então, tentando ser bem sucinto, a sua pergunta é complicada de responder, mas eu gostaria de falar por três pontos. [...] Um, a gente não pode esquecer que o passado nunca está concluído. O passado nunca está concluído. Vai passar daqui a dez, doze anos, você vai descobrir alguma coisa que acontecia aqui em Belo Horizonte em relação à ditadura que ninguém nunca soube. Então o passado nunca está concluído. E até porque muitas vezes as coisas são silenciamento e apagamento. Algumas coisas são apagadas porque você quer que elas sejam esquecidas. Elas são silenciadas ou apagadas.

**LOC 2**

Com o auxílio das reflexões do professor Mozahir, que também é secretário de comunicação da PUC Minas, fica mais fácil compreender a importância dos relatos coletados para este podcast.

Afinal, de acordo com o professor, um segundo aspecto importante é que a memória é construída também a partir das narrativas,

[https://drive.google.com/file/d/1FM\\_j9L1fq9ypfw1I8YkVvR07ZEduQ6RD/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1FM_j9L1fq9ypfw1I8YkVvR07ZEduQ6RD/view?usp=drive_link)

<p>de disputas e de negociação. E a narrativa construída por nós neste podcast pode ajudar a preservar algumas memórias sobre as vivências da FCA na ditadura.</p>	
<p><b>SONORA MOZAHIR SALOMÃO: 25'42 - 26'27</b></p> <p><b>37'06 - 37'38</b> A memória também é negociada, ela não se resolve só com disputa não. Quando ela tem pela frente processos de disputa, geralmente ela fica em aberto, ela não fecha, como é o caso da ditadura.</p> <p><b>37'40 - 38'53</b> E a terceira questão, que eu acho que talvez em termos da memória do passado brasileiro, recente, tão recente, que é recente, se você pensar historicamente, nós estamos falando de 60 anos, nós estamos falando de 60 anos, exatamente agora, em 2024. O que para mim também é mais importante é a função da testemunha dos que vivenciaram, do que sofreram. É preciso testemunhar. [...] É preciso falar sobre, você tem que falar sobre. Não se pode silenciar sobre isso. Não se pode permitir que tudo o que ocorreu caia no esquecimento. Essa é a ideia principal. A memória é alimentada por vetorizações narrativas que vão até o passado e trazem para o presente aquilo que aconteceu para que a gente possa iluminar o presente e o futuro.</p>	
<p><b>LOC1</b> Entre tantas lembranças, a palavra “Coragem” marcou imensamente a memória do ex aluno Chico Pinheiro.</p>	
<p><b>SONORA CHICO PINHEIRO: (áudio menor)</b> 0:04:34 Por várias vezes estive com Dom Paulo, entrevistei Dom Paulo, e ele sempre que me</p>	

cumprimentava me chamava de afiliado e dizia coragem, coragem. E eu fazendo Bom Dia Brasil toda segunda-feira eu falava coragem que hoje é segunda-feira. As pessoas achavam que a gente tinha preguiça de trabalhar, não, era uma homenagem a Dom Paulo, pelas palavras de coragem.

0:05:48

A gente, quando chegava nas redações, fazia a diferença. Ter estudado na CUCA, a gente chamava de CUCA, né? Comunicação da Universidade Católica. Todo mundo que vinha da CUCA vinha quente, vinha sabendo de muita coisa.

**Loc: 1**

A memória não é apenas um tipo de recordação; é um ato de resistência. Durante os períodos sombrios ditatoriais, em que a verdade é frequentemente manipulada e silenciada, lembrar é um ato de coragem.

As experiências das vítimas da repressão nos ensinam sobre a importância de preservar a verdade. Através da memória coletiva, construímos um legado que desafia o esquecimento. Testemunhos e relatos são essenciais para que as novas gerações compreendam a luta pela liberdade.

price-of-freedom-33106.mp3

**Loc 2**

O jornalismo desempenha um papel fundamental nesse processo. Ao documentar fatos, coletar testemunhos, valorizar memórias e investigar o que está oculto, os jornalistas ajudam a construir uma narrativa que preserva a história. Conteúdos que revelam as vivências e os horrores no

[https://drive.google.com/file/d/1Leot4pHWFiwawdaF13g-WG\\_268xCptLX/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/1Leot4pHWFiwawdaF13g-WG_268xCptLX/view?usp=drivesdk)

<p>período da ditadura não apenas informam, mas também garantem contextualização e que essas experiências não sejam esquecidas.</p> <p>A combinação entre memória e jornalismo nos permite refletir sobre o passado e suas implicações na atualidade. Compreender a ditadura é essencial para evitar que erros semelhantes se repitam. Ao valorizar esses testemunhos, asseguramos que as vozes dos que desafiaram o regime sejam ouvidas e que a luta pela justiça, pela memória e pela verdade continue viva. Que possamos sempre lembrar e aprender com a história, para que nunca mais sejamos coniventes ou omissos diante da opressão.</p>	
<p><b>Loc1</b></p> <p>Este podcast é uma homenagem a todos os professores, funcionários e alunos que ajudaram a construir a Faculdade de Comunicação e Artes. Os testemunhos foram fundamentais para a construção da memória coletiva acerca das vivências acadêmicas na FCA, em plena repressão.</p>	
<p><b>Loc 2</b></p> <p>Para acompanhar outros conteúdos sobre “Memórias do FCA: vivências universitárias na ditadura” siga o perfil do Colab no instagram @ colabpucminas</p>	
<p><b>Loc2</b></p> <p>A série de podcasts “Memórias do FCA: vivências universitárias na ditadura” é o produto final do trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em jornalismo da PUC Minas</p> <p>Produção e entrevistas : Amanda Maciel, Eduarda Berigo e Hadassa Victoria Roteiro: Alícia Resende Teodoro, Amanda Amorim, Amanda Maciel, Eduarda Berigo e</p>	

Hadassa Victoria. Locução: Amanda Maciel, Eduarda Berigo, e Getúlio Neuremberg Edição: Alícia Resende Teodoro e Amanda Amorim Orientação e coordenação: Professora Fernanda Nalon Sanglard	
--	--

#### Apêndice D - Transcrição das entrevistas com as fontes

### **AMÉRICO ANTUNES**

Então, quanto à minha experiência enquanto diretor do DCE no regime militar, na verdade o movimento estudantil ressurgiu com força, com mais vigor a partir de 1977. E no caso das escolas particulares, como era a católica, atual PUC, na verdade o que levou a uma grande mobilização inicialmente foi a questão das mensalidades, dos preços das mensalidades.

A gente vivia um momento de inflação galopante no país e os reajustes de mensalidade afligiam não só os estudantes, mas sobretudo as suas famílias. Então as primeiras mobilizações na Católica tiveram como eixo a questão exatamente do aumento, da luta contra o aumento do preço das mensalidades. E fazíamos assembleias, mobilizações e, sobretudo, boicote.

Fazíamos campanha pelo não pagamento das mensalidades, forçando com que a reitoria negociasse conosco e desse descontos, ou seja, não reajustar os preços no ritmo da inflação. No caso da Católica, e no meu caso em particular, esse movimento, a gente assumiu o DCE em 1978 e assumimos no momento onde o movimento estudantil já tinha uma pujança maior na sociedade, crescia o movimento pela anistia, a luta política contra o regime militar, e a nossa experiência foi muito calcada, tanto nessas lutas econômicas, né, vividas pela universidade, com a questão das mensalidades e condições de ensino, quanto também pela luta política, que se travava no conjunto da sociedade, pelas liberdades democráticas. Um fato marcante nesse período foi em 1977, quando se realizava em Belo Horizonte o Encontro Nacional dos Estudantes com vistas à reconstrução da União Nacional dos Estudantes, a UNE, que havia sido proscrita pelo regime militar nos anos 60. Então, fizemos aqui em Belo

Horizonte, na escola de medicina da UFMG, ali na Alfredo Balena, a ideia era realizarmos um grande encontro de reconstrução da UNE, mas ele foi duramente reprimido pela ditadura militar, os colegas que vinham de outros estados foram presos ao chegarem a BH, nas rodovias, e nós que estávamos dentro da escola de medicina em vigília para garantir a realização do encontro, acabamos cercados pela polícia militar e de lá fomos levados para sermos fichados na Gameleira. Mais de 800 estudantes foram presos naquela oportunidade. Esse movimento do Terceiro ENE acabou sendo um marco mesmo na história da luta estudantil não só em Belo Horizonte, mas de modo geral no Brasil como um todo, porque ele inicia uma escalada que vai culminar em 1979, aí efetivamente no congresso em Salvador, na reconstrução da UNE. Então o segundo fato marcante na minha gestão foi exatamente essa, a nossa mobilização para a reconstrução da UNE, o movimento que organizamos as escolas com a eleição de delegados na engenharia, na economia, na comunicação, enfim, todos os cursos da universidade, elegendo delegados para irmos para Salvador, alugamos ônibus, enfim, foi um movimento maravilhoso e nos dirigimos para Salvador, havia muito medo de que houvesse uma repressão como aconteceu no terceiro ENE, em Belo Horizonte, em 1977, mas nós finalmente conseguimos. O momento era outro, já crescia a abertura política, os partidos se organizando, já tinha a perspectiva da anistia dos presos políticos e daqueles que tinham sido exilados e banidos do Brasil. Então o fato fundamental é que nós, apesar do medo, apesar do temor da repressão, a gente conseguiu reconstruir no Congresso em Salvador, no primeiro semestre de 1979, a União Nacional dos Estudantes. Então é nesse momento também que o DCE Católica vai ter um papel importante na reconstrução da União Estadual de Estudantes de Minas Gerais, da qual eu cheguei a ser presidente no período de 80, 81. Enfim, então a Católica teve um papel muito essencial nesse movimento de reconstrução do movimento estudantil. Eu cheguei a ser preso mais de uma vez, eu fui preso no terceiro ENE em 1977 e depois fui preso novamente em 1979, quando a gente organizava a luta contra o aumento dos preços de passagem de ônibus, contra a carestia em Belo Horizonte.

Mas a Católica, quando houve a prisão minha e de outros colegas, nesse movimento contra o aumento do preço das passagens de ônibus, a Católica parou, literalmente, à noite, os estudantes pararam as escolas até que a gente fosse libertado como de fato fomos libertados na noite daquele dia por meio de uma comissão de parlamentares e de pessoas da sociedade como Dona Helena Greco que foram para o DOPS ali na AFonso Pena e conseguiram que a gente fosse libertado a partir dessa greve dos estudantes. momentos importantes mesmo na luta democrática no Brasil, no qual a Católica, os estudantes da Universidade Católica, particularmente o DCE, que foi reconquistado em 1977, ele estava dominado pela direita, nós

retomamos o DCE em 1977, foi então um momento importantíssimo nesse capítulo da luta pela democracia no Brasil.

## **ANA MARIA RODRIGUES DE OLIVEIRA**

Eu cheguei na faculdade com 18 anos, eu já tinha completado 18 anos, em 1974. E eu estudei na FCA de 1974 a 1977.

Eu vinha do ensino médio e eu não tinha muita ideia do contexto do país, e principalmente da ditadura militar. Então a escola, ela trouxe para mim, além do aprendizado da militação e do jornalismo, ela me trouxe ensinamento sobre aquele momento, que era um momento duro do regime militar. 1971, antes até da minha chegada, quando a faculdade foi criada, foi o pior período da ditadura, do regime militar, muita prisão, muita tortura. Então, eu passei a entender o contexto e a luta pela redemocratização do país.

O curso de jornalismo funcionava à noite, não era de dia, de manhã, como atualmente. Eu ficava à tarde, eu comecei a ser monitora de alguns laboratórios também, e fiz até monitoria no laboratório de relações públicas, porque eu tinha uma dúvida se eu fazia relações públicas ou jornalismo, para depois optar pelo jornalismo. E às vezes eu ficava diretamente, eu ficava direto, de tarde até de noite, e a gente tinha aula. As nossas aulas eram muito diferentes, porque tinha aula que era substituída por debate. Quando havia alguém proeminente no campus e na faculdade, nossas aulas eram substituídas. Isso foi muito bom para mim, como futura jornalista, porque passei a aprender a escutar os outros, ouvir opiniões diferentes e também ter fontes de informação. Então, o período não tinha essa aula toda convencional que se tem hoje. Era diferente. Às vezes, o período inteiro daquela noite era dedicado a ouvir um debate e os professores liberavam a gente. Uma outra coisa característica dessa época é a mobilização do movimento estudantil. O DCE da Católica era muito dinâmico, então ele promovia assembleias e promovia também shows. Eu me lembro de ter assistido o show do Gilberto Gil, porque os grandes artistas vinham às nossas cidades justamente no contexto dessa luta pela redemocratização.

Então, era um momento efervescente, as coisas estavam acontecendo intensamente. Agora, como era regime militar, na grade curricular, a gente tinha uma disciplina chamada Estudo dos Problemas Brasileiros. E ela, no meu caso, eu fui aluna do Coronel Carneiro. Ela era dada por militares e a gente tinha que assistir. É EPB 1 e 2, porque era obrigatória essa disciplina. Então, um período bem sério e perigoso, na verdade.

Somente essa disciplina, que as outras disciplinas não, somente na EPB 1 e 2. Nas outras disciplinas, nós tínhamos um professor que já tinha sido preso e foi solto, exilado em algum outro país e voltado para o Brasil.

Então, era um ambiente, assim, tanto que acho muito importante essa história da faculdade, que foi criada em 1971, porque, pesquisando agora, para essa nossa conversa, vi que o reitor da época da criação da FCA, o Dom Serafim, ele queria que a faculdade fosse um lugar de um bom ensino, mas também de luta pela redemocratização do país. Ele mesmo assumia isso.

Então, ele convidou três professores para criar a FCA. Professor Lélío Fabiano, Emerson de Almeida e Itamar de Oliveira. Então nós vamos dizer assim, a escola estava testando modelos pedagógicos também, a verdade é essa.

Ela era libertária. Havia a intenção de desenvolver entre todos os alunos o espírito crítico, da aluna não ser assim, pegar a primeira versão e já acreditar nela. O Dom Serafim, numa edição de 50 anos da PUC, em 2008, o Dom Serafim, ele já é falecido, ele admitiu que ele queria que a escola fosse isso, um lugar de bom ensino e também de luta pela redemocratização do país. Então, nós vivemos esse contexto.

E, paralelamente ao país, tinha também o contexto da imprensa independente, a imprensa alternativa. Então, os jornalistas da imprensa alternativa, eles iam debater, vinham à PUC para debater com a gente e distribuir o jornal. Às vezes, o regime militar boicotava as edições, mandava prender as edições. Mas, por exemplo, é o período do Pasquim, Movimento e Opinião. Então, nós falávamos: “ah, então existe essa imprensa, quer dizer, uma imprensa que não se rendia à repressão.”

Havia sim, porque a gente sabia que agentes estavam infiltrados, da Polícia Civil, da Polícia Federal, estavam infiltrados nos cursos, tanto na PUC quanto na Federal, em outras instituições também. Então, a gente podia ter algum colega que fosse agente da ditadura. Então, era um período de muito cuidado para se falar as coisas, para dar opinião, porque havia muitos casos de agentes da ditadura que entregaram estudantes posteriormente. Então, nós tínhamos esse temor também. Os professores também, mas a PUC, que foi interessante, ela deu muita força para essa luta pela redemocratização. O reitor tinha muito claro isso para ele. Então foi muito interessante esse apoio. E a Igreja Católica também era um ator social muito importante na luta contra a ditadura. Então, a PUC sendo da arquidiocese de Belo Horizonte ela também tinha esse viés de apoio da igreja católica.

Eu não era liderança do movimento estudantil, mas eu sempre queria estar por dentro do que estava acontecendo e eu estava no processo de politização, porque o ensino secundário

ele não me politizou, como aqui em Belo Horizonte não tinha nenhuma matéria de Sociologia, nem nada de ensino secundário, no segundo grau. Então, eu ia muito aos shows também do DCE da Católica, do DCE da UFMG. Eu falei Católica agora porque a universidade não se chamava Pontifícia, ela se chamava Universidade Católica de Minas Gerais.

E em 1977, quando aconteceu o Terceiro Encontro Nacional dos estudantes aqui em Belo Horizonte, houve uma repressão danada. Eu e vários colegas, nós fomos presos, ficamos o dia inteiro no DOPS, ali na Avenida Afonso Pena, eu com vários colegas, eles queriam prender e manter no DOPS e também na exposição, onde é hoje o Expominas, havia um setor de exposição de gado. As lideranças da UFMG foram todas mandadas para lá, e nós da Católica ficamos no DOPS. Eles queriam ouvir os depoimentos das lideranças, o que eles pretendiam. Então, nós ficamos, eu e mais umas amigas, o dia inteirinho lá no DOPS, porque houve uma repressão geral.

Quem foi uma pessoa fundamental nesse dia foi o governador Aureliano Chaves. Já era, em 77, o presidente Ernesto Geisel, então, o governador de Minas, que era muito respeitado pelo Geisel, ligou para ele e falou assim: “olha, se encostar a mão nos meus estudantes, eu renuncio agora.” Uma coisa que é muito emocionante, quando eu me lembro, eu fico emocionada.

Ele não deixou que os militares da 4ª Divisão de Exército, que é sediada em Belo Horizonte, batessem na gente, molestassem a gente. Foi o governador Aureliano Chaves. Posteriormente, ele foi vice-presidente na chapa, na chapa não, na posição do João Batista, do general João Batista de Figueiredo. Esse dia me marcou muito. Então hoje, quando se fala em anistia, direitos humanos, eu me lembro diretamente do que nós vivenciamos. E em como isso também, para mim, como jornalista, foi importante depois.

Agora, o período que eu estudei, praticamente, eu tenho um registro do período todo. A gente, nas assembleias lá do DCE, para você ter uma ideia, o movimento estudantil era tão dinâmico que ele acabava assumindo várias lutas. Por quê? Por causa do Ato Institucional nº 2, de 1965, os partidos políticos foram fechados. Muitos sindicatos haviam sido fechados em 1965. Então, o movimento estudantil, talvez também por estar ligado às famílias e tal, não sei se eu posso dizer que ele fosse menos reprimido, mas, de qualquer modo, o movimento estudantil assumiu um papel para além de suas próprias forças.

Então, eu me lembro com muita saudade mesmo desses debates com jornalistas da imprensa alternativa. Isso me marcou muito também.

Eu participava, por exemplo, convidando, chamando outras pessoas para as assembleias.

Eu nunca fui muito de liderança de movimento político. Então, eu como pessoa da base, eu falava e era da base. E nesse dia do terceiro ENE, embora eu não fosse líder do movimento estudantil, nós achávamos que nós todos deveríamos comparecer ao DCE de onde nós fomos presos.

No caso, nós fomos presos no DCE da Católica, na Avenida Getúlio Vargas. Hoje ele não existe mais. Nós achávamos que garantir a integridade dos estudantes, que eram estudantes do Brasil todo pra cá. E nós tínhamos que participar.

Então, eu tinha uma participação ativa, ia a shows, lia muito, mas sem ser uma líder, efetivamente.

Nós chegamos ao DCE da Católica, ali na Avenida Getúlio Vargas, às sete e meia da manhã. Já estavam os carros da polícia civil, a repressão já estava montada.

A divisão do 4º Exército de Belo Horizonte montou uma repressão. Todo mundo que chegou no aeroporto foi preso no aeroporto da Pampulha, me parece, não devia haver Confins ainda, então Pampulha, rodoviária. Todos os estudantes, os agentes, achavam que a gente era estudante, eles logo prendiam a gente. Então, nós fomos presos. Eu e minhas amigas, eu desci de táxi da minha casa pra lá com minhas amigas.

Eles já foram prendendo a gente e não queriam nem saber de nada. Ah, vocês vieram para um encontro estudantil. Não pode existir esse encontro. Está proibido e tal. Era um dia inteiro de reunião, um sábado de manhã.

Aí nós ficamos lá, vinham os policiais circundando a gente, eles não saíram de perto, sem assim, colocar um revólver na cabeça da gente. Não fizeram não, mas ficaram lá. E depois, nós fomos levados a Camburão para o DOPS, na Afonso Pena.

E aí, uma coisa muito curiosa que aconteceu. Uma colega minha de turma no jornalismo, ela me viu dentro do camburão. E ela então ligou para a minha família avisando que eu estava sendo presa. E eu não era a liderança, para você ter uma ideia. Eles prenderam todo mundo, eles prenderam milhares de estudantes nesse dia, um negócio impressionante. Uma mobilização de soldados, de agentes da Polícia Civil impressionante. Eu devia ter sido preso, preso, em umas 4 mil cidades, vindos do Brasil todo, sabe?

E aí, a minha família, então, resolveu ir lá no atual Expominas, para ver se eu estava lá. E aí, o meu pai, aqui o meu pai era médico, nesse caso é muito curioso, meu pai era médico e atendia filhos de policiais civis no IPSEMG, Instituto de Previdência dos Servidores do Estado.

Então, a minha mãe chegou perto de um dos policiais e falou assim: “Olha, eu quero saber onde está minha filha e as amigas dela.” E passou o meu nome e de todas as minhas

amigas. O policial, como ele levava o filho para consultar com o meu pai, que era psiquiatra no IPSEMG, não teve outra alternativa. Ele pediu a uma pessoa hierarquicamente inferior a ele.

Eles olharam lá e não acharam meu nome... Eu estava no DOPS, então, ele informou pra minha mãe: “A senhora pode ir pra casa, porque a sua filha e as amigas dela vão ser liberadas à noite.”

E foi isso mesmo, às 11 horas da noite eu fui liberada com as minhas amigas do DOPS. Eles queriam manter presas as lideranças, eu não era, né? Então, assim, são muitos casos. Pegar esse período da ditadura militar é um período muito rico. E por tudo isso, eu me tornei uma pessoa muito aficionada pela defesa dos direitos humanos. Na minha convivência na PUC com a Fernanda Sanglard, toda vez que o jornal Marco tinha uma pauta de direitos humanos eu encampava. Por quê? Direitos humanos são um princípio, o respeito é muito importante. Então, tudo isso, a faculdade me treinou, vamos dizer assim. Foi um período riquíssimo. Eu tenho lembrança desse dia, do terceiro ENE mas tenho também...

E meus professores, eram muito politizados, todos. Muito politizados. Então, é um ambiente muito diferente hoje.

O DCE da Católica, ele abria as portas, era impressionante. Havia um clima de debate e luta contra a ditadura muito intenso. Provavelmente, alguns dos professores já tenham relatado isso. Então, em sala de aula, a gente discutia muitos outros temas, temas da grade curricular mesmo. Com esse professor de EPB, que era um coronel, a gente não falava nada. Ele entrava em sala de aula, era o silêncio geral. Ele dava aula expositiva pra gente, terminava a aula, a gente ia embora. Com ele não podia falar nada. Então a gente tinha alguma forma de distinguir com quem a gente estava falando, se a pessoa era confiável ou não. Era um ambiente muito diferente da PUC atual. Muito diferente mesmo. Porque o contexto era todo diferente. Os anos 70 foram anos de muita mobilização. E o movimento estudantil foi fundamental na luta contra a ditadura, a igreja católica também. Sendo que na PUC coincidiu as duas coisas: o movimento estudantil mais e a igreja, que era a supervisora da PUC. Além disso, eu gostaria de comentar também também, como que foi importante essa criação da universidade, da faculdade, porque quando a faculdade foi criada em 71, não havia jornalista formado em Belo Horizonte, não. O primeiro curso de jornalismo, ele é da Federal, da Universidade Federal de 1964. Então, em 1969, ainda não tinha jornalista formado, estava se formando. Então, o Dom Serafim convidou os três professores, o Lélcio foi entrevistado, o Emerson de Almeida e o Itamar de Oliveira, eles tinham estudado feito jornalismo lá na França, em Paris. E eles vieram também, e Paris, você imagina, em 1968 foi um período

efervescente de Paris, então eles traziam também esse clamor contra a ditadura, esse clamor pela democratização. Então, tudo coincidiu nesse período e o ambiente completamente diferente. Hoje, eu penso que, fazendo uma transposição para hoje, eu acho que os alunos de jornalismo e comunicação de modo geral, eles têm que lutar pela democracia o tempo todo. Antes de me aposentar, quando eu dava minhas aulas na PUC eu falava muito isso. A gente tem que amar a democracia e lutar por ela. Porque quando não se tem democracia, é muito difícil. As coisas são mais difíceis, então, eu acho que essa luta pela democracia tem que ser constante, ela não pode parar.

### **CARMEN DULCE DINIZ VIEIRA**

Meu nome é Carmen Dulce Diniz Vieira, eu tenho 67 anos, eu entrei na PUC em 1974, eu ainda tinha 18, e a PUC foi a melhor coisa da minha vida. Porque eu falei que eu fui a pessoa certa, no lugar certo e na hora certa. É muito raro acontecer isso na vida da gente.

Eu vim de uma experiência que eu considero muito peculiar, porque eu sou de uma família tradicional mineira, e na minha época todas as meninas iam estudar em um colégio de freira, só de mulheres. Então eu fui estudar na escola de freira e em 1970 ou 71 as freiras da minha escola decidiram dar uma guinada, elas decidiram entrar na teologia da libertação. E aí elas decidiram que elas não iam mais se ocupar da educação das filhas da elite.

Então elas venderam o colégio, largaram o hábito e foram trabalhar com os pobres. Elas aderiram àquela proposta de uma opção preferencial pelos pobres. Isso impactou muito a minha vida. Porque de repente, da noite para o dia, a freira aparece de calça comprida e com cigarro aceso. E você deixou de chamá-la pelo sobrenome, passou a chamá-la pelo nome, não tinha que falar madre, não tinha que falar senhora. Então, isso foi uma experiência muito interessante. E aí, elas trouxeram pra gente várias leituras, a discussão teológica da igreja, do porquê fazer essa opção pelos pobres, etc. Então, isso foi muito impactante. Quando eu fui fazer vestibular, eu era a primeira pessoa na minha família que ia fazer vestibular. E então, assim, ninguém tinha noção direito do que era estudar na universidade e tal. Aí vem aquela coisa bem típica. Nossa, você gosta tanto de falar, você podia fazer comunicação. Era uma coisa por aí. Então, eu decidi que eu ia fazer comunicação na PUC e ia fazer direito na UFMG.

Só que naquele tempo o vestibular da PUC, que não era a PUC, era o UCMG, Universidade Católica de Minas Gerais. Então a gente fazia vestibular em dezembro. E só depois que tinha

o vestibular da UFMG, que demorava muito para sair o resultado. Outra coisa também era que o vestibular da UCMG, da Católica, como a gente falava, ele era por áreas. Então, na minha área, só tinha quatro matérias. A gente só fazia português, história, matemática e uma língua.

Então, pra mim, que sempre odiei física, química e tal, hoje eu penso que naquela época os professores não sabiam ensinar física e química, porque estava começando o chamado colegial. Era tudo que eu queria, era fazer o vestibular de 4 matérias, até que praticamente fechei as provas inteiras. E quando eu passei, passei em 6º lugar, eu fiquei tão feliz de ter ficado livre daquela pressão de vestibular, que eu decidi que não ia mais tentar na UFMG. Minha família tinha condições de pagar a PUC pra mim, então eu nem tentei a UFMG. Então eu entrei direto na PUC. E quando eu entrei na PUC, o curso de comunicação tinha acabado de ser criado, tinha sido criado em 70. Então a gente era... o quarto ano do curso, ia começar o quarto ano em 74. Então assim, era tudo ainda festa, a palavra certa é festa no bom sentido. Havia uma empolgação, havia uma vontade de ensinar por parte dos professores e a gente entrava lá e acabava sendo contaminado por aquele clima extremamente positivo. Então, se tinha muita gente, nós estávamos já entrando no começo do fim da ditadura. Muitas pessoas vindas do exterior, tipo o Lélío, por exemplo, e o que a gente sabe é que a universidade deu carta branca para o Lélío, e isso foi ele mesmo que contou para a gente, deu carta branca para ele chamar as pessoas que ele quisesse para montar a equipe do curso. Então, tinha também esta influência da teologia da libertação na PUC, no sentido de não ser aquela igreja careta alinhada com a ditadura, mas ao contrário, uma igreja aberta também, que queria uma universidade aberta.

Não sei se o Lélío falou disso, mas acho que é importante também contextualizar que o curso não é que caiu de paraquedas, esse curso totalmente, digamos, revolucionário na PUC. A cúpula da universidade e a cúpula da igreja sabiam o que estavam fazendo. Então pra mim foi assim, como se eu tivesse continuando aquela experiência que eu já tinha tido no meu segundo grau, no colégio das freiras. E eu sempre fui uma pessoa que gostou muito de estudar, que eu acho que trabalho intelectual é o que salva a gente. Então eu me enfiei de cabeça no curso e já rapidamente já entrei no movimento estudantil, primeiro no DA, depois no DCE, eu nunca ocupei cargos, eu nunca fui uma pessoa de cargos, mas eu sempre tive muitíssimo presente nas duas gestões. Primeiro do Centro Acadêmico, depois do DA e depois do DCE, nas duas gestões. E o que era interessante ali é que se você quisesse estudar, era infinita a sua possibilidade de estudar. Se você quisesse ser um aluno comum, você podia ser mediano. Mas se você não quisesse, tinha espaço pra você ser. Coisa que hoje é muito comum, né? Com as escolas construtivistas e tal, que cada aluno vai no seu ritmo. Naquela

época aquilo era uma novidade muito grande, porque o que você tinha eram aquelas escolas tradicionais. Você entra lá, você tem que cumprir um currículo, fazer prova e passar. Eu acho que eu nunca fiz uma prova na minha vida na PUC, mas eu também nunca estudei, nunca aprendi tanto na minha vida como eu aprendi na PUC, percebe? Então eu acho assim, aquilo ali foi um experimento que eu acho que gerou frutos em muitas pessoas. Ao contrário do curso da UFMG na época, que era um curso, eu chamaria de decadente, estava correndo risco de querer me classificar por isso, era um curso zoneado, em que a universidade não tinha nenhum interesse nele, porque não era uma área valorizada. Então, o curso da Católica não era um curso zoneado, ele era um curso aberto, são coisas diferentes. A zona que existia na UFMG, que depois mudou, se confundia com liberdade, na minha opinião. Certo? Enquanto que, de fato, a verdadeira liberdade era uma liberdade dentro de um projeto, que era o que existia na católica, não sei se você está me entendendo. Então, como eu te disse, cada um podia fazer o que quisesse.

Então, a gente entrou de cabeça na luta contra a ditadura. A grande questão ali era conseguir a anistia para a volta dos exilados, e era conseguir também a constituinte, para criar uma nova constituição para o país. 74 foi a primeira eleição que teve para vereador, e a gente entrou de cabeça, por exemplo, tinha uma pessoa que você podia falar também, era com a Leninha Mourinho, que o pai dela foi candidato a vereador na época, pela chamada esquerda católica. Então a gente já começou a entrar também na política institucional que estava surgindo naquela época. Teve enorme mobilização para poder eleger os candidatos do MDB, porque só tinha MDB e a Arena. E também começou a aumentar muito a atividade do movimento estudantil, porque à medida que vai começando a ter alguma liberdade, você começa a se organizar. A gente fazia, por exemplo, a gente tinha um acordo que não era um acordo assinado, mas era um acordo tácito com os professores, que ajudava muita a gente nisso. Leitura de livros, leitura de textos, discussões políticas na sala. E eu me lembro que a gente varava a noite rodando jornalzinho no mimeógrafo do centro acadêmico. Aquele mime, vocês nem sabem o que é isso, né? É mimeógrafo. É uma bola redonda com uma tinta de um lado e você põe o álcool, né?

E aquele negócio tinha que ficar rodando aquela manivela, entendeu? A gente ficava até duas horas da manhã rodando a manivela? Porque o curso só existia à noite. Então, assim, você me pergunta se eu me envolvia no curso, eu chegava lá às 11 horas da manhã e saía 2 da manhã. Passava o dia inteiro na universidade. E o dia inteiro você estava discutindo política, você estava rodando jornalzinho, você estava passando nas salas para chamar as pessoas. A gente fazia assembleias com todos os alunos para decidir as coisas. O curso ainda era um

curso pequeno. Assim, 60%, 70% dos alunos compareciam nas assembleias. Então era realmente aquilo que a gente imunizou uma experiência democrática. Quando estava no DA e no DCE, a gente passava em todas as salas da universidade. Porque só existia aquele campus, a gente dividia, passava em todas as salas. “Olha, nós vamos fazer lá no DCE hoje uma assembleia para discutir X ou Y, estamos convidando todo mundo.” É claro que muita gente não ia, mas todo mundo tomava conhecimento. Então era tudo muito quase que puro, cheio de energia, cheio de boas ideias, porque a gente vivia um momento de boom dentro do país. Assim uma grande esperança de que as coisas iam mudar, de que tudo ia melhorar, e eu ser jovem e cheio de energia e tal. Então, o clima todo dentro da universidade era ótimo. Tinha brigas homéricas, tem casos folclóricos, do fulano que deu um soco no outro, sabe? Mas isso tudo fazia parte desse clima extremamente otimista. Eu acho que era principalmente um tempo de otimismo.

Eu participei de um evento especial que foi o Terceiro ENE, o Terceiro Encontro Nacional dos Estudantes, que começou a haver organização dos estudantes entre as diversas universidades. Eram muito poucas universidades naquele tempo. As que não eram federais, eram PUCs ou metodistas, pouquíssimas privadas importantes. E era muito fácil você conseguir reunir estudantes de todo o país. Então a UFMG resolveu organizar aqui em Belo Horizonte o terceiro encontro nacional dos estudantes que visava depois refazer a UNE, porque a UNE tinha sido proibida na ditadura. Só que esse encontro foi formalmente proibido, mas mesmo assim a gente decidiu que ia manter. Aí a gente da Católica participava na organização disso junto com os grupos do pessoal da UFMG e a ideia era estar ali naquele auditório da medicina, na Alfredo Balena. Então, quando veio a ordem de que o encontro ia ser proibido, não tinha mais como falar com as pessoas do Brasil que não podiam mais vir. O pessoal já estava nos ônibus e tal. Então as pessoas começaram a ficar ali perto do Parque Municipal, perto da Afonso Pena, para tentar identificar quem tinha a cara de estudante, vindo de fora, e teve gente que foi para a rodoviária também, para tentar avisar para o pessoal que o encontro estava proibido. Se a pessoa quisesse ir, ela ia embora. E o medo de ter informante. Vai que cê para um sujeito com um cara de estudante, o cara é do DOPS.

Então esse aí foi um momento muito tenso. Mas aí, ao final das contas, todo mundo entrou, entramos dentro do auditório. Aí teve uma assembleia para saber quem vamos ficar ou vamos sair. Não, vamos ficar, já estamos aqui, vamos ficar. E aí a polícia veio com cavalo e tropa e fechou ali a Alfredo Balena. Sabe ali tem uma rampinha assim que você desce para chegar no auditório?

Então eles ocuparam ali e fecharam. Então nós ficamos teoricamente presos lá dentro. A

essas alturas é claro que todo mundo já sabia, a universidade já sabia, a católica sabia, a UFMG sabia, e o governador era Aureliano Chaves e ele também sabia, porque afinal de contas a tropa é da polícia. O Lélcio me contou isso, que ele chamou o Dom Serafim, que era o reitor da universidade, você tem que fazer alguma coisa, são os nossos estudantes que estão lá, é isso.

Aí o Lélcio pressionou o Serafim, o D. Serafim entrou em contato com o Cisalpino, o Eduardo Cisalpino, que era o reitor da UFMG. O Eduardo Cisalpino não queria fazer nada. Aí eles foram no Aureliano Chaves, no governador, vocês não podem prender aquela menina que está lá, são os filhos nossos e tal e tal. Aí eles fizeram um acordo, então a polícia abriu espaço pra gente sair, certo?

Nós saímos de lá em ônibus da polícia, fomos lá pra Gameleira, ali na Gameleira perto da PUC, eles anotaram o nome de todo mundo, prenderam algumas lideranças, poucas, deixaram o resto das pessoas irem embora. E quem ficou preso ficou preso, sei lá, 24 horas, 48 horas, depois eles soltaram. Depois a gente fez lá na PUC um movimento de resposta para isso. Pegando inclusive as pessoas de fora que estavam aqui, nós fizemos um encontro depois na Católica. Lá não teve um encontro, porque nós fomos presos, soltamos.

Então a gente fez o encontro simbólico no dia seguinte, ou dois dias depois, lá na católica. Então eu acho que isso foi uma coisa muito marcante na vida da gente querendo ou não, isso ajudou a esvaziar a ditadura porque o governo Aureliano, que era um governo da arena, foi obrigado a ceder e soltar a gente. Então, isso eu acho que foi uma coisa marcante.

E além do mais, eu acho que foi marcante aquilo que eu já te falei, tudo que a gente estudou, tudo que a gente leu, tudo que existia de vanguarda, de importante de novo na área de linguística, psicanálise, sociologia, história, política, tudo a gente estudou lá. E eu me lembro muito bem que eu fiz um acordo com o professor de fotografia, o Juan, ele é um peruano, eu falei com ele assim, Juan, deixa eu falar com você, eu não vou ser jornalista, eu sou acadêmica, eu tô interessada em fazer política, eu não quero aprender a fotografar. Você me passa? Ele falou: passo. Eu nunca pus o pé na aula de fotografia. Mas por quê? Ele sabia que eu não tava vadiando. Eu falei, se precisar vir na aula, eu venho, entendeu? Mas eu acho que é muito melhor eu estar no DCE, falei com ele. E ele falou, tá bom. Isso é uma coisa que você não faz hoje. Não sei se ele vai gostar de ouvir isso, mas tudo bem. Era isso, a gente tinha um diálogo muito franco com as pessoas, mas em nenhum momento a gente tirava autoridade dos professores. Pelo contrário, a gente usava os professores para direcionar a gente para onde a gente ia. É claro que todo mundo não teve essa experiência, mas todo mundo, eu acho, que foi envolvido por aquele clima, sabe, de uma maneira ou de outra. Mais do que isso, era um clima

em que todo mundo estava na mesma direção, que é isso que eu te falei, essa esperança de que a gente estava contribuindo para melhorar o Brasil, mesmo profissionalmente, a gente ia ser bons profissionais, sabe? Muito diferente da visão de hoje. A visão de hoje é assim, você forma o aluno para o mercado. Não, a gente ali estava querendo que o mercado fosse o que a gente queria, entendeu? Porque a gente estava saindo de um país extremamente fechado, atrasado, que foi o país da ditadura, para alguma coisa assim que a gente não sabia o que era que estava para ser feito. Estava para ser construído, então fomos nós lá fazer o que a gente achava que tinha que fazer.

Então eu acho que foi muito especial. E eu acho que vale a pena mesmo contar essa história do curso de comunicação, essa especificidade que ele teve, de ser criado neste momento, de ter sido conduzido pelo grupo do Lélío, com o apoio da instituição. Então não é uma coisa qualquer. Ah, vamos fazer um curso pra gente ter aluno para ganhar dinheiro? Não, não é nada disso. É óbvio, né?

Evidentemente que tem que ganhar dinheiro, porque ninguém vive sem ganhar dinheiro. E depois que eu saí, eu fui direto trabalhar na universidade, eu nunca fui para o dito mercado, a minha trajetória foi toda acadêmica e a PUC me ajudou enormemente com tudo que eu estudei e aprendi. Na verdade, eu aprendi a estudar e a pensar na PUC. Quer dizer, eu comecei no colégio mas eu aprendi na PUC. Eu acho que isso foi uma grande contribuição, para mim, pessoalmente, que a PUC deu. E fora essa contribuição em geral, que eu acho... saíram da PUC, naqueles anos, até talvez nos anos 2000, grandes jornalistas.

O que tinha de imprensa na época? Nada, né? Aí a Folha de São Paulo era o maior jornal que a gente tinha e muitos alunos saíram da minha turma e das turmas seguintes foram trabalhar na Folha, no Jornal do Brasil, que era o que existia, assessorias de imprensa. Era um mercado muito, muito pequeno. E o pessoal que saía da Católica se identificava, né? porque conseguia superar o resto dos profissionais na disputa.

Então não era só essa excelência também, no sentido dessa visão geral de mundo, era também as experiências que a gente tinha com a formação. O Marco foi criado ali. Aquilo foi uma experiência sensacional. A gente tinha TV, a gente tinha rádio, que eram as mídias que dominavam naquela época.

Medo de ter gente infiltrada, a gente tinha. Mas como a escola era muito pequena, era fácil detectar isso, mas na verdade o que a gente tinha era um professor de Organização Social e Política Brasileira, que era uma disciplina obrigatória. E normalmente era um militar. E quem era o professor dessa disciplina era o Coronel Zé Geraldo, que era um senhor gordo, bonachão e tal. O que ele percebeu, eu acho, ele percebeu que a gente tinha aquele bando de meninos

cheio de ideologia e tal, que ele não ia, não queria casa com ninguém. Então a gente tinha que ir lá, a gente tinha que fazer um trabalho pra ele e ele dava nota. E aí o pessoal chamava ele de cocô, coronel, cocô, ele achava graça, encontrava com todo mundo no corredor, batia papo, eu no fim tinha medo dele. E a gente pensava “Nossa, será que ele está fazendo isso para entregar a gente?”. Mas não, eu acho que foi uma estratégia de sobrevivência para ele mesmo. Então era isso, aí o Cocô virou folclore dentro da universidade. Quer dizer, Zé Geraldo mesmo, que ele chamava. Uma vez ele pediu um trabalho sobre a situação do Brasil, a gente escrevia que o Brasil era lindo, maravilhoso, só que ele passava por todo mundo. Então tinha esse tipo de coisa. Mas assim, lá no terceiro ENE, a gente teve medo de quem que era infiltrado, porque ali era um monte de gente, sei lá, tinha 300 estudantes. A 50 anos atrás era gente pra daná. Mas eu, pessoalmente, nunca tive. Nunca desconfiei de nenhum colega. Acho que a gente tinha um clima muito franco.

### **CHICO PINHEIRO**

Eu entrei no curso de comunicação católica, na época não era PUC, era a Universidade Católica de Minas Gerais, no começo de 72, se não me engano. Eu não tenho exatamente a data, se foi no primeiro ou no segundo semestre, mas eu já estudava engenharia civil na UFMG, porque na minha turma de convivência, vindo do Colégio Santo Antônio, ali do Funcionários, a maior parte dos meus colegas estudavam engenharia, medicina, alguns o direito, mas eram as profissões que davam mais movimento, o vestibular mais procurado.

Acontece que eu achava muito aborrecido ficar o dia inteiro debruçado de um problema de cálculo, geometria analítica, que já tinha resultado no fim do livro, enquanto o país pegava fogo no começo da ditadura do general Médici. Então eu fui chamado para outras coisas e fiz um teste vocacional, já estudando engenharia. Esse teste deu filosofia, psicologia ou comunicação. Eu achei até que comunicação, que eu não conhecia o curso, era telecomunicações. Aí eu vi que tinha jornalismo e jornalismo me interessa. Então eu comecei a fazer o curso de jornalismo, simultâneo ao curso de engenharia, que eu não deixei. Eu fazia engenharia de manhã lá na UFMG, à tarde fazia um trabalho no INSS na Avenida Afonso Pena. Eu trabalhava fazendo contagem de tempo para a aposentadoria de pessoas. Eu carimbava, olhava essas coisas, saía às 6 horas da tarde, correndo, tomava um ônibus e ia para PUC.

Eu fiquei até o último ano de engenharia. Eu não fiz o último ano, mas eu fiz até o oitavo período. Não concluí. Mas comecei a comunicação e a comunicação me conquistou. O

curso era novo e era muito interessante porque a gente tinha muitos professores que eram jornalistas, professor Dirceu Horta, professor Otaviano Lage, que eram jornalistas e que passavam os dias nas redações. O Otaviano, se não me engano, trabalhava na Folha de São Paulo, na sucursal. Naquela época, as sucursais dos jornais eram grandes, tinha muita gente trabalhando. Hoje não tem mais quase ninguém.

O Dirceu era professor e era jornalista do Estado de Minas. E eles traziam para a sala de aula não trazia exatamente teorias da comunicação, mas a vivência deles na redação. E muitas vezes notícias que a censura vetava e que a gente ficava sabendo o que acontecia no Brasil através deles. O que estava censurado eles traziam para a sala de aula. E ali a gente discutia a prática cotidiana do jornalismo. E havia também as disciplinas mais teóricas. O professor Fausto era a direção da faculdade. O diretor Lélcio Fabiano dos Santos, gente muito boa. E esses traziam mais a parte teórica da comunicação, mas sempre isso articulado com o que acontecia no dia a dia da vida brasileira e das redações dos jornais. Então isso dominava muito a gente, a gente se empolgava muito. A faculdade era um momento de encontro de vários estudantes que passavam o dia acompanhando as questões da vida nacional, da ditadura, tudo isso. Então era muito rico. A gente ia para a faculdade, tinha aulas, a gente saía da aula, tinha um bar em frente à PUC, que às vezes acabava, na última aula, 10, 10 e pouco da noite, a gente sentava lá para tomar cerveja e continuar essas discussões das questões políticas. E tinha professores muito, muito interessantes. Por exemplo, tem gente que ficou muito famosa. Alcione, por exemplo, foi professor de teatro, e depois se tornou nacionalmente conhecido por algumas peças dele. Enfim, era um ambiente muito rico de cultura, de política, de vida, de teoria.

Foi na faculdade de comunicação que eu fui, pela primeira vez, ter contato, por exemplo, com os livros de Paulo Freire, “Pedagogia do Oprimido”, “Educação com Prática da Liberdade”, “Comunicação ou Extensão” e a gente fazia leituras em grupo e refletindo sobre isso. Então foi um momento muito rico. Ali pelos meados de 73, 74, a gente foi convidado para fazer o Projeto Rondon. O Projeto foi uma invenção dos militares, é a leitura que eu faço, com o objetivo de desmobilizar o movimento estudantil, que era muito forte, havia vários estudantes perseguidos pela ditadura, pessoal da UNE, teve muita gente presa e eles queriam desmobilizar. Como é que você faz para desmobilizar os estudantes? Você impede essa reflexão em grupo e esses núcleos que se formavam na universidade. Como é que você faz isso? Vamos levar, pensavam os estrategistas da ditadura, vamos levar essa galera para o

interior do Brasil, para o mar, para o mato, para regiões remotas, para eles terem contato com a realidade brasileira concreta e não com as teorias dos comunistas, da esquerda.

O Projeto Rondon tinha duas modalidades. Uma que a Federal, a Universidade Federal inclusive, tinha um trabalho na região da Bahia, em barreiras, também depois na Amazônia. Esse pessoal ficava um mês nessa região, vivendo com a comunidade lá, com a realidade local, depois voltava para as faculdades e iam sendo, de certa maneira, doutrinados pelo pessoal do Projeto Rondon, que é o nome inspirado no marechal Cândido do Mariano Rondon, que foi um engenheiro muito importante. Foi o Marechal que fez as linhas telegráficas, que expandiu o Brasil para o centro-oeste e para o norte. Então havia isso. E havia uns lugares, um negócio chamado Campos Avançados, que havia 23 ou 24 campi avançados pelo Brasil afora, que eram como se fossem campos da universidade fora da universidade.

As faculdades participavam do Projeto Rondon no campus avançado do Vale do Jequitinhonha, em Araçuaí, uma cidade do médio Jequitinhonha, uma das regiões mais pobres do Brasil. Agora Araçuaí tá muito rica porque descobriram o lítio lá, né? Mas não tá rica nada, o povo continua sofrendo, tá inflacionando a cidade. Eu tenho falado muito com o pessoal de lá, gente que era da minha época, e eu fui com uma colega, eu fui pra lá pra ficar um mês, uma colega chamada Edineia Passos, que tá falecida já. Então nós fomos para lá e no fundo a gente tinha esperança de chegando lá...

Olha só, uma coisa meio Durango Kid, nós vamos chegar lá e vamos subverter esse projeto, nós vamos sabotar o Projeto Rondon, nós vamos para lá para trabalhar com unidades na área da comunicação, munidos aqui de teorias da esquerda, vamos de Paulo Freire em punho e vamos ajudar esses povos a fazer a revolução. E com esse intuito de sabotagem do Projeto Rondon, eu estou contando isso porque isso foi talvez a coisa mais importante que aconteceu no meu período da comunicação. Acabou que a gente chegou lá, trancamos matrícula e ficamos, não um mês, mas ficamos quase seis meses em Araçuaí. A gente alegou, e era verdade, que em um mês, porque você começava a tomar contato com a realidade, conhecer as pessoas, você tinha que voltar para a faculdade. Então a gente pediu para ficar, para ser até um elo, para ligar a equipe que saía num mês com a outra que chegava um ônibus cheio de estudantes, que era a comunicação e serviço social. Aí tinha uma escola de engenharia de Mauá, na região da Grande São Paulo, tinha de medicina, se não me engano de São Bernardo do Campo, tinha a ESAL, na época a Escola Superior de Agronomia de Lavras, e a gente se juntava e desenvolvia projetos comuns a todos, cada um atuando na sua área.

Por exemplo, o pessoal da medicina fazia lá em Araçuaí, na periferia da cidade havia uma comunidade quilombola, na época não tinha esse nome, mas era um remanescente de negros de quilombos. E lá havia um índice entre as crianças, um índice de doenças, principalmente verminose, um índice alto. Então o pessoal da medicina queria tratar essas crianças. Então ia lá um médico, pessoal da enfermagem também, a enfermagem era da federal, da Federal de Minas, iam aplicar os conhecimentos da medicina para melhorar a vida daquele povo. Mas nós da comunicação, a gente acabava participando desse projeto da medicina e da enfermagem, porque a gente começava a fazer uma pesquisa para a gente entender a realidade dessas pessoas, a cultura em que elas estavam imersas, e para que pudesse trabalhar com essas pessoas, para que a medicina, quando chegasse, já tivesse um conhecimento de quem é quem, quem são as lideranças, o que eles fazem, o que eles pensam, por que existe esse problema de saúde lá. Enfim, a gente interagia com todas as áreas do conhecimento. E a gente foi com a intenção de fazer mesmo. A gente era muito jovem, muito idealista, muito maluco. A gente sabia que a gente ia fazer uma grande revolução.

Então quando a gente chegou no campo do Projeto Rondon, encontramos um diretor que eu imaginava que fosse um truculento militar. E era nada, era um baita professor de filosofia, humanista fantástico chamado Renato Hilário dos Reis. Então o Renato nos reuniu a todos e a gente chegou cheio de verdades preconcebidas, como acontece às vezes com quem está começando na universidade, acho que sabe muito. Eu me lembro que o Renato reunia o grupo e levava a gente para um diálogo com ele, entre nós, que nos colocava no tamanho que a gente realmente era. Quando a gente afirmava alguma coisa, ele perguntava por quê. Ele começava a aplicar na gente, depois a gente descobriu isso, o método da maiêutica socrática, do aprendizado a partir do questionamento. Ele começava a jogar perguntas e a gente, ao responder essas perguntas, começava a entender a realidade que nos cercava.

Isso criou um vínculo muito forte nosso com o Renato, que era um cara muito bom, professor Renato, e com as comunidades. E aí a gente desenvolveu vários pequenos projetos de comunicação rural, de pesquisa de universo vocabular, de pesquisa de folclore, de músicas. Havia em Araçuaí um frade franciscano, holandês chamado Francisco Van Der Poel. Ele criou um coral de meninos, era o trabalho dele com a juventude. Esse coral, depois de 20 anos, gravou depois um disco com Milton Nascimento, Os Meninos do Vale, Os Cantores do Vale. E a gente trabalhava com músicas da região, o universo religioso dessas pessoas, as crenças, a medicina popular. E a gente tentou um pouco escrever isso, documentar isso para a faculdade, mas isso naturalmente demandou mais de cinco meses de vivência, seis meses de

vivência no Vale.

Mais importante que eu acho que havia também um grande número de artesãos, gente muito competente na arte popular. Já haviam feito uma exposição em BH, depois fizeram uma em São Paulo. E a gente trabalhava também com esses artesãos, valorizando, descobrindo, vendo o valor da arte deles, que era a maneira, a arte da escultura, da pintura, feito que o povo, extremamente rico na sua cultura, expressava a própria vida.

O mais importante de tudo isso foi o meu primeiro grande contato, sistematizado, com a realidade de um povo do Vale do Jequitinhonha, um povo riquíssimo de cultura e paupérrimo de recursos econômicos. Pessoal muito pobre, mas muito sábio. E isso nos ensinou muito a respeitar essas pessoas e a tentar olhar a vida a partir do ponto de vista dele, ponto de vista que é sempre a visão que você tem a partir de um ponto.

Então quando você se coloca no lugar dessas pessoas, você começa a entender diferente a realidade que te cerca. E claro, munidos nós de conhecimento da universidade, a gente via que aquela pobreza que vivia o vale não era vontade de Deus, nem algo inexorável, todo mundo vai passar, né? A gente via como a estrutura... havia ali alguns.... não chega a ser um latifúndio, né? Mas alguns fazendeiros com a estrutura agrária, herdada da escravidão ainda, fazia permanecer e continuar aquela realidade. Mas havia também, então, no meio disso, um vínculo muito estreito com as pessoas, um vínculo, que eu diria, um vínculo amoroso com essas pessoas. A gente se identificava, e conseguia desenvolver uma empatia que dificilmente na cidade grande você consegue. Pessoas que em uma cidade grande seriam jogadas numa favela ou abandonadas na rua e olhadas pela sociedade como pessoas de segunda categoria. E que não é o que a gente via, porque a gente sabia da riqueza interior delas.

Então, eu acho que esse momento na UCMG, na PUC, foi um momento de aprendizado muito intenso. A gente aprende vendo a realidade, convivendo com as pessoas e cercado um pouco essa realidade com os conceitos, com as teorias da sociologia, da economia, da política, da antropologia. A gente conseguia ver isso e discutir com colegas de várias áreas de conhecimento diferentes.

A PUC criou um grupo de trabalho, o Grupo de Trabalho do Vale do Jequitinhonha, e o reitor da faculdade via a importância do Vale e do campus avançado para nós da comunicação e do serviço social. Então ele criou esse grupo de trabalho que passou a ser,

depois que a gente saiu do Jequitinhonha, passou a ser um organizador dos estudantes que iam para o Vale. Eu acho que isso foi uma coisa que eu trago para a vida até hoje.

Eu sempre ao longo da minha vida como repórter encontrando pessoas nas mais diversas situações, mas principalmente as pessoas mais injustiçadas, mais sofridas, me lembrava do pessoal de Jequitinhonha.

Isso você vai ver quando a gente teve depois uma grande greve em Belo Horizonte na construção civil, eu identificava pedreiros que fizeram greves, foram duramente reprimidos pela polícia em BH. Eu me lembro que a gente identificava neles exatamente aquele povo com que a gente convivia e que era um povo que estava desgarrado da sua terra. Então esse foi um aprendizado.

Depois eu fui lá nos anos 80, 85, 83, 84, fiz um concurso e fui professor de comunicação da UFMG. E eu me lembro que eu sentia muita falta, falta que eu achava necessário, que os meus alunos na comunicação, eram os dois últimos períodos que eu dava aula, estavam terminando o curso sem terem contato direto com a realidade social. Então, eu acho que existe até hoje, para mim, essa visão de que a universidade está dissociada da realidade concreta, do chão dos brasileiros. Então, isso foi uma coisa importantíssima que a PUC me proporcionou. Mas todo o curso era muito rico, porque tudo isso era... Isso aí que a gente viveu no Jequitinhonha, mais as questões políticas da época da ditadura, tudo isso era levado para dentro de sala de aula, para as mesas de bares, a gente discutia e a gente aprendia muito.

Quando eu saí do curso de comunicação, eu tinha uma visão muito particular e diferenciada da realidade das coisas. Eu substituí umas férias no Jornal do Brasil, que era um dos jornais mais importantes do país, no Rio de Janeiro, que tinha uma sucursal em Belo Horizonte. E aí eu virei repórter do JB e depois fui para a TV Globo. Então, na minha passagem pela universidade, a experiência mais forte foi, de fato, o Vale do Jequitinhonha. E as aulas, mesmo as mais aparentemente mais teóricas, eram preenchidas com vivências, vivências que vinham da rua, do Jequitinhonha, das ruas de Belo Horizonte, dos conflitos estudantis com a ditadura, tudo isso era reciclado.

Também a questão do Marco, do jornal. Esse jornal trabalhava com a comunidade próxima a PUC, no bairro Primeiro de Maio, atrás da PUC. E trazia também para o jornal, reportagens e interações de estudantes com a comunidade de uma maneira muito interessante.

Eu não tinha uma participação ativa em um grupo. Tinha o pessoal do MR-8, tinha vários grupos assim do movimento estudantil. Eu não tinha uma participação especificamente num grupo, não. Minha participação era mais dentro da faculdade mesmo, do diretório acadêmico. O Valdir foi uma pessoa importante no diretório acadêmico. Então, ali a gente tinha uma vivência mais intensa. O que eu me lembro mesmo, era de um período de muito sobressalto, de muita desconfiança. A cada turma nova que entrava na faculdade, a cada pessoa que entrava lá, a gente ficava cismado porque havia infiltração de agentes do regime, pessoal do DOPS, de dedos duros que iam pra lá pra pegar a gente, e havia um clima de terrorismo mesmo no meio estudantil. De vez em quando você tinha informação de alguém que foi detido, que não aparecia mais em sala de aula. Eu não cheguei a ter essa experiência diretamente, que eu me lembre, na comunicação, mas a gente tinha histórias de toda a universidade, tanto da católica quanto da federal, de gente que sofria por causa da repressão. E às vezes a gente identificava de fato, entre os colegas, algum que era agente da repressão.

Bom por causa do Vale do Jequitinhonha, pelo fato de ter ficado um semestre inteiro em Araçuaí, eu descolei da minha turma original. A minha turma se formou seis meses antes de mim. Eu fiquei na turma para trás, porque eu tranquei matrícula e a gente ficou fora, mas continuamos mantendo contato. E quando essa turma a qual eu pertencia foi se formar, como eu tinha muita ligação com eles, eu sugeri que a gente trouxesse para Paraninfo um nome forte de alguém que fosse expressivo no país na luta contra a ditadura. Então, sugeri que a gente buscasse, convidasse o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns para ser o paraninfo dessa turma a qual eu pertencia originalmente. Aí fizemos uma carta para Dom Paulo Evaristo, que era o cardeal-arcebispo de São Paulo, um baita guerreiro contra a ditadura. Ele foi o organizador, ele organizou um grupo para fazer o livro “Tortura Nunca Mais”, fundou uma comissão de direitos humanos muito pesada, teve confronto várias vezes com militares, tanto com o general Médices, como com o general Geiser, o Golbery, militares da ditadura. Depois também essa comissão atuou com muita energia, visitando e denunciando árbitros, torturas e mortes no Chile, de Pinochet.

Então o Dom Paulo era um ponto de resistência democrática no país. Havia uma ala da igreja católica progressista, que tinha um peso muito grande na luta pela redemocratização. Eu sei que a gente convidou Dom Paulo e recebemos da arquidiocese de São Paulo um convite, uma resposta protocolar que dizia: “Ah, Dom Paulo não aceita, ele é convidado para inúmeras formaturas e ele não pode aceitar convites assim, senão ele não vai fazer mais nada.” Aí eu insisti e escrevi uma carta pessoal para ele dizendo da nossa desilusão, porque não sei se você

sabe, o Dom Paulo, além de ser o cardeal do Rio de Janeiro e um dos expoentes da luta contra a ditadura, pela redemocratização do país, era jornalista sindicalizado e tocava um jornal da arquidiocese, chamado O São Paulo, jornal que existe até hoje. Ele era jornalista sindicalizado.

A melhor coisa para a nossa formatura era Dom Paulo. Aí eu fui escrever uma carta para ele, eu mesmo, né? Dizendo a minha profunda decepção de, enquanto a gente estava com o país silenciado pela censura e pela repressão, não ter a voz dele dentro de uma universidade que era, por definição, universidade católica. Então, eu dei uma cutucada nele. “A gente ficou muito decepcionado de não ter um bispo dessa importância e dessa energia do senhor não vir aqui e tal..” E pedi uma audiência. Ele concedeu, eu peguei um ônibus aí, mais um ou dois colegas, que eu não me lembro exatamente de quem, a gente veio.

Chegamos aqui em São Paulo de manhã, passamos o dia pela rua de São Paulo, tivemos a reunião com ele à tarde, e à noite tomamos um ônibus e voltamos para Belo Horizonte. Duas noites dormindo em ônibus.

Com o Dom Paulo, eu falei: “Dom Paulo, nós não podemos falar, a gente tá se formando em jornalismo e a gente não pode falar, a censura não deixa. Agora o senhor é a grande voz.” E acabou que desafiado, ele aceitou. Dom Paulo foi para a formatura, na PUC, no auditório, e naturalmente isso atraiu atenção de toda a imprensa nacional. O Dom Paulo, onde pisava, era referência e a gente sabia que ele ia fazer um discurso forte. Eu me lembro que no dia não só os alunos e pais de alunos e parentes, mas jornalistas de todos os veículos da Veja, da Isto É, do Globo, do Jornal do Brasil, da Folha de São Paulo.

Foi um momento importante, politicamente importante. Os jornais como o Estado de Minas, Diário de Minas, Diário da Tarde, Jornal de Minas, toda a imprensa mineira e toda a imprensa nacional estava presente. Houve repercussão, foi uma coisa realmente importante.

Naturalmente, com muitos agentes da ditadura infiltrados. Mas deu um ânimo muito grande para a gente seguir na luta com denúncias de várias coisas e acho que para todo mundo que viveu esse período, isso marcou. Assim como o Vale, essa formatura, são coisas que marcaram. O Jornal Marco, eram coisas que marcaram a vida profissional da gente para sempre. Você imagina, tem quase 50 anos. E eu me lembro agora, estou me lembrando, vou me lembrando, às vezes esqueço um nome ou outro, mas pessoas a quem sou muito grato. O Lélío, o Fausto, que eram da direção da faculdade, pode ter algum outro nome, um ou outro,

que eu me esqueça de citar agora, 50 anos depois, mas eu citei o professor Otaviano Lage, o professor Dirceu Horta, o professor Paulo Lott, que era jornalista do Estado de Minas, professor de cinema Paulo Pereira, que já nos deixou, o Lott também já partiu, o Paulo Pereira, o Alcione Araújo, que dava aula de teatro, o Paulo Pereira dava cinema. A Tereza, que era coordenadora do grupo de trabalho do Vale do Jequitinhonha. A Glenda, que dava aula de publicidade. O professor Romualdo, muito doido, que dava aula de cibernética.

Naquela época não tinha ainda essas coisas de computador moderno, mas dava aula disso, de antropologia. Era uma turma... Eu vou ver se eu esqueço. Eu vou tentando me lembrar de nomes da época. Daviano, Paulo Lott, Seu... Enfim, havia um grupo de professores, todos, além do conhecimento teórico da comunicação, mas todos engajados na mesma luta.

Esse corredor, não sei se ainda é, não voltei, mas eu não sei se ainda está naquele terceiro andar, a primeira faculdade toda colorida, onde passava às vezes assim a esquadrilha da fumaça, se é que você me entende, passava pelos corredores na esquadrilha da fumaça, sentava nas escadarias do fundo para fumar um baseado. Enfim, era um negócio muito pra nós, na nossa cabeça, muito, vou dizer, exagero, dizer revolucionário, mas para a vidinha da gente era uma bela de uma revolução, sabe? De valores, de botar as coisas... Você não tinha informação de nada na época, censura muito pesada, repressão muito dura. Então, a faculdade era um lugar iluminado, a faculdade era um lugar onde se respirava um clima de liberdade muito grande. E Lélcio Fabiano dos Santos conduziu isso com absoluta... uma liderança fantástica, com a firmeza e nos infundindo coragem para trocar a frente.

Coragem é a palavra que eu guardei desde sempre do Dom Paulo Evaristo Arns. Dom Paulo, depois dessa formatura, voltou para São Paulo, e depois de 25 anos depois, eu vim trabalhar em São Paulo. Por várias vezes estive com Dom Paulo, entrevistei Dom Paulo, e ele sempre que me cumprimentava me chamava de afiliado e dizia “Coragem, Coragem.”

E eu fazendo Bom Dia Brasil toda segunda-feira eu falava coragem que hoje é segunda-feira. As pessoas achavam que a gente tinha preguiça de trabalhar. Mas não, era uma homenagem a Dom Paulo, pelas palavras de coragem.

Logo que eu saí, talvez uns semestres antes de eu sair da faculdade, eu já estava no Jornal do Brasil. Desde o começo, desde antes do Jequitinhonha eu já trabalhava de estagiário no Diário de Minas, um jornal que existia ali na Praça Raul Soares. Um jornal importante,

onde passou muita gente conhecida do jornalismo. Gabeira, o Carlos Castelo Branco, que trabalhava lá, Zé Maria Casa Santa. E a gente se dava bem, porque a gente vinha de um ambiente muito rico, que nos ensinou muito.

A gente, quando chegava nas redações, fazia a diferença. Ter estudado na CUCA, a gente chamava de CUCA, né? Comunicação da Universidade Católica. Todo mundo que vinha da CUCA vinha quente, vinha sabendo de muita coisa. Não sei se essas coisas que eu falei aqui são úteis, mas 50 anos depois eu tô... Isso aí é que está sedimentado na minha memória, como esse tempo difícil, de trevas, mas onde a gente tinha as cores e as luzes da cuca, na cuca.

### **FERNANDO MIRANDA ARRAZ**

Bom, eu estava fazendo o curso de economia, mas eu vi a notícia de que abriu um curso de comunicação na PUC e eu não estava muito interessado no curso de economia, não. Resolvi experimentar. Na época, eu tinha 19 anos. Fiz o vestibular. Por incrível que pareça, mesmo naquela época, foi muito concorrido. Mais de 10 candidatos para a vaga.

Mas dei sorte de ter passado. Não conhecia muito nada da PUC, praticamente não conhecia nada. Mas entrei na comunicação com a vantagem. A escola estava sendo criada, então era tudo novo. A gente estava num prédio novo. Aliás não, o prédio não era novo. A gente funcionou no primeiro ano nesse prédio que é o serviço de ensino aí no miolinho do campus. Sabe onde é esse?

Não. Aquele prédio que tem no miolo ali, um prédio redondo, pequenininho, é no meio do pátio porque o prédio da comunicação não tinha ficado pronto. E aí depois eles transferiram o serviço de ensino para aquele prédio e nós mudamos para o prédio novo, que é o 13. Ainda é o 13? Nem sei.

Mas isso foram seis meses, um ano depois. O primeiro ano do curso funcionou num local improvisado. E...o que eu acho interessante no curso, que eu achei o seguinte, os professores também todos eram muito novos. A ideia do curso de comunicação foram praticamente quatro professores recém-chegados da França que estavam estruturando o curso. Então, era o Lélío, o Itamar, o Fausto e o Emerson.

A diferença que havia entre a comunicação e os outros cursos é que os outros cursos eram muito conservadores e muito tradicionais. A nossa escola, por exemplo, é ao lado do

direito, onde alguns professores, quando entravam nas aulas, os alunos tinham que se levantar tipo exército. A comunicação foi uma coisa completamente diferente. Olha, a gente tinha, assim, a liberdade total. Dentro da escola, o diálogo com os professores era, assim, surpreendente. Eram mais amigos que professores.

Isso foi o seguinte, quando a gente foi mudar para o prédio novo, surgiu essa ideia dos alunos e dos professores de fazer uma escola diferente. E qual foi a diferença? Ela era bem colorida. Se fosse hoje, seria até bem interessante, tipo as cores do LGBT. Os corredores foram pintados de colorido, bem coloridos mesmo. As salas tinham a disposição das carteiras. A gente colocava do jeito que a gente quisesse. Não tinha organização, mas não tinha pressão.

Sim, era bem livre e também interessante, porque a escola criou um boletim interno. E a gente, um grupo de alunos virou um boletim oficial, a gente imediatamente criou um outro, que chamava... Eu não sei se você conseguiu encontrar algum exemplar desse boletim. Mas, ele é um jornalzinho que saía diariamente, chamava O Outro. Por quê? Saía o boletim oficial, e imediatamente saía O Outro. Imediatamente saiu outro, que questionava as coisas da escola, mas de forma até respeitosa,

Não havia muita divergência, havia divergência de encaminhamento, mas não havia um embate com a diretoria. Uma coisa assim importante da gente considerar é que por exemplo a sala da diretoria, a porta sempre ficava aberta. Em qualquer momento, qualquer aluno poderia entrar e conversar com os diretores, com os professores, e discutir e trocar opinião. Então, não era uma escola realmente... Não precisava nem pedir licença pra chegar e bater. Outra coisa importante é que o pessoal, os alunos, organizaram muitas festas. Coisa que as outras escolas era inadmissível. Festa na própria escola. Na própria sala de aula. Assim realmente é uma liberdade total. Uma liberdade assim... Tanto que, pode dizer, tinha a turma que não saía da escadinha, tem a escada que sobe, a escola nossa ficava no terceiro andar. O segundo andar era a psicologia e o primeiro, se eu não me engano, o serviço social. Então, essas três escolas eram as escolas mais progressistas da universidade, por coincidência e talvez até por um erro estratégico lá da reitoria, ficavam juntas.

Então, o que acontecia? A gente fazia muito as atividades culturais, de debates, de levar palestrante para conversar alguma coisa, reunia o DA do Serviço Social, da comunicação e da Psicologia, que eram os DAs mais progressistas. E em meio a... pode falar, pode falar. A gente tinha um confronto com o Direito e a Engenharia, que eram mais conservadores, de mais direitos. Mas, com algum tempo, nós conseguimos ganhar a eleição para o DCE, então o DCE também passou a se alinhar na ala mais progressista.

A escola de comunicação tinha vantagem de que a informação circulava muito, a gente ficava sabendo da perseguição contra os estudantes de outras escolas, dos trabalhadores, das prisões, da tortura. E a gente fazia muitas campanhas contra a ditadura. A escola, a universidade toda, havia muita prechação, mas, infelizmente, depois apagaram. Abaixa a ditadura, fora milicos, uma coisa mais ou menos assim. E os estudantes mais politizados, às vezes, depois da aula, se reuniam em grupos e saíam para pichar o slogan contra a ditadura, outras campanhas, aqui então participavam de campanhas desse movimento contra a ditadura mas não a escola toda não, era apenas um grupo de estudantes.

A gente tanto mobilizava os outros estudantes para comparecer nas manifestações que ocorriam na cidade, as passeatas, as manifestações naquela época eram passeatas, não era ato público. Marcavam, não divulgavam muito não, e se reuniam a maioria das vezes em frente à Escola de Direito da Federal, e saíam com faixas e cartazes, mas andava pouco, porque a polícia descia o cacete e dispersava todo mundo. Mas a gente usava também um método de colar adesivo nos ônibus, tanto contra a ditadura quanto contra a eleição, porque naquela época não havia liberdade partidária. Então, só havia dois partidos. O MDB, que era a oposição consentida, e a ARENA, que era o partido do governo. Então, era o partido do SIM, que era o MDB. E o partido SIM SENHOR, que era a ARENA. Os dois partidos eram absolutamente iguais. A esquerda era banida desses partidos, não existia ninguém da esquerda.

Muitos anos depois é que no MDB surgiu o embrião dos chamados autênticos, que eram alguns deputados, uma minoria, nem 10%, que discordavam do sistema, que criticavam a ditadura. E esses autênticos ou eram deputados, com a AI-5, a maioria deles foram cassados. Mas um núcleo continuou. E às vezes a gente chamava um desses deputados para palestra lá na escola, mas era uma coisa assim bem periférica, não conseguia tanta mobilização, não havia. Havia muita agitação, mas, por dizer que o grosso da escola não participava, eram completamente alheios à realidade. A gente tinha colegas que foram presos, que... Alguns desapareceram. Mas, da PUC mesmo, não foram tantos, não foram mais na Federal.

Prisão tinha porque nas manifestações a polícia pegava, todo mundo corria, mas quem era mole era preso. Mas nesse caso lá da PUC não houve tanta. A repressão era menos violenta do que na federal, nas engenharias aqui da federal, na filosofia, na FAFICH da Federal, mas porque o pessoal da Federal era mais mobilizado.

Uma questão que eu achei interessante da nossa época lá foi que, logo que eu entrei, toda escola que você entrava tinha o tal do trote, que é absurdo, assim, fazer o novato ficar bêbado, obrigá-lo a beber muita cachaça, pintar, tirar a roupa, deixar só de tanga e passar

tinta, picha às vezes no corpo, que era a recepção, então a recepção do estudante era terrível. Na católica tinha muito trote. A gente que me secudecei com a DA, junto com a federal, conseguimos, ainda naquela época, acabar com o trote.

O que a gente fez? A gente criou as calouradas. Que eram palestras, debates e shows de cultura de recepção aos novos estudantes. Então o DCE tinha um auditório muito bom na Avenida Brasil, na Avenida Getúlio Vargas, nem sei se ainda tem. E a Federal tinha lá na Gonçalves Dias, tinha uma estrutura bem grande.

Então, a gente, junto com a Federal, organizava palestras, shows, por exemplo. Só como um exemplo. Um dos artistas que a gente trouxe para um show foi o Tim Maia. Então, isso lotou o auditório, foi um sucesso. Depois, a gente trouxe o Plínio Marcos. Quando ele era muito perseguido pela ditadura, o Tim Maia também.

Mas o Plínio Marcos apresentou, nas calouradas, a peça Quando as Máquinas Param, que é uma das melhores peças dele. Foi montada a estrutura lá do Teatro da PUC, e foi um grande sucesso. Outro que a gente trazia sempre era o Sérgio Ricardo. Ele foi umas músicas sempre de progresso, de protestar contra a ditadura. O trote acabou durante algum tempo e houve uma efervescência de atividades culturais, de palestras, debates. A gente trouxe o Sobral Pinto para acontecer. Na época, eram todos muito perseguidos pela ditadura.

Sem dúvida a escola era um gueto. Não era a maioria. A gente era um gueto, tipo um bunker de contestação. Uma das campanhas que a gente, como não havia liberdade partidária, foi contra a eleição porque tanto os candidatos do MDB quanto da Arena, eram tudo da ditadura.

Então, a gente fazia a campanha do voto nulo. E o voto nulo, talvez valesse a pena até fazer uma pesquisa do percentual de voto nulo no período da ditadura. Era muito grande o percentual, porque nessa campanha, você colocava adesivo em pontos de ônibus, em escola, e fechava muro, mas ela tinha uma aceitação na própria população. O movimento sindical também. Alguns aderiram a essa campanha, então essa foi uma campanha que saía muito da universidade.

A boa foi realmente a abertura das escolas de comunicação. Uma abertura para ideias diferentes e o debate de ideias. Então, era uma escola, a gente diria, efervescente em ideias e propósitos. Mas tanto a contestação lá na comunicação começava com a própria pintura do prédio. Era um prédio diferente. E isso conseguia ter uma influência nas outras escolas também. A gente participava em nível nacional dos encontros de comunicação.

Uma coisa muito importante, que a maioria eram em São Paulo, na USP, na Escola de Comunicação e Arte lá. Mas porque tinha uma relação de intercâmbio com as escolas do país.

Chegamos a organizar também campanhas, no final, mais no final, pela anistia. Embora estivesse em plena ditadura, os movimentos pela anistia, interessante isso, porque ele surgiu em plena ditadura. E esse movimento em Belo Horizonte foi um marco da luta nacional pela anistia. Isso aí é um fato relevante.

Outra campanha que mobilizou a gente, muito depois, pelas diretas. E já bem mais pra frente, aí já eram até... Eu acho que eu já nem estava lá na escola mais, mas os estudantes lá tinham uma participação grande na campanha pelas diretas. Houve comícios e reuniões, lá na porta da PUC, no centro da cidade, a todo lado.

A campanha pelas diretas começou antes do fim da ditadura. Era lá para 78, 77. E na época não era nem pela diretas, por exemplo. O slogan era eu quero votar para presidente, porque a eleição naquela época era indireta, ou seja, os deputados é que escolhiam o presidente e o governador do estado também era indicado, ele não era eleito.

Hoje é difícil imaginar como seria isso. Mas o Francelino Pereira, por exemplo, foi o último governador que foi indicado. Ele nem mineiro era, ele era lá do Piauí. E foi nomeado governador de Minas Gerais.

As capitais e as cidades mais importantes não tinham eleição. Era o prefeito era nomeado pela ditadura. Isso parece muito irreal, né? Como é que foi? Até hoje, o prefeito foi indicado, um dos últimos que foi indicado foi o Luiz Verano, que era até então um engenheiro, um cara técnico, um cara que realmente tinha capacidade administrativa.

Mas isso não importa. O prefeito da capital só foi reconquistado o direito de eleger quando vieram as eleições diretas. Por que a gente... Olha a situação que a gente vivia. Não tinha eleição para prefeito, não tinha eleição para governador, não tinha eleição para presidente da República. Então isso gera uma pessoa de bom senso. É desconvergente, é possível. Porque nós não temos eleição. Então era fácil. Hoje em dia é até mais difícil mobilizar o movimento nacional porque as bandeiras são frágeis. Ou seja, infelizmente, quanto mais dificuldade, mais fácil de se mobilizar.

## **GLÓRIA MARIA VARELLA**

Bom, a escola foi criada em 1971, eu fazia o curso de Ciências Econômicas na UFMG, mas não gostava do curso, não sentia que aquilo fosse a minha área. Quando eu recebi um pedacinho de jornal falando sobre o curso, falei, é isso que eu quero. E entrei na primeira turma, nós éramos 30 alunos na primeira turma. Nós fomos alojados naquele, naquela capela central do gramado. Então, fica uma sala para diretoria, uma sala para a

secretaria, uma sala para a nossa turma. No segundo semestre desse ano, 71, entrou a segunda turma. Fizeram uma ajeitada lá no espaço e colocaram a segunda turma. Mas, para a terceira, seria impossível a gente ficar ali. Era uma maravilha, né? Você estar no meio do gramado, do antigo seminário, era muito bom. Quando a terceira turma entrou, o prédio atual da escola estava sendo construído e a construção nunca terminava. E a gente reclamava e a gente reivindicava e nada acontecia. Resultado? Uma bela noite, resolvemos invadir o prédio, e transportamos a escola para lá. Até coisas da secretaria nós levamos para lá. Não teve outro jeito a não ser instalar a escola lá num prédio ainda não acabado. A gente fazia de tudo. A gente fazia enterro do reitor. O enterro era uma manifestação ainda não muito popular. A gente está falando de 1972, de 1972. Essa manifestação ainda não era muito popular, não. A gente fazia o enterro do reitor, a gente fazia diversos tipos de manifestação. E a escola em si era, mais que libertária, era uma escola experimental. Nós tínhamos um guru retórico por semestre. O Lélcio Fabiano, que era o diretor, tinha estudado na França, conhecia várias autoridades na área de educação e nós experimentávamos um guru a cada semestre. A gente já estava acostumado com aquela troca de gurus. O que para a gente era muito bom, porque a cada guru trocado a gente estudava a obra dele. Para nós era muito bom. Porque, sim, há coisas interessantes que aconteceram. Bom, como uma escola nova, não tinha um diretório acadêmico. Então, pensamos, vamos criar o diretório acadêmico. Criamos e eu fui a primeira presidente. Mas eu não conversava muito com o DCE da PUC, que era um DCE dominado pelo pessoal da engenharia, o antigo IPUC, e retrógrado. Venhamos e convenhamos, retrógrado. Então, eu me relacionava mais com o pessoal do DCE da UFMG. Nunca fizemos um trote de calor nos walls tradicionais. A gente já começou com as calouradas culturais. Para você ter uma ideia, numa das calouradas nós trouxemos o Quinteto Violado de Belo Horizonte. Foi a primeira vez que um grupo de música popular tocou no Palácio das Artes. Fizemos um show de uma calourada também no DCE da PUC, lá na Getúlio Vargas. Não, eu era da UFMG. Sei lá, o DCE que tinha lá na Avenida Getúlio Vargas. Fizemos um show maravilhoso, escrevemos o roteiro com peças com uma pegada bem política. E a gente sabia que tinha gente ali vendo, assistindo, inclusive o ensaio geral, mas a gente conseguiu que tudo fosse liberado. Por isso que falo, a gente sabia da repressão política, a gente tinha ciência de companheiros da UFMG que tinham sido presos. Nós tínhamos uma colega da pedagogia, que era da área de antropologia, ela trabalhava com indígenas, Geraldinha. Geraldinha era mais velha, tinha mais experiência, então ela trazia muitas informações para nós. Mas, no dia a dia mesmo, a gente não sentia repressão política, dentro da escola não. Repressão da diretoria? Nenhuma. A diretoria da escola era abertura total.

Teve um jornal, o outro, porque o jornal oficial da escola, o jornal laboratório, era o Mar, que focava os problemas dos bairros daquela região. Doutor Cabral, aqueles bairros ali em volta da universidade. Era um jornal oficial, bacana, inovador, experimental, mas era um jornal oficial. Então, nós criamos o outro. O outro era o maior barato, pelo seguinte, quem quisesse escrever, escrevia, mas já tinha que levar a matriz pronta, porque a gente não tinha quem fizesse o jornal. Então, às vezes, ele circulava com o mimeógrafo a álcool, às vezes, com o mimeógrafo a tinta, depende da matriz que a gente recebia. E o papel era doado pelos próprios alunos e, às vezes, roubado. A gente chegou a fazer algumas incursões em algumas escolas, em algumas secretarias, para conseguir papel. Às vezes, pedíamos emprestado e depois pagávamos, às vezes, pedíamos emprestado e depois não pagávamos, tinha de tudo. O outro era simplesmente maravilhoso. Circulou durante um bom tempo. Completamente panfletário. Quem quisesse, escrevia, escrevia, o que quisesse absolutamente não tinha censura. Era muito bom.

Olha, era mais uma relação de amigos do que uma relação de professor. Claro, tinha alguns professores que a gente admirava mais, que alguém respeitava mais. Tinha alguns que a gente, assim, era mais formais, um pouquinho mais formais. Os formais não deram certo na faculdade. Pelo menos, nos primeiros três anos, quatro anos, os professores formais não deram certo na faculdade. Era uma relação de amizade mesmo, uma relação de amizade. Alguns, assim, nem se diziam para mim. Wander Piroli. Wander Piroli dizia, o que eu estou fazendo aqui? Não tenho nada para ensinar para vocês. A gente dizia, Piroli, conta para a gente como é que você fecha a editoria de polícia, a página de polícia dos Estados Unidos. Então, ele contava, assim, hoje teve essa matéria, teve esse tratamento, qual foi o problema. A editoria de polícia nessa época, sim, era muito visada, muito visada, porque a editoria de polícia dava coisas que as outras editorias não davam. Então, assim, era uma relação de companheirismo, eu diria. A gente aprendia com eles, porque eles tinham bastante experiência na área de jornalismo, e conversávamos muito, a gente saía muito. Por exemplo, tinha um problema na escola. Como é que nós vamos resolver esse problema? Vamos organizar um acampamento. Os acampamentos eram feitos geralmente no sítio do Eduardo Filizzola, que era da minha turma. Eduardo era da turma de publicidade. Ele estava casado com a Lúcia, aquela colega de turma nossa também. Então, a gente ia para o sítio do Eduardo, o professor, o pessoal da secretaria da escola, alunos. Então, ali a gente acampava, a gente acendia uma fogueira, tomava uma cerveja, tocava violão, cantava, discutíamos o problema e resolvíamos o problema.

Todas que teve. Tudo que tinha em Belo Horizonte, a gente ia. Mas aí eu ia como pessoa, como indivíduo. Não ia como presidente do diretório, não. Eu ia como pessoa. E a senhora acredita que a escola tenha te ajudado a moldar os seus pensamentos, até as suas ações, a depender daquele período em que ela foi criada? Olha, eu vou te dizer uma coisa. Eu entrei para a escola uma pessoa e saí outra. Bem melhor. Com uma visão muito mais clara do mundo. O que é normal. É o que se espera de uma universidade. É o que se espera de um curso universitário na área de ciências humanas. Mas, realmente, eu saí uma pessoa com uma visão de mundo muito mais clara, tranquilamente.

Não, não, não. De certa forma, a gente se sentia protegido dentro do campo. Mais do que os alunos da UFMG, que ainda estavam em unidades isoladas. Eles ainda não estavam no campo da Pampulha. De certa forma, a gente se sentia mais protegido lá, porque a gente estava dentro de um campo. Ao contrário do pessoal da Fafich, por exemplo, que estava lá na rua da UFMG, que estava lá na Carangola, e a Fafich era muito visada. Então, não, não me lembro de nenhum fato, não. Uma coisa que me lembro foi o seguinte. Você conhece, eu até tenho o seu CD aí, The Wall, que tinha uma faixa colorida que ia ser gritante, né? E nós resolvemos pintar o corredor.

## **IVONE DE LOURDES OLIVEIRA**

Bom, eu, quando teve o golpe, eu tinha 18 anos, era professora primária no interior de Minas, numa cidade que se chama Gouveia, perto de Diamantina, e eu tomei conhecimento, assim, pelo movimento que estava a cidade e também porque Diamantina estava muito, tinha batalhão lá e tal, e eles estavam se preparando para ir se precisasse de revolução e tal, e muita gente foi para a rua, mas foi para a rua em comemoração. No interior, as pessoas achavam que aquilo era uma revolução para acabar com o comunismo, para melhorar a vida das pessoas, e eu, morando no interior, naquela época, sem nenhuma facilidade de mídia, então, era muito aquele ambiente, eu sou filha de fazendeiro, meu pai sempre foi de direita e tal, então, defendia o golpe, então, eu vivia, assim, a princípio como se fosse uma euforia, e lá na escola onde eu dava aula, a gente fazia lanche, ficava fazendo lanche para as pessoas que estavam fazendo manifestação na rua prórevolução. Então, assim, é uma situação muito específica minha, porque eu estava no interior e, assim, não tinha televisão, se ouvia por rádio, as informações custavam a chegar, então, foi assim, só depois, quando eu entrei para a Faculdade de Comunicação, que foi 8 anos depois, é que a Faculdade de Comunicação aqui, só depois lá

é que eu comecei a ver a dimensão do que era o golpe de 64, isso aí eu falo que a minha entrada na comunicação virou a minha vida, pelo avesso, porque uma menina vinda do interior, filha de latifundiário e tal, sem nenhuma perspectiva crítica, quando eu caio na comunicação, naquele momento que era ditadura, mas era uma ditadura que já estava em processo de término, mas a gente viveu, dentro da faculdade, muitos momentos difíceis, de medo, de apreensão, de estar ali um olheiro, porque tinha essa coisa do olheiro, a pessoa estava ali. Eu tinha uma professora que ela ia falar, ela dava aula de economia, e ela falava de Marques, de Keynes, e ela ficava olhando na janela para ver se não tinha ninguém escutando, ela tinha sido presa, tinha tido uma certa tortura, mas já tinha saído as pessoas, quando eu entrei para a faculdade, as pessoas que tinham sido presas já estavam voltando, já tinha amnistia, mas mesmo assim ainda tinha ditadura e a gente ficava muito apreensivo.

Primeiro que eu não sou jornalista, eu fiz relações públicas. Quando eu entrei para a faculdade, era comunicação social, você fazia todo mundo junto, só depois e no final que separava. No final, quatro semestres, dois anos ou um ano e meio, não me recordo. Não foi nenhum evento da ditadura, nenhuma influência para eu escolher comunicação. A escolha da comunicação veio muito pelo meu desejo, porque eu sempre gostei muito de teatro, de cinema, de fotografia, de viajar, então eu achava que a comunicação era um lugar que eu poderia aproveitar para expandir meus conhecimentos nessas áreas que eu gostava. Não passou pelo jornalismo, não foi nessa direção. Aliás, jornalismo não era a minha opção primeira. Eu não tinha muita opção da profissão, mas eu acabei indo para as relações públicas.

Quando eu era aluna, era essa coisa da efervescência dentro da faculdade. A faculdade sempre foi um espaço de resistência e um espaço de liberdade, de defesa da liberdade de expressão. Era uma escola pequena. Tinha um diretor que vocês entrevistaram, que é o Lélío Fabiano, que era um cara que estava voltando da França, que tinha vivido em 1968 lá. Ele não tinha disso, ele lutava. A faculdade de comunicação era diferente de todas as outras. Ele lutava pela liberdade de expressão. Vocês devem ter visto isso no livro. Aquela escola foi muito forte para mim, na minha vida, por causa disso. Porque ali tinha uma visão crítica. Todos os professores traziam informações, leituras e teorias que levavam a gente a perceber a sociedade de uma outra forma. Foi lá na faculdade que eu percebi, eu já falei anteriormente, o que é a sociedade, qual era o jogo político, o que era ser uma pessoa de esquerda, o que era ser uma pessoa de direita. A gente vivia um pouco com apreensão, mas lá dentro nós tínhamos total liberdade e a gente sabia das coisas. Dois eventos que posso contar ainda como estudante. Um foi quando teve, não sei se foi em 1975, não sei se foi em 1975 ou em 1976, acho que foi em 1975, teve toda uma movimentação estudantil. Eles se concentraram na

faculdade de medicina, todo o movimento na faculdade de medicina ali na Alfredo Ballenas. E eu fui, mas eu fui com muito medo, porque era soldado para tudo quanto é lado, aqueles cachorros imensos se passando e tal. Fiquei muito apreensiva, mas o que eu vivenciei foi só essa apreensão de estar ali com toda a gente. Mas não aconteceu nada, porque ali também naquela época a repressão já estava diminuindo um pouco pelos movimentos da sociedade. Em 1975, eu fui num congresso da ABPEC, que era uma Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação, lá em São Pedro da Aldeia, em São Paulo. E foi um negócio incrível que a gente viveu lá, por quê? Primeiro que durante os encontros que se davam na sala, todo mundo ficou achando que lá tinha um olheiro, um cara. Então todo mundo ficou muito apreensivo com aquilo. E depois de dois dias de congresso, a gente teve a notícia de que o Vladimir Herzog tinha sido assassinado na cadeia. Então aquilo foi um momento muito triste, e a gente conversou muito sobre essas questões. Então estava presente na minha vida, mas eu não vivi como muita gente que foi presa, que teve movimento e tal, porque nessa época eu estava no interior ainda.

Não conheço, não. Eu tenho quase certeza que ninguém foi afastado da Faculdade de Comunicação por causa do regime. Porque lá, para mim, ali era um reduto mesmo democrático da liberdade. O Estado Lelo não deixaria. E teve época que quem era o reitor era o Dom Serafim Fernandes de Araújo, que até falavam muito mal dele e tal, mas ele teve uma ação importantíssima com relação às pessoas que foram presas. Na época lá da escola, todas as pessoas que eram da universidade, o professor, ele tentou soltar essas pessoas. Ele reivindicava, ia para os órgãos competentes e reivindicava. Então, assim, dentro lá da faculdade não teve ninguém que foi tirado por causa da ditadura.

A gente discutia na sala, sabe? Nós nos organizamos assim. Tinha lá um centro de estudo e pesquisa de comunicação em comunidades, que chamava CEPEC, que o Waldir de Oliveira foi o único que coordenou. Então, ali, naquele espaço, era um lugar que a gente discutia e a gente ia para as comunidades. A gente ou ia para Jequitinhonha, ou íamos aqui para perto, que é em Brumadinho, trabalhar com aquelas pessoas que trabalham com hot-fruits. E a gente acreditava muito que a gente poderia mudar, transformar, quase que fazer uma revolução, tentar levar um conhecimento mais crítico para essas comunidades, uma visão mais crítica sobre a mídia. Isso a gente se organizava mais através desses trabalhos de comunidade. Pelo menos, da minha parte, era isso. Fazia trabalhos em Montes Claros, em Araçuaí. A gente achava que aquilo era uma forma de a gente resistir ao regime. Porque acreditava em uma mudança. Hoje é muito difícil, a gente não acredita em mudança. É muito triste essa coisa.

Eu achei muito interessante essa pergunta que vocês fizeram, porque o espaço físico também, ele manifestava essa diferença lá na faculdade. Primeiro, acho que nem tenho que falar isso, o Lélcio deve ter falado, que ela funcionava ali no meio do campus. Depois foi feito aquele prédio. Foi a época do Lapassade que ocuparam lá. Depois, três alunos pensaram ali dentro daqueles corredores. E foram pintados os corredores muito coloridos, com umas ondas. Era como se fossem as ondas com muita alegria. Aquilo mostrava o movimento, a própria contradição e a alegria daquelas cores. Então ali era um espaço. Tinha aquela sala lá de cima hoje, que é a sala multimeio. Ali era uma sala de reunião, onde o diretor chamava a gente para reunião. Reunimos com todos os professores e ali ele falava, ele denunciava, ele cobrava da gente. Você sabe que na época não tinha essa coisa de chamada, de ficar em sala de aula. Não tinha essa cobrança, não. A proposta dele é liberdade total para todo mundo. Cada um vai procurando o seu caminho. Mas tinha horas que ele chamava a gente e falava, vocês não estão lendo, vocês precisam de ler, as pessoas da área de comunicação precisam de ler, os jornalistas têm que ter curiosidade. Então ele chamava a gente, mas era tudo assim, todo mundo junto, porque a escola não era muito grande. Só tinha à noite. Só depois, foi na época que eu era diretora de centro, que foi criado jornalismo de manhã e publicidade de manhã. A publicidade ficou à noite e depois ficou para de manhã. O espaço, aquele prédio 13, é uma marca. É uma marca que é diferente, totalmente diferente do resto da universidade. Hoje, infelizmente, não. Hoje, eu não sei se é o momento político que a gente vive, se é o medo das pessoas, mas a escola já não é mais um espaço de resistência. Porque, na época, o Lélcio discutia as coisas, os diretores eram contra, eles eram contra as posições da reitoria. Hoje as coisas são acatadas. O que a reitoria pede e faz, é acatado. Eles não aceitam nenhuma desobediência hoje. E como o mundo está muito difícil, eu acho que acaba que os próprios professores se acomodaram com isso. E não sei se seria fácil resistir. Eu resisti um pouco quando fui diretora, mas hoje eu não sei se eles aceitariam aquele tipo de resistência. Porque aí tem essa coisa de mandar o professor embora. Isso tudo muda. E o momento hoje é um momento político tão difícil de você falar o que a gente está vivendo. Naquela época, não tinha essa polarização, não tinha esse ódio. Tinha realmente reflexão, raiva das pessoas, principalmente dos militares e tal, de quem estava no governo, mas era um espaço muito mais de discussão. E lá era diferente. Lá sempre foi um espaço diferente.

Eu acho que eram vários projetos. Esse aí que vocês já falaram, que o Marco foi um ano e já tinha um jornal de bairro, que a gente ia para o bairro para conversar. A área de publicidade fazia muitos projetos também relacionados com comunidade, desenvolvimento de comunidade. Fazia, por exemplo, feiras lá dentro, com as comunidades. Isso tudo para nós era

uma formação daquelas pessoas. O CEPEC, como já falei antes, tinha uma abrangência muito grande, porque ele estava em várias partes de Minas Gerais. E era um espaço ferrenho de discussão e de cobrança. É um caso interessante que acho que posso contar. Eu não tomo café, definitivamente, não gosto de café. E eu trabalhava nessas comunidades aqui em Brumadinho. Nós fomos, acho que quatro, mais quatro colegas, e fomos visitar algumas casas ali, Mário Penna, Mário, esqueci o nome da cidade, era Mário não sei o quê, que ali perto a gente ia para Brumadinho. E aí a senhora em casa me ofereceu café e eu não aceitei. No outro dia que a gente foi para a faculdade e para sentar, vieram uma cobrança em cima de mim muito grande, de que eu tinha que ter tomado café. Isso era um desrespeito pelo outro, que eu não tinha que fazer isso. Eu falei, não, gente, eu acho que desrespeito pelo outro é você fazer o que você não gosta. Você tem que ser transparente, eu não estou lá fingindo. Eu comia, comi várias vezes nas casas, inclusive naquelas latinhas, que me deu problema na língua, que eu peguei uma bactéria e tal. Não é nada, é porque eu não gosto, não tenho direito. Então você vê que o ambiente também era de cobrança, como era nos movimentos políticos, porque as pessoas eram cobradas. Eu tenho uma amiga que foi da luta armada e ela fala que ela andou com armas no Rio, ela também fez comunicação, mas não foi na PUC, que ela andou para ir para o aparelho, levar para o aparelho, e que ela chegou lá tremendo. E aí foi uma cobrança em cima dela, que ela não podia tremer, que ela não podia sentir que a pessoa que está nesse movimento, que é guerrilheira, tem que ter controle das emoções e tal. Então tinha todas essas questões que também reverberavam na escola, porque eu fui cobrada por isso. Mas outra coisa que eu acho que não sei se vocês já ficaram sabendo, isso aí já não era mais aluna, eu era professora. Esses projetos que eu estou falando, a gente tinha muitos projetos assim, em Montes Claros, na área de saúde, tudo com a ideia de conscientização, de levar uma visão crítica da mídia. Quando você fala de visão crítica da mídia, você levava também o que era verdade muitas vezes, porque era tudo censurado, o que era censura e tal. Teatro Popular, eu trabalhei muito com Teatro Popular, aqui na vila ali perto da PUC. Então isso aí, enquanto eu era aluna. Agora, enquanto eu era professora, porque logo que eu me formei, na época não tinha esse negócio de ter mestrado, doutorado para dar aula, não. Eu já fui dar aula logo. Dois anos depois, ou três anos, eu já fui ser vice-chefe de departamento. E nessa época, a questão democrática e da liberdade era tão discutida que nós criamos uma comissão paritária para coordenar o curso. Então, para coordenar o curso, se tivesse oito professores, eram oito alunos. Se tivesse quatro professores, eram quatro alunos. É comissão paritária mesmo. E aquilo era uma cobrança em cima da direção, uma coisa incrível. Tem uma menina que se chama Marcela. Esqueci o sobrenome dela, mas eu sou até amiga dela no Facebook. Se vocês

quiserem, vocês podem até conversar com ela. Ela até namorou o Américo. Acho que ela foi casada com o Américo. Então, essa menina era muito atuante. Até hoje, muito atuante. E hoje, quando eu encontro com ela, eu brinco. Você questionava até o ar que eu respirava, porque era uma cobrança em cima de mim. Por que eu fiz isso? Por que não foi dessa forma? Eu tenho que fazer isso e tal. Hoje, os alunos nem devem saber quem é diretor da faculdade, quem é chefe de departamento. Naquela época, os alunos, eu já era professora, os alunos eram envolvidos e chegamos a essa conclusão de que seria interessante ter essa experiência de ter uma coordenação do curso que fosse paritária. Então, acho que isso é também um reflexo pós a ditadura, de recuperação, inclusive, dos espaços mais democráticos.

Os maiores desafios eram a falta de expressão, falta de liberdade de expressão. Isso era uma coisa muito forte. E outra coisa, eu particularmente, você falou pessoal, eu tinha muito medo. Eu tinha uma culpa, porque eu não participei contra a revolução, mas, ao mesmo tempo, eu tinha muito medo, muito medo das torturas, muito medo da prisão. Porque eu escutava muito dos professores, dos amigos, o que eles passaram nas cadeias e o desrespeito. Então, aquilo era muito forte, sempre foi muito forte para mim. Essa divisão, uma culpa porque eu não lutei contra a revolução, até entender que não era eu, ali era um contexto, uma situação. E, depois, tinha esse medo, mas esse medo foi melhorando, mas, mesmo assim, de enfrentar polícia, cachorros, esse tipo de coisa, de sair correndo, essa coisa era meio difícil para mim. Agora, por outro lado, eu me sentia como se eu tivesse mais liberdade do que os outros. Na escola, mesmo como aluna e como professor, a gente sabia mais do que as outras pessoas, porque ali era um espaço de discussão, a gente podia comentar as coisas. E, em geral, as pessoas também, quem não era partidário, de partido, de movimentos revolucionários e tal, nas casas as coisas eram mais veladas. Na minha casa era uma coisa bem velada, as pessoas não eram contra. A partir do momento que eu entrei para a escola, eu passei a ser aquela ovelha negra nessa perspectiva ideológica e política. Então, não é minha família, não é uma família de partido revolucionário, ela é mais para a área mesmo da direita e do latifúndio.

Olha, eu acho que Lélío é um representante disso, porque ele fez a faculdade e resistiu em vários momentos, ele não tinha medo da experiência nova, ele falava, ele deu oportunidade para a gente. Que distingue é isso, eu acho que o Lélío que distingue. Tinha uma professora que se chamava Regina Celi, mas ela já morreu, ela foi muito resistente, a vida toda, e nos ajudava muito com as aulas dela, com a resistência e tal. Todos os professores da gente, pelo menos eu nunca lembro de ter tido um professor que era de direita. Lá na escola não entrava um professor de direita, naquela época. A sala de professor era efervescente, havia uma cobrança em cima da gente para saber o que estava acontecendo, porque ali

naquela sala de professores, nossa senhora, ali eram discussões, análises dos jornais, olha aqui o que saiu, olha aqui e tal. E hoje vem a diferença, hoje as pessoas não comentam nada, eu quase não frequento, mas às vezes que estou lá, não tem aquela efervescência política. E os alunos também eram muito participantes, estavam muito dentro da escola, os DA's eram muito fortes,. Mas, mesmo assim, tinha brigas de tendência, a Libilu, tinha uma outra lá, Polop, essas tendências, também as tendências de esquerda, as tendências da esquerda também estavam dentro da faculdade, e ali tinha às vezes brigas na hora de decisão de eleição para DA e tal. Hoje nem se tem mais, se tem DA, como se tem eleição, como é que é.

Eu, como aluna, a coisa que mais me impactou, que eu fiquei mais impressionada foi quando Fernando Henriques Cardoso voltou do exílio, ele foi dar uma aula na USP e ele não teve lugar para caber tanta gente. Até que a gente sentou na grama e ele falando, ele era um homem lindo, novo assim, um sociólogo. Naquela época, nossa senhora, era um cara representante da esquerda. E ali foi muito marcante para mim, que eu vi ali uma força, sabe? Tanto de jovens ali, tudo assim, ouvindo, querendo mudar, querendo fazer alguma coisa para a democracia avançar. Então, esse assim, como estudante, foi uma coisa melhor que eu já vi. Lá na escola era muito assim, o Lélío trazia muito professores, né, da América Latina. Então, lá na escola tinha, porque nessa época também, porque essa questão da ditadura no Brasil, ela também era muito forte na América Latina. Então, assim, no final da década de 70, começa um movimento latino-americano para a gente construir uma teoria da comunicação que fosse latino-americana e que a gente não importasse tudo dos Estados Unidos, né, porque a bibliografia era de todos os Estados Unidos, basicamente. Depois vieram os franceses. Mas, então, o Lélío trouxe essas pessoas para dar palestra para a gente. Então, isso aí era uma coisa que eu acho que é uma lembrança boa. Dolorosa, eu não tenho nada assim doloroso. Tenho coisas dolorosas, mas que acho que não são da ditadura. Por exemplo, o aluno que surtou esse tipo de coisa, mas que não era da ditadura. Eu acho que da própria faculdade, sabe? Porque muita gente também não aguentava, não dava conta daquela liberdade. Porque lá a gente era totalmente livre. Você ficava na sala se você quisesse, saía se você quisesse. Uma relação muito próxima com os professores. Hoje ainda tem essa relação muito próxima com os professores. Isso aí eu acho que é uma marca muito forte da escola, que o Lélío deixou. Eu falo que as marcas da escola são afeto e liberdade, que para mim foi fundamental, sabe? Fundamental. Então, hoje é outro mundo. Então, você não pode comparar. Eu não quero em nenhum momento comparar. Mas, assim, essa vivência na escola... A escola para mim foi uma luz, foi um caminho. Eu falo que a minha vida começou a partir da escola. Porque eu dei uma virada. Aí eu comecei a pensar a partir de mim, de conhecimento meu, de interesse meu.

Quando eu entrei para a faculdade, eu nunca tinha ouvido falar em marcas. Não sabia o que era isso. Não sabia, é muito louco isso. Você não saber que existia tendências, que era de direita e era de esquerda. Nossa, eu não vou ficar reiterada.

Olha, o impacto dela, da ditadura, é até louco isso que eu vou falar. Eu acho que a própria ditadura deu força no sentido do que ela representava para o Lélcio construir o que ele construiu. Um homem de 31, 32 anos, eu não lembro que ele começou. Então, aquela escola, gente, ela era um exemplo, um reconhecimento total e absoluto do Brasil e fora do Brasil. Por essas características dela mesmo, dessa coisa da democracia, do afeto, da liberdade, de experimentar projetos pedagógicos novos, de ter uma relação com a comunidade muito próxima, de trazer gente de tudo quanto é lado. Chacrinha veio aqui. O problema é que eu não vou lembrar os nomes. Mas, assim, grandes pessoas da televisão, o Lélcio trazia para cá. Isso tudo na época da ditadura e tudo. Então, ele construiu um projeto que depois foi continuado pelo Fausto, Antônio Fausto Neto. Depois entrou o Zé Milton, depois entrou a Gleida. Eu e o Osanã entramos em um determinado momento, foi antes do Zé Milton. Então, as pessoas todas tentavam dar continuidade a isso. E hoje, eu acho que a escola perdeu um pouco disso. Eu não sei como é que vocês veem isso, mas aquele afeto, aquela resistência, porque também um momento é outro, é diferente. Porque quando tem uma coisa te pressionando, você se alia aos outros para resistir. Como não tem assim, não tem nada hoje para vocês enfrentarem, para nós enfrentarmos. Claramente, a coisa é tão diluída, tão ampla, tão forte, tão intensa, como o capitalismo, desenvolvimento tecnológico, tudo isso, que a gente acaba sendo submetido a isso. Então, eu acho que a escola está submetida ao capitalismo, está submetida a não só a escola, a universidade. Eu hoje acho que a universidade, da forma como ela está, é falida. Não tem. A escola foi o único lugar que não mudou totalmente. Continua do mesmo jeito, a sala, o professor falando, os alunos ali escutando, escutando não, ali, de corpo, porque não tem mais esse envolvimento que tinha antes. Não estou falando que isso é uma questão dos jovens, porque eu acho que isso é a geração. Eu acho que a escola não está conseguindo perceber e assimilar com materialidades o que é demandado dessa geração. Uma geração que não é muito ligada à leitura, porque foi condicionada a viver na internet, tem as informações, a gente tinha que procurar a informação, não era um clique, a gente tinha que ler, procurar a informação. E a escola continua naquela coisa que está os professores dando aula, muitos sem muito prazer, os alunos também sem prazer nenhum. Nós tínhamos, posso falar para muita gente, prazer de ir para a faculdade, prazer, literalmente, era o melhor. Quando eu fui diretora da faculdade, eu fazia reuniões com todos os professores, a gente ia para uma fazenda da PUC, e ficava lá fazendo reunião, discutindo projeto pedagógico, discutindo a questão dos

alunos, quem eram os alunos, como é que a gente tinha que fazer para os alunos se envolverem mais. Hoje não tem isso, as pessoas não têm tempo, as pessoas nem tomam cafezinho, os professores não tomam mais cafézinho. Não tem tempo, gente, as pessoas não têm tempo para essas coisas. Então, a internet separou muito, acabou essa questão do afeto. Para mim, aprendizagem é uma relação de afeto, você aprende muito mais, é assim, eu conversando com você, não isso aqui, é aqui, você fala uma coisa, eu falo outra e tal. Ah, eu estou hoje ruim, eu briguei com o namorado, eu briguei com a mãe, hoje estou feliz. Isso é vida. E o processo de aprendizagem é isso. Agora, você hoje não tem essa relação com o professor, é tudo virtual, sabe? Pode ser um saudosismo meu, eu sei que essa é a realidade, mas isso pode ter ganhos, mas também tem perdas. E a perda, que eu acho, é a pior coisa que existe no mundo, é a perda das características fortes daquela escola, que é o afeto à liberdade. Porque vocês não têm mais liberdade, né, gente? É tudo subjugado, nós todos somos subjugados. Então, eu acho que hoje a escola, eu falo escola por afeto mesmo, a faculdade, ela é o reflexo do mundo de hoje. Mas que ela foi muito, mãe, muito importante na vida de muita gente. As pessoas até... Foi feita uma pesquisa, quando nós fizemos aquele livro que vocês viram. Foi feita uma pesquisa, não uma pesquisinha não, foi feita uma pesquisa pela Vox Populi, sabe, uma pessoa foi contratada, tinha grupo, foque grupos e tal. É impressionante os depoimentos. A escola é minha vida, a escola mudou a minha vida, eu adoro a escola. Hoje vocês não têm mais esse afeto pela escola, não é verdade? É diferente. Então, assim, é outra escola porque é outro momento.

Nossa senhora, essa pergunta é difícil. Eu acho, porque também era um contexto diferente, eu acho que a mídia foi, apesar de ser censurada sem parar, você vê as páginas, as primeiras páginas praticamente em branco, mas teve criação do Pasquim, teve criação de outros, o Binômio, teve outros jornais, quer dizer, o jornalismo resistiu, ele não parou. Então, acho que a mídia, na época da ditadura, foi importantíssima. Mesmo a tradicional, que tinha que lidar com soldados, com polícia dentro das redações, com pressão de telefonemas e tudo, eles não tinham medo. O que era possível passar, desculpe, o que era possível passar, passava. E eles davam muita informação. Para mim, naquela época, eram muito corretas. E tinha todo esse movimento que era da imprensa nanica e tal, que eu acho que é isso. E a mídia é muito forte, foi uma resistência. E muito bem feita, muito competente. Você pegar os artigos, você pegar o artigo daquela época, você fica impressionada de ver a fundamentação daqueles artigos. Eu não sei, foi lá na escola que eles fizeram um podcast sobre o binômio, que ficou muito bom. E aí, hoje, eu acho que... Nossa Senhora, a mídia, para mim... Quer dizer, quando estou falando de mídia, estou falando de televisão, rádio, jornal. Se a gente for botar as mídias

sociais também, que é também uma mídia, quer dizer, hoje está centrado nas mídias sociais, gente. Sabe? Quer dizer, as pessoas estão muito caracterizadas, as tendências de cada um, e as pessoas vão assistir aquilo, uns não assistem Rede Globo de jeito nenhum, os outros não podem assistir a Record. Então, assim, eu acho que a mídia perdeu muito espaço em relação à ditadura. Ela foi perdendo muito espaço, porque a internet passou a dominar, as mídias sociais dominando, tudo agora ninguém mais pega no jornal para ler. Essas coisas têm uma simbologia, sabe? Eu não sei. Eu acho que a mídia era mais atuante e melhor construída nessa época do que é agora. Eu acho que agora há um desequilíbrio, não posso falar que a mídia está perdida, mas há um desequilíbrio com a mídia hoje, eu percebo dessa forma.

Eu estou achando que eu falei tudo. Teve uma coisa muito forte lá na faculdade também que era assim, quem escolhia os diretores, os coordenadores, eram professores e alunos, tinha eleição. Eleição para ser... Na época era chefe de departamento e vice-chefe. Na faculdade também teve eleição, tinha eleição para a faculdade. Agora é tudo já determinado pelo reitor. Você mostra, você vê que há um retrocesso com relação a isso, mas era só a faculdade que permanecia com isso e ela era aceita. Ele falava assim, pode mandar uma lista TRIPS, mas eu tenho o direito de escolher. Tudo bem. A reitoria tinha o direito de escolher, como é de reitor que manda para o governo federal. Mas ele sempre escolhia o que era mais votado. Só no final, na última, é que ele não escolheu quem foi mais votado, mas a escola também não tinha muita força para resistir, porque você precisa de força para resistir e reconhecimento. A escola era muito reconhecida. Hoje eu acho que a escola está meio fora, até fora do mundo profissional, porque é outra realidade, é outra realidade. Eu tenho uma coisa, mas não era ditadura, mas é uma questão que eu acho que é democrática. Quando eu era diretora da faculdade, eu construí um conselho de ex-alunos. Eu chamei vários profissionais de várias áreas para compor uma comissão para a gente discutir a questão da faculdade, como deveriam ser feitos os currículos, eles participavam, a gente tinha discussão mensal. Uma vez era na Vox Pop, outra vez era no Estado de Minas, outra vez era na TV Alterosa, outra vez na Globo. Tinha representantes da empresa, tinha representantes de consultorias, tinha até um programa, foi muito legal. Eles ofereciam estágios sem remuneração para você ficar um mês em cada lugar que você quiser, um mês numa consultoria, um mês na televisão e um mês na rádio. Todos abriam espaço, porque todo mundo era do mercado e abria esse espaço. Eles iam para a escola, faziam seleção. Era uma efervescência essa coisa. Eles iam todos para lá para debater com os alunos. Aquilo dava muita esperança para os alunos, possibilidade para os alunos. Acho que isso foi uma coisa bonita que eu vivi lá. Acho que isso foi uma coisa interessantíssima. Tem essas informações.

Acho que no livro tem um pouquinho, mas acho que isso é a marca da faculdade, de não ser fechada, de estar aberta. Com muita preocupação com a formação humana dos alunos, humanística, acho que isso perdeu. Perdeu muito. Os alunos tinham aula de teatro, de cinema, todos os alunos tinham aula de teatro, de cinema, de arte, desse tipo de coisa. Acho que isso também abria muito. Hoje acho que as pessoas vão muito com aquela cabeça muito técnica, ou para ser jornalista, ou, no caso, de relações públicas, para ir para a empresa. Cinema, não. Acho que no cinema o povo é mais aberto, mais criativo, porque é a própria profissão. Acho que é isso. Não tenho mais o que dizer. Para mim, os momentos que eu vivi na minha vida, muito importantes, foram lá, a partir da escola, a partir do momento em que entrei lá, em 1974, e nunca mais saí. Saí, fiz concurso para a Federal, passei, fiquei na Federal quatro anos e voltei para a PUC. Só não passei pelo reitor Dom Cabral, que era o primeiro. O resto dos reitores, todos eles eu vivi. Então, eu percebo claramente a mudança da universidade. A mudança do mundo, né, gente? Porque a universidade está inserida no contexto. Então, é isso. Se eu lembrar de alguma coisa a mais...

### **ITAMAR DE OLIVEIRA**

Olha, eu sou de uma geração que, de uma certa forma, eu já participava do movimento estudantil secundarista. Então, eu já tinha sido presidente da União Estudantil da minha cidade, eu participava da União Colegial de Minas Gerais. Então, quando eu cheguei para a universidade, eu já tinha bastante consciência política, eu já tinha noção e nós éramos a favor das reformas de base, nós éramos a favor de... a gente acreditava naquela época que o Brasil ia percorrer um caminho, né, e a gente estava se preparando, todo mundo querendo fazer do Brasil um país, né? Que o Brasil era um país atrasado, um país do campo, né? Essa coisa toda. Então a nossa geração quando chegou, porque nós... Eu nasci em 45, então é uma geração pós-guerra. Isso então no mundo inteiro, nos configura um povo que nasceu com a esperança de construir um mundo melhor. Sem a guerra, né? Essa coisa toda. Então, quando eu cheguei, por exemplo, pra universidade, quando eu vim pra universidade, eu já tinha bastante consciência das coisas que eu fazia. Então, por exemplo, o meu vínculo com o jornalismo é muito forte, porque na época a produção não era regulamentada, mas no movimento estudante e secundarista, a União Colegial de Minas Gerais, tinha um jornal que se chamava “A Jornada”, eu já escrevia nesse jornal, já era um pouco líder. Quando eu cheguei, eu já era líder no movimento estudantil secundarista, então quando eu cheguei no movimento estudantil

universitário, eu já conheci de participar de congressos, então eu já tinha uma base, além do que, na minha cidade, a minha cidade foi muito marcada também pela formação da JUC, a Juventude Universitária Católica. No meu caso, eu não era da JUC ainda, lá tinha a JEC, a Juventude Estudantil Católica, dos secundários. Então, quando eu voltei, eu já fiquei conhecendo o pessoal da JUC, que era um pessoal... Então, eu ingressei, digamos assim, eu continuei um pedaço de caminho. E quando eu escolhi o jornalismo, eu estava dizendo para vocês, a profissão não era regulamentada. E no tempo que eu era aqui, secundarista, nós organizamos lá na Universidade de Montes Fochos, quando eu era presidente da União de Estudantes, um congresso de jornalismo estudantil. E foi gente de muitos lugares. E muitas dessas pessoas também vieram para Belo Horizonte para estudar e muitos vieram fazer jornalismo secundarista, já foi uma semente. Então, quando nós chegamos aqui em Belo Horizonte, eu passei no vestibular da UFMG, fiz o curso de jornalismo. Eu não estava muito satisfeito com o curso. Eu tinha muitas críticas. Mas, ao invés de ficar na crítica, o que é que nós fazíamos?

O fato de a gente ter organizado esse congresso, nós organizamos com o jornal O Diário Católico, que foi parceiro da gente nisso. Então, logo, logo eu consegui um grupo da UFMG, da minha sala, e conseguimos estágio no jornal. Então, logo, nós já entramos na profissão. Já começamos a fazer estágio, a trabalhar e tal. E começamos a luta pela regulamentação também. Aí tem uma série de lutas, mas assim, digamos, só pra fechar talvez essa primeira abordagem da sua pergunta, assim, eu sempre quis fazer jornalismo, porque na minha turma, na minha turma lá em Bom Despacho, quando eu entrei pro curso de ginásial, eu passei em primeiro lugar, então todo mundo perguntava o que eu ia fazer, eu nunca me preocupei com isso, eu nunca liguei para a nota depois. Isso foi por acaso que eu passei, não tem nenhuma maravilha não. Mas o povo te observa, né? E a maior parte dos meus colegas, porque lá tem um batalhão, quase todo mundo, dos meus colegas, uma parte enorme, tudo foi para a Polícia Militar e foi fazer o DI, são oficiais da Polícia, muitos são coroneis, aposentados. Então, assim, acaba que eu tenho muito vínculo com toda uma geração, sabe, de gente desse campo. Aí, quando eu vim para Belo Horizonte, eu tive esse contato com o jornal O Diário, fizemos esse congresso, fizemos estágio, e logo depois eu acabei... aí eu me vinculei fortemente a Dom Serafim, que era o bispo auxiliar de Belo Horizonte. Por quê? O Emerson de Almeida, que é o fundador do Dom Cabral, o Emerson era jornalista do Correio da Manhã, e eu fui lá na assessoria de imprensa e falei com ele que eu estava fazendo jornalismo, que eu queria fazer um estágio lá também. Na verdade, eu acabei entrando na assessoria de imprensa

da PUC, quando eu ainda estava estudando. Então, com isso, eu virei protegido do Don Seraphim também. Eu queria fazer um pouco o curso de Letras para completar a minha formação de jornalista, mas eu achei o curso de Letras muito ruim. Porque o jornalista é mais dinâmico, a Letras era ruim demais para a gente. Então, eu fiz algumas cadeiras, mas larguei, porque não tinha por que continuar. Mais pra frente eu fiz outras coisas, mas eu achei que ia ser útil pra gente melhorar o português, melhorar isso. Mas não foi ruim, não. Mas não foi o que eu esperava. O curso era muito tradicional, muito atrasado, linguística bem... Tudo... não era nada pra nós que queríamos mudar o mundo, né? Não era o que a gente queria. E aí eu estava te falando da questão da nossa geração, o Didibo Paiva, que foi presidente do sindicato de jornalistas, trabalhando nos Estados Unidos, é uma figura importante do jornalismo mineiro. Uma vez, eu fui convidado para participar de um debate, quando estava discutindo a geração de 68, porque estava tendo aquelas manifestações todas, né? Aí o Didibo me fez uma pergunta, por que nós estávamos insatisfeitos? Se nós estávamos estudando, se nós estávamos, né? Nós éramos uma geração... Aí eu falei, ô Didri, eu acho que tem uma coisa na nossa geração que vocês não são capazes de entender. Nós respeitamos a geração de vocês, admiramos, mas nós não queremos ser igual a vocês. Nós queremos ser outra coisa. Nós não sabemos ainda o que nós queremos ser, mas o que vocês são, o que vocês... a gente não quer ser. Então a nossa geração veio um pouco assim, a gente veio acreditando que a gente era diferente, que a gente precisava ser diferente, que o mundo precisava ser diferente. Então eu acho que isso é uma marca da nossa geração, como todos que viessem a conversar a falar das pessoas aí, já falam esse clã, esse clã, mas a gente tem em comum, aqui e aqui também, isso aconteceu nos outros países, acho que a gente tem em comum alguma coisa que for universal. Então, eu te diria que eu sou legatário de uma cultura maior que o mundo vivia, do pós-guerra e tal, quando a gente já... No movimento estudantil, quer dizer, no secundário eu já fazia uma coisa, no universitário eu já fiz outra, e depois a gente pode ir seguindo.

Olha, é o seguinte, como eu te falei, eu tive a sorte também de começar a trabalhar em jornal, né? Eu comecei a trabalhar, então eu cobria desses movimentos todos, então eu já cobria, eu não ia como militante nem como nada. Eu ia como repórter. Então por isso que eu falei com vocês. Eu já era... Eu praticamente nasci repórter, né? Então eu ia e cobria. Mas assim, aí tem um dado, porque tinha um jornal também na Papixo, jornal do DCE. Então, como eu era jornalista, me aproximei. Se tinha grupos pra tudo. E uma coisa que uma colega minha falou comigo, tinha muita briga na hora de pautar o jornal. Cada grupo, porque tinha muitas tendências no movimento estudantil. Tem grupo disso, tem grupo daquilo outro, tinha

gente que queria lutar armada, tinha gente que queria... Cada um queria uma coisa. Isso que eu falei com vocês, a nossa geração, o que ela tem em comum é que a gente não queria o mundo do jeito que ele era. A gente queria outros caminhos. Mas então, uma colega minha falou comigo uma vez, por exemplo, quando eu chegava no impasse, eles me chamavam, eu acabava fazendo o jornal sair, fazendo as pessoas minimamente se entenderem, e a gente tocava o barco, mas era uma briga muito grande. Então, desde sempre, a minha trajetória foi no sentido de diálogo, de dialogar, de tentar resolver as coisas, porque eu sempre acredito na política, sabe? Porque a política, que eu estou falando aqui para vocês, é a arte do diálogo, né? Então, assim, eu cobria, eu vivia esses momentos todos e eu fui fazendo porra. Depois que eu saí do Jornal do Brasil, que eu saí do diário, eu trabalhei na Rádio Inconfidência, e na Rádio Inconfidência eu era repórter também, então de manhã, todo dia eu dava um furo, um trem assim. Aí eu fui pra Rádio Jornal do Brasil, que era do Jornal do Brasil. Na Rádio Jornal do Brasil eu dava um furo no jornal todo dia. Aí o pessoal do jornal me tirou da rádio e me levou pro jornal. Então eu fui repórter do Jornal do Brasil. No Jornal do Brasil, foi quando eu já era profissional, eu já era todo poderoso, eu achava o máximo. Porque o Jornal do Brasil, vocês não sabem o que era o jornal. Era um jornal que às vezes tinha entrevista coletiva, de secretários, de gente assim, enquanto o repórter do Brasil não chegava, era como a Rede Globo, não começava entrevistas. Mas eu entendi isso logo também, que eu era bem tratado, não era por mim, que era por um veículo que eu representava, porque tem muita gente, pessoal da Globo, tadinho, sofrem muito com isso. Eles ficam muito famosos, ficam muito identificados, depois quando saem, ficam pirados. Então, assim, eu era um repórter do Jornal do Brasil, com muito prestígio, fazia coberturas, cobria coisas sensacionais. Mas, então, depois do Jornal do Brasil, foi na época do Jornal do Brasil que nós começamos o processo de criação da faculdade de comunicação, a escola de vocês, nos anos 70. Aí nesse livro aqui, vocês vão ver, tem inclusive depoimento meu, tem do Lélío, tem de vários, nesse livro que eu estou falando com vocês, vocês vão ver, tem coisa. E depois a gente pode complementar também, se for preciso. Mas então, do Jornal do Brasil, eu consegui uma bolsa do governo francês. Porque o Lélío, que foi diretor da faculdade, eu fui o vice dele. O Emerson e o Marco Antônio Falsa eram um grupo de quatro. Todos eles estudaram em Paris, no Instituto Francês de Imprensa, da Universidade de Paris. Eu fui pra isso também. Só que eu cheguei lá, a hora que eu vi o curso, a minha satisfação foi muito grande, porque eu já era jornalista, já tinha trabalhado em rádio, jornal, já tinha uma história de jornalista. Aí, eles não, eles eram formados em Direito. O Emerson era formado em Economia, eu não, eu já era formado em Jornalismo e tinha trabalhado. Aí, eu acabei, eu consegui ingressar no doutorado. Eu fiz uma

prova, e entrei no doutorado e fiquei quase 4 anos lá, 3 anos e tanto. E fiz o doutorado. Quando eu voltei do doutorado, eu voltei para a PUC, para a comunicação. Porque em 70 nós tínhamos fundado a Faculdade de Comunicação. Em 72 eu fui para Paris. Então quando eu voltei em 76, eu voltei para a PUC, mas eu não fiquei muito tempo lá não. Como eu já tinha doutorado, eles estavam falando em criar um mestrado na comunicação da UFMG, aí eu acabei, optei pela dedicação exclusiva da UFMG, mas eu não perdi os vínculos com a PUC. Então o que eu fiz? Havia há um certo tempo uma rivalidade entre a PUC e a UFMG. Havia esse negócio, e eu consegui acabar com isso também. Eu levei muita gente da PUC para a UFMG, levei gente da UFMG para a PUC. Então as duas escolas acabaram a gente fazer programas com uso, eu falei projeto de memória. Então eu construí pontes entre as duas faculdades. E a gente se encontrava muito no sindicato. O sindicato era o nosso ponto comum na luta pela regulamentação. Depois deu uma vez também que nós lutamos muito contra o currículo, o MEC impôs um currículo pra gente e nós fomos o primeiro curso no Brasil que não aceitou o currículo do MEC. Então nós conseguimos apoio dos empresários, dos donos de jornal, dos sindicatos e das faculdades e nós fizemos um currículo de entendimento, que tipo de profissional precisava formar. Foi aí que as escolas foram valorizadas, porque tinha que ter laboratório, tinha que ter equipamento, não era que as cursos fingissem mais. Então, aí eu voltei para a PUC e fiquei lá uns dois anos e teve uma época que eu dava aula na PUC e no UFMG e às vezes até eu misturo, eu encontro com um aluno, não sei se ele é da PUC ou se ele é da UFMG, mas havia essa identidade e, por exemplo, a Cida, que se formou em relações públicas, você conhece a Cida, né? Ela se formou na UFMG, mas depois ela se identificou com a FUC, que teve muito caso de gente que era de uma, passava para a outra e se situava bem. Então acabou essa bobagem de qual era melhor. Cada uma tem seu perfil, tem sua história, tem sua trajetória. Então, eu não sei se é isso mesmo que você estava querendo, mas assim, eu entendo que o meu vínculo com a PUC não é um vínculo de tempo, é um vínculo mais de trajetória mesmo, porque eu ajudei a pensar a criação da universidade, da faculdade, antes, porque como eu estava na UFMG, eu sabia dos efeitos do curso da UFMG, eu não queria um curso da PUC, eu ia repetir o UFMG. Então, nós fizemos um seminário, e o D. Serafim nos apoiou muito. Nós fizemos um seminário sobre comunicação de massa na época, nos anos 68. Esse seminário foi um pouco assim, está aí no livro, depois vocês vão ver. Esse seminário foi um pouco a raiz da formação do curso, porque aí nós conseguimos agregar gente que estava na ativa, gente de televisão, gente de rádio. Em vez de criar um curso de jornalismo, criamos uma faculdade de comunicação. Foi uma coisa inovadora. Mas aí eu já estava em um outro patamar. Quando eu voltei da França, eu fiz uma tese lá e tal. Aí eu

resolvi continuar na universidade na UFMG até me aposentar. Me aposentei em 1995. Mas assim, sempre fiquei próximo das instituições por causa das coisas que a gente acaba tendo em comum. Um pouco disso. Voltando àquele momento que o senhor comentou que participava muito do jornal, que já quase foi um repórter, o senhor acredita que os projetos acadêmicos foram instrumentos de concentração e resistência nesse sentido? Muito, muito, muito. Porque é isso que eu estou te dizendo. O curso da Federal, onde eu estudei, onde eu me formei, ele era um curso bacharelesco, era um bacharel. Os professores tinham jornalista antes da regulamentação, ela era muito uma profissão de terceiros, principalmente de advogados e de políticos. Então, muita gente com esse perfil. Então, quando a gente conseguiu regulamentar, nós estamos fechando as portas, nós estamos transformando, nós estamos valorizando. E a nossa faculdade era sempre objeto de muita desconfiança. Eles olhavam a gente com... E no meu caso, não era eu pessoalmente, não, é a nossa geração. Então eu estava em tudo que a ditadura não gostava. Eu estava vinculado à igreja progressista, depois aos sindicatos, que eram lugares de resistência, e à faculdade, onde ninguém aceitava a ditadura. Então eu estava nesses três universos que formam quase a consciência de um todo. Então, assim, e a nossa geração também, nós tínhamos muita esperança de sermos dirigentes do Brasil. Nós chegamos, quando nós éramos jovens, nós vamos mudar esse país. Aí você chega, tem uma ditadura, ou você luta contra ela, ou você se abate. Aí teve as divergências, uns foram para a luta armada, outros foram para isso, outros foram para aquilo. Mas a resistência, a universidade teve um papel muito importante. Aí, tanto a pública como a federal tiveram. Agora, eu estou dizendo o seguinte, no nosso caso, nós tínhamos uma coisa muito importante, que a igreja é uma instituição respeitável. Então, Dossiarafim não era de esquerda nem de direita, ele dialogava. Ele não podia se expor. O papel dele era um papel de ecumênico. Ele tinha que dialogar. Mas ele tinha um apreço muito pela questão da comunicação. Ele entendia o papel da comunicação. Sabia o que era isso. Inclusive, no tempo que nós estávamos dando aula na ANAPU, o Lélío, eu e outros professores, nós demos muita aula para o clero, para os padres, para os bispos, para ajudar eles também a serem melhores pastores, melhores comunicadores. Então a faculdade também se inseriu em lutas de todos os planos. O Marco, vocês conhecem bem a história do Marco, né? Então o Marco nasceu também, ele era um jornal comunitário, em vez de ser um jornal... era um jornal engajado, né? Então ouvia as reclamações da população, tentava dar vazão para os pleitos. Então, eu acho que a faculdade foi um respiratório, foi um oxigênio naquele tempo. E outra coisa, no caso também da Federal, quando nós fomos para o campus, porque nós funcionávamos na Fafich, na rua Carangola, quando nós fomos para o campus, foi outra coisa maravilhosa para o curso. O

curso começou a se abrir também mais, porque deixou de ser um curso de jornalismo, começou a ter contatos com a biblioteconomia, com belas artes, com tudo. Então, o curso da Federal também se enriqueceu muito quando foi para o campus. E a PUC se enriqueceu muito quando os professores da Federal muito se aposentaram, ou transitaram, quando criou o primeiro ciclo de ciências sociais na PUC, foi uma inovação muito grande. Então, aconteceu nesse período muita coisa que marcou os tempos nessa linha de resistência e depois na questão, na luta pela redemocratização, isso fica muito evidente. Inclusive tem muitos jornalistas que já foram alunos nossos, que já foram importantes na transição. O próprio Tilden, que foi presidente do sindicato, o Américo Antunes, que foi presidente do sindicato, foi aluno nosso também lá da PUC. Então aí tem uma geração, tem muita gente brilhante que saiu tanto da PUC como da UFMG, às vezes eu misturo, como eu dei aula para eles todos. Então é uma safra muito boa de gente que lutou. E agora estamos em outro tempo, um tempo meio sombrio.

Olha, como eu estou te falando, eles desconfiavam muito da gente. Eu me lembro quando a gente ia fazer cobertura no DOPS, esse negócio, a gente era muito ruim. Tinha o Tassir Menezes Cias, eu tô tentando lembrar o nome do delegado, eles eram muito desconfiados da gente, então assim, que a gente era vigiado, que a gente era observado, isso era muito... Mas eles não podiam, por exemplo, porque o Jornal do Brasil era um jornal respeitável. Não dava pra... Também para afeitar o Jornal do Brasil, não dava pra enfeitar a igreja, que também era organizada. A igreja foi avançando, porque a igreja... A parte da igreja era conservadora. A igreja foi avançando à medida que ficou claro que a gente já tinha mais cobertura. Mas a gente tinha que ter precaução quando se colocou em passeata, não sabia o que podia acontecer.

O que eu falei para vocês, o que eu acho que talvez mereça até para a frente uma revelação maior é que nós éramos, igual estou te falando, a gente estava nos espaços que a ditadura não suportava. O Sindicato Jornalista foi um lugar de... inclusive o Lula ia lá no Sindicato, era um espaço onde as pessoas que eram contra o regime se reuniam, trocavam ideias, faziam movimentos, faziam muita coisa. Então o Sindicato foi um espaço de convergência e acolheu muito a juventude da comunicação, dos jornalistas, professores, aquelas que eram engajadas, porque os outros também não tinham porquê. Então, eu acho que o sindicato foi muito importante nesse período, a faculdade também, porque as pessoas eram quase que as mesmas. As pessoas que estavam no sindicato. Esses três pontos que eu falei para vocês eram mais ou menos os mesmos atores que estavam no sindicato, que estavam

lutando pela revolução. Cada um tinha um espaço de luta e naquilo que a gente podia ver, a gente estava vós a pessoas que se a gente não tivesse consciência política, a gente não daria. Então, de uma certa forma, a gente também fez os nossos jornais ficarem mais progressistas, os nossos jornais eram conservadores, então a gente impulsionou os jornais a se aproximarem também da opinião pública. Porque isso também foi um processo de conscientização gradual. Então, eu acho que os pontos que eu acho mais interessantes... Porque se a gente entrar em casa, eu não gosto de heroísmo. Eu acho que a questão da vida, a vida se constroi coletivamente. Então, tem muita gente que teve destaque, que sofreu, que foi torturado, jornalista que foi preso. Então, cada um pagou um preço, né, na sua transição. Então, assim, eu diria que a gente... A gente poderia falar que a gente teve uma frustração de... Que nós gostávamos de política, né? De não ter sido os grandes atores da política, mas acabou que a gente acabou se tornando, porque nós somos fundamentais nesse processo de redemocratização, para constituinte, né? A transição democrática fez muito com, digamos, com a nossa experiência, com a nossa vontade, com a mobilização que a gente fazia. Então, aquelas coisas, as diretas já, toda essa história recente do país teve muita participação dos alunos, dos professores e dos jornalistas sindicalizados conscientes da importância. Isso que eu falei para vocês no início. A gente foi formado... a prioridade para nós não é o capital, é o trabalho. Então são coisas que são conscientizadoras e que são transformadoras. Se a gente está cobrindo um evento, a gente tem um viés de, primeiro, compromisso com a verdade, compromisso com ouvir as partes, essa coisa toda da ética. E eu acho que nisso, eu acho que essas três instituições, a universidade, o sindicato e as escolas, cumpriram um papel que eu acho altamente importante. E vejo que, por exemplo, quando vocês estão recuperando isso, isso, dá um pouco de esperança de que essas coisas não vão perecer, não vão ficar perdidas. Por isso que eu estou falando para vocês. Eu acho que essa coisa, a comunicação, teve uma luta, por exemplo, que nós tivemos um protagonismo muito grande nela, eu particularmente, o Gui de Almeida, Zé Mil participou, vários outros. Nós tivemos um movimento muito grande, chamada luta pela democratização da informação e da comunicação. Nós chegamos a aprovar, teve um projeto chamado Asile Resende, que aprovamos uma lei para melhorar a questão da comunicação. Vocês podem achar isso sábio, isso é a lei da liberdade da informação e da comunicação, mas não foi implementada. É igual a questão da regulamentação, que acabou e tal, que é outro tempo de luta. Mas teve uma coisa, só para vocês terem uma ideia de como a coisa é complexa. No tempo que a gente dava aula, a gente acompanhou muito um projeto que havia de... como é que chamava, gente? Era circulação de informação no mundo, e que mostrava muito claramente como que a informação circulava distorcidamente no mundo. As

agências, todas eram ligadas ao grande capital, os Estados Unidos, esse negócio todo. Então foi feito um relatório chamado relatório McBride, esse rapport McBride foi muito importante. Depois também vocês podem conseguir coisas sobre ele. O relatório McBride foi aprovado e ele propunha uma série de coisas que depois vocês podem pesquisar. Propunha uma nova ordem internacional da informação e da comunicação, com muita coisa, com equilíbrio, é um negócio muito bacana. Nós ganhamos essa batalha na Unesco, com uma luta muito dura. Sabe o que aconteceu? Os Estados Unidos, a Austrália, a Inglaterra, os países anglófonos saíram da Unesco. Saíram da Unesco, ficaram fora da Unesco muitos anos. Depois, quando eles voltaram, eu voltei a Paris, fui lá conversar, a gente falava, aí o assunto, a nova ordem da informação era assunto proibido no UNESCO, porque quando os países ricos saíram, o UNESCO ficou sem recurso para fazer, para promover, para... Então isso que eu estou dizendo para você, a nossa luta é muito desigual, a nossa luta é muito desigual, por isso quando eu vejo vocês fazendo um trabalho assim, eu acho interessante porque eu acho que nós estamos numa virada interessante, eu não estou sem esperança, eu acho que o mundo está caminhando para o Oriente. Então esse imperialismo americano, com essa força que eles sempre impuseram ao Brasil, eu tive também uma participação na política, eu fui secretário do partido, tive uma participação forte na política, fui vereador, fui relator da lei orgânica da minha cidade. Então, assim, como eu falei para vocês, eu tenho muita preocupação de não virar arauto da própria trajetória, mas eu estou querendo dizer que eu sou produto de uma cultura universal, de uma cultura universalizada. Então, assim, no mesmo caso que teve repressão em Praga, que teve repressão em Paris, que teve repressão no Rio, em São Paulo e Belo Horizonte, nós todos fomos ao mesmo tempo atores e vítimas desse processo que foi um processo avassalador, onde acabou prevalecendo a força do capital internacional, das multinacionais, esse poder que eles têm. Então, você não precisa saber o que é a mídia hoje, você pega até os jornalões que tinham uma certa compromisso, eles hoje viram palhaçada. Agora eu fico até preocupado onde vocês vão atuar. Eu acho que vocês vão ter que reinventar. Mas eu acho que vocês têm capacidade para isso. Da mesma forma que nós inventamos um período, vocês vão se reinventar no tempo de vocês. Então eu acho que se tem coisa esperançosa daí para frente, tem que ter né? Tem que ter

**JOÃO FRANCISCO PEREIRA DE MEIRA**

Uma parte daquilo funcionava as escolas de direito, e eu fui lá para estudar direito. Isso era por volta do quê? 74, 73? No meio do período mais complicado, mais violento da ditadura. E eu cheguei na escola e fiquei meio assustado, porque o tipo de gente que estudava lá nessa época, tinha delegados do DOPS que estavam tirando título de bacharel em direito para poder prosseguir na carreira. Era um pessoal muito descompromissado e muito, digamos assim, de um lado que não era o meu lado. Então eu falei, poxa, isso aqui não é a minha turma. Tinha um professor que defendia o AI-5 dentro de sala de aula, que era da aula de direito constitucional, e eu achava o AI-5 uma maravilha. Como é que você sobrevive num ambiente desse? Não que eu fosse exatamente... Mas não era razoável você ver umas coisas dessas.

E aí, poxa, o que eu vou fazer? Eu vou abandonar esse curso? O que é que eu vou fazer? E aí eu descobri. Tinha um grande amigo que já estudava lá na comunicação, e eu meio que descobri aquele espaço. Na época, a escola funcionava no terceiro andar do prédio 13, aquele prédio bonito. O último prédio era o prédio 13. Embaixo tinha serviço social.

E ali era um negócio completamente diferente, era um espaço inteiramente diferente de tudo que eu já tinha visto. Primeiro porque o visual era marcante. Aliás, é uma pena. Eu acho que alguém recuperou lá um pedacinho. Uma vez que eu fui lá, eu vi que alguém tinha conseguido recuperar um pedacinho. Mas aquilo tinha uma pintura, uma decoração de parede, remetendo muito à arte moderna da época, umas coisas que... sei lá, era uma mistura de coisa de história em quadrinho com pintura abstrata. Era uma coisa bem... eu não sei quem é autor, talvez alguém saiba disso, mas eu não sei quem fez aquilo. Eu sei que aquilo impactava fortemente. Naquela época, a PUC até era uma universidade relativamente pequena. O principal curso da PUC na época era o Instituto Politécnico, lá nas engenharias. Era uma escola muito conservadora. Igreja, né? Dom Serafim, aquela coisa. Então, assim, a escola de comunicação não tinha nada a ver com aquilo. Era como se fosse um universo paralelo. E ela tinha algumas coisas também que eu achava muito bacanas.

Além de ser um curso, quando eu fui ver como era o curso, a escola de comunicação me atraiu muito. Ela tinha uma biblioteca própria e eu acabei descobrindo isso também depois, com a vivência lá. E isso é muito importante, porque tinha literatura de ponta da área de comunicação. Então, eu li McLuhan no original, tinha os autores franceses, tinha a Escola de Frankfurt, tinha gente da cibernética, pessoal da teoria de jogos.

Eu creio que os fundadores, particularmente a figura do Lélcio Fabiano, que é, digamos assim, o pai fundador daquele curso, no sentido de que, voltando do doutorado dele na França, ele conseguiu convencer o Dom Serafim e a igreja de que cabia. Já havia um curso de

cinema no âmbito da PUC antes. Mas era só cinema. Cinema era pouco para um momento em que a comunicação já estava bombando em muitas outras coisas, particularmente televisão. Mas tinha rádio, tinha jornalismo impresso. E aquilo era de uma vitalidade impressionante.

E a gente vivia aquela escola o tempo todo. Não havia essa ideia... Havia uma tentativa de organizar quem está matriculado, em qual cadeira, quem responde chamada a onde, mas, primeiro, ninguém fazia chamada. Segundo, todo mundo assistia aula onde quisesse. Eu, por exemplo, demorei demais a sair de lá, porque, quando eu vi, eu tinha feito umas matérias que não era para ter feito e estava devendo umas matérias que eu devia ter feito. Por quê? Aí é uma questão pessoal, só para explicar. Como eu tinha passado do vestibular para direito, eu tive que fazer outro vestibular para comunicação. Eu não podia transmitir de uma escola para outra. Era complicado naquela época. E aí, como direito e comunicação faziam parte do mesmo curso básico, eu dispensei matérias. Sobre a relação de aprendizado, era algo que começava na hora que você entrava lá dentro. Porque não era só um aprendizado de técnicas, não era só para você aprender a manejar uma câmera, uma câmera de TV, uma câmera fotográfica. Tinha laboratório de fotografia, a gente fotografava preto e branco. Tinha um jornal, a gente fazia um jornal impresso. As coisas que são verdadeiras relíquias. Eu imagino que essas coisas não existem mais hoje. Imagina, revelar uma foto preta e branca. Ninguém que sabe fazer isso. Então havia laboratórios de diversas disciplinas.

Tinha as relações, as amizades, os namoros, os rolos, aquelas coisas. Tinha a possibilidade de estudar o que você quisesse, porque a biblioteca era muito boa e dava para ler muita coisa. Tinha as pessoas, a gente discutia, conversava, trabalhava, produzia coisas no jornal. Tinha um programa, tinha um sistema de som na faculdade, a gente tinha um jornal do intervalo que dava notícias e tal. Cada um inventava de fazer alguma coisa desse tipo e dava tempo de fazer política.

E naquela época, ou você estava do lado da ditadura ou você estava contra a ditadura. Era uma coisa preta e branca. Não tinha meio caminho. E aí, algumas pessoas tinham tido experiências muito duras com a repressão. Gente que teve familiares que foram mortos, pessoas que sofreram fisicamente, que apanharam, foram torturadas e tal. E a gente, de alguma forma, estava sempre mais ou menos próximo de pessoas que tinham passado por uns perrengues desse tipo. Isso é um lado. E, no movimento estudantil daquela época, de certa forma, surgiram... surgiram o que foi, depois se transformou... para aqueles que se dedicaram à política enquanto profissão, a embriões de partidos.

Partidos como o PCdoB, como o PT, a esquerda do MDB. Então você tinha representantes, digamos assim, ou pessoas jovens que, de alguma forma, tinham conexões

com pessoas mais maduras que tinham perspectivas desse tipo. Então se fazia política dentro da universidade. E se disputavam os espaços de representação que havia dentro da universidade, que eram os DAS e o DCE. Então tivemos alguns momentos memoráveis de disputa com a direita, no sentido de deslocar a direita dessas representações. E também disputas entre diferentes frações de esquerda que estavam presentes na universidade e disputavam esses espaços, uma vez que a direita, a partir desse momento, na minha época, nunca mais voltou para essas representações. O tempo passou, outras coisas aconteceram, outras circunstâncias criaram outras situações. Às vezes eu já não estava lá mais. Bom, então eu passei esse tempo lá fazendo essas coisas.

Além disso, havia uma percepção de que era preciso reconstruir a democracia no Brasil. O que não era possível é que o país continuasse vivendo sob uma ditadura militar. A ditadura não era apenas uma questão de você não poder eleger seus representantes, não poder votar para presidente, para governador, para prefeito das capitais, por exemplo. Mas tinha censura, censura à arte, censura à imprensa, censura à informação. Então, para nós de comunicação, essa questão era crucial.

Quer dizer, independente de qualquer outra coisa, se você está trabalhando com comunicação e tem um sistema de poder que cerceia e que censura, é claro que você vai quase que naturalmente se aliar àqueles que propunham acabar com isso. Afeta diretamente a área. Porque isso afeta diretamente a nossa área. E não era só isso. Como eu disse, a gente também conviveu com pessoas que tinham sido machucadas, torturadas, presas e mantidas incomunicáveis, ou que tiveram parentes que foram mortos pela ditadura, mortos em circunstâncias covardes, porque já estavam presos e foram mortos por conta de tortura. E a gente tomava conhecimento dessas histórias e se revoltava muito. Então, isso tudo não era só porque a gente gostava de política, é porque a gente tinha noção de que era preciso fazer isso. Essa era uma espécie de missão de tentar levar, tentar ajudar a levar o país de volta para um processo democrático, para a normalidade democrática.

Isso tinha muito. Havia o Movimento Estudante 1 organizava. Quer dizer, o processo era um processo lento, porque, fora dos muros da universidade, qualquer coisa podia ser motivo de prisão. Às vezes, eles invadiam, como invadiram o DCA da Medicina, onde nós fizemos um encontro nacional de estudantes. A polícia nos cercou, foram lá e prenderam todo mundo. Todo mundo que estava lá. Nesse dia, por exemplo, eu estava participando, mas não lá dentro. Eu tinha ficado acordado aquela noite, então eu vi a mobilização tentando, a gente tentou avisar, porque tem que lembrar também o seguinte, naquela época não tinha telefone celular, o telefone era tudo grampeado, ligar da PUC para alguém, não vai lá não, que a

polícia está te esperando, a polícia lá prendia o cara e prendia você. Era tudo muito mais difícil. Então, por um acaso, eu não fui preso nesse dia. Eu me lembro que muitos colegas foram, e alguns professores também. Manifestações que fazíamos na PUC, a polícia cercava a PUC, se a gente pusesse o pé para fora, como a gente tentava, né? Eles ficavam lá do outro lado da rua, a gente saía, eles vinham para cima da gente, jogava bomba de gás lacrimogêneo, se bobeasse, pegavam um ou outro. Então havia essas escaramuças permanentemente, e o que se procurava fazer era somar, trazer mais gente, mobilizar, procurar outro setor, os diretores da sociedade, as entidades da sociedade civil organizada, a OAB, o Instituto dos Arquitetos. Naquela época, o pessoal da medicina era mais comprometido com essas questões democráticas. A medicina mudou muito de lá para cá. Então a gente participava de tudo isso.

Havia o movimento estudantil. Esse movimento estudantil era um movimento fundamentalmente, essencialmente, diria exclusivamente, dos estudantes. Então os professores não se metiam em manifestações de estudantes. Os professores tinham lá as mobilizações deles, as discussões deles no âmbito da categoria professores. A maioria dos professores, eu diria que praticamente todos os professores da PUC eram professores, da PUC não, da... FCA? Eu falo PUC porque é a comunicação da PUC. Eu não sei falar FCA não, porque pra mim é uma sigla também já posterior à minha época de lá. Mas os professores da escola... Bom, nós tínhamos uma figura lá que era o coronel. Vocês já devem ter ouvido falar no tal do coronel. Não, não? Coronel o quê? Bom, eu esqueci o nome do coronel. Mas era o coronel. Então é o seguinte, a ditadura impôs que todos os cursos de graduação tivessem uma disciplina moral e cívica. Organização Social Política Brasileira, ou SPB, era um espaço que a ditadura tinha pra botar os espões deles e que davam aulas nessas coisas que eram obrigatórias. E o cara ficava lá falando que nós, os patriotas, porque a revolução, que não sei o quê. E a gente ficava lá sentado olhando pra cara dele. Ninguém discutia com o cara, ninguém falava nada. Ele fazia chamada, todo mundo calado. Ele dava a aula dele e ia embora. Nós íamos embora também. Era uma espécie, assim, de pacto. Entendeu? Ele não enchia o saco de ninguém, ninguém enchia o saco dele. Ele ia embora e a vida continuava.

Então, tirando ele, todos os outros professores, que eu me lembre, de uma forma ou de outra, eram, no mínimo, favoráveis à reconstrução democrática. Alguns bem mais à esquerda, alguns mais ao centro, até a centro-direita, talvez. Mas o movimento pró-democracia, naquela época, era muito amplo e era uma convergência muito grande. E, portanto, havia uma mobilização grande.

Agora, tenho que dizer o seguinte. Havia um diálogo. Nós conversávamos com os professores sobre essas questões, sobre pontos de vista diferentes, inclusive porque havia

professores com pontos de vista mais... por exemplo, alguns achavam que nós tínhamos que tentar encontrar um meio de mobilizar o povo para fazer uma revolução socialista logo de uma vez. Não tinha nada dessa etapa democrática. Outros achavam que não, que não é por aí, que a coisa vai. Então, essas discussões eram discussões muito boas porque, a partir daí, você tinha contato com literatura, ia estudar essas questões, ia aprender mais sobre isso para poder, enfim, lidar. Então, era um ambiente em que havia uma interação muito aberta, muito franca com os professores, para além das disciplinas específicas.

A gente tinha habilidades que a gente precisava de aprender, desenvolver lá, tinha conhecimentos que a gente tinha que acessar, mas também havia essa outra dimensão de aprender sobre determinadas coisas que não fazem exatamente parte do currículo e que têm a ver com a política. Teve um cara que, para mim, foi um sujeito muito importante, o Ricardo Prata, que morreu ano passado. Ele era professor de sociologia e nós éramos muito amigos, ficamos muito amigos. A partir de lá, aprendi tanta coisa com ele. Outro foi o Itamar de Oliveira, que era o coordenador da área de RP. Inclusive, eu compreendi o valor do que eram as relações públicas a partir de uma leitura muito menos, digamos, quadrada dessa área. Tinha o Romualdo, que foi professor de sociologia e teatro. Teve a Regina Paula, que era professora de fotografia. Estou sendo super injusto, mas estou aqui falando só do que me vem, de flashback, sabe? Mas é um monte, um monte de gente competente, que passou muita coisa, ensinou muita coisa. Então, assim, do ponto de vista de participação direta nesses acontecimentos de embate com as forças da repressão, basicamente era o choque da polícia militar e tal. E aí, de vez em quando, alguns apanhavam, outros jogavam umas coisas.

Até que veio a coisa das diretas já, aquele movimento. O movimento saiu de dentro das universidades, ganhou as ruas, e aí ninguém segurou mais. Então, assim, eu acho que houve uma participação intensa do conjunto de professores.

Agora uma questão de história pessoal. Eu vi acontecendo e vi de uma forma muito próxima a ditadura militar. Eu nasci em Diamantina. Eu morei em Diamantina até os 17 anos. Então, em 64, eu tinha 11 anos de idade. E quando veio o golpe militar, houve muitas prisões de pais, de amigos meus, meus colegas de grupo. Meu vizinho do lado, que era um dentista, acusado de ser membro do Partido Comunista, saiu prendendo um monte de gente, dizendo que era comunista. E eu vi o transe, o desespero, o horror daqueles meus coleguinhos, com 11 anos de idade. Eu vi esse negócio acontecer. Eu vi os militares com metralhadora na rua da cidade. Um negócio sem perna e cabeça, quase morri de medo daquilo. Que diabo está acontecendo aqui? Você vai me convencer que o cara que eu almocei com ele ontem, aquela figura agradabilíssima, é um perigoso comunista? Eu pensei “esses caras são malucos”.

Outro problema. Um dos caras que ajudaram a deflagrar esse movimento, o general Olímpio Mourão Filho, é diamantinense, e, por acaso, é irmão da minha bisavó. Então, ele é meu tio bisavô. E eu sabia que ele era doido. Eu conheci o cara. Entendeu? Então, no meu caso pessoal, a consciência da maluquice, da doideira, do que era esse golpe militar, com 11 anos de idade, eu já tinha caído a ficha. Então, eu não sei. Para muita gente, pode ser que a faculdade tenha funcionado como, digamos assim, uma centelha, algo que tenha ajudado as pessoas. Não, na faculdade, eu já cheguei com essa noção. Agora, eu tive oportunidade de compreender melhor, de me informar melhor, de ter acesso a fontes de informação, a ter uma formação teórica mais competente, a entender e compreender de uma maneira mais intelectual aquilo que, emocionalmente, eu já percebia há muito tempo.

Não estou te contando que o meu tio bisavô era um dos golpistas que estavam dentro, no âmbito da minha família tinha gente que apoiava. Isso é, mais ou menos, digamos assim, comum. A gente tem que compreender o período da ditadura militar em fases. Você tem a fase do golpe, quando o Jango é derrubado. E ele é derrubado num processo em que há toda uma campanha de desestabilização que procura convencer a opinião pública brasileira de que, de um lado, era corrupto, e, do outro lado, era comunista.

É muito curioso, porque é a mesma conversa fiada que a gente vê até hoje. Então, houve um momento em que a opinião pública brasileira é recorrente, ela não aprende e não se lembra de nada. Então, lá em 1964, foi a mesma coisa. Fizeram a cabeça. “Ah, meu Deus, aí veio o comunismo, esse povo todo ladrão, não sei o quê.” Isso deu suporte, a opinião pública deu suporte aos militares para derrubarem o governo constituído.

E veio todo aquele processo e depois de fechamento gradativo, porque a sociedade saiu existindo, vem ato institucional, número 1, número 2, até que em 1968 vem o ato institucional número 5, que proíbe tudo, fecha tudo. E os militares tentam desenvolver, tentam estabelecer um processo de desenvolvimento. Ah, Brasil grande, esse negócio aqui agora vai crescer, vão virar uma potência mundial. E essa coisa fracassa, por várias razões. Que também, em dez minutos, nós não vamos discutir isso aqui, não é? Mas quando esse processo fracassou, a partir da crise do petróleo, no início dos anos 80, ficou claro que esse regime não ia se sustentar mais. Porque ele perdeu credibilidade, o seu projeto fracassou, e aí começaram a pipocar as notícias, as denúncias de corrupção, de militares que ficaram ricos. E aconteceu com eles mais ou menos o que tinha acontecido anteriormente. Criou-se a condição de terminar com esse regime. Agora, a essa altura, eu já tinha terminado também meu período lá na faculdade. Porque, enquanto estive lá, ainda era um período de resistência quase exclusiva de alguns setores isolados da sociedade e de uma parte do movimento estudantil. E uma parte

da sociedade apoiava o regime. Falando sobre essa questão aí, de dar um pouco mais voltado pra...

Tem um detalhe importante que é a medida também que foram surgindo os relatos das pessoas que eram mortas, torturadas, certo? E que essas notícias saíam, e as pessoas ficavam sabendo, e aquilo chocou muita gente. A própria Igreja Católica adotou uma posição mais firme com respeito a isso. Isso também ajudou muito a abalar. A gente até fez uma pergunta sobre isso mesmo.

Bom, a gente precisa considerar que havia censores nas redações. Nada podia sair sem o carimbo da assinatura do censor. Então, em princípio, em primeiro lugar, a gente tem que entender que não havia condições de exercitar a profissão de jornalista, de comunicador, do que quer que fosse. Isso é o primeiro lado. A maioria das redações forçava o máximo que podia, mas às vezes tinha que publicar uma receita de bolo na primeira página porque a matéria tinha sido cortada. Por outro lado, a mídia comercial tinha lá suas necessidades. Foi o momento, a transição em que os diários associados perderam relevância e o Grupo Globo vai dominar o mercado. E o Grupo Globo, de certa forma, tinha um pouco mais de flexibilidade em relação ao regime. Em parte, porque ele era também todo cheio de contradições. Porque as novelas da Globo, que faziam a cabeça das pessoas naquela época, eram novelas que passavam muitas mensagens de contestação. Então, vivia-se uma tensão muito grande na grande mídia.

Essa luta pela democracia que vai se fortalecendo, gradativamente, particularmente a partir da mídia impressa, a Folha, o Estadão, o Globo, o Jornal do Brasil, que eram os quatro grandes jornais da época, foram gradativamente embarcando nesse processo. Agora, tem um fenômeno muito bacana, muito legal dessa época, que é o surgimento do que nós chamamos, no período, de imprensa alternativa. O Pasquim, o Opinião, o Movimento, vários jornais e revistas que eram alternativos. Eles não faziam parte exatamente desses grandes grupos de comunicação e que abrigavam uma pauta que não saía nos outros jornais, que dava notícias que a gente não via. E que contavam com a colaboração de algumas das melhores intelectuais, das melhores cabeças do país. E que foram super importantes, inclusive, para a formação intelectual de muita gente.

A ditadura tentou acabar com o Pasquim, mas ficou até jeito. Uma vez, prendeu a redação inteira. Prendeu o Giraldo, o Jaguar, o Milô, o Paulo Freire, todo mundo. Ficou 15 dias na cadeia, a secretária, os estagiários e o jornal fizeram ele parar de rodar. E era uma luta. O Opinião, a mesma coisa. O Movimento, a mesma coisa. Abril, lançou a revista Realidade, que foi o tempo em que foi morta. Fizeram a Veja, que no início era uma puta de uma revista

também. Então, você tem que julgar isso sem tentar olhar isso no tempo em que isso aconteceu. Não no tempo de hoje. O tempo de hoje é outro. As condições de exercício da comunicação social hoje são completamente diferentes. Então, é outra questão. Hoje, por exemplo, nós estamos falando de quase 50 anos atrás.

Na época, existiam dois tipos de mídia na época. Uma mídia muito mais controlada e muito mais difícil de funcionar, que era a mídia comercial, de funcionar em oposição ao regime. Até porque, no caso da televisão, por exemplo, era concessão. E os milíeis começaram a suspender. Se você continuar isso aí, eu vou tirar a sua concessão, por exemplo. E havia a mídia alternativa, que era também perseguida, mas que tinha uma circulação bacana. Hoje em dia é totalmente diferente, para começo de conversa, porque a proliferação de canais de distribuição da informação é enorme. E a mídia toda migrou para o digital. Nós todos migramos para o digital e nós todos podemos dizer que a gente, se quiser, é uma mídia, é um canal. Então, eu acho que o papel da mídia é bem mais complexo e o que ela precisa fazer é fornecer informação de boa qualidade, informação bem apurada, informação o mais precisa possível.

Só que não. Porque ela está muito atravessada. Hoje é a época do colunismo. Todo mundo lê a parte de jornalismo. Ninguém lê mais, porque quando você vai ler, você vai ler a coluna do fulano, do beltrano, do ciclano, porque você já sabe das coisas que aconteceram. Não tem muito jeito. Não dá tempo de escrever a notícia, você já vê a notícia rolando. Tudo muito instantâneo hoje.

Então, eu acho que mudou o papel da mídia. Mudou a função desses veículos e também tem o aspecto ético e de referência. Uma das coisas importantes do jornalismo profissional é tentar manter um padrão ético decente, que tem sido detonado de tudo quanto é jeito para tudo quanto é lado. É difícil. Acho que a profissão de jornalista hoje é muito mais difícil do que era naquela época, paradoxalmente. Você podia correr o risco de morrer, mas não de se desmoralizar. Desmoralizar é pior, eu acho, do que morrer. Você fica um caco.

Então, o período da ditadura foi um aprendizado, que nos ajudou a amadurecer, a enfrentar uma situação adversa. Ele nos ofereceu a oportunidade de pensar e de refletir sobre o país e sobre o que a gente achava que podia ser melhor para todos, para o povo, para a nação. Nos ensinou a ter uma relação muito mais afetuosa com o Brasil, com o país, de maneira geral. E eu acho que o que eu aprendi na escola eu apliquei na minha vida profissional.

É claro que depois eu fui fazer outras coisas, fui fazer especialização, fui fazer mestrado, fui fazer doutorado, e fui cuidar da minha vida. Mas eu acho que a referência

fundamental e original com a qual eu me identifico muito e da qual eu tenho muito carinho, me lembro com muito afeto e com muita ternura, é a Faculdade de Comunicação. Acho que foi uma coisa muito boa para mim.

## **JOSÉ MILTON SANTOS**

A minha biografia é muito extensa porque comecei a minha militância política à 63 anos. Começa em 1961, três anos antes do golpe e em outubro de 63 eu respondia ao meu primeiro inquérito policial militar. Em fevereiro, o meu segundo inquérito policial militar por causa da minha militância política.

Na verdade, a universidade funcionava na praça da liberdade, aqui na unidade católica, a primeira unidade que veio foi a engenharia. E tinham poucas unidades, a maioria funcionava lá, em 1971, quando a faculdade foi criada e começou a funcionar.

Tanto pelos alunos, quanto pelos professores, quanto pela a direção, que era uma direção progressista, a equipe que criou a faculdade era da esquerda católica, a maioria “Ingresso da ação popular”, um grupo clandestino de resistência à ditadura. O desafio era criar o que não existia, nós começamos do zero, nos sentimos instituindo, criando algo que não existia. Minha turma criou o jornal marco, diretório acadêmico do qual eu fui o primeiro presidente, agência de publicidade. Criamos tudo e não havia nada e grande parte, a contribuição dos estudantes foi 90%.

A própria faculdade foi criada com um espaço de resistência à ditadura, então tudo da faculdade era de resistência e da luta pela redemocratização. Então não é só o jornal marco, não houve até o fim da ditadura, absolutamente nada que não fosse contra a ditadura.

Em 1974, três anos depois que a FCA foi criada, começou o movimento de refundação da UNE, que tinha sido fechada pela ditadura. Então foi realizado o 1º ENE Encontro Nacional de Estudantes, o 2º N, o 3º N teria sido realizado em Belo Horizonte, na faculdade de Medicina. Eu assumi a coordenação do curso em 1978, mas de qualquer forma eu estava acompanhando a participação dos estudantes no 3º N. Tínhamos nossos olheiros na repressão e um deles nos avisou que às 5:00 da madrugada, seria todo mundo preso, na Faculdade de Medicina. Eu e mais uns dois colegas, avisamos, ninguém acreditou e quando deu 5h, todos foram presos, colocados em ônibus e vieram pra Gameleira. Dentre eles, a unidade que tinha mais estudantes presos era da FCA, mais do que a FAFICH, que era a Faculdade Vanguarda da UFMG. Daqui foram 42 estudantes presos, mais do que qualquer outra unidade da

faculdade de Belo Horizonte. Além disso, Lélío Fabiano foi chamado a depor no DOPS, Departamento de Ordem Política e Social, que era o órgão da repressão.

Eles se infiltraram como estudante ou até mesmo iam visitar, mas todos praticamente sabiam, por mais que eles usavam um disfarce, era bem diferente das outras pessoas.

Em 1972, nós da minha turma, criamos o Grêmio, no ano seguinte lançamos uma chapa para DCE, que estava com a direita e essa gestão de direita conseguiu dinheiro do Governo Federal para construir essa sede. Nossa chapa perdeu, mas felizmente o presidente que ganhou depois foi para a esquerda, hoje é do PT.

Desde que passei no curso eu mudei para o Dom Cabral, uma aluna de história que era minha vizinha, já tinha mais idade e me contou que o esposo dela era policial civil e contou que na casa dela tinham quatro pessoas hospedadas e a função dessas pessoas era nos vigiar. Ela deu a característica de cada, o nome e eu repassei para o pessoal e todo mundo identificava quando um deles chegava. Quando eles chegavam, mudávamos de assunto e o papo político eles não pegavam.

O ex -presidente do diretório que depois foi presidente do DCE, Américo Antunes. Não tenho telefone mas você consegue no sindicato dos jornalistas, pois ele foi o presidente do sindicato.

Em 1972, no segundo ano de funcionamento do curso, um grupo de estudantes do Rio, inclusive Sonia Rodrigues, filha do Nelson Rodrigues, tinha da Bahia, Albino Rubin, tinha da São Paulo, reunimos para organizar o primeiro encontro nacional de estudantes de comunicação. Depois passou a se chamar de ENECOM, mas inicialmente tinha o apelido de “Encontrão”, a meta era reunir 1000 estudantes de comunicação. Foi realizada em Goiânia, porque quem ofereceu condições foi a Federal de Goiás. Conseguimos reunir 500, metade do que prevíamos. Depois, periodicamente foram realizados o 2º, 3º, 4º ENECOM e assim por diante. Quando foram refundar a UNE, pegaram o nome que tínhamos mudado, tiraram o “com” e passou a ser 1 ENE, 2 ENE, e assim por diante, até a UNE ser refundada.

## **JOSÉ MILTON SANTOS - PARTE 2**

A FCA foi criada em 1971 portanto no período de maior obscurantismo cultural e político da ditadura militar. E coincidentemente quase toda a turma era de resistentes à ditadura. Aliás, a escola foi criada com esse propósito. Dom Serafim Fernandes de Araújo era reitor na época, a universidade atenta à ampliação da presença da mídia na vida das pessoas

criou a faculdade de comunicação social e depois ele afirma que não foi fácil criar a faculdade de comunicação, com a ousadia de propostas que estavam na contramão da época, a comunicação social foi um dos marcos na luta pela redemocratização do Brasil. Então a escola já foi criada com um propósito de ser um espaço de resistência e de luta pela redemocratização, isso não foi um acaso, foi uma decisão deliberada pela direção e pelo reitor Dom Serafim.

A escola originariamente só funcionava à noite, então nós começamos a funcionar no centro do campus, depois mudamos para o prédio, onde hoje é a faculdade de Ciências Humanas e estava sendo construído o prédio 13 para a faculdade de Ciências Econômicas, antiga FANS, funcionava no Parque Municipal, foi a Faculdade Municipal de Ciências Econômicas. Só que o prédio estava quase pronto e lá a situação era um pouco incômoda e resolvemos numa noite pegar as carteiras e mesas e mudamos ocupando o prédio 13, isso em 1972.

Quando o Lapassade veio nós já estávamos lá, inclusive foi um fato bastante trabalhado na análise institucional, o que ele fazia. A análise ia a fundo no inconsciente das instituições, tanto que ele começou a fazer esse trabalho em vários locais e foi expulso, na Federal também não deixaram e finalmente foi convidado pela PUC e fez essa análise. Essa análise institucional é semelhante a psicanálise Freudiana, então através da livre associação, através dos relatos ela vai penetrando no inconsciente da instituição. Naquilo que está subjacente, naquilo que não está visível e manifesto.

Era uma relação de muita horizontalidade, até porque o método adotado foi um método baseado na psicologia social norte americana de Carl Rogers, que se chamava “o ensino centrado” então os alunos eram o centro. Não havia nível de hierarquia entre direção, professores e alunos. Ninguém chamava ninguém de senhor.

A escola foi contra a repressão, a escola sempre foi libertária. Havia repressão de fora, havia constantemente agentes da polícia política infiltrados ou disfarçados, repressão interna nunca houve, pelo menos nesses 50 anos que eu estive aqui.

Sim, eu fui o primeiro presidente do DA, em 1972. E naquele mesmo ano, nós organizamos juntamente com estudantes da USP, da Federal do Rio de Janeiro, da Federal da Bahia, o primeiro encontro, que o próprio documento da PUC relata. Os alunos da comunicação da UCMG, ainda não era Pontifícia, realizam junto com outros estudantes de todo país o primeiro encontro nacional de estudantes de comunicação sediado em Goiânia. O encontro como ficou conhecido, foi o primeiro no âmbito nacional a acontecer depois do AI-5. A partir dele, as outras categorias de estudantes começaram a realizar outros encontros

nacionais. Não somente isso, mas o nosso DA conseguiu ajudar a reativar o movimento estudantil em toda a universidade católica.

Eu vou lembrar de dois encontros. O primeiro foi realizado em Goiânia. O segundo encontro foi marcado para 1978 em Natal, mas lá a Polícia Federal prendeu a comissão organizadora e não teve como ser realizado. Aí nós propusemos trazer pra cá e realizar aqui. O interlocutor nosso era o Gamaliel Herval, secretário Geral, ele me procurou e literalmente falou “seus meninos estão querendo fazer o segundo ENECOM aqui, mas a polícia federal está pressionando, não quer, tá encontrando muita dificuldade para autorizar. Perguntei a ele se eu podia requisitar a universidade em meu nome e ele autorizou. Fui até à máquina de datilografia e fiz um ofício, a universidade ficou sob minha responsabilidade nos dias do encontro.

O segundo momento marcante foi a realização do 3º ENECOM, em 1977, a não realização, porque a polícia impediu, note que adotava o nosso nome, 1º N, 2º N, 3º N, para a recriação da UNE. Esse encontro iria ser realizado na faculdade de medicina da UFMG, mas de madrugada às 5h, a polícia política, o dops, civil e militar prenderam todo mundo e trouxeram para Gameleira, foram vários ônibus e a unidade que mais tinha presos era da Faculdade de Comunicação da PUC, tinha 43 presos. Então juntamente com outros professores, nos reunimos na casa do Lélcio Fabiano que era diretor, e lá começamos a pressionar pela libertação. E uma das medidas que nós conseguimos foi que o Dom Serafim abrisse a PUC para que os estudantes de BH pudessem se reunir e aumentar a pressão pela libertação dos nossos alunos presos.

Os estudantes se reuniam na faculdade diariamente, todo dia, toda hora, todo segundo. Era uma assembleia permanente. Os militares frequentavam a escola só sem farda, fardado não. Era possível identificá-los. Por exemplo, quando nós lançamos uma chapa pro DCE em 1973, a chapa se chamava “oficina”, uma estudante de história que era casada com um policial, ela nos avisou “lá em casa estão 4 policiais que estão aqui com objetivo de vigiá-los. Ela deu os nomes, deu as características e nós conseguimos identificar esses policiais infiltrados em nossas reuniões. A hora que eles chegavam a gente parava de discutir política e começava a discutir futebol e outras coisas.

Foi uma continuidade, eu comecei minha militância política em 1961. Então em 1971 eu já tinha 10 anos de militância, já tinha respondido a dois inquéritos policiais militares antes do golpe de 1964, um em outubro de 1963 e outro em fevereiro de 1964. Então eu já tinha uma tradição de luta e cheguei a ser considerado durante um bom tempo como o coordenador das esquerdas em MG, no movimento estudantil. Isso era assim que a polícia se referia a mim.

Sim, a escola foi um instrumento de conscientização ao período em que vocês estavam vivendo, e como os nossos estudantes se espalharam depois por todo país, foi gente pra Amazonas, pra Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Essa semente plantada aqui se disseminou por todo o país.

Que eu me lembro foi o Lélío Fabiano que foi depor do DOPS e foi intimado mas não chegou a ser preso. Mas nós tivemos estudantes do 3º ENECOM, foram 43, tivemos outros também, mas a nossa luta era uma luta coletiva, então não era possível muito personalizar, né? Era um trabalho em grupo.

Memória ruim da experiência na faculdade não tenho nenhuma, pelo contrário. A universidade nos propiciou ampla liberdade e quando ,por exemplo, a repressão pressionava contra o que nós estávamos fazendo, a reitoria servia de anteparo e nos protegia. Então só tenho boas lembranças.

Felizmente não me arrependi de nada, eu fiz tudo que era possível fazer mas eu não individualizo, eu sempre falo nós porque nosso trabalho era coletivo, não era individual.

Esse livro “25 anos da PUC Minas” cita, em 1972, a criação do jornal laboratório Marco, publicação de ensino e extensão inserido na realidade comunitária da região próxima ao campus, o coração Eucarístico. O Marco é um dos jornais laboratórios mais antigos e premiados do Brasil, foi considerado por um tese de doutorado na USP como principal jornal laboratório do país. Eles estudaram alguns jornais laboratórios e nosso foi considerado o melhor do Brasil.

## **LÉLIO FABIANO DOS SANTOS**

Quando eu fui chamado pelo Dom Serafim Fernandes Araújo, arcebispo de Belo Horizonte e ao mesmo tempo reitor da PUC, eu era um jornalista que tinha, mais ou menos, há algum tempo, já há um ano e pouco, voltado de Paris, onde eu fiz o curso, o meu mestrado em jornalismo na Universidade de Paris. Eu era um recém-formado de direito. Eu fiz direito porque eu já era jornalista. Eu fui jornalista antes da regulamentação da profissão. Quer dizer, regulamentação não, antes da exigência do diploma. Então, eu já tinha o meu registro de jornalista, independentemente, não necessitava de curso superior. Mas eu quis fazer um curso superior, fiz direito. Por quê? Eu tinha saído de um seminário no Rio de Janeiro, ia ser padre, e estava aqui desempregado, querendo ser um ser jornalista, quando me foi dada a oportunidade de trabalhar no Binômio. Foi o motivo até do podcast do colega Zeus. Eu

trabalhei no Binômio, depois fui para o Diário de Minas, depois trabalhei nas sucursais do Jornal do Brasil, do Correio da Manhã, e ao mesmo tempo que eu estudava direito à noite, eu era repórter de manhã. E sempre com uma ânsia de querer ser um jornalista bom, completo. E sem nenhum desdouro para os nossos colegas, os colegas só falam o seguinte, no mercado profissional em Belo Horizonte, nós éramos uma cidade muito acanhada na década de 60. Belo Horizonte era muito provinciana. Nenhum erro em ser provinciano, pelo contrário, esse aspecto provinciano nosso hoje é até muito bom. Mas era uma cidade que não tinha grandes profissionais, não tinha grandes voos, nem influência no jornalismo brasileiro. Muito bem. Eu queria aperfeiçoar e fui para a França, voltei. Assim que voltei, eu fui chamado por interpostas pessoas que tinham experiência, para dar aula na UNB, no curso de jornalismo da UNB, que era um dos melhores do Brasil já então.

A UNB, fundada por Darcy Ribeiro, tinha uma mística na academia brasileira. Só que eu fui chamado ali no final de 69, quando eu cheguei da França, e fiquei seis meses esperando a confirmação para começar, mas fui proibido pela ditadura militar. O SNI, Serviço Nacional de Informação, vetou a minha contratação. Fiquei então mais ou menos, mais ou menos não, quase seis meses desempregado. Eu fiquei esperando e fui trabalhar na Rádio Jornal de Minas. O jornalista que fazia a Rádio Jornal de Minas era um amigo meu, Marco Antônio Rodrigues Dias, que hoje mora em Paris há muitos anos, depois foi diretor de educação da Unesco e ele foi para a UNB, chegou a vice-reitor da UNB, embora com a mesma prática política minha, ele não foi vetado e eu fui por outros motivos, que qualquer hora, se quiser saber eu posso arriscar. Bom, mas aí eu fiquei aqui, até um ano depois de voltar da França, com um emprego de uma rádio que tinha 250 watts. Era uma rádio da igreja católica. Eu era católico, permaneci muito tempo nas hostes. Hoje estou na torcida, não estou mais na militância. Me chamaram para abrir o curso, a Faculdade de Comunicação da PUC, tudo que eu podia ser honrado. Era uma experiência maravilhosa, porque eu tinha vivido intensamente a minha experiência francesa, que foi já cantada em prosa e verso. Eu fui um jornalista certo, no lugar certo, na hora certa, que foi o movimento de maio de 1968, eu morava na rua de La Sorbonne. A Sorbonne estava daqui, naquela parede da minha sala, eu morava assim, a rua era pequenininha. Casei lá, meu primeiro filho nasceu, tinha um mês quando teve o movimento. Então, o movimento de maio foi muito importante, eu estou falando isso, na hora de implantar a faculdade. E foi um estouro de um... Falar estouro de boiada, essa palavra foi estragada por aquele babaca lá do início do meio ambiente. Então, foi um estouro de um gado bom, que era a juventude estudantil francesa, que depois o mundo inteiro vivia aqui. Muito bem, eu vivi mais de 68, estou aqui, estou na Rádio Jornal, nasce o meu segundo filho, minha mulher

esperava a terceira, Isabel, que é de Nova York, está aqui com a empresa de meio ambiente e comunicação. Aí eu fui chamado para dirigir a faculdade que ia se abrir em 1971. Isso foi 70 que eu tinha que arrumar.

Eu não tinha a menor experiência acadêmica, a não ser como aluno da UFMG em direito e na França, no Instituto Francês de Imprensa. Mas saí no Juventude, na época você topa desafios, né, e fui procurando saber, montar o currículo e coisa desse jeito. A faculdade começou em fevereiro de 1971, esse marco é muito importante, 40 vagas e um bom número de candidatos que eu não lembro aqui agora mais. 40 vagas e a primeira turma chega e eu já tinha montado o currículo segundo as normas do MEC já então, Que é basicamente, eu acho que é o espírito até hoje nas matérias de vocês por uma série de rejuvenescimentos acadêmicos que o saber, a forma de transmitir, o saber vai mudando, né? De geração para geração que é muitíssimo saudável. Eu tive essa experiência, parênteses, que quando eu fui no ano de 2011 chamado para dirigir a Faculdade de Comunicação da UNA, eu fazia questão de não repetir nada que eu tinha feito nos anos 70. Não tinha sentido. Os alunos eram simplesmente outros, embora a juventude era a mesma, as ânsias, protestos, tudo isso que a gente conhece dos jovens. Aí eu fiz uma escola que eu tinha a seguinte frase, essa escola jamais será o que eu tive na Faculdade de Direito da UFMG. Ainda mais que eu não queria ser advogado, mas fiz o curso, curso clássico, acadêmico, formal, reacionário, conservador, os desembargadores e professores, advogados famosos e os alunos daquela ânsia que era os anos 60. Você tem que pegar bem que foi os anos 60, assim como na minha época, era os anos 20, do modernismo. Os anos 60 foram para gerações hoje, de alguma forma, o que foram os anos 20 para a minha geração. Eu nasci na década de 40, então eu quis fazer uma escola de acordo com a minha paixão. E foi. Então era isso na época.

Nós só tínhamos um curso de jornalismo em Belo Horizonte, era o da UFMG, criado em 1962. Eu saí do seminário no Rio de Janeiro em 1961. Até me falaram assim, por que você não entra no jornalismo da UFMG? Eu já sou jornalista, já tenho título, então eu quero ter, fazer um mestrado. O mestrado precisa da graduação, na França eles iam me pedir. Então eu fiz uma graduação para me armar e ter um pulo para um mestrado. Então a sua pergunta é por que um curso, na época só tinha um curso, era o da UFMG e era um curso criado em 1962. Então a PUC chegou nove anos depois e a igreja católica vivia muito o aggiornamento, que se falava em italiano, que era o Papa João XXIII, o grande papa que tinha feito o concílio, a renovação da igreja, acabou tirando o latim dali, o padre não fazia mais de costa, era de frente, e essa abertura que a igreja teve, que até hoje estão atrasados. Mas, então a igreja queria, achou que era importante. A igreja, assim, ainda mais na universidade, tinha filosofia,

tinha engenharia, tinha pedagogia muito boa, tinha o serviço social, tinha o curso de administração. Então, eu fui chamado e, incrível, maior liberdade possível. Dom Serafim era um arcebispo conservador, da ala conservadora da CNBB, nos BIS, Conferência Nacional dos BIS do Brasil. E, no entanto, ele teve um grande respeito pela minha autonomia de chamar quem eu quisesse. Eu chamava os professores que eram da minha geração profissional, o melhor jornalista que tinha, Alberico Souza Cruz, redator de Veja para poder no jornalismo.

E já eram os três cursos, publicidade, relações públicas e jornalismo. Sendo que não tinha 40 vagas, depois do segundo período os alunos optavam. Então, o que acontecia? De 40 sempre tem uma perda de 2, 3 ou 4 que saem até o segundo período. Então a escola começou a ter um jornalismo, um grupo maior, a publicidade mais ou menos, e o RP 5, 10 e tal. Depois transformou-se, mudou-se e fazia opção. Eu queria que essa escola fosse conhecida. Eu tinha uma veia publicitária. Eu não queria mediocridade, eu queria ser a melhor escola do Brasil. Eu tinha um exemplo mais ou menos que era a ambiência da famosa FAFICH, rua Carangola, Faculdade de Filosofia da UFMG. A geração FAFICH até hoje, você vê, está tudo velho que nem eu, mas são sempre pessoas muito ardorosas, muito sérias, muito dedicadas, muito apaixonadas. E a escola começou com 15 dias de palestra. Eu não tinha aula no começo. Foi assim, eu trouxe um jornalista do Estadão, o Mesquita, trouxe um Frias da Folha de São Paulo, o Enfio, era o meu colega, Henrique, irmão do Betinho, da música, ele já estava começando no Pasquim, então veio o Enfio. O presidente da Associação Brasileira de Relações Públicas, o presidente da Associação Brasileira de Propaganda. Então, a escola ocupou o espaço da nossa mídia. Durante 15 dias, a faculdade foi notícia. Tanto é que, onde nós funcionávamos? Naquele prédio pequenininho do meio do campus, com a Gracinha ali. Era a minha sala, a sala de aula e a secretaria. Nos primeiros dias, primeiros meses, primeiro dois, três meses, recebo um telefonema do diretor da ECA, Escola de Comunicação e Arte da USP, José Marques de Melo, chamando para conhecer a escola, chamando para a quinta semana de jornalismo que a USP fazia todo ano. Naquele ano de 71 eles iam fazer a quinta semana de jornalismo.

Nós, começando o curso, os alunos tinham dois semestres de formação. Eu e uma equipe, fomos para a USP em São Paulo, já fazia palestra e começamos, fomos na sexta semana. Então, a escola nasceu, dentro de um clima da reitoria que achava que tinha que ter comunicação, porque via estudando mercado que já tinha outra. E logo veio o Nilton Paiva, logo veio o UNIBH.

Eu esperava uma coisa que eu não queria esperar, da faculdade. Cheguei na primeira turma, primeiro dia de aula após as conferências, olhei para a turma, já estavam lá os 40, eu

falei, essa escola será tudo que eu não queria saber que fosse o que eu estudei. Até do Instituto Francês de Imprensa eu não queria. Então, será o que nós fomos. E logo de cara, aí vou pular uns meses, que interessa, 50, 60 anos atrás, eu metido a besta, muito. Eu era muito faroleiro.

Eu tinha lido Carl Rogers, Aprender a Aprender. Era um cara famoso na época, o Rogers. E eu inventei uma coisa que chamava Ensino Centrado no Aluno. E começava, e eu falava para os professores o seguinte, botei autoavaliação, as primeiras provas, a nota do aluno era a média aritmética da nota do professor e a dele. Então, já começaram. Eu tenho que falar depois que o período era muito ruim, mas no entanto a gente... É como se estivéssemos em uma ilha. Então eu fiz o seguinte, um assembleísmo, ou era um pouco ou muito demagogo. Demagogo, assim, no bom sentido, se for possível dizer, demagogia. De que eu reuni os alunos na sala 13, mas a sala 13 só que ela surgiu logo depois, dois anos depois, porque a escola ficou um ano ali na abertura que eu te falei, onde era o serviço de ensino, passou para uma sala da filosofia ali, do prédio antigo, só depois foi para o prédio 13, onde vocês estão até hoje ali. Então eu fazia muita assembleia e botava as coisas em votação. Mas os alunos votavam comigo, porque eu quis ir. Esse cara é louco, vamos pra lá. Então eu queria o seguinte, era uma escola, quando eu falo brincando com você, não me chame de senhor, não haveria a verticalização, a autoridade do saber.

Quando eu falava em ciência centrada no aluno, eu tinha uma pureza de espírito, de inocência, de que nós éramos mais ou menos iguais. Nós éramos iguais. Eu tinha 30 e todos os anos, eu tinha alunos de quase a minha idade e tinha alunos pequenos, de 18, pequenos de idade, 18, 19 anos, quem entra no vestibular, desde a minha época era assim, quem passa no vestibular. Então, a gente fazia, o diretório acadêmico, eu tive quase que cobrar, porque eu tinha vindo de luta, eu lutei com o diretório acadêmico da Faculdade de Direitos do UFMG, a gente lutou contra a ditadura, tudo isso. Aliás nem tinha ditadura quando eu entrei lá, ainda não tinha. Mas aí eu falava assim pra turma, eu falava, gente, vocês não vão criar diretório acadêmico? Porque os alunos não tinham ainda aquela consciência.

Criaram o diretório, foi a Glória Varela, a Glória foi a primeira presidente do diretório acadêmico. E eu falei com a Glória, eu já vi que aquela era mais assim. Eu falei, olha, pelo amor de Deus, eu não vou ser diretor de uma escola que não tem oposição. Eu não falei essa palavra, não. Mas que não me conteste, sei lá, também não falei, não. Mas eu achava que, tinha que ter isso aí. Muito bem. Deixei de ir para o congresso de jornalistas em Uberlândia, criamos a ABPEC, fui o primeiro presidente da ABPEC, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação. O Zé Marques de Melo da USP, eu e a UND, lideramos o BPEC. E fazíamos encontros em Fortaleza, em São Luís do Maranhão, eu fui fazer palestra em Aracaju,

fui fazer palestra no Espírito Santo. Então a faculdade nasceu mais ou menos famosa antes de formar a primeira turma, que foi só em 74, do Teodomiro Braga. Eu sempre falava que ele era tipo o protótipo do jornalismo, porque ele foi um dos melhores jornalistas do Brasil, o Teodomiro já te deu um depoimento muito pessoal, profissional e carinhoso. Eu já tinha minha empresa, anos depois, já tinha saído e tudo, e o Teodomiro já era jornalista do Globo, ele era da Gazeta Mercantil, e eu trabalhava muito no meio com o nome. E o Teodomiro, é aquele cara que tá numa mesa assim de entrevista, tinha muita entrevista, hoje nem precisa mais disso, hoje a maioria é online e tal. Ele ficava escrevendo, fazia umas perguntas assim, mentindo, achava esquisito, não sei. No dia seguinte, o Theo rebentava na página, a matéria dele era chamada de primeira página, título de primeira página, manchete, título de oito colunas, no Jornal Gazeta, no JV, no Globo, que ele passou por isso.

Muito bem. Então, eu queria que essa horizontalidade, isso eu fazia, melhor que uma resposta, a gente dá um outro exemplo. Eu carrego algumas coisas no bolso, né, pro resto da vida, no bolso do coração. Nós saímos da aula e íamos beber, mas era religioso. E nós não bebíamos no bar do Kinkas, como ficou famoso muito na União, nós íamos num bar ali na Amazonas, na Amazonas e bem pra cá, na Barroca, toda noite. E faziam a mesa grande, ia juntando, no final da aula, sempre tinha uns dez, doze, e tinha um cara que tinha acabado de entrar, estava sentado sem chegar na mesa da diretoria, como se dizia, se diz até hoje, nos botequins...ele falava assim, perguntou para o colega, o que é aquele barbicho lá no meio? Aí o cara falou, ele é o Lélío, mas o que ele tem, Lélío? Ele é o diretor. O cara não acreditou. É o Chico, Chico é o B da SNPIB, da propaganda, ele tinha vindo da engenharia da UFMG, estava no quarto ano de engenharia, não queria ser engenheiro, quis fazer comunicação,

estava ali, e o engenheiro, o diretor da engenharia da UFMG aluno nenhum nunca tinha visto, aluno só via quando era chamado na sala da diretoria para receber alguma advertência. Então, eu prezava muito isso e prezo até hoje, isso aí eu fiz na UNA. Isso aí eu fiz questão. Só que na UNA eu não era professor, eu só era diretor. E na PUC eu comecei, na UCMG, Universidade Católica de Minas Gerais, eu comecei como professor, do primeiro dia até o último dia que eu saí. Eu dava teoria da comunicação. Então, ali que eu dava a aula altamente, eu era mais ou menos quase que um Chacrinha. Era uma coisa assim... Eu achava que o aluno tinha que ter prazer na escola, tanto é que tinha.

A turma ia de manhã, o curso era de noite. Abriu uma coisa que ninguém nunca pensava, mas que eu tinha exemplo da UFMG na FACE, Faculdade de Ciências Econômicas. Eles tinham estagiários. Fui no Dom Serafim, vamos fazer estagiário. O estagiário sempre pega uma boa oportunidade e vai ser um bom profissional e ainda fazia um argumento de

mercado. Olha, ele vai ser bom e vai ficar muito agradecido de ter recebido uma bolsa aqui e vai falar bem da universidade o resto da vida, e foi, todo mundo que estudou na PUC. Vou te dar um exemplo de anteontem, tem até a foto. Eu estava no bar, ali na rua Francisco Deslandes, na rua Francisco Deslandes 14, chamando isso aqui de Deslandes, bebendo com o Arildo, colega meu, que deu aula na escola, colega meu de direito, também nunca fui advogado. E ele deu aula de teatro depois que eu saí. Pô, tem que falar do teatro, impossível não falar da escola sem falar do teatro. Mas ontem, estava bebendo, e eu e Arildo, chegou uma moça, uma jovem senhora, moça, atrás de mim. “Lélio! Lélio! Te reconheci de costas”, tinha sido aluna de publicidade na década de 70 e pouco, eu saí em 76. E ela falou assim “mas você tem que ver o Almir, o Almir Sales, o dono da Setembro, da Esquema”, ela liga quando o Almir vem, o Almir era da segunda turma. Ele já era da minha idade quase, mas já era dono de agência. Então, dono de agência ia procurar a escola, que a escola começava a pegar. Pegar assim, do ponto de vista, e sempre nós com muita autonomia. Aí tive problema depois com responder inquérito, tirar minha irmã da cadeia, ir na ID4, no comando do exército em Belo Horizonte. O que eu queria era isso, um ensino centrado no aluno e o horizontalismo das relações, sem relação de poder.

Total, a escola era um espaço libertário. Sem querer dizer que pessoas contestassem.

Tem uma outra história muito comprida que esse livro, a minha edição eu emprestei e nunca mais recuperei e já tentei comprar até em sebo da França. É o livro que chama *Le Cheveux du Diable, Os Cavalos do Diabo*. É de um psicanalista francês, Jean Lapassade. Ele estava em Belo Horizonte, a convite do setor de psicologia da UFMG. Era uma turma muito de school, esse cara veio a comando, convidado da UFMG pelo setor de psicologia, que era o Célio Garcia. Célio Garcia é uma pessoa muito famosa na história... na história de psicologia de Belo Horizonte, e ele veio pra contestar. Um francêszinho daqueles... E ele foi primeiro naquela escola de comunicação que tem até hoje, Nilton Paiva. Mas ele provocou tanto que ele foi mandado embora, dispersaram, não queriam e ele ficou aí.

Eu tinha um professor de psicologia que era o famoso Romualdo Cançado, Romu é um cara que procurou ficar na loucura, encontrou a loucura, eu tive que interná-lo depois, é uma história danada. E ele era um expoente da luta anti-psiquiatria, que ferveu ainda, na década de 70. E esse Lapassade, ele me pediu, a psicologia da Federal pediu se eu podia abrir um espaço para experiências do Lapassade. Eu falei “tranquilo, tá aberto”. Ele chega à escola, ainda não tinha... Essa história é importante de alguma forma, porque é muito simbólico de tudo que você quer saber. Assim, não é tanta a minha palavra, são símbolos marcantes. Nós estávamos no último ano do prédio antigo, que é aquele prédio quase que do lado ali, não sei me situar

tão geograficamente. E ele começou a querer contestar, ver aquilo. Isso que eu falei sobre liberdade, ele queria ver onde que estava a merda ali, isso não existe. Ele falava assim: como é que é as provas aqui? Não, como é que é a chamada?” Os alunos falavam assim, não tem chamada. Não tinha mesmo não, no começo. Depois foi obrigado. E as notas? Nós que damos as notas, é horizontal. Ele não acreditava. Nós tínhamos duas turmas só, e ele falava assim “e cadê os laboratórios de comunicação?” Nós falamos, “não, não tem ainda, nós estamos na parte teórica”. Os alunos falavam assim, “mas está sendo construído no prédio ali do lado”. Ah, mas eu quero saber, não acredito, então, vamos pra lá.” Vamos. E vamos tomar posse. Invadindo. Tomaram o prédio, o terceiro andar do prédio 13, ele tava acabando, ainda não tinha...Aquela pintura foi bem... Ah, na pintura você não pegou. Foi bem, mas não pegou porque foi desmanchada no momento da história.

Os alunos foram pra lá. Mas como já estava acabando, eu falei, eu vou ficar aqui. Só que ele continuou o trabalho lá, que isso durou uma semana inteira, quase dez dias, quase duas semanas. E ele já estava provocando muito os alunos, e eu falei, eu não vou. Mas já preocupado com a reitoria, ele não tinha aula, era aquele cara falando. Aí um dia ele fala assim, “amanhã todo mundo traz cachaça, traz galinha morta, vamos fazer uma sessão de macumba”.

O Albertinho era um cara casado, um aluno, do Banco do Brasil, lá de Contagem, falou ,esse cara tá ficando doido. Eu não vou mandar embora. Os alunos fizeram uma procissão com música fúnebre, apagaram a luz do terceiro andar e entraram cantando uma música... um enterro, colocaram um caixão, não é um caixão, é uma carta grande simbolizando o caixão do Lapassade.E ele gritava, “Parnatós”, que significa morte em grego, “Parnatós”, ficou puto, brigou e os alunos expulsaram ele. No dia seguinte, teve aula normal e tal. E essa historinha que eu estou te narrando está nesse livro, se você descobrir na biblioteca da UFMG, deve ter. Olha, eu podia pedir o meu filho Marcel, que é professor lá de literatura inglesa, para ir na biblioteca e ir lá. Eu tenho tantos alunos lá também, professores na UFMG, aposentados, alguns ainda dando aula, de pegar esse livro, Le Cheval do Diabo. Ele conta essa experiência e me chama, lá fala, que eu era um reizinho que tinha sua corte. Um jovenzito formado, que viveu o movimento de Le Maire de 68, o Maio de 68, e acha que domina. O cara me esculhambou. Mas tá lá, tá? E isso aí então mostra o que era o... E se você estudar, pegar aluno de época, vocês terão... a própria Glória deve saber disso.

Agora, aluno é aluno, a gente não pode esquecer e a gente mesmo esquece, aqui mesmo eu fico assim, gente, quem é mesmo aqui da UNA que viveu intensamente cinco anos e pô, mas se sai do ritmo, eu começo a falhar a memória. Tinha aquela professora que era lá

da engenharia, né? É porque ele estava aqui, ele foi convidado, não entendi o nome oficial, pelo setor. O setor é a palavra, é caixa alta, maiúscula, setor de psicologia do curso de psicologia da UFMG, da FAFICH, famosa. Então, ali só tinha, disputava nas loucuras com a gente, era um negócio assim. Chacrinha fez uma palestra convidado pela comunicação da PUC e da UFMG, nós nos juntamos. No programa seguinte, ele mandou um abraço pra mim. “Alô, Lélío, aquele abraço!”

Era uma coisa assim, se fosse falar em francês, joie de vivre. Nós tínhamos alegria de viver ali, sabe? Então, eu acho legal, comunicação por mais que cubra guerra, cubra desgraça, e cada vez mais a gente se afunda na lama, na desgraça, na sacanagem, nas loucuras de uma eleição, nas decepções, mas se você enfrentar isso tudo, você tem que estar bem municiado de humor, de fortaleza, de vitamino, de bom humor.

Então o seguinte, de fato, a pergunta é boa, porque está parecendo que nós vivíamos no mundo da fantasia. Não vivíamos no mundo da fantasia. Olha o que eu falei rapidamente no começo, a escola foi criada, inclusive eu custei a fazer essa conta, em fevereiro de 71. O AI-5, é de dezembro de 69, então a escola tinha dois anos e dois meses de AI-5 no Brasil. O AI-5, o que foi? A censura mais violenta que a imprensa brasileira já teve, que era censura dentro da redação. Eles pegavam as matérias, aprovavam, aí o Estado de São Paulo o que fazia? As matérias que eram cortadas já na edição, fechando, é tudo no mesmo prédio, né? As matérias descendo das oficinas, e aquele buraco, o que o Estadão e JB faziam? Botavam naquele espaço em branco receita de bolo. Então, o leitor do Estadão via que era uma receita de bolo, sabia que ali estava uma matéria que foi censurada.

O Jornal do Brasil colocava, eu não sei se é poesia, alguma coisa. E era muito sério, porque eu estava preparando jornalistas. Eu fui repórter. Eu não peguei a censura brava. Quando eu fui repórter, eu me formei em 66. Eu fui repórter 61 a 66. A ditadura foi instalada em 64. Então, eu peguei três anos de ditadura como profissional, 1964, 1965, 1966. Fui para Paris em 1967. Lá fiquei três anos.

Voltei para cá em 1969. Vou inaugurar a escola em 1971. E auge do AI-5, auge da luta armada, auge da tortura, nós estávamos em São Paulo, num congresso. Então, eu tinha colegas mortos, colegas expulsos, colegas de militância estudantil, não via o termo de jornal, mas o termo de estudante. E falava assim, mas você está preparando jornalista para quê? O Brasil não tem mais liberdade? Mas vamos ter. Essa emenda um dia cai. Um dia nós...

Então era uma confiança, demorou, né? Só foi acabar em 85. Quer dizer, isso era 70, em 20 e tantos anos. A ditadura demorou 21 anos. Então, esse período, eu tinha estudante preso em congresso, e como eu era diretor já, eles tinham um certo respeito. Diretor da

universidade que tem o arcebispo como reitor. Então eu tinha uma certa moral, eu não era mais um barbudinho estudante, eu era um barbudo doido lá. Mas o que eu fazia quando eu tinha que conversar? Eu botava terno e gravata, é bonito, tá na minha foto aí, uma foto de cabeludo, de barba, eu botava terno e gravata, paletó roxo, calça boca de sino, viúdo com telê, então era uma coisa assim de que eu tinha que conviver nos dois mundos, no nosso e no mundo da repressão. Sabendo... e a maconha, por exemplo, eu tenho um cara que foi dono de um curso de vestibular, aí da cidade, e ele fala que o Lélcio quando era diretor, ele escreveu nos quadros das salas de aula que é proibido fumar maconha no corredor. Quer dizer, eu proibía só no corredor. Eu fui conviver com isso aqui agora, cinco anos atrás na UNA. A moça chega, a menina que cuidava do campus, falou, Lélcio a turma tá toda fumando aqui. Eu falei assim, seguinte, vamos botar luz aí na frente, aí a turma não vai ficar fumando debaixo da luz. Não ia ficar. E quando podia, falava, gente, peraí, não vamos perder uma coisa maior por causa de um cigarrinho de maconha. Vem aqui uma repressão, prende. Entendeu? Então vamos saber driblar aquilo com o qual a gente não concorda.

Mas então esse período foi muito difícil. Entendeu? Eu fiquei algumas horas pra ele no DOPS. Eu fui lá querendo falar com o Davi Azan. O Davi Azan é o chefe do DOPS. O cara falou, mas quem quer falar? O Lélcio. E eu era repórter do Correio da Manhã e ele lembrava de mim. No Congresso da ONU, nós fizemos um jornal. O Congresso Nacional da ONU. Quando eu era repórter. Então, ele falou assim, ah, leva ele. Me puseram numa sala, deixaram seis horas sentados e ouvindo instrumentos de tortura.

Aqui no DOPS, na Afonso Pena. Eu falei, nossa mãe. Mas aí chegou uma hora, na hora que entrou um, falei, “olha, eu sou diretor da faculdade, preciso abrir a escola.”

Falei isso, o cara, ah, então, vamos lá. Me levaram no chefe, falei, olha, eu sou diretor, a escola tá lá, eu tenho que tá lá. Deixaram eu ir. No dia seguinte, me convocaram, eles ficam chegando lá, minha mulher me levou, num fusquinha nosso, eu atravessei, falaram: quem quer falar com o senhor é o general Everaldo. Me levaram pro general, eu cheguei, aí foi outro tratamento. Falei: general, minha irmã tá presa, nós temos alunos presos, eu tô aqui pra poder falar.” Só não quer que a gente dê cafezinho para preso. “Não estou pedindo isso.”

Era uma época muito pesada, mas só que isso não nos deixava de que nós fizessemos uma coisa aberta, livre, boa, prazerosa. Aquele sentimento que um dia caía.

Olha, eu procurava, até tinham algumas frases que algumas pessoas falavam assim, “o Lélcio só chama pra dar aula aqui, quem foi seminarista foi da Juque ou foi preso.” Mas eu lembro que nós tínhamos um professor de RP que eu respeitava muito, mas sumamente reacionário, e que os alunos tinham dificuldade com ele. E eu não gostava de demitir

ninguém. Eu sofria, o cara já tinha mostrado que não era bom, mau professor, e tal. De tal modo que o cara saía, mas a relação, 90% dos professores que eu chamava, eles já entravam no espírito. Um cara que maltratou um aluno aqui na UNA, agora recente, quando eu fui há 5 anos atrás, eu chamei o cara na minha sala, conversei com ele, falei, isso não pode repetir. Pois ele repetiu e eu chamei o meu vice e falei, vamos demitir. Ele falou, bom, só está a ser demitido, isso que você fez foi falta de educação com três alunos, grossura. Você não pode ser grosso com aluno. Se você repetir, você não pode com uma equipe minha.

Por exemplo, o primeiro professor de teatro, antes do famoso Alcione, e o teatro teve uma coisa muito importante. Porque nós não íamos preparar teatro, mas eu tinha na cabeça o seguinte, jornalista, nós tínhamos jornalismo radiofônico, nós tínhamos televisão. O jornalista tem que ser um cara desinibido, tem que ser uma pessoa solta, tem que ser uma pessoa que enfrenta as situações, que enfrenta o público, que enfrenta uma autoridade, que saiba... Então, eu achava que o teatro era importante para isso. O teatro descontraí, o teatro faz você flertar um pouco, o teatro faz você decorar. A peça de teatro é sempre densa, tem coisa. São os grandes teatrólogos, as grandes peças. É sempre luta pela liberdade.. Aí eu tinha que sempre botar o melhor, era o Jota Dângelo, que até hoje é o maior teatro atual de Minas Gerais, médico, da Faculdade de Medicina, responsável por aqueles shows de medicina que eram famosos.

Era o Rock in Rio, o show da Faculdade de Medicina da UFMG, o Tatis Mutandis, a expressão. O Dângelo não aguentou, por mais teatrólogo que fosse, e ele era um médico, muito amigo da gente, ideias avançadas, mas pra ele aquele trem era demais, era uma roupa que estava larga nele ou apertada, não sei. Então ele pediu pra sair, mas foi tudo bem. Aí botei quem? Alcione Araújo. Infelizmente morreu muito cedo, bem recente. Recente é uns 10 anos. Eu já estou falando coisa lá de trás. Ele era professor de cálculo do IPUC, Instituto Politécnico da PUC. Mas estava começando no teatro, roteirista, ator, romance, escritor. Então, se você escutar várias das primeiras turmas, eles vão falar muito do teatro, que aí o teatro tem tudo. Tem a turma que vai cuidar da roupa, da vestimenta, da moda, a turma da iluminação, disso, daquilo. Então, e o ator, o texto, o roteiro, a iluminação, o cenário. Então, o teatro tinha isso tudo, os grupos. E tinha que... era obrigado... Tem que fazer isso.

Tivemos outra experiência maravilhosa, isso aqui, ó. Isso aqui é uma peça da Zefa. Isso é Vale do Jequitinhonha, o campus avançado em Araçuaí, e o projeto Rondon. E o projeto Rondon para a nós de esquerda, para mim, era uma coisa reacionária. Era a revolução que eles falavam, o golpe militar que tinha implantado. Era uma ideia boa, coisa boa, é mandar os estudantes para poder ir para cidades, selvas.

E a PUC abriu um campus avançado em Araçuaí, no Jequitinhonha. Uma maravilha. Eu tenho um exemplo dele que é o melhor que existe, porque são muitos. A Vera Veiga, da UFMG, é uma das professoras, foi aluna da primeira turma nossa. Foi uma das melhores alunas do curso de comunicação da UFMG.

Chico Pinheiro da Globo. O Chico, ele ficou meses no Vale do Jequitinhonha. E o que eu fazia? Ele não precisava assistir aula, os relatórios dele valiam como aula, mas também era uma época que nós não víamos. Não estou dizendo que nós tivemos certo, que o mundo era errado, não. Mas era uma época que permitia você cumprir a forma com o conteúdo que você quer. Então eu seguia os manuais com outro conteúdo. Então o Chico Pinheiro é uma das maiores pessoas que usufruiu do Vale do Jequitinhonha.

Ele virou um dos melhores jornalistas da TV Globo. Ele mora até na... O pai dele mora na rua da minha filha, ali na Palmeira, na Serra. Então, isso aqui eu comprei do artesanato de uma mulher que estava começando, que era importante na comunidade em Araçuaí. Então, a gente trazia muitas coisas do Vale, levava. Então, era uma coisa assim...Nós arranjamos válvulas de escape, como enfrentar a ditadura. O jornal Marco, meu Deus, o Marco foi criado, A Vera criou comigo o CEPEC.

Vamos pegar aqui duas coisas, o CEPEC, que era coisa mais geral para a escola, e o Marco era só para o curso de jornalismo, praticamente. Se bem que a gente abria para a publicidade do ponto de vista de ilustração, paginação, diagramação. Mas, o que é? Eu fui repórter, contei no jornal. Quem era o jornalista que eu chamei foi o Oberigo Souza Cruz, que foi diretor do jornalismo da TV Globo depois, anos atrás. Tem até discussões sobre ele politicamente. O famoso debate do Collor com o Lula.

Mas ele tem um primeiro número no Marco, ele tem um texto. Eu lembro mais ou menos do assunto, não importa que jornal é, eles vivem de acordo com uma geografia. O jornal tem um centro, o território, vou usar uma palavra moderna, é o território, que você deve se apropriar dele, e que são a povos originários, a pessoas que sofrem, a pessoas que não tem por onde se expressar. Então eu falava assim, o que era o Jornal Laboratório dos Cursos de Comunicação, do Brasil inteiro que eu conhecia, os que tinha. Um jornal bem feito, jornal laboratório. Era uma imitação do JB, do Globo, da Folha. Tentativo. Não era bem... Reprodução da ideologia jornalística. E eu falava, não. Nós estamos aqui onde? No Dom Cabral. Dom Cabral era um bairro que estava nascendo. Só tinha casa igual. Não sei nem como está hoje. Então nós vamos fazer um jornal aqui para o bairro, do bairro para o bairro. Essa ideia, modéstia parte, eu tive que dar para os alunos. Depois os alunos fizeram, criaram. Tanto é que eu fui contra o nome, achava Marco um nome bobo, eu queria um trem mais...

mas fizeram a votação, o Marco ganhou, ok, fica Marco, eu nem sei qual era a minha proposta, ia ser uma bobagem, e o Marco pegou. Então, o Marco representa muito da mística, do nascimento até hoje que ele existe, é o jornal laboratório com maior, até hoje se fala, maior existência sem interrupção. Eu vi aqui na UNA quando eu fui, nossa, o trabalho que aquele jornal da UNA me deu. Me deu assim, não é que me deu trabalho, preocupação, que eu ficava bobo, gente, que coisa, como é que não pega? Mas não pega porque o Marco teria acabado se ele fosse um jornal do laboratório qualquer. Não sei como é que ele está hoje, sinceramente eu não vejo há muito tempo. Então, o Marco representou, e o CEPEC, na hora que tinha o projeto Rondon, e que a PUC começou a mandar estudantes para lá, eu falei, puta merda, um troço da ditadura nós vamos ter que mandar. Mas logo a luzinha acendeu, fui lá, fui comprei isso aqui, trouxe, tinha um ônibus, botei lá atrás, pesa pra burro. Isso, essa obra aqui, eu converso com ela toda noite, na hora de dormir, aquilo aí é o pensador africano que eu ganhei em Angola. Chama pensador africano. A madeira é muito especial.

Então, por exemplo, toda a mística do povo africano está ali. Então, eu tinha muitas histórias do CEPEC de ver a riqueza local, conhecer o que a população... E tivemos uma grande parceria, que é do Frei Chico. E é um instrumento contra a ditadura também né? Também. Porque ali a gente fazia...Nós não íamos fazer pregação contra a ditadura, os caras iam ser presos e mortos, e não estava pregando luta armada. Mas é Paulo Freire. É educação. Você fazer uma educação, você transmitir para as pessoas, era teatro, era música, já nem sei.

Os alunos já me davam um banho dessa história, eu só tinha a ideia inicial e a turma que ia fazer. Por isso que eu acho importante, assim como o Mauro. Na época que vocês fizeram o projeto, não sei se me perguntaram, porque a Vera veio e era muito importante esse resultado. Gente da segunda turma, Paulo Bernardo Vaz.

Mas a Verinha, ela era...Ela nunca foi assim, da pá virada. Não era da turma loucona, mais doida, mais maluca. Mulher, quando pega o que quer, dá banho na gente. Eu cansei de ver isso, comprovar e sentir isso. E a Verinha, ela falar isso deve ser uma postura. Ela não era aparecida na escola. Aquela pessoa que acaba se impondo. E depois eu fiquei sabendo que a UFMG, foi uma das primeiras nossas, que era uma geração formando a nossa, foi dar aula lá, né, fazer concursos e tal, e passava. E a Vera eu soube bem depois que estava lá, e soube depois que é das melhores professoras.

Quando eu deixei a faculdade, a direção, eu me licenciiei da PUC. Fui para o Peru, Lima, minha ex-mulher estava lá. Fiquei lá no Peru uns seis meses. No Peru, me separo da Leila, mãe dos meus três filhos. Aí eu separo e venho para cá. Volto para a PUC, mas fiquei como assessor da reitoria. Isso foi em 76, o ano que eu larguei a faculdade. Fiquei na reitoria,

mas não estava assessor, chama-se pônei, assessor de povo nenhum, era uma gíria da época. O que seria? Era assessor de povo nenhum. Aí soube que o Indi, Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais, funcionário daquele prédio, que hoje está sendo depredado, sei lá aqui no bairro, na frente do Pitágoras.. Ali era o Indy. O Indy era um órgão de 100 técnicos, nível superior. Engenheiros, economistas, administradores, mais engenheiro. CEMIG e BDMG. E eu fui indicado para chefiar a assessoria de comunicação no lugar do Hélio Fraga, o jornalista que tinha saído. Aí fui ser apresentado. Fui admitido, estudaram o meu currículo. Aí, fui ser apresentado aos superintendentes. No lugar que tinha 100 funcionários, cinco eram superintendentes, porque era química, materiais, muito específico. Aí, numa das agroindústrias, num dos engenheiros superintendentes, alguém levantou e falou assim, “esse aqui é o Lélío, vai ser o nosso assessor de comunicação aqui, o chefe da superintendente de comunicação”. Aí o cara falou assim, “ah, você é o homem das fofquinhas?”. Quer dizer, engenheiro bravo de comunicação, falando na época do vocabulário, o homem das fofquinhas. Devolvi-lhe um sorriso amarelo. Fiquei 15 dias dentro de uma sala fechada lá, estudando o que era o INDI, que eu não sabia. Eu não sabia nem o que era. Me informei antes dos primeiros dias. Não, o INDI é isso, é um órgão, para atrair a indústria para o Estado e tal. Fiz um planejamento estratégico de comunicação integrada, a primeira assessoria de comunicação integrada, que se fala muito, porque a assessoria era só de jornalista. Era o cara encarregado de botar a notícia da empresa no jornal e tirar a notícia da empresa do jornal. Estado de Minas era assim, você botava a notícia ou tirava a notícia, simplificando. Mas aí, esse cara falou isso. Aí eu fiz um planejamento, levei para ele aqui. Mas como a comunicação faz planejamento? Isso é década de 70, tá? Isso aí não havia. Tanto é que a minha empresa era a ideia, o Lindon, o Paulo e a Lélia Fabiana. Eu fui a terceira empresa de Belo Horizonte. Quando eu fechei ela, 25 anos depois, tinha 600. Pode ter sido ótimo, porque pelo menos pegou. Mas foi fora da empresa. Fofquinha não era o que eu fazia, não. Eu falei, gente, será que alguém acha que eu era fofquinha? Virou desse jeito, não. Foi um engenheiro, coleguinha. Já tinha saído, já tinha. Não tinha nem a minha empresa. Fiquei nove anos, saí para criar a Lélia Fabiana. E a Lélia Fabiana, durante muitos anos, era o sonho de consumo de todo aluno da PUC. Fechei em 14. Criei em 88. Pegando tudo que é cliente. Foi muito, mas aí, chega um ponto, depois que eu analisei...

Memória boa da faculdade é difícil dizer, porque para mim é um... Não é que vão passando os anos. A escola comemorava muito, a cada 10 anos. Ela fez uns 50 anos, e eu fui amado, muito carinhosamente. Mas foi o auge da pandemia. Eu tinha uma fala em casa, eu brigando com esse Zoom, porque senão não dava certo. É um negócio danado. Então, eu

tenho... Memória ruim eu não tenho. Tenho, assim, perda de aluno, de aluno que morreu, de prisão nem tenho. Aquilo ali era normal, ser preso, cair no lugar. Mas não tenho, assim... A gente tem decepções com professores, às vezes, que você chamou, a cliente que estava dando oportunidade para ele e melhor ainda para os alunos que correspondiam, mas tem não. Realmente parece meio... meio romântico isso, mas é verdade. Não sou capaz de dizer. O que seria, assim, que podia ser coisa boa? Às vezes o aluno foi preso, foi torturado, entendeu? Sim, sim. Eu tive gente, por exemplo, o Vicente, eu sei que foi preso. O Vicente é da FCA. O irmão dele morreu, o Lincoln. Mas não era de lá, não.

Eu respondi inquérito de policiais militares. Mas também não foi no tempo da escola, não, foi antes, 1964, 1967. E, na época, a católica, como a gente chamava, acobertava muito. A igreja desse ponto teve um papel muito favorável a quem tivesse problemas com a ditadura. Então a comunicação não teve problemas de receber expulsos.

Olha, também essas coisas caem numa vala comum, mas uma vala comum de coisa boa. Os desafios eram muito grandes, porque, por exemplo, como é que você vai construir um laboratório de jornalismo? Na época, você nem sonhava com o computador. Isso aí não era... Se tinha computador, era na NASA, alguma coisa. No Brasil, ainda não tinha nada disso. Só fez exposição na década de 80. Então, mas mesmo assim, precisava de máquina de escrever para o laboratório. Então nós tínhamos uma mistura, aquelas wonder roofs. E conseguimos. O estúdio de TV, conseguimos uma compra da Alemanha, de uma instituição católica da Alemanha, que o nome era muito famoso na época, agora estou esquecendo. É uma fundação do Partido Democrata Cristão na Alemanha, que ajuda muitos países subdesenvolvidos, etc. Ajudava. E descobri, não sei como, ou alguém descobriu para mim e me contou, uma linha de financiamento que a gente... Eu não sei se guardaram. Se não guardaram, fizeram... Aliás, a Escola Matéria de Memória é péssima. Assim, nós perdemos muitas coisas. Dizem que teve o trem na época da... Não sei que época. Eu já tinha deixado. Perderam todos os documentos da secretaria, as palestras... Eu tinha um aluno, o irmão, o sobrinho de uma aluna que era de idade, da Nancy. Ela tinha um sobrinho que tinha um gravador que nós gravamos todas as palestras da inauguração. E passamos por um gravador. E esse menino desgravou para a gente. Isso estava tudo na secretaria. Anos mais tarde, me falaram que perderam tudo. Então, hoje, essa câmera que era um... Um tripé, uma camerazinha pequenininha de... Assim, quase que de brinquedo. Nem dessas da década de 80 que no mercado já tinha, nós não tínhamos. Então, era tudo muito penoso, sabe? A questão da prática. Hoje, depois eu fiquei sabendo que aí entrou a PUC e começou a ter concorrentes. E tanto é que eu, na UNA, eu me considero... Eu fui, de repente, concorrente. E eu brincava com os alunos. Eu lembro dessa frase. Eu

recebia os alunos, fazia o meu show inicial. Aí eu falava assim... “Até o ano passado, a comunicação da PUC era a melhor de Belo Horizonte. Agora vai ser a nossa.” Mas eu nunca deixei de admirar. Eu sei que teve um problema aí da Glória comigo, porque eu chamei um professor. Eu ia criar um mestrado na UNA. Quis criar, mas... Foi ali que começou. Falei, esse cara é um poeta. Ele aqui não ganha. Não dava. Não faz parte da escola particular investir. E eu achava que, até para a UNA ficar importante, o Grupo Ânimo da Educação hoje, precisava de um mestrado na área. Mas a escola privada não quer saber desse nível de aperfeiçoamento. Então isso aí cai na real. E pronto.

Eu não guardo na minha memória afetiva nem profissional da PUC decepção nem frustração que algo que eu queria fazer e não fiz seria uma frustração. Não tem. Decepção, algo que me desagradou muito, não tem. Algo que foi muito bom, tudo. Foi um período muito de um ardor. Eu acho que jovem. Eu sou um cara, um menino. Eu tenho uma idade, eu sou o mais velho de qualquer lugar que eu vá. Eu falo assim “não quero nem saber quem está nesse olho, eu sou o mais velho.” Um dia eu fui para um evento aqui. Falei, nessa van aqui, ninguém é mais velho do que eu. Mas eu me considero ainda muito gratificado e com muito... Sem querer falar, mas isso eu juro que você nunca vai escutar de novo. Aquela época que era bom. Nossa época que era bom. Hoje em dia... Cada época é a sua época. E aquele negócio de falar assim. Ensino? Agora? Quem quer falar que hoje o ensino é médio ou baixo? Eu falo assim: “Olha o meu neto de 11 anos e vai falar mal desse ensino de hoje.” Eles dão banho na gente. Não é só porque tem facilidade com coisa... Houve um crescimento intelectual, sociológico, muito grande. A sua geração, sem conhecer nada de você, eu capto no olhar. Você já me transmite um horror de coisa boa. Assim, que a gente sabe com quem você está conversando. Sabe com quem você está falando? Não sei. Sabe a famosa frase? Então, assim... E até hoje eu falava muito isso na UNA. Eu já tinha mais de 70 anos. Hoje eu tenho mais de 80. Mas eu não lamento fazer, eu cumpri, está sendo cumprido. E eu acho que cada grupo fez. Então, por exemplo, eu tive decepção, sim. Eu já tinha largado. Quando uma determinada pessoa que eu gostava muito cortou a relação comigo. Então, não sei se foi isso. Alguma coisa tem mais do que isso. Mas tudo bem. Vamos para frente. Mas acho que vai ser muito difícil. Eu vou arriscar um palpite. Você falar com um aluno da época, uma Glória Varela, um Teodomiro Braga, um Francisco Bascos, uma Vela Veiga, um Paulo Bernardo, uma Lila, ou então um professor da época. Todo mundo vai gostar. Vai falar assim, só tem boas lembranças. Mas, assim, se tiver gente, que ótimo. Porque fica um mix ali de poder. É como uma obra, uma pintura que cada um foi botando. Eu acho assim, foi um período, e outra, mais legal, independentemente de novo. Eu olho muito a escola. Olhava, não é? Hoje

nem tem tempo, mas acho que tem, até pelo seu exemplo. É uma corrida de revezamento. Entendeu? Cada um foi passando o bastão para o outro. A escola, ela ganhou a primeira fase, enfrentou bem, e esse revezamento foi tendo por professor, por funcionário. Gente, a turma que assiste, vocês na Info, só teve gente boa ali. Nossa, mãe! Gente do meu tempo, que eu vi até recentemente. Então, ali você tem um testemunho, muito bom. Mas é isso.

Eu vi o resultado final, que aliás, isso eu tenho frustração, mas não é da escola. Porque isso que nós estamos fazendo, que eu saí, já tem mais de 50 anos, 60 anos que foi criado. Então, tem 60 anos. Se eu contar a quantidade de entrevistas que eu já dei de papo como esse, sempre muito gostosos, muito saborosos, muito úteis, muito... Eu boto meus delírios para fora. A única coisa que... Caríssima vez eu vejo o resultado. Eu falo, gente, me mostra depois. Essa turma mais recente, me mandou... Eu esqueci até o nome dele. Está aqui. Um dia ele mandou o podcast, eu sentei aqui, liguei na hora. E foi interessantíssimo. Melhor ainda para mim, meu ego.

### **MARIA ÂNGELA MATTOS (DEDÉ)**

Eu iniciei o curso de comunicação social em agosto de 1973, tinha 19 anos e me formei em julho de 1977. Eu tinha uma consciência crítica do período da ditadura militar, vim de uma cidade do interior, Caratinga, onde eu cursei científico no colégio estadual. Lá eu tive uma formação humanista, social e cultural muito forte.

Os professores, estudantes tinham uma vivência política, movimento estudantil, festivais de música da cidade. Tive contato com militantes políticos também do período, como Miriam Leitão, Cláudia Leitão e a galera ligada ao cartunista Ziraldo, que era da Caratinga.

E sobretudo a minha irmã, Heloisa Mattos, acadêmica que na época cursava jornalismo e participava de movimentos políticos, como o Movimento de Educação e Base, trabalhava em rádio e adotava os métodos de Paulo Freire, na formação e educação dos trabalhadores.

Durante o dia eu ficava na faculdade, meus colegas e eu fazíamos estágio no Centro de Pesquisa e Comunicação Comunitária (CEPEC), que por sinal tem a mesma sigla do CEPEC da faculdade atualmente. E ali eu realizei vários estágios na escola, desenvolvi um trabalho muito bacana no Vale do Jequitinhonha. A gente trabalhou na formação de uma associação de artesãos, com teatro popular na vila 31 de março, enfim, era um trabalho voltado à comunicação popular, alternativa e comunitária. A gente teve uma formação política, uma

formação da comunicação voltada para a transformação social e para a participação popular e democrática, então fazia todo sentido a minha vinculação a esses movimentos.

O curso era à noite, funcionava Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Relações Públicas. Na verdade eu vivia na faculdade, de manhã, de tarde e à noite e era muito intensa a experiência, tanto da vivência no ensino, quanto da extensão e pesquisa, era um trabalho integrado bastante articulado.

A relação entre alunos e professores era horizontal, de muita proximidade e convivência. A gente saía não só dentro da escola com os encontros, congressos, seminários e cursos mas também para barzinhos para comemorar e festejar, acampamentos, então tinha uma relação aberta de muita amizade, ultrapassa aquela relação formal de professor e aluno, a gente pertencia aquela comunidade que era um momento diferente do que a gente vive hoje. A escola era formada por grupos de pessoas que tinham uma identidade muito grande.

Havia repressão e medo no ambiente universitário, mas ele era permeado por uma coisa da liberdade para discutir sobre a ditadura, sobre a repressão, sobre as experiências de países latino americanos que estavam vivendo processos de transformação ou de ditadura, como no Chile.

Agora essa liberdade era assegurada pela direção da faculdade, inicialmente pelo Lélío Fabiano, Fausto Neto, entre outros diretores e o próprio Dom Serafim, que era o reitor da universidade e assegurava a todos propiciar esse ambiente de livre discussão. Mas a gente tinha muito medo porque havia militares camuflados, civis que participavam das aulas e ficavam ouvindo o que a gente discutia. Mas a gente era muito esperto porque a gente conseguia localizar essas pessoas que estavam ali para poder dedurar.

As aulas dentro de sala de aula eram muito instigantes e provocativas porque tínhamos grande parte dos professores que usava uma metodologia de ensino mais horizontal e dialógica, então nossas aulas eram verdadeiros espaços de discussão, de provocação, debate, reflexão crítica, éramos provocados a pensar criticamente sobre a situação do país e também espaços de inovação, de buscar uma comunicação popular, uma comunicação comunitária e alternativa e que foi muito marcante nesse período, até meados dos anos 80.

Então as aulas de sociologia, política, economia, os professores eram muito provocativos no sentido de não nos deixar acomodados e pensar sobre o momento, da repressão nos meios de comunicação, na falta de liberdade de expressão, era um momento muito gostoso e desafiante, estar dentro de sala de aula. Eu era uma pessoa tímida e a partir dessa convivência na faculdade eu passei a me expressar melhor e ter uma habilidade de comunicação, reflexão que contaminou a todos nós.

A gente participava de movimentos estudantis, passeatas e protestos contra o regime militar. A greve universitária que marcou o nosso tempo como estudante, o pessoal do DA, do DCE era muito atuante e essa greve durou um tempo e marcou uma transformação. Embora Dom Serafim fosse um reitor mais flexível que assegurava essa liberdade. Foi uma questão de valor das mensalidades que aumentou muito no período, então a gente botou pra quebrar.

Os militares frequentavam a escola disfarçados. A gente recebia essas visitas de militares à paisana, mas a gente sempre era alertado, que algumas pessoas poderiam ser pessoas que estavam ali para nos controlar e infiltrar nos movimentos e debates.

Nós tínhamos um professor que era militar, era um coronel, ele dava uma disciplina que não lembro o nome mas era uma matéria voltada para ensinar os princípios da lei da segurança nacional, dos decretos da ditadura militar como por exemplo o AI-5. A gente vivia cercado por esses militares cercados de civis.

Os eventos que marcaram minha trajetória acadêmica na época foram as feiras de artesanato do Vale do Jequitinhonha que a universidade promovia anualmente na universidade. A feira era organizada pelos alunos, sendo fruto de um trabalho nosso desenvolvido no Vale do Jequitinhonha voltada para formação de uma associação dos artesãos da região. Era um evento que mexia com todo o circuito cultural de Belo Horizonte, ultrapassa a universidade, era um evento muito bacana.

Outro evento foi o 1º Congresso da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação (ABEPEC). Lélío Fabiano foi um dos primeiros diretores dessa associação e a escola era um espaço de realização de palestras, cursos, eventos, teatro popular, seminários com pesquisadores da América Latina, Juan Enrique Díaz Bordenave, Antonio Pasquali, que eram os nossos autores referentes. Paulo Freire não chegou a ir na escola, mas educadores e comunicadores que trabalham na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, a gente conhecia e tínhamos um contato direto com esses movimentos e com essas pessoas.

Tenho ótimas memórias da PUC que são sobretudo, os afetos, amizades que até hoje tenho, das pessoas que foram minhas colegas de curso e tem um afeto muito.

Não me arrependo de nada que fiz, se eu tivesse que fazer faria tudo novamente e foi muito boa a experiência. A gente é até meio taxado como idealista e romântico mas eu não ligo pra isso, eu acho que foi uma experiência que marcou minha vida e foi um aprendizado permanente, que ampliou minha visão de mundo e meus horizontes, tive oportunidade de crescer e aprender muito como aprendo até hoje e sempre tendo essa concepção do ensino comprometido com a realidade e com as mudanças, conflitos que a gente vive.

## **MOZAHIR SALOMÃO BRUCK**

Assim, eu nasci pouco antes do golpe, eu nasci em 1972, quer dizer, no golpe eu tinha 2 anos. Agora, claro que depois, na adolescência, quando você fica ai jovem adulto, você começa a entender coisas que você viveu quando criança. É assim que a memória funciona. Você vive lá atrás, talvez, para alguns, pelo menos, vai entender melhor lá na frente. Eu acho que esse melhor entendimento, um pouco mais de entendimento que eu tive, foi quando ali no segundo grau, eu era da União Municipal de Estudantes, então era UMES, aí a gente começou, eu comecei a entender melhor essa coisa de o que é ditadura, de liberdade, pronto, o que é um estado de exceção, enfim,

Aí você vai entender, porque quando você tem oito anos, nove anos, você marcha na avenida, você canta Hino Nacional em pé antes de começar as aulas, mas aquilo tudo, pronto, te colocam para fazer, você não consegue ter crítica, você não tem mais crítica. Aos oito, nove anos você não tem. Mas depois você entende, depois você vai entender o que é uma vida doutrinar em que os aparelhos de estado ficam aí tomados e passam a doutrinar as pessoas. Isso ficou mais evidente para mim na passagem então do segundo grau, como eu falei, eu era da União dos Paulo de Santos, para a Universidade Porque aí você vai efetivamente debater essas coisas. Quando eu entrei para a Universidade, a gente estava na vigência da ditadura ainda.

Eu entrei para a Universidade em 1982. em 1982. Talvez um pouco menos, com projetos menos controladores e tal, até porque ela estava caminhando para a sua finalização pela pressão do povo, pela pressão da sociedade, enfim, esse foi o jogo político da época, até chegar em 1984, quando a gente teve aquela decepção das diretas já, e mesmo com morte de Tancredo. Enfim, a ditadura para mim foi uma vivência, como criança que não entendia o que estava vivendo. E depois foi uma consciência, na passagem da adolescência para a vida adulta, com muito pesar, com muito susto, com muita vontade, por um lado, de ter uma vida mais livre, viver em uma sociedade mais livre, mas também com projetos ainda, porque isso é a marca dos anos 80, da nossa militância, acreditar em projetos coletivos, acreditar em projetos de uma sociedade melhor, mais harmônica, mas, enfim, que reparta mais, mais colaborativa. Isso foi bom viver. Isso foi bom viver nos anos 80 e 90.

Não, eu acho que influenciaram bastante. Eu só não sei se minha vontade de ser jornalista me levou para essas coisas. Eu acho que essas coisas se retroalimentam, ou minha participação nessas coisas também me fez querer ser jornalista.

A mídia para mim é assim, eu amo o jornalismo, mas amo também a mídia, estar presente na mídia sempre foi um desejo muito forte meu. Eu comecei a trabalhar em rádio com 12 anos de idade, eu fazia plantão esportivo com 12 anos de idade com meu irmão. Eu aprendi a trabalhar em rádio. Na verdade, eu aprendi assim a frequentar a rádio, depois fui aprendendo a fazer as coisas, mas com 15 anos eu escrevi o Jornal da Noite na Itatiaia, o jornal esportivo, que era a grande resenha. Eu tinha 15 anos de idade. Então, assim, a mídia sempre foi uma presença forte na minha vida, não só em termos de consumo, mas em termos de trabalhar. Por exemplo, eu era estudante de segundo grau e trabalhava na Itatiaia. Meus colegas achavam aquilo o máximo. Eu não achava tanto o máximo, porque eu ganhava quase nada e trabalhava todo dia até uma. Mentira, quarta e quinta-feira eu trabalhava por causa de jogo, por causa de futebol. Eu trabalhava até uma da manhã e trabalhava o dia inteiro, no sábado e o dia inteiro, no domingo. Mas, assim, quando eu estava lá, aquilo para mim era uma Disneylândia, era um paraíso.

Não, externamente eu não participei. Eu ia pelos movimentos estudantis, eu ia nos protestos, nos eventos, com a juventude católica, mas também foi de frequentar muito pouco. E fui internamente aqui na PUC, eu fui presidente do DA da comunicação. O DA estava fechado há muitos anos, a gente conseguiu reabrir o DA, botou o DA para funcionar, depois vieram outros presidentes, infelizmente depois fechou-se de novo por umas outras questões, mais recentemente até, eu espero que reabra, porque é o ponto, desculpa, é uma possibilidade de contraponto efetivo, a representação estudantil. Eu festejo, parabeno, fico muito feliz que existam atléticas. E lamento que não existam tantos DAs hoje. É importante ter o DA, porque o DA é essa representação política que é fundamental para o estudante. É ali que é o contraponto do ensino que muitas vezes cai de qualidade, ali é o contraponto da mensalidade que às vezes sobe demais, ali é o contraponto da falta de infraestrutura. Mas o DA também, além dessas coisas que vou chamar aqui de condominiais, ele tem um outro sentido, que é contribuir e estimular para que as pessoas pensem politicamente, para que as pessoas tenham, então, historicidade. E ver historicidade é viver no presente, entendendo em que ponto da história você está.

Aqui na PUC não. Eu sei o contrário, que alguns que foram afastados da UFMG, aqui virou um porto seguro para alguns professores. Nesse momento eu não tenho nomes, mas eu posso até... Bom, uma professora que já até faleceu, a Ione Grossi. Ela veio para cá, você já deve ter ouvido o nome dela. Eu não sei se ele estava em outra instituição, mas que veio dar aula para a gente de economia, o professor Tito. O professor Tito participou ativamente da luta política. Enfim, o professor Zé Milton também, que eu sei que ele tem militância política

e partidária. Agora, o professor que estava aqui, que foi afastado, eu sinceramente não me lembro. Eu sinceramente não me lembro. Posso até olhar onde que tem isso, mas na PUC Minas, porque o Dom Serafim, que depois virou reitor, que era o arcebispo, apesar que eles falam que ele é um pouco mais conservador, vamos dizer assim, ele está fazendo 100 anos, completando 100 anos agora, quer dizer, ele faria 100 anos. Apesar que ele tem, doutrinariamente, em termos de igreja, uma posição mais conservadora, mas politicamente ele era um defensor da liberdade. E por isso que a universidade acolheu tanta gente. E por isso que a universidade foi criada em 71, porque isso foi um gesto do reitor, de D. Serafim, criar a Faculdade de Comunicação porque ele achava que aqui era para ter um espaço de liberdade, é assim que ela surge. Isso não é retórico, isso é efetivo.

Então, o início, eu não estava aqui, mas a história que eu já mencionei, que eu já até trabalhei em cima dela, a gente começa onde é o espaço Cultura e Fé, ali no predinho 7, que a gente chamava de o Capelinho, um nome assim, igreja, algo assim. Porque parece que foi mesmo na época do seminário. Era o espaço de oração. A comunicação não tinha outro lugar. Ela começa ali. E o prédio 12 e o 13, que é o Tijolinho, que é o 13, o prédio Tijolinho em construção. Esse prédio 13, conta a história, aí eu já não vivi também, porque isso foi na década de 70, ele foi invadido, ele não estava pronto ainda, mas as pessoas cansaram daqui e vão embora, tem que ocupar esse prédio, ocuparam o prédio, as aulas aconteceram. É isso que é para dizer, essa coisa da mobilização, do contraponto, do enfrentamento, como você tinha um forte grupo crítico, essas coisas eram mais reais, mais possíveis, aconteciam de verdade.

Hoje eu acho, isso aí tem n fatores de ordem cultural, ideológica, política Mas prova um pouco assim, que a gente está em um nível de... Mesmo uma mobilização, ela vem antes para nós aqui, por exemplo, onde eu estou hoje, na comunicação institucional, as mobilizações vêm pelas redes sociais. Elas não são presenciais, é uma coisa curiosa. E eu estou para te dizer que muitas vezes, esse das redes sociais é mais danosa e complicada de você negociar, dialogar, porque você não consegue dialogar com a rede social toda. Ela não tem líder, ela não tem cara. Ficam ali as pessoas postando coisas mais absurdas. Aí entra um bolsonarista, aí entra alguém que é mais radical na posição disso ou daquilo. O mundo ficou muito complexo disso. Mas, assim, eu não estou sendo aqui nostálgico.

Nostalgia não é minha praia, eu não gosto, eu tenho muito medo da nostalgia, porque ela pode ligar para lugares indevidos ou ela pode paralisar. Mas assim, sabe, eu sinto falta, aí poderia ser presencial, online, do jeito que for, mas falta discurso crítico bem estruturado, bem argumentado. É disso que a gente fala. E, antigamente, assim anteriormente, a gente via que tinha essa preocupação. Eu falo sobre isso, mas eu estou falando a partir disso, disso, disso

e disso. Então, assim como eu falei eu evito muita nostalgia, mas me parece que talvez a gente consiga avançar mais na medida em que a gente comece a recuperar esses fóruns, essas práticas de um dissenso argumentado, presencial. Não sei se isso é muita nostalgia, mas isso para mim é evidente que isso faz falta.

Ah, sim. Mas havia, mas assim, o que a gente viveu ali em 82 é que o Estado era ditatorial. Pronto. Agora em termos das pessoas respeitadas aí as questões de temporalidade, as questões culturais, na verdade assim não é tão diferente do que é hoje. Uns são muito mais ligados à política, um tem mais consciência do seu papel, um tem mais noção dessa coisa da historicidade, que eu ando tentando estudar bastante, outros nem tanto. E mais ainda, do mesmo jeito que você tem... Havia uma diferença que para mim era radical. Era uma prevalência de um pensamento socialista, eu diria assim, libertário, sabe, progressista, eu acho que é a melhor palavra, há 40 anos. Há quase 40 anos. Aliás, há mais de 40 anos. Eu acho que isso não é uma verdade hoje. Mas mesmo lá atrás você teria professores que estão ali mais no centro, roçando à direita. Isso não era impossível de acontecer, mas a prevalência era de um pensamento progressista.

Eu acho que isso hoje não é assim. Você não tem, eu acho que são duas diferenças. Primeiro, você não tem a prevalência de um pensamento que a gente chamaria antigamente de esquerda, mas eu prefiro evitar a expressão, de um pensamento mais, porque você pode ser de esquerda e ser autoritário. Então eu prefiro um pensamento progressista, libertário, eu não sei se tem a prevalência. Acho que na comunicação ainda tem. Se você for em outros institutos, na faculdade de comunicação ainda tem. Se você for em outros institutos e faculdades, aqui mesmo na PUC Minas e fora da PUC Minas, é preocupante. Chega a ser assustador.

Assim a força do pensamento conservador e moralista. Porque também muitas vezes parece que gostam de andar de mãos juntas. Claro, ele não é libertário. Mas enfim, mas falando de hoje, comparando com hoje, o que eu vejo?

Primeiro, essa é a pergunta, falando de hoje, o que eu vejo? Eu acho que isso em uma parte expressiva, felizmente na nossa faculdade os professores ainda é muito forte. Agora, eu não sei até que ponto, sabe, e não estou colocando a culpa nos alunos, então por favor, eu nunca faço isso, porque ali é troca de conhecimento, eu não sei o quanto professores e alunos se dispõem a fazer esse debate. Eu não sei o quanto eles se dispõem. Agora mesmo, por exemplo, numa eleição municipal, assim, você é aluno, você tem lá centenas de colegas, alunos. Em que momento que a gente para e fala, qual é o cenário político em Belo Horizonte? O que estamos dizendo? O que é ter dois candidatos fortes de direita em Belo Horizonte? Tramonte, aliás, e um vindo da mídia.

A gente tinha que estar mais atento. E isso, um vindo que também não é nenhuma novidade, viu? Em termos de política, de cenário eleitoral. Mas o que é hoje você ter ali, então, sabe, dois candidatos fortes de direita, um mais de centro, um centro meio radical, sabe. Eu acho que talvez nos falte mais possibilidade, desejo de refletir sobre essas coisas.

Eu não sei se isso tem um certo desencanto em relação à política. Na hora que você vê que, mesmo quando volta um governo mais progressista, aí vem o cara dos direitos, o ministro dos direitos humanos, acusado de... isso não ajuda a história, como diz. Vem o ministro acusado, e parece que as denúncias, muitas delas são bem concretas, de assédio sexual, de importunação sexual, mas enfim, para não misturar muita coisa, eu diria o seguinte, a comunicação sem um debate político é uma comunicação estéril. A formação comunicacional sem um debate político é uma comunicação estéril. Por quê? Porque a comunicação é feita de política. A comunicação é política em qualquer instância que ela ocorra. Você pega desde de um cartaz, quando aquela moça põe o dedo na frente, aquela enfermeira põe o dedo na frente ali, aquilo lá é uma relação de poder. Que tá dizendo, caramba, aqui é um hospital, mas parece um exemplo bobo, mas não é, porque ele é diretivo, ele é relação de poder. As relações de poder estão instaladas em tudo, na sala de aula, não é só na questão eleitoral. e os discursos que nós vamos construindo, todos eles se baseiam em quê? Se estruturam em relação ou se dão a partir de relações de poder.

Como eu te falei, eu já peguei muito ali o fim desse período ditatorial. Quando a gente começou, quando a ditadura institucionalmente pelo menos acabou, pronto,

Eu estava no meio do curso. Mas assim, eu me lembro que a gente deu sequência a esses projetos, havia intervenções interessantes.

Eu lembro que o Zé Milton criou um jornal da cidade, o Metropolitano, se não me engano, o Metrópole, talvez, em que a gente participava e que ele tinha uma visada política boa. Agora, eu diria assim, sabe, Amanda, sem falar de nenhum projeto específico, porque eu estaria sendo muito... eu não teria, francamente, clareza para falar sobre informações, para falar sobre eles, mas para mim era o que nos movia.

E o que nos movia era trazer pessoas, era fazer eventos que de alguma maneira sinalizavam para a necessidade de a gente ter uma sociedade mais livre. Todos os nossos eventos eram pautados assim. A pintura do nosso prédio 13, isso foi lá atrás, na década de 70. A gente mantém, talvez, de modo mais minimalista até hoje, mas aquilo é uma memória importantíssima. É um marco importantíssimo. Os palestrantes que aqui vinham, os cursos que aqui vinham, quer dizer, alguns professores específicos, por exemplo, as disciplinas de teatro, elas tinham um caráter muito libertário para nós. Libertário da forma, libertário no

conteúdo também. Será que é possível, vale a pena, aliás, separar forma e conteúdo. Era uma postura libertária.

Eu acho que isso é importante a gente ressaltar. Os projetos, as ações, elas materializavam posturas políticas e posturas ideológicas. Isso é o que foi mais efervescente na Faculdade de Comunicação. E que eu torço muito para que a faculdade nunca perca essa efervescência. Porque ela é a formativa do aluno. O aluno vem aqui estudar jornalismo, ele vem estudar publicidade, mas a universidade tem que ser efervescente e tem que ser um bom ninho, se me permite dizer assim para que ela possa ser um cidadão libertário, um profissional libertário, um profissional democrático, progressista.

É uma grande contribuição ao domínio técnico, o domínio teórico, mas como que ele se posiciona politicamente, ideologicamente, com que olhar que ele trata a questão das diversidades, das assimetrias, sejam de gênero, de regionais e tudo mais, de classe social. Essa formação, sabe, que a gente nunca pode perder enquanto professor. Essa é a preocupação que a gente tem que ter o tempo todo, porque senão a gente não contribui para a sociedade.

Nossa, eu tenho que pensar. Assim, 82, depois 86, não, sabe por quê? Porque as coisas já estavam mais distensionais. Eu acho que em 1984, e eu acho que aí é uma coisa positiva, foi a mobilização que todos nós vivemos naquela época, todos nós vivemos pelas diretas já. Isso foi tremendamente frustrante. Assim eu vou te falar, assim pelo menos na classe social, nos grupos que eu frequento. O dia seguinte à derrota da emenda das diretas, já, parece que o Brasil tinha perdido a Copa do Mundo. Pelo menos nos grupos que eu frequento. Não estou dizendo que isso aconteceu com toda a sociedade, que seria dizer que o Brasil todo ficou assim. Talvez tenha até ficado, eu que não sei dizer com precisão, não posso arriscar em dizer. Mas foi muito frustrante. A gente saiu de manifestações, eventos de defesa da diretas já com o apoio de governadores, pelo menos, apoio retórico, pelo menos, em São Paulo mais de um milhão de pessoas.

Aqui na Afonso Pena, eu me lembro que eu fui na Afonso Pena, nas diretas já, fiquei ali... a gente foi cedo para ficar mais perto do palco, foi montada ali na rodoviária, a rodoviária na praça não era como é hoje. Aqui em Belo Horizonte também foram mais de uma centena de milhares de pessoas, a sociedade estava muito esperançosa de que as diretas já iam passar. E não passaram. E não passaram. Aí depois veio a eleição indireta. O Tancredo participava das diretas já, mas assim o que se dizia é que ele fazia um jogo duplo, ia nas manifestações, mas já negociava para ele ser eleito presidente. Historicamente, isso lá na frente parece que já faz mais sentido, mas eu prefiro não entrar nisso, eu prefiro ter tido as eleições diretas. E é curioso, porque depois de tudo isso, na virada de 84 para 85, Tancredo

morre. Enfim, mas isso aí, pronto. Você fala, isso tudo é passado. Não, mas eu acho que nós temos que aprender com tudo isso, sabe?

Nós temos que aprender com tudo isso. E é difícil aprender, porque a história não se repete exatamente, né? Claro que não. Mas agora, eu acho que isso era a grande mobilização, nota aqui. As diretas já. Essa mobilização para as diretas já foi... Isso dá até um texto bacana, sabe? Porque na ditadura, o verde e amarelo foi sequestrado pela ditadura e as pessoas não usavam. A gente não usava roupa amarela. As diretas já trouxeram isso de novo. Olha só como politicamente, então, essa coisa do verde e amarelo, ela tem uma navegação histórica muito interessante. Depois com o Collor isso é reapropriado de um jeito muito complicado. Depois com o bolsonarismo. E isso fica evidente quando as pessoas devolvam o nosso verde e amarelo, devolvam o nosso verde e amarelo, a nossa camisa amarela. Mas isso aqui são relações.

O mais importante é dizer assim, como estudante aqui em 82, eu e meus colegas, eu me lembro que no primeiro dia de aula, depois que a emenda Dante de Oliveira, emenda Dante de Oliveira, caiu, porque isso marcaria decisivamente o fim da ditadura. Nossa nós ficamos assim extremamente frustrados, foi um luto, um sentimento de perda, pelo que não teríamos, não é pelo que tivemos. Mas é isso. A memória assim, é importantíssimo que ela se dê numa condição de lucidez, sabe, da maior lucidez possível. Por quê? A memória, ela é invocada pela verdade, mas também pela mentira.

A mentira se travesti de memória com muita facilidade, talvez mais até do que a gente potencialmente pode chamar de verdade. Esse é um ponto. O segundo ponto, um sujeito, ou um grupo, uma comunidade, uma sociedade sem memória, é uma sociedade condenada à adolescência, que nunca vai atingir a maturidade. A nossa cidadania mostra isso em função das brigas em termos das lutas entre as classes sociais, do confinamento da pobreza a um espaço de não participação política, da exclusão então. Mas também, sabe, me parece assim, para mim o mais importante do acionamento dessa memória, não uma memória moral, mas uma memória reflexiva, é você aprender, dizer isso parece coisa de senso comum, mas não é, é você aprender com o percurso histórico.

É a ideia, de novo, desculpa, da historicidade. Ou seja, é você aprender com o percurso histórico que o seu grupo fez, sua comunidade fez, o seu país fez. Então, veja, eu fico pensando muito na Argentina, que fez um enfrentamento muito maior, muito mais agravado da ditadura do que o Brasil fez. Nós aqui optamos, digamos assim, por uma negociação que eu particularmente tenho muito desprezo por ela, que foi a solução da anistia, essa solução da anistia, e que descambou, na verdade, para você saber muito bem disso, para

anistiado também o torturador. Anistiou o torturado, que nem sei porque ele teria que ser anistiado, mas porque ele era chamado de guerreiro político, mas principalmente anistiou o torturador. Mas pega a Argentina, assim, a Argentina é um caso que eu fico querendo muito entender melhor.

Como que esse país, que já foi considerado o país mais importante de toda a América Latina, pensa nisso, de toda a América Latina, uma cidade como Buenos Aires, que era considerado, na verdade, uma extensão europeia, uma extensão das cidades da Europa. O Buenos Aires era Paris dos anos 40, 50, na América do Sul, e chega onde está hoje. Com um nível de miséria e pobreza muito maior que o do Brasil. Claro, proporcionalmente falando.

Então esse é o primeiro ponto. Agora, a memória nossa da ditadura, a professora Fernanda Sanglard estuda isso bem mais do que eu. Estuda mais do que eu, porque eu não estudo basicamente. Mas assim, o que nós temos que aprender com essa memória é como que o jogo pode virar de um dia para o outro. E o 8 de janeiro que a gente teve aqui, depois da eleição do Lula 3, foi quase isso. Aquilo poderia ter acabado em golpe. A questão não terminou porque o exército não aderiu. Se houvesse a adesão do exército, hoje a gente estaria vivendo num país sob um regime autoritário novamente. Por muito pouco, por muito pouco nós não viramos. É preciso ter essa consciência. E não é que a memória vai impedir que as coisas aconteçam. Mas a memória te mantém mais alerta, ela joga mais uso no passado. Tem uma figura da memória que eu gosto bastante, que diz o seguinte, o passado é esse gigante sobre o qual a gente sobe e consegue a partir lá de cima dele, olhar para o passado, desculpa, de novo, o passado é esse gigante que a gente consegue, subindo em cima dele, no presente, olhar para o futuro. Ou seja, para eu caminhar para o futuro, eu tenho que olhar para o passado. Porque senão eu vou ser eternamente um adolescente. Vou ser uma sociedade que muito pouco aprendeu. Eu acho que essa, para mim, é uma grande contribuição. Por exemplo, que a faculdade de comunicação tem que dar para os seus alunos. discurso político, ele está todo hoje disperso, fluido, não localizado no âmbito do digital, é uma preocupação. Mas você acha que eu coloco a responsabilidade disso é na existência do digital, das redes sociais? Claro que não.

A conversa é muito mais ampla do que meramente o dispositivo técnico. A memória vai ser sempre uma versão. A narrativa memorialística, eu vou falar desse jeito, porque a memória é o processo. A narrativa memorialística vai ser sempre uma versão. Dentro dessa versão cabem os posicionamentos mais distintos em função dos interesses das pessoas.

A gente vive isso na vida pessoal nossa, na vida familiar. Quando você lembra de determinado evento, se bobear, cada um lembra de um jeito e faz a adequação daquilo, ou o que mais lhe interessa, ou sei lá, o que é mais confortável, porque a memória também é sempre um lugar de conforto, sabe, ela tende a ser um lugar de conforto porque ela tende a ser um local de conforto. Pronto, então, como narrativa, ela por si só, Amanda, vai ter sempre uma possibilidade, vai ser sempre uma possibilidade de ser versional, e vai se adequar ao modo de visão do mundo.

A memória também é o resultado do modo de visão do mundo, não só do passado, mas como do presente. E ela, ao ser projetiva, tem também uma memória, a gente chama isso, o Bakhtin chama isso de memória moral, em que eu me valho dessa memória para prever o futuro, ou para prescrever o futuro, prescrever é a palavra mais correta. Então, por que a memória é assim? É porque nós nos lembramos das coisas a partir do ponto de vista com que a gente, naquele determinado momento, compreendeu determinado fato histórico. Sobre isso, então, tentando ser bem sucinto, a sua pergunta é complicada de responder, mas eu gostaria de falar por três pontos. Hoje eu falei isso com uma pessoa lá do meu grupo de pesquisa, que é o grupo de pesquisa Mídia e Memória. Eu falei, um, a gente não pode esquecer que o passado nunca está concluído. O passado nunca está concluído. Vai passar daqui a dez, doze anos, você vai descobrir alguma coisa que aconteceu aqui em Belo Horizonte em relação à ditadura que ninguém nunca soube. Então o passado nunca está concluído. Aquele sujeito que era o mais democrata, você vai descobrir que ele tinha ligações espúrias, complicadas, por exemplo, com a ditadura. É possível que isso aconteça. Então o primeiro ponto. E até porque muitas vezes as coisas são silenciadas. A gente fala que o esquecimento, as estratégias do esquecimento são: silenciamento e apagamento. Algumas coisas são apagadas porque você quer que elas sejam esquecidas. Elas são silenciadas ou apagadas. Mas o primeiro ponto para mim é que o passado nunca está concluído.

O segundo ponto em relação a memória de como ela pode ter diversas versões, é que a memória é coproduzida. A memória resulta de disputa e de negociação. E como ela resulta de disputa e de negociação do passado vão também se adensando, vão se acomodando em função das narrativas.

Muitas vezes o passado chega para nós, em termos da memória, como narrativas míticas, e isso vale para as biografias. O Garrincha era assim, o Nelson Rodrigues era assim, o Getúlio Vargas fazia isso e isso. Algumas dessas são verdade, outras são míticas, porque elas tendem a construir uma verdade histórica. Primeiro, ela é resultado de disputa e de negociação. É fácil ver uma discussão básica desse trabalho que vocês estão fazendo aí. A

ditadura militar é ainda um ponto de disputa em termos de memória. Por um lado, grupos sociais que querem, que falam até em volta da ditadura e negam a tortura, negam a corrupção, negam a cessação de liberdades e direitos. Eles lembram de outra maneira dessa ditadura, idealizam uma ditadura. Não tinha corrupção, os filhos obedeciam o pai, como se isso fosse um problema de governo, de regime de governo. Os filhos obedeciam os pais, as moças não usavam shortinho, essas coisas, aí começa a misturar de tudo.

Então pegando aí a ditadura, para outros a ditadura foi muito sofrimento. Eu estou doído para assistir “Eu Ainda Estou Aqui” que me parece uma alegoria, eu diria assim, uma metáfora muito rica, é uma metáfora muito rica do que nós vivemos. E vem outros que sofreram terrivelmente, famílias, centenas de famílias que perderam seus filhos, seus maridos, seus netos e que nunca puderam enterrá-lo. É disso que nós estamos falando. Do Estado que entrava na casa das pessoas, as sequestrava e matava. Essa é uma memória importante que não se pode perder, porque a gente não pode deixar que isso aconteça. Pois AI-5 institucionalizou isso tudo. Olha lá o AI-5, o que ele permitia. Ele permitia tudo, ele instalou no país um estado de guerra brasileiro contra brasileiros, um modo de combater então. Bom, e o terceiro ponto, o primeiro passado não está concluído, o segundo ponto diz respeito, a esse fato de a memória ser resultado da narrativa memorialística, ser resultado de processos fortes de disputa e de negociação. A memória também é negociada, ela não se resolve só com disputa não.

Quando ela tem pela frente processos de disputa, geralmente ela fica em aberto, ela não fecha, como é o caso da ditadura. E a terceira questão, que eu acho que talvez em termos da memória do passado brasileiro, recente, tão recente, que é recente, se você pensar historicamente, nós estamos falando de 60 anos, nós estamos falando de 60 anos, exatamente agora, em 2024. O que para mim também é mais importante é a função da testemunha dos que vivenciaram, do que sofreram. É preciso testemunhar. Logo depois do fim da ditadura em 1984, o livro “Brasil Nunca Mais”, ele foi muito importante no sentido de dizer, é preciso É preciso falar sobre, você tem que falar sobre. Não se pode silenciar sobre isso. Não se pode permitir que tudo o que ocorreu caia no esquecimento. Essa é a ideia principal. A memória é alimentada por vetorizações narrativas que vão até o passado e trazem para o presente aquilo que aconteceu para que a gente possa iluminar o presente e o futuro.

É até porque, ótima pergunta, porque eu até vejo a questão política que não é menos importante, pelo contrário, ela é muito decisiva, mas ela não é exclusiva. Hoje eu entendo mais, passados aí quatro décadas, que o grande valor nosso foi a defesa da liberdade, das liberdades coletivas, mas principalmente das liberdades individuais. A comunicação era um espaço de

acolhimento das pessoas na sua ampla diversidade. Em termos de diversidade racial, em termos das opções de gênero, as pessoas podiam exercer, fazer, as pessoas podiam ser na comunicação aquilo que eu tenho certeza que elas não conseguiriam ser nos outros espaços que ela frequentava. E as pessoas podiam ser na comunicação aquilo que as pessoas não poderiam ser em outros espaços da própria universidade. A liberdade, o Guardi Ela está sempre à frente.

Mas a liberdade, ela nos permite, assim, antecipar, estarmos à frente do nosso tempo. É por isso que é importante ter o pensamento libertário, ao máximo, reconhecer o outro. Por exemplo, a gente passou a ter entre nós um discurso mais alargado, mais efetivo sobre diversidade, talvez na última década e meia, se tanto. Mas essa já era uma discussão que as faculdades de comunicação faziam, e já faziam antes do surgimento da nossa faculdade de comunicação, mas ela nasceu livre. Eu acho que aí é por isso a importância do Lélío Fabiano, que ele trouxe um pensamento da França no sentido de dizer, nós temos que educar para a liberdade. Eu acho que esse é o grande desafio da educação, educar para a liberdade. E comparando com outros, com hoje, desculpe, comparando com a FCA hoje, o que eu acho que nós estamos muito mais institucionalizados e, óbvio, quem está te falando isso é um professor da FCA que trabalha numa outra dimensão aqui da instituição e não vejo isso como um problema porque isso também não nos impede de fazermos que sejamos libertários.

O que eu vejo hoje é que eu não sei se essa pauta da diversidade, talvez porque nós tenhamos a possibilidade de exercê-la com mais tranquilidade, ela é uma pauta que é tão valorizada como deveria ser. Mas ao mesmo tempo, eu não tenho pesquisa sobre isso, é uma sensação, é um sentimento que ocorre às vezes, seja em sala de aula, até porque os grupos sociais, mais especificamente durante e pós pandemia, acabaram se antagonizando bastante.

Eu vejo na comunicação outras indicações de natureza ideológica, de natureza política, que tem me surpreendido às vezes. E não é só de aula. Defesas de ideias, defesas de percepções em termos da vida social, da vida política, do comportamento, que às vezes eu me surpreendo. Porque eram coisas que não eram tão presentes, ou se, talvez as pessoas as tivessem, elas tinham um certo rubor em explicitar. Esse rubor de ser conservador e de defender, por exemplo, soluções autoritárias, parece que se perdeu. Eu me preocupo com isso? Não, eu me preocupo porque nós temos que aceitar o discurso do outro, temos que conviver com ele. Eu me preocupo talvez da gente não... Tomara que haja mais professores fazendo isso do que eu imagino, da gente não colocar para o aluno essa defesa de uma formação libertária. De que ele tem que ser um cidadão libertário, porque é isso que protege a sociedade. Porque uma sociedade que tem, digamos assim, uma formação libertária, ela não

permite espaços para o autoritarismo. A minha grande preocupação é o autoritarismo. Porque, sem o autoritarismo, que é a coerção, a coibição da liberdade coletiva, nós não podemos ser quem a gente quer ser. Não há liberdade individual sem a liberdade coletiva.

Se você me permite, é um testemunho, mas assim de natureza pessoal. Eu sou muito grato aqui aos meus professores, aos meus colegas. Porque isso me levou para um outro lugar do modo de enxergar a sociedade, de me fazer presente na sociedade. Porque o libertário, quando você associa também a uma visão mais humanizada, isso é fundamental. Porque também a liberdade sem um projeto de defesa do próximo, de acolhimento do próximo, de entendimento das necessidades, dos limites do outro, desculpa, mas ela é muito discursiva então, ela é mero discurso. Eu acho que na FCA eu aprendi muito isso.

Eu sou muito grato pelas pessoas, os professores que foram fundamentais na minha formação, Ângela Carrato, o próprio Tito que eu já mencionei, Fábio Martins, eu não podia falar outros tantos aqui, essa defesa de que nós temos que construir um projeto livre de sociedade. Eu acho que esse é o papel mais importante que a FCA cumpre. Porque do nosso lado, você vai ver, eu estou falando em termos da PUC Minas, não estou falando contra ninguém, mas é lembrar que as perspectivas, o modo de olhar para a sociedade é outro. O direito olha do seu modo específico. O ICEG, que são as ciências gerenciais, econômicas e gerenciais, tem seu próprio modo de olhar para a sociedade. As ciências da saúde tem seu próprio modo de olhar para a sociedade. A gente faz comunicação. Podemos fazer a comunicação que atende a corporação, a empresa, aos governos, temos que fazer, temos que formar para isso, qualificar profissionalmente para isso. Mas a gente consegue, pelo menos, sensibilizar, tocar para que ele saia daqui um aluno preocupado com a defesa das liberdades coletivas e individuais.

## **PAULO BERNARDO FERREIRA VAZ**

Como você parece que está estudando o período da ditadura eu vou falar como preâmbulo o período que eu estudei no Colégio Estadual, uma escola pública de Belo Horizonte, para fazer...eu entrei em 1964 para fazer o segundo ano do ensino médio, que chamava ginásial. Eu fiquei até 1977 quando eu fiz o primeiro clássico que corresponde ao .... primeiro ano do segundo grau e a partir de 1978 eu interrompi os estudos formais para trabalhar e mais tarde fiz o supletivo, e passei e a partir daí fui que eu fiz a universidade, que eu fui prestar vestibular na universidade da PUC Minas.

Meu ingresso na PUC foi em 1971, lembrando que em 1971 o Brasil estava no auge da ditadura. O curso tinha sido criado 6 meses antes da minha entrada, eu sou da segunda turma do curso de comunicação social. Eu fiz publicidade e propaganda. Sempre eram cursos noturnos e pelo fato de ser um curso noturno, eu trabalhava o dia inteiro, isso aí vai explicar um pouco as questões que você formula em seguida e eu vou responder também.

Eu trabalhava o dia todo como eu disse logo acima, mudando sempre de emprego quando apareciam novas oportunidades. Até que eu passei a trabalhar na área da comunicação, na qual eu me formei em 1974, foi final de 74 ou primeiro semestre de 75, bom... me falha a memória.

Na PUC Minas nós vivíamos uma vida universitária que eu chamaria de singular, uma vida que eu chamaria de especial. Pois a direção da escola, sob comando do Lélcio Fabiano dos Santos, criador da escola, permitia um modo de vida universitário bem livre, eu não vou chamar de libertário mas bem livre, tanto para os alunos quanto para os professores. A resposta é essa, na PUC a gente corria livremente pelos corredores...andava, circulava livremente pelos corredores, pelo espaço todo da PUC.

Nós sequer tínhamos noção do que tinha acima da direção da faculdade. O que tinha acima de direção da faculdade era evidentemente a reitoria, o reitor era um bispo o Dom Serafim e... a gente não tinha essa noção que o religioso talvez mantivesse a PUC sob um controle mais rígido porque o Lélcio era a nossa referência, nossa autoridade era o Lélcio Fabiano dos Santos.

Vocês perguntam se havia repressão ou medo no ambiente universitário. É... Eu vou dar assim apenas um exemplo de um professor que foi contratado para dar a disciplina que chamava.... se chamava Educação moral e cívica, se não me engano, era uma coisa mais ou menos isso. Era uma disciplina obrigatória nos cursos universitários, eu suponha que fosse, eu tenho impressão que era.

E esse professor era um coronel da polícia militar, se não me engano, não era um coronel do exército, era da PM. Ele apareceu na nossa sala e não nos atemorizava de jeito nenhum, se ele apareceu lá para repressão, eu acredito que ele tenha mudado, ele mesmo mudou porque era uma figura bonachona, ele era baixinho, gordinho com vozeirão que ribombava pela sala, e nos tratava, a todos de uma maneira simpática e dava sua disciplina, aquela coisa insípida de Educação moral e cívica. Nós nunca desenvolvemos nenhuma teoria da conspiração que o coronel veio para nos vigiar ou para nos atemorizar sabe?, eu não diria isso, não sei meus colegas o que sentiam ou ressentiam, não sei, mas o final da disciplina foi bom nós passamos de ano e a vida prosseguiu, a vida universitária.

Eu jamais me senti oprimido no campus Dom Cabral onde eu passava as noites. Todas as noites de segunda a sexta lá estava eu no campus. Meus dias eu passava no trabalho, nas diversas empresas e instituições onde eu trabalhei mas se o trabalho me demandava pontualidade, dedicação, me cansado o dia inteiro, a Puc Minas, eu diria que era minha válvula de escape, meu ponto de fuga, pois, eu era muito bem enturmado, tinha uma turma muito legal, as amizades que fiz na PUC Minas na turma que eu entrei são amizades que perduram até hoje. São os meus amigos, que eu diria hoje, são os meus amigos mais antigos, que eu fiz em sala de aula. Não vou citar nomes aqui, mas se quiser eu posso citar fazer um hall, uma lista de nomes. Dentre eles, o Marcelo Moreira Xavier, que é o autor daqueles corredores coloridos que vivemos no período em que nós estávamos de estudantes.

Ali eu me sentia, não só muito enturmado mas também me sentia muito acolhido, tanto na parte dos professores quanto na parte do diretor, eu insisto nisso porque o Lélío era nossa grande referência, gostávamos tanto deles e ele de nós que nós o homenageamos, e o chamávamos brincando, entre aspas de madrinha ou se quiser nosso madrinho. Então esse era o ambiente no qual nós vivíamos, um ambiente especial numa época terrível esse período era exatamente, vou repetir o auge da ditadura no Brasil, nos anos 71 a 74. Então eu diria que foi um privilégio muito grande viver o que nós vivemos ali na PUC Minas e não chamaria de um ambiente alienado, nós tínhamos noção do que acontecia no mundo e sabíamos o que estava acontecendo, mas ali repressão nós não sentíamos.

Eu vou insistir que as aulas eram dentro e fora da sala de aula porque, não porque os professores estivesse dando aulas no corredor mas porque a nossa vida era um pouco de inquietude, a nossa que eu falo é a nossa de estudantes. Então estávamos lá frequentando as aulas mas era um entra e sai pelos corredores, e um footing pelos corredores, se você não sabe o que é footing, procura saber que é uma maneira de passear pela cidade, pela praça, fazendo entre aspas, fazendo avenida, isto é indo e vindo por um determinado lugar, apenas caminhando por caminhar, perambulando, deambulando. Então tinha uma deambulação pelos corredores que era parte da nossa vida estudantil. Então, ok, o professor estava na sala, dando a sua aula nós lá estávamos frequentando, mas frequentamos tanto dentro quanto fora da sala. Eu já disse e tô repetindo, os professores eram extremamente acolhedores e comungavam com a política da melhor convivência que era praticada desde a diretoria, como já disse na pessoa do Lélío Fabiano dos Santos.

Questão seguinte, você pergunta se eu participei do movimento estudantil, não, não me lembro sequer de quem eram nossos representantes discentes, se participavam do DCE, do DA, não me recordo e penso que as minhas interações com os colegas eram de tal forma

intensa que isso ultrapassava os limites da nossa circulação por ali, nos jardins, no prédio 3, da cantina, então, é por ali que nós vivíamos e não me recordo dos movimentos estudantis, por exemplo, não me recordo de uma greve, eu tenho a impressão que nessa época não teve greve estudantil, pelo menos na PUC Minas, não me recordo. Chegou a ir a passear, a fazer a pergunta que você faz, protestos ou algum tipo de ato contra o regime? Não. Repito, na PUC Minas, eu fazia o curso noturno, para onde eu vinha, a partir de 18 horas quando eu largava meus serviços e vinha de ônibus, eu nunca tive carro nessa época e no meu trabalho eu permanecia desde 8 horas da manhã, então, os meus trabalhos, eu trabalhei em várias, já falei isso, várias instituições, várias empresas, então, eu chegava na PUC Minas e eu tinha minhas atividades, a partir dali, estudantis, dentro e fora da sala de aula, como eu já disse, e meu tempo, então, era integralmente tomado pelo trabalho e pelo estudo.

Na fase do meu curso universitário, o Lélío trouxe um professor francês George Lapassade, para fazer uma avaliação institucional na escola. No tempo dedicado às intervenções do francês, eu participei digamos ativamente daquilo que ele fez na faculdade de comunicação a noite em que ele foi fazer suas reuniões. Fizemos de uma maneira brincalhona e lúdica, teve uma consequência muito interessante porque nós realizamos uma determinada performance fazendo um enterro com um caixão, improvisado, com uma caixa de papelão, num clima de velório, ninguém falava nada. Esse velório deu o que falar, fez com o que o lapassade fizesse uma análise e virado uma referência bibliográfica. Então o que eu quero dizer, é que nesse evento eu participei ativamente.

A outra pergunta é quais impactos de sua experiência acadêmica trouxe para sua vida pessoal e profissional. É uma pergunta muito legal porque a minha vida profissional e pessoal foi realmente moldada nesse período de vida estudantil na PUC Minas, numa escola com as características que eu já citei falando agora há pouco, proporcionada, propiciada pela direção da escola, pelos professores e pela maneira como eu convivi intensamente com todos os meus colegas. Então, tem uma coisa que é o seguinte, eu jamais pensei na questão hierárquica.

Eu respeito profundamente as pessoas com quem eu trabalho, mas eu jamais baixei a cabeça, por exemplo, e não vou baixar, para determinadas autoridades que eu deveria ou, sei lá, fazer reverência, eu não faço. O Lélío nunca permitiu que nós fizéssemos reverência para ele, nenhum dos meus professores. Então, eu tenho uma maneira de conviver e de viver e de ter desenvolvido minha vida profissional que foi resultado do que eu vivi e convivi intensamente nos quatro anos que eu fiz o meu curso universitário. Não vou deixar de dizer que antes do curso universitário, no colégio estadual também, o que eu aprendi lá que eu já disse, o tanto que foi importante o meu ensino médio, a participação dos professores, a

dedicação dos professores. Então, isso teve prosseguimento na vida universitária e eu acho que eu sou um sortudo. Tive uma sorte danada de ter vivido aquilo no estadual e aquilo na PUC Minas para me tornar o profissional que eu me tornei, o professor que eu me tornei, o professor que se aposentou e que continua trabalhando, e que faz com que... eu faço por onde para de certa forma reproduzir as mesma atitude que os meus professores meus me ensinaram e eu aprendi com eles e com a direção, com o Lélío especialmente.

Uma pergunta sobre como nós nos organizamos para discutir e debater questões políticas. Eu, pelo menos, não me recordo de organizações dentro da PUC Minas que nós fizéssemos isso lá. Então, não sei se outros colegas... Eu tenho a impressão que alguns colegas da turma anterior à nossa talvez tivessem realizado isso.

Mas, na minha turma, eu não me lembro. Outra pergunta. Os militares frequentavam a escola? O único militar que eu me lembro de ter frequentado a escola, como eu já disse, era o coronel, que foi o nosso professor de educação moral e cívica.

Você pergunta também se vocês sabiam que eles, os militares, estavam por perto? Olha, eu vou ser muito sincero. Eu nunca olhei para ninguém na faculdade de comunicação que eu frequentei nos piores anos dos anos de chumbo da ditadura. Eu nunca olhei para os meus colegas ou para os professores ou mesmo para o coronel me perguntando se eles estavam ali para me vigiar ou para me dedurar ou se era um dedo duro. Na sala de aula, no corredor, na cantina, nos pátios da PUC, jamais. Eu não tinha esse sentimento de medo ali dentro.

A pergunta seguinte, se algum evento específico marcou sua trajetória acadêmica na época? Eu vou dizer que sim, porque na própria PUC Minas, onde eu jamais participei de eventos discentes, extracampus, os colegas que tinham a possibilidade de fazer isso, que podiam viajar e frequentar com o Congresso, fora de Belo Horizonte ou até de Minas, eu acredito que fizessem isso. Então alguns colegas, provavelmente vão narrar a sua participação em eventos. Eu nunca tive oportunidade, não tinha disponibilidade de tempo nem dinheiro para circular fora do Belo Horizonte. Então, na fase do meu curso universitário, o caso que eu quero contar é que o Lélío, o diretor da Faculdade, trouxe um professor francês, Georges Lapassade, da Universidade de Vincennes, para fazer uma avaliação, uma intervenção institucional na escola. Então, no tempo dedicado às intervenções do Lapassade eu participei, digamos, ativamente daquilo que ele fez na Faculdade de Comunicação, na noite em que... ou pelo menos, nas noites em que ele foi lá fazer a reunião com os alunos, com os professores. Então, ali tive uma participação naquilo que nós fizemos de uma maneira brincalhona e de uma maneira lúdica e até mesmo jocosa, teve uma consequência muito interessante porque nós

realizamos um determinado, fizemos uma performance, digamos, assim, fazendo um enterro com um caixão. Isso é muito contado e recontado,

e foi improvisado, pegaram uma caixa de papelão numa das salas vazias que estavam sendo aparentemente reformadas, alguma reforma de instalações elétricas. Nós trouxemos aquilo para a sala onde havia uma reunião, num clima de velório, que isso é, ninguém falava nada, o Lapassade não falava nada, apenas ouvia e como ninguém se manifestava, nós saímos e trouxemos aquele caixão com as velas acesas e colocamos no meio da sala. Então, esse velório deu o que falar, sabe? Fez com que o Lapassade fizesse uma análise e muito mais tarde nós soubemos que na análise dele virou artigo, talvez derivado uma referência bibliográfica, já até ali sobre isso, não, já ali o artigo, que ele escreveu e foi publicado em franceses. Então, o que eu quero dizer é que um evento específico como esse é o que eu me lembro de ter a minha participação, muito pontual naquele momento, naquela coisa, não vou dizer que eu fiz uma grande reflexão sobre isso, não, não fiz, aquele foi uma coisa com a performance e com uma consequência institucional, mais detalhes sobre isso, não só o Lélío, pode falar, mas vários colegas ou professores da época podem também desenvolver essa conversa.

A pergunta sobre se eu acredito que a escola tenha moldado meu pensamento, e até mesmo ações ainda mais no período que ela foi criada, a resposta vai ser uma única palavra, indubitavelmente, isto é, sem a menor sombra de dúvida, a escola me ajudou a moldar meus pensamentos e ações no período que ela foi criada.

Outra pergunta que você faz sobre estratégias que eu e meus colegas usávamos para driblar o sistema e obter informações verídicas. Não sei quem diz que a gente precisava driblar o sistema para obter informações verídicas, pelo menos ali na PUC Minas, na faculdade de comunicação, naquele ambiente que eu vivia com os meus colegas, com os meus professores, naquele ambiente universitário, no período que ali permaneci, eu jamais senti isso. E olha que nós estávamos no auge da repressão, nós nunca tivemos uma, por exemplo, uma preocupação de não discutir determinados assuntos, se fosse em grupos nos corredores ou na sala de aula. Não me lembro, francamente, falar assim, gente, cala a boca porque tem alguém olhando, alguém fazendo isso aquilo. Então os anos de chumbo estavam acontecendo e talvez nós estivéssemos vivendo uma ilha, não sei, não vou afirmar isso categoricamente, mas não me lembro disso ali, no Campus Dom Cabral, na Faculdade de Comunicação, naquele período de ditadura.

Pergunta ainda se alguma memória boa marcou a sua época, muitas memórias boas marcaram a minha formação universitária com todo o aparato acadêmico e social e

principalmente amical. Então o que eu estou falando da minha vida social ali, a minha vida com os meus colegas, foi a base para a minha vida profissional,

que eu vinha viver e a realizar profissionalmente pela vida toda. Então marcou indelevelmente, vou falar um advérbio bem bonito.

A pergunta: você foi preso ou torturado? Não, não fui nem preso nem torturado.

Conhece alguém que tenha sido preso ou torturado e se lembra? Eu não conheci pessoalmente. Eu tinha amigos e amigas estudantes da faculdade de letras da UFMG, bastante engajados politicamente, mas se quer aqueles amigos que eu tinha da faculdade da UFMG que estudavam na FAFICH, a FAFICH era junto com a faculdade de letras lá na rua Carangola. Então quem eu conhecia, aquelas pessoas e eles, elas não foram nem presos nem torturados.

Pergunta, fez algo na época que se arrependeu, deixou de fazer e queria ter feito. Eu vou falar brincando, tá? Sim, eu gostaria de ter cumprido que o Gilberto Gil compôs e eu cantava repetidamente em alguns momentos da minha vida, mesmo que eu vivia esse na PUC e aquele momento de vida que foi o de minha formação bem legal, mas talvez um período anterior ao da PUC Minas eu cantava demais a música que se chama, se não me engano, Gilberto Gil, "Expresso 2, 2, 2, 2, 2" isto é, eu gostaria de ter feito o Drop Out, sabe o que é Drop Out, né? E partido para o Japão no cargueiro do Lloyd lavando o porão, né? Então isso é o que eu gostaria de ter feito, de ter cumprido, de ter feito e não fiz na minha juventude.

Outra pergunta ou com a memória ruim que nunca esqueceu? Felizmente não, nenhuma memória ruim que eu nunca esqueci, não, não tem, sabe? Estou falando meu período, repito, de aluno da faculdade de comunicação da PUC Minas.

Meu nome é Paulo Bernardo Vaz, tenho 75 anos, entrei para o que em 1971, na turma de publicidade propaganda, e eu me refiro também ao período que estudei no Colégio Estadual, no período do ginasial, que era o segundo grau, no período de 1964 a 1967.

## **VALDIR DE CASTRO OLIVEIRA**

O que eu fiz, o que nós fizemos, qual era a preocupação que a escola tinha, qual a preocupação dos alunos, dos professores, né? E aí te passo e como que nós vivemos essa época. Né assim só para abreviar uma das questões que nessa época, que era a inquietação tanto de alunos como professores. Aliás, o Dom Serafim era um reitor, era muito conservador, e ele ficava preocupado com a escola. Bom, o pessoal namora muito lá dentro, não pode ser...

Nossa senhora não quer, não gosta disso. Que a escola era muita inquietação, tanto no sentido de manifestar contra a ditadura militar quanto pensar a comunicação de um ponto de vista diferente do que se pensava. Tanto é que a escola, ela virou referência nacional.

As pessoas que estudavam comunicação tinham a gente como referência. E nós começamos naquela época, obviamente que era naquela época, o Brasil estava passando de uma condição agrária para uma condição urbana. Então houve uma mudança muito grande. E nessas mudanças, nessa época, o Brasil tinha população rural, era cerca de 60% da população ainda, embora houvesse uma grande migração para a cidade. E era uma preocupação não só no Brasil, mas América Latina toda, a questão da comunicação rural. Como fazer comunicação rural, como levar o desenvolvimento para a população rural, que é uma população além de pobre, carente de informação e não havia nenhum programa dirigido à população rural. E um dos programas, que inclusive era financiado pela OEA e pela Organização Interamericana de Desenvolvimento, era de estimular o estudo da comunicação na zona surinamense, em toda a América Latina.

E, nesse caso, na época o curso de comunicação, não era faculdade, curso de comunicação, ele incorporou essa preocupação e se tornou uma referência na América Latina. E nós passamos a desenvolver pesquisas nesta área e a Universidade Católica ela fez um convênio com o Projeto Rondon para que alunos e professores juntamente com algumas escolas do ABC Paulista e da Universidade Federal de Lavras pudessem atuar no Vale do Jequitinhonha, em Araçuaí, que era na época, veja bem, estou falando dessa época, era considerado pela ONU como uma das regiões mais subdesenvolvidas do mundo. Então, é uma pobreza, uma miséria danada. E eu, juntamente com, na época, o professor José Milton, vários outros alunos, Chico Pinheiro, nós encampamos esse projeto através de um órgão que nós criamos, chamava CEPEC, Centro de Estudos e Pesquisas Comunitárias. Acho que é isso mesmo. Depois você pega a sigla.

E a partir daí nós começamos a viajar todo mês para o Vale do Jequitinhonha. E nós íamos lá para trabalhar com as pessoas. No caso, tinham os alunos de medicina do ABC Paulista, de sociologia do ABC Paulista, alunos de Agronomia da Universidade de Lavras e alunos de Comunicação e de Enfermagem da Católica. Então, todo mês ia uma equipe para o Vale de Jequitinhonha. E a equipe ia e voltava. E lá a gente ficava sediado no Campus Avançados, no Vale de Jequitinhonha, que era um antigo seminário da Igreja Católica, que foi cedido, onde os alunos ficavam hospedados e a parte que era a base, você viajava para a zona rural, para as cidades, para fazer o seu trabalho. Aí a gente trabalhava com rádios, dava curso

de rádio, curso de jornal. E aí vou contar um caso para vocês. Eu fiquei muito tempo lá, ia e voltava, acho que eu que mais me engajei nisso, eu e o Chico Pinheiro.

E aí até um caso interessante. Tinha um colégio lá da cidade, uma cidade pequena, um colégio de irmãs e os alunos pediram, os alunos de comunicação do Projeto, Rondon, os alunos da comunicação, para treinar com eles uma peça de teatro. Eles queriam até aprender teatro. Então nós organizamos, fizemos com eles, fizemos uma peça de cangaceiro. Aí vários alunos do curso de comunicação, aqueles mais chegados no teatro, A gente tinha um professor de teatro que se chamava Alcione Araújo, muito famoso, produtor de peças teatrais. Ele era professor, então muitos alunos dele iam lá ajudando. E eu coordenando esse trabalho. E fizemos uma peça sobre os cangaceiros. E foi lá, a cidade toda foi lá ver a peça, pagava ingresso com dinheiro, eles ajudavam os alunos, ajudaram entidades de caridade da cidade. Mas foi um sucesso a Peça, isso passou.

Aí, vocês acreditam que no início desse ano, mexendo no Facebook, eu não sou muito mexer, mas mexendo no Facebook, um tal de Chinelinho lá chamou dizendo “eu sou aqui de Jequitinhonha”, aí eu falei, “ah, que legal! Quando eu era estudante de comunicação, eu dei um curso pro pessoal da Rádio Jequitinhonha, que era dirigido por um padre, dei um curso. Aí em Jequitinhonha ainda existe a rádio e tal?”, aí ele, já ligou, “mas você já... você era do Projeto Rondon?” Falei, “era do Projeto Rondon lá de Araçuaí?”, aí falou, “ué, você não lembra de mim não? Eu sou o Chinelinho, o cangaceiro da peça de teatro”. 50 anos depois o cara lembrou de mim e falou, não é possível, é o Valdir e tal, né? Você era estudante na época, né? E tal. Aí ele ficou lembrando, ficou lembrando e até hoje a gente se corresponde. Então esse era o trabalho que a gente fazia na zona rural. E além do trabalho, a gente fazia pesquisa. Então nós fizemos uma pesquisa, chamava Incomunicação no Meio Rural. Ela foi coordenada pelo professor Fausto Neto, e nós fizemos o trabalho de campo. O Fausto mesmo saiu da faculdade, só coordenava, mas nós é que íamos pra campo, eu, Zé Milton, Vânia, vários outros estudantes, íamos pra campo e fizemos essa pesquisa.

E o resultado dessa pesquisa foi publicado e teve um impacto muito grande na América Latina toda porque todo mundo queria estudar comunicação. Então nós passamos a estudar a incomunicação no Vale de Jequitinhonha. Então essa pesquisa teve um impacto muito grande, tanto é que nós fomos, os autores, fomos convidados a apresentar esse trabalho no Ciespal, que é o Centro Latino-Americano de Estudos Interdisciplinários de Comunicação, que pertence à OEA e tem sede no Equador. Nós fomos convidados para apresentar essa pesquisa lá. O professor Zé Milton, na época que ele era estudante, foi ele. Nós escolhemos ele para nos representar nesse estudo. Aí apresentou, foi um sucesso. E nós viramos referência

nacional e na América Latina. Então, a gente estudando a questão da comunicação. E aí, por exemplo, como vocês estão querendo saber a questão da ditadura, a gente era muito vigiado, todos nós eram muito vigiados, nessa época em todos os cursos tinham os civis da ditadura militar. Então, eles faziam relatório. Então, eles ficavam de olho nas pessoas. A sorte nossa, eu mesmo tive várias vezes... Houve várias ordens de prisão, de minha prisão, para interrogatório. Eles acharam que eu era subversivo, era comunista, assim como outros alunos também. Mas quem segurava muito essas coisas e impedia era o Dom Serafim, que era o reitor. Porque ele gostava muito do trabalho do Vale do Jequitinhonha, porque ele era do Vale de Jequitinhonha, ele era de Minas Novas. Então ele era encantado com esse trabalho. E ele, de certa maneira, era uma espécie de pai protetor da gente. Ele, o diretor da faculdade, que era o Lélío Fabiano, que o Lélío Fabiano também era paizão da gente, e ele também ficava segurando qualquer coisa que tivesse contra a gente, qualquer coisa ele fazia, na intervenção.

E esse era o... esse trabalho foi muito importante, aí vocês vão receber algumas coisas a esse respeito, e aí a faculdade foi se tornando isso aí. E dentro da Universidade Católica, a gente era uma grande referência. Eu mesmo fui vice-diretor do DCE, o Diretório acadêmico dos estudantes. Então também, ali, junto com os outros estudantes, a gente estava sempre fazendo manifestações contra a ditadura militar. Por isso também, além do Vale do Jequitinhonha, a gente também era muito vigiado. Só para dar uma ideia para vocês, o contexto... Por exemplo, em 1971, nós tivemos a Guerrilha do Araguaia, que foi uma guerrilha desencadeada pelo Partido Comunista do Brasil, que não sei se vocês ouviram falar, deputado Genoíno, ele era estudante na época, ele foi preso, torturado, ele era estudante e mataram muitas pessoa, inclusive uma pessoa de Brumadinho que participava dessa guerrilha, mataram essa... ela foi morta nessa guerrilha. E os órgãos de segurança achavam que essas pessoas aí, ligados a esse partido comunista, infiltrados nas universidades, inclusive na faculdade de comunicação, que a gente queria fazer uma guerrilha dessas também no Vale de Jequitinhonha. Então, por isso que eles ficavam de olho na gente. E aí que era o Dom Serafim, que ele segurava muitas coisas. E dentro da escola, o cotidiano, não sei se alguém já contou pra vocês, a universidade era católica. E o Dom Serafim, apesar de muito legal e tudo, mas ele dava um tom conservador para a igreja. E a escola de comunicação era um esculacho para a igreja.

O Dom Serafim, ele ficava bravo por quê? Primeiro, para começar pelos corredores da escola, tudo colorido. Você entrava lá na escola, você via sujeito sentado lá, um fumando um baseado, o outro lá hippie, meio hippie, na época estava na moda, os hippies, todo mundo com cartazinho abaixo, a ditadura, então é um clima totalmente diferente. E aquilo o Dom

Serafim ficava doido, falou que não é possível, e tal. Quem gostava muito de ir lá eram os alunos de engenharia, porque, segundo eles, as mocinhas de lá são bem para frente. Isso a gente estava na década de 70. Então, quando a gente fazia um... não era seminário, não, era uma... várias semanas de teatro. Então, todo mundo ia assistir, tinha muitas peças, assim, onde as meninas tiravam a roupa, aí o pessoal da engenharia fervia todo. Era bom, e era isso, o lema Ordem e Desordem que também era o título da revista. E o que era isso? Porque, na verdade, a gente já estudando a comunicação, a gente já era contra, todos nós éramos contra aquela ideia da comunicação da Globo, todo mundo aliás, todo mundo era contra a comunicação de massa, né?

Engraçado, todo mundo estudando na comunicação, mas todo mundo contra a comunicação. Abaixo a Rede Globo, a Rede Globo é isso, o jornal Estado de Minas é fascista, e era esse estudo. Então a gente ficava nesses estudos de comunicação e nós passamos a estudar muito a questão da teoria da informação, sobre a questão da entropia. Entropia era a desordem. A desordem era aquilo que vinha, aquilo que trazia o novo. Era a desordem que trazia o novo. E do novo que você vinha uma nova forma de comunicação. Então isso virou uma ordem desordem. Então era uma teoria baseada na teoria da informação, que foi o nome da revista. E, para desgosto do Dom Serafim, tinha que ser ordem só, não podia ser ordem, porque é desordem.

E assim foi. E cada um ia estudando a comunicação. E, por exemplo, nós que trabalhávamos no Vale de Jequitinhonha, e com a chamada comunicação rural, que era o tema da época, era o bumbo do estudo da comunicação na América Latina toda, essa era a nossa bíblia, “Extensão ou Comunicação”, do Paulo Freire. Aí o pessoal, para rir da gente, os outros alunos de sociologia, ou o pessoal que não gostava da gente, falava a lá a cultura axilar deles. Por que todo mundo andava com esse livrinho debaixo do braço? Então era cultura axilar, era uma cultura axilar. Aí eles vivem só com aquela cultura axilar. Esse livrinho era a nossa Bíblia, “Extensão e Comunicação” do Paulo Freire.

O que o Paulo Freire fala? Ele era um educador, que inclusive eu conheci pessoalmente, quando ele estava exilado, e quando ele voltou para participar, a convite meu, e dessa época eu já era professor na Universidade Federal da Paraíba, organizamos um seminário e trouxemos ele de volta para o Brasil e ele foi o conferencista do nosso simpósio de comunicação que nós fizemos. Isso está publicado na revista, provavelmente, nos arquivos da escola, vocês vão encontrar os arquivos da ABEPEC, Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas de Comunicação, que era, cujos diretores a maioria era da nossa escola de comunicação. O Lélío era um deles, o Fausto Neto.

E assim a gente seguiu com esse trabalho. Então, essa cultura axilar era muito presente. Mas não era só a comunicação rural, não. Era também a questão da comunicação entre os grandes nomes da América Latina. Nós fizemos muitas discussões conceituais e nós levávamos grandes nomes da América Latiana, os grandes nomes sempre iam lá fazer conferência com a gente. Nós éramos muito ligados à União Cristã Brasileira de Comunicação Social. O Lélío era um dos diretores e uma vez eles propuseram que a escola de comunicação sediasse o congresso dessa entidade na faculdade de comunicação, na época o departamento de comunicação. E nós topamos, começamos a organizar. E aí os dedos duros da repressão política, da polícia política, comunicaram a realização desse congresso e, na mesma hora, o comandante militar da 4ª Região Militar mandou um aviso para o Dom Serafim, falando que estava proibido esse congresso. E, aliás, ele tinha proibido, perdão, ele tinha proibido que esse congresso fosse feito em Juiz de Fora. Ele proibiu que fosse realizado lá. Então, nós, alunos e professores da comunicação, juntamos e propusemos fazer esse congresso na Faculdade de Comunicação. E o comandante militar... Aí também nós não vamos deixar. Aí nós batemos em pé e falamos, vamos fazer. E o Dom Serafim nos deu apoio. E fizemos. E fizemos, né? No peito, eles ameaçaram jogar bomba lá no Congresso, mas fizemos o Congresso. Aí como veio muita gente da América Latina, gente de outras universidades brasileiras. Então, não aconteceu nada com a gente. Mas fizemos o congresso, aí foi publicado o livro sobre os resultados desse congresso. O livro foi publicado pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social. Então lá tem como é que foi esse congresso.

Mas foi legal. Então a gente vivia muito essa efervescência, de um lado, uma tentativa de estudar a comunicação de forma mais avançada e, ao mesmo tempo, de uma mobilização, sempre uma mobilização política contra a ditadura. Esse livro debaixo do braço, um cartaz abaixo a ditadura e na época se usava muito uma espécie de uma capanga, né ?, que você punha os livros, punha as coisas ali, a capanguinha. A gente... então todo mundo conhecia a gente, aquele é estudante de comunicação capanguinha cheia de livros, livros do Paulo Freire e mais uns outros livros.

Então, com isso, a gente ia tocando as coisas durante esse período da ditadura militar. O Vale do Jequitinhonha é o que mais me marcou, embora não tenha sido só ele, mas me marcou assim como marcou muitos alunos. O próprio Chico Pinheiro, ele chegou a ir para o Vale do Jequitinhonha, e ele ficou seis meses lá, não voltou. Ele ficou seis meses. A gente chamava ele de Chico Cursilho, porque na época tinham os cursilhos feitos, ele era muito católico, então ele fazia esses cursos. Na escola já tinha três Chicos. Tinha o Chico Bastos, que a gente chamava de Chico Bosta porque nós não gostava dele porque ele era mais a

direita, tinha o Chico Cursilho e tinha um outro Chico lá, eram esses três, e o Chico Cursilho, que é o Chico Pinheiro, aí ele passou seis meses lá no Vale de Jequitinhonha, fazendo os trabalhos, fazendo os trabalhos dele, assim como eu passei praticamente quase três anos só nesse trabalho, porque eu fui o coordenador da área de comunicação.

Então, na verdade, eu não assistia a aula. Eu ia pro Vale de Jequitinhonha e de lá trazia os trabalhos, mandava, os professores só aprovavam. Ah, cara do Vale de Jequitinhonha, porque como o trabalho... Todo mundo gostava desse trabalho, tinha admiração. Todo mês você mandava uma equipe nova, iam de 5 a 10 alunos de comunicação, cada um ia, fazia um projeto, desenvolvia o projeto, voltava, no mês seguinte e ia novamente. E eu era da coordenação permanente deste trabalho. E o professor Fausto era o coordenador geral. E também a professora Vera Regina, que aliás, foi a primeira a ir no Vale de Jequitinhonha. Hoje ela é professora da UFMG. Não sei se ela já aposentou ou não, porque eu já me aposentei de lá. Mas não sei se ela já aposentou. Mas ela também andava com o livrinho do Paulo Freire debaixo do braço. As primeiras experiências dela foram lá. E assim foi.

Então o período foi essa efervescência. Aí, eu vou passar para vocês algum memorial. Vocês podem até levar, porque eu tenho cópia dele aqui. Depois eu tenho até que digitalizar ele. Também, lá na Universidade Federal, quando eu fiz o meu concurso para professor titular, você tinha que apresentar um memorial. E eu fiz esse memorial e eu conto toda a minha trajetória e a trajetória da escola de comunicação nesse período que vocês estão querendo estudar. Aí conto tudo, o que acontecia nas escolas, as prisões que aconteceram, as boas coisas que nós fizemos. Esse aqui vocês podem levar. Aí conta com mais detalhes como é que foi esse período. Aí conta os nomes, as pessoas envolvidas nessa passagem da escola pelo tempo, nessa época da ditadura.

E era também uma época que a gente era engraçado. A gente estudava muito a indústria cultural. Todo mundo da escola, os professores e a maioria dos alunos, todo mundo era de esquerda. Os professores eram todos de esquerda. Então, quando eles descobriram os textos da indústria cultural, que é chamada escola de Frankfurt, eles descobriram. Então, todo mundo aí, além do Paulo Freire, andava com os livrinhos dele. Adorno, Benjamin, escola de pensadores alemães. E eles faziam estudo da que que era a sociedade da época com o advento dos meios de comunicação. Ainda não existia internet. Então eles passaram a estudar isso aí que eles chamavam de indústria cultural. Então pra eles, indústria cultural é alienante, o conteúdo dela ia ser destrinchado, era tudo alienante, a intenção do... as más intenções capitalistas por trás dos meios de comunicação. E aí na escola, todo mundo era contra, e era engraçado, todo mundo era contra à Rede Globo, Estado de Minas, mas todo mundo queria

um emprego nesses lugares. O Chico Pinheiro era o mais fogoso deles “Abaixa a Rede Globo! Isso é ditadura! Isso está alienando a gente! Nós estamos recebendo a mensagem dela, nos aliena, nos deixa anestesiado, não temos consciência crítica”. Então, esse era o tom da escola, né? Nas peças de teatro que o pessoal fazia, era a mesma coisa. Abaixa a Rede Globo, abaixa não sei o que, abaixa a televisão.

Aí depois nós descobrimos um outro texto do italiano, Umberto Eco, e ele dizia que o pessoal da escola frankfurtiana era os apocalípticos, e existia uma outra escola, quer dizer, era uma escola de comunicação, uma linha de comunicação. E havia uma linha americana de comunicação que chamava Funcionalista, e que daí deu origem à Teoria Funcionalista da Comunicação. O que era a Teoria Funcionalista da Comunicação? Era o oposto da teoria da indústria cultural, que a teoria funcionalista da comunicação dizia. A comunicação é funcional porque ela permite manter a sociedade juntas. Aí, só que na leitura nossa, a gente lê os textos da indústria cultural, fala, não, mas mantém a gente junto, mas na estrutura capitalista opressiva. Então, essa é a teoria. Aí, a gente metia o pau nela. Aí vinha uma turminha minoria, bem minoria mesmo, que fingia, não, somos funcionalistas, porque temos que estudar os americanos, as teorias americanas de comunicação. Não, não tem.

Aí vem o Umberto Eco, que é um italiano, morreu há uns cinco anos, e ele era um grande estudioso, grande intelectual. E ele, não sei se vocês conhecem aquele livro, como é que ele chama, gente? Esqueci o nome do livro. “O nome da Rosa”, ele é escritor, ele estudava muita história medieval e nessa discussão da comunicação ele entrou também, aí escreveu um livro chamado “Nem Apocalipse e Nem Integrados”, aí desmanchou os nossos discursos lá na escola de comunicação. Pô, a gente era mais apocalíptico, né? A gente era apocalíptico. Pô, ele disse que nem apocalíptico, mas também não era, nem eram os integrados . Aí eles fazem uma análise belíssima. Aí a gente maneirou um pouco, passamos a estudar muito Umberto Eco na escola, porque ele falou, ó, não é? Os meios de comunicação não são assim.

Tanto é que depois eu segui a linha que eu sempre segui no estudo da comunicação, que é derivada dessa polêmica polarizada, Apocalipse Integrado, eu trabalho mais no centro, no sentido de dizer, Se você quer entender, a gente falava comunicação de massa, ou os meios de comunicação de massa, você tem que estudar as condições de produção, as condições de circulação e as condições de recepção. Se você estuda só o lado da produção, você cai nos apocalípticos. Aí não tem jeito, aí tudo é isso, tudo é alienante, tudo é aquilo. Então você tem que estudar as condições. Por quê? Porque toda mensagem que circula na sociedade, você tem a ponderação do emissor, a ponderação dele em relação à recepção e a maneira como aquilo

circula, a estética da mensagem, as condições que a mensagem produzia. Tanto é que a minha tese de doutorado, ela foi no campo de... por exemplo, na época, todo mundo falava que os meios de comunicação, os jornais, eram alienantes.

Aliás, não sei se vocês conhecem a autora Marilena Chauí. É uma filósofa, e ela tem um discurso que é o seguinte, é o discurso competente. Então ela fala que todo discurso é o discurso do poder. E era exatamente isso que, quando eu faço minha tese, eu bato contra essa tese. Não é um discurso competente. É um discurso que você tem que ponderar sobre condições de produção, circulação, recepção. E aí a minha tese de doutorado, e aí eu estudo o trabalho do repórter. Para mostrar como que o repórter, ao invés de ser um sujeito alienado, como que ele faz um trabalho que ele tem, primeiro, autonomia, segundo, capacidade de decisão e capacidade de produzir mensagens que são significativas para o público. Tanto é que depois eu tinha um programa de televisão na TV comunitária, com meus alunos lá da Federal, a gente fazia esse programa, e a gente levava muitos repórteres lá para discutir essa reportagem que eles faziam.

O Ismar Madeira, que hoje está nos Estados Unidos, é correspondente da Globo News nos Estados Unidos, ele foi umas três ou quatro vezes no nosso programa e ele adorava o programa. E a gente adorava ele como repórter porque ele ia fundo nas questões, ele gostava muito. E também eu mostrava que mesmo na ditadura militar, por exemplo, apesar dos meios de comunicação de massa, por exemplo, a Rede Globo estar apoiando a ditadura militar, e apoiava abertamente a ditadura militar, mas eu mostrava que o repórter, ele furava esse círculo da Rede Globo. Então, por exemplo, o Lionel da Mata, que era um repórter, ele, por exemplo, ele ia fazer matéria em favela, em qualquer lugar. Por exemplo, teve uma das reportagens que ele fez sobre um sopão numa favela. Olha o sopão aqui. E ele, quando entrevistava as pessoas, ele muito espertamente colocava um cartaz ao fundo abaixo a ditadura. Então ele ia apresentar. A Globo proibiu. Eu cheguei a trabalhar, por exemplo, no Jornal de Minas e todo dia você recebia o comunicado da ditadura militar dizendo o que a gente podia publicar, o que não podia.

Aí o Lionel, esse Lionel da Mata, não sei onde ele está, mas ele fazia essa reportagem e no fundo vinha lá, baixa a ditadura, ou comi esse tal lugar, e tal, vai ter isso, tal, vai ter aquilo, tal, tal. Então eu mostrava que, para você entender os meios de comunicação, você tinha que estudar essas sutilezas, que é o que eu chamo, tecnicamente, condições de produção e condições de circulação. Porque o editor não percebia aquilo. Ele já era vigiado. E, por exemplo, na época da ditadura militar, o pessoal do DOPS, que é o Departamento de Ordem Política, eles ficavam dentro da redação. Depois eles sumiram, porque os próprios editores

faziam esse trabalho de filme. Mas antes eles iam. E todo dia a gente recebia a ordem. Na época era Telex, não era Zap, nem nada, era Telex. Recebia a ordem da polícia. O que que podia publicar, o que que não podia publicar. Por exemplo, eu mesmo, teve uma certa vez que eu fiz uma reportagem sobre... meningite. Deu um surto de meningite em Belo Horizonte, muito grande, e aquilo espalhou. E como o governo militar não admitia que nós somos os responsáveis, isso não existe. E proibiu que os meios de comunicação. Aí eu lembro, eu trabalhava no Jornal de Minas, aí eu recebi... Eles falaram, não pode falar sobre meningite.

Mas acabou que eu fui lá no secretário de saúde, entrevistei o sujeito e ele falou tudo sobre meningite. E eu fui para o jornal e eu publiquei a reportagem sobre meningite. Publiquei não, passei para o editor, ele olhou e falou que estava proibido. Falei que era doença e quem falou foi o secretário de saúde, não tem problema, é voz oficial. Aí publicou, aí saiu sobre a meningite. O editor depois, o pessoal foi lá e deu uma dura nele, porque não podia publicar.

Então, essa preocupação que eu estou falando já era quando eu já trabalhava como repórter, mas essa era a preocupação que toda a gente, dentro da faculdade de comunicação. E aí nesse texto aí, na hora que vocês lerem, vocês vão perceber. Acho que está na linguagem bem clara aí, eu vou comentando porque eu falo em tom de depoimento, do mesmo jeito que eu estou falando aqui com vocês. Então foi mais ou menos isso na sociedade. Então a nossa revista era essa daqui, a Ordem e Desordem. Então eram vários números. Você vai ver aqui, por exemplo, pelas capas, era uma preocupação muito com as populações marginais do Brasil, porque na época, além de ter uma população rural muito grande, aqui vocês vão ver pelas imagens, a gente era, além de ter uma população rural muito grande, era uma população muito marginalizada nas periferias de Belo Horizonte.

E a gente trabalhava com todos, principalmente através do jornal Marco. Não sei se vocês conhecem. No Marco, por exemplo, nós fazemos um jornal para a comunidade de Dom Cabral. Da preocupação que, em vez de fazer para a grande massa, a gente queria fazer para a população marginal, para fazer um tipo de jornal engajado com a população. Aliás, a gente tinha uma interação muito grande com a comunidade e os alunos eram muito engajados, todos os alunos eram muito engajados com o projeto. E era fácil de fazer porque o bairro ficava do lado, né? E depois, do Marco é que depois, nessa mesma vocação de populações periféricas, nós tivemos um projeto de extensão na cidade de Ibirité. Ah, que legal! A gente fazia um trabalho com o pessoal do Hortifruti Granjeiros. A gente trabalhava com eles no sentido de comunicação. Lá chegamos até a fazer vários trabalhos, várias pesquisas. Nem sei aonde estão essas pesquisas devem estar, se é que tem, estão, né, no...provavelmente, no arquivo lá da biblioteca da faculdade. A faculdade ainda tem a biblioteca, tem, né?. Antigamente era uma

biblioteca geral, depois que a faculdade passou a ter sua própria biblioteca. Mas a gente fazia esse trabalho aqui também.

Pois bem, foi assim que passamos longos tempos. Então essas revistas, por aqui vocês vão ver, como é que era? Pelas Capas. A pesquisa que nós fizemos no meio rural foi essa daqui. Essa, infelizmente, não posso dar um exemplo, rapazes, que eu só tenho essa daí. Essa revista era... ficava todo mundo de olho nela, né? E tinha uma aceitação de comunicação do Brasil inteiro. E aí vocês entendem. Ordem e Desordem é baseada na teoria da informação. Mas a parte aqui é boa. É, agora era para a época isso. Era boa, a gente. É, agora era pra época isso, dava uma trabalhadeira danada pra escrever, porque na casa de escola a gente tinha laboratório de jornalismo. O que era o laboratório de jornalismo? era uma sala com 20 máquinas de escrever, dessas manuais, e ficavam os alunos lá brigando por uma máquina de... De antilógico. De antilógico, é, cada um brigando por ali. E no clima, era muito engraçado o clima da escola. Por exemplo, tinha o... Tinha vários professores, né? então tinha um deles que era o... Aí eu falo nesse meu memorial, eu falo o nome dele, mas esqueci agora. Ele era um professor de engenharia, mas meio filósofo, estudava cibernético. E deu uma aula...Aí ele estava explicando a questão da morte, a dor e tal. Aí um outro professor lá, qual que era o nome dele? Era o Jorge Posada, é um panamenho. Ele era da economia, mas todo dia esquerdo. Aí o cara terminou da aula sobre a morte, porque lá era meio bagunçado, entrava um professor, saía o outro, os alunos estavam em aula, não gostavam da aula, saia e entrava um professor. Aí esse professor que deu aula sobre a morte, muito interessante a aula dele, aí o Jorge Posada disse, agora eu vou dar uma aula sobre a vida. E ia lá e contrapunha tudo o que o outro falava. Tinha um Alcione que era o professor, o Alcione Araújo, que era o professor de teatro, ele dava aula lá e tinha também um professor, o Romualdo Damásio. Romualdo Damásio, olha que ele era um cara da área de psicologia e estudava muito inconsciente coletivo. E ele levava todas as preocupações dele do inconsciente coletivo lá pra escola. Aí ele descobriu que tinha um sujeito, um capinópolis, que se chamava Orlando, e esse cara andou matando um monte de gente. Meio doido o cara era. Aí ele passa a estudar o inconsciente coletivo.

Acho que nessa revista aqui ele faz um artigo sobre esse doido de Capinópolis, estudando o inconsciente coletivo, que era uma coisa que ninguém estudava na época, e ligando isso com comunicação. Aí ele produz o artigo, mas ele também era meio doido, ele estudava os doidos, mas ele também era doido, né? Então tinha dica de ele subir em cima da mesa, lá da galinha, para dar aula. Por quê? Quem tem coragem de subir em cima da mesa?

Ah, ninguém tem, professor. O professor fica sentado. Pois eu fico em pé, em cima da mesa, e quem que me tira daqui? Não tem homem que me tira daqui.

Mas ele era um estudioso profundo das questões. E eu não sei por que ele gostava muito de mim, porque eu estudava muito a questão da comunicação rural e ele tirava muita coisa de mim para escreve sobre a questão do Holanda. Ele me perguntava, o Valdir, o Seckmann fica indo lá no Vale de Tijuana, como é que essas questões aqui? E ele estudou e esse estudo dele teve uma repercussão enorme em todos os campos da psicologia. Um desses artigos aqui está publicado. Mas o cara era doidinho, é isso que matava o D. Serafim de raiva. Ela só dá doido naquela escola, né? Então tinha o Jorge Posada que fazia isso. Nós tínhamos também muito como referência o professor Muniz Sodré da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que na época ele escreveu um livro que se chamava Comunicação do Grotesco, depois ele escreve, até hoje ele escreve. Ele tem uma coluna semanal na Folha de São Paulo, Muniz Sodré, César Terente, que era uma clareza muito grande. E o que ele gostava muito era de vir à Católica, por causa do clima, da discussão, porque ele achava que lá as pessoas... era na Católica, o curso de comunicação, que estava discutindo as questões de vanguarda. Mas ele era professor lá do Rio de Janeiro, então ele tinha muito como referência a gente. E assim fomos seguindo com esse tipo de trabalho.

Tinha vários vice-presidentes, não era um só, não. Nós organizamos uma reunião na antiga FAFICH, que ficava na Rua Carangola, onde tinha o curso de comunicação, sociologia e filosofia. E lá era um antro conhecido como o antro de esquerda também, muito vigiado. Aliás, nós organizamos uma reunião a ser feita lá. Eu, representando a católica, vários outros diretores do DCE, diretores do DCE também da UFMG e de outras escolas que a gente queria discutir alguns assuntos da ditadura militar. E aí eu vou contar a minha história, né? Aí eu fui. Eu fui pra reunião, a escola ficava na Rua Carangola. Quando eu cheguei na Rua Carangola, cheio de soldados do Exército e da Polícia Militar, tudo armado. E eu já fui andando pra ir pra... Ô, senhor, vai aonde? Eu tô ali na escola. E quem que é o senhor? Deu um nome falso pra eles lá, eu fiquei meio desconfiado, né? O cara olhou na lista dele... Mas aqui o senhor não vai entrar, não. Seu nome não tá aqui, não, mas aqui o senhor não vai entrar, não. Não pode passar nessa rua. Eles tinham cercado toda a faculdade para a gente não fazer essa reunião. E só que nessa altura o pessoal da comunicação, sabendo que eu tinha ido para a reunião, o pessoal começou a me procurar. E eu naquela altura eu vi que não podia entrar, eu resolvi, fui pra casa. Eu morava em Santa Tereza, ali perto do Hospital São Camilo, e fui pra casa. E o pessoal da Nônia, da comunicação, me procurando. E eu em casa lá, deitado, já tinha tomado a cerveja, deitado, cochilando. Aí, quando eu saí, eu saí de casa, aí, descendo pra pegar um

ônibus, aí eu vejo várias pessoas, vários alunos lá da comunicação indo lá pra minha casa, pra saber notícias. Naquele tempo você não tinha telefone com você, celular, zap, essas coisas. Aí o pessoal pra saber, aí encontra coisa. Valdir você não tá preso, não? Falei, não, tô aqui. Aí, pois é, a gente estava preocupado porque prenderam vários estudantes lá, foram presos, proibiram não só o evento, como prenderam várias pessoas e a gente achou que você estava no meio. Eu falei, por sorte, eu não cheguei a entrar lá, eu estava entrando e eles não deixaram entrar, mas não me identificaram. E aí eu vi que não tinha jeito, vim para casa. Aí eu vinha almoçar, ia pra escola pra ver o que a gente iria fazer. Aí fizemos um maior fuzuê depois, botamos nos jornais, onde a gente tinha espaço, aí colocamos nos jornais sobre essa reunião. Mas foi um... Deus nos acuda, né?

Na verdade, a minha atuação... Veja bem, tudo quanto era manifestação contra a ditadura, eu estava junto. E tinha os alunos mais engajados mais à frente, todo mundo lá era meio ligado a um partido político da esquerda, PC do B, PCB, tinha o Libellu, que a gente, o pessoal falava que era a turma do desbunde, né, o Libellu era o pessoal mais aberto, né, e aqueles comunistas clássicos, tinha de tudo lá, né. Mas eu militava, militava também junto com eles, mas a minha grande militância era no Vale de Jequitinhonha, que era o trabalho de organização. Ah, sim, eu não contei para vocês.

No trabalho que nós fazíamos no Vale de Equitonha, eu comecei um trabalho com os artesãos do Vale de Jequitinhonha. Por quê? Porque eles produziam, vocês conhecem o artesanato do Valdir? É um negócio muito bonito, coisa delícia. E só que eles vendiam aqui, a preço de banana, porque os intermediários compravam e vendiam pelo dobro do preço aqui. Inclusive ali no Palácio das Artes, eles exibiam 5 mil reais. E eles pagavam 100 reais. E eles, mais tradinhos, para eles 100 reais, eu falei, uma das regiões mais subdesenvolvidas do mundo, o pessoal não tinha nem dinheiro para comer, nem nada, então 100 reais para eles lutarem, porque cada um atuava individualmente. Grandes artistas atuavam individualmente e eles eram explorados pelos atravessadores. Não era só lá no Palácio das Artes, mas era também... Vinha gente de São Paulo, vinha gente de outros países, comprava aquilo, uma micharia, e vendia no exterior, vendia em outros lugares por uma fortuna. Aí eu comecei a organizar esses artesãos. E, ao mesmo tempo, eles eram... cada um era ligado à cultura popular. Aí passei a organizar a cultura popular junto com eles, também os artesanatos. E aí resolvemos fazer o quê? Em vez de o pessoal deles venderem para o atravessador, falei, vamos fazer um trabalho, vamos fazer o seguinte, vocês vão vender diretamente para o comprador das suas peças, mas lá em Belo Horizonte. Nós vamos levar vocês para lá. Vocês vão para lá, vocês mesmos aqui vão vender. Aí organizamos a feira, a feira de artesanato no

Campus da Católica. E, como a gente era da comunicação, nós fizemos o maior fuzuê nos meios de comunicação com essa feira. E o Dom Serafim, apoiando a gente, ficou encantado. Para ele tinha coisa melhor, várias dicções, Minas Novas. E trouxemos, alugamos um ônibus, eu fui lá nos ônibus, trouxe eles nos ônibus, vim, trouxe eles pro Mineirinho, hospedamos eles lá, eles ficaram hospedados no Mineirinho, e eu o tempo todo com eles, dormia com eles e tudo, pra eles, durante uma semana, ficarem dentro do campus da Católica, ali na... acho que ainda tem a praça Líder no meio, né? Porque lá era um antigo seminário. Então, no meio, era uma praça. É um jardim. Na época... É, eu não sei como é que tá. Mas aí, eles vieram pra lá, e eles trouxeram, do mesmo jeito que eles faziam no Valle de Colchagua. Os salgados que eles faziam, as cachaças que eles faziam, os tiraguas, tudo do jeito que eles faziam lá em Araçuaí, eles trouxeram pra cá. Então, igualzinho as barraquinhas que eles fizeram, igualzinho de lá. Então, fizeram.

A Globo deu a notícia, o jornal Estado de Minas, as rádios todas, lotou o campus da Católica durante o dia. E o pessoal pisando na grama, e o Dom Serafim falando, ah, mas não pode pisar na grama, pisando no jardim. Mas alegria. E eles comprando, o pessoal comprando as coisas. Naquele tempo não tinha pix, nem nada. Ou dinheiro ou cheque. E muita gente comprava as peças deles e pagava com cheque. E eles não sabiam como descontar. Aí tinha um rapaz que trabalhava, o Olívio Araújo, que é bom vocês terem esse nome em mente, que ele era um... trabalhava no centro de extensão e ele era muito ligado à comunicação e um grande agitador cultural, organizador cultural. E ele pegava o cheque desse pessoal, ia no banco, dava um jeito de descontar o cheque e levava direitinho o dinheirinho pro pessoal. Dinheirinho não, dinheirão! Porque nós fizemos um trabalho com isso, a peça que exigia por cem reais nós fizemos vender por dois mil reais. Não, isso aí não! Não pode! É dois mil, e três mil! mil e a gente ficava, todos os alunos de comunicação ficavam ajudando eles na barraca, de acordo com a cara do freguês a gente multiplicava, a gente só sabia fazer quando ele multiplicava, multiplicava o preço. Então tinha, absurdo, às vezes uma pecinha, até hoje eu tenho peça do Vale de Equipe de Ordem no meu sítio lá no Branco, então uma pecinha às vezes desse tamanho, trem bobo, o equivalente a R\$ 500, pessoal, uma alegria, era um sem artesãos. Nós fizemos várias feiras, mas esse é o cartãozinho da primeira que nós fizemos. Aliás, a gente fala aí quarta-feira de artesanato porque nós já tivemos outras, nós fizemos lá no Vale de Jequitinhonha mesmo. A primeira aqui na PUC. Essa foi a primeira. Na PUC foi a primeira. Mas depois nós fizemos outras. E aí nós fizemos a questão de colocar o nome de cada um deles. Aí pra valorizar as pessoas deles. Aí voltamos com isso. Aí tinha uma professora, ela chama Daltiva.

E, inclusive, se vocês quiserem, vocês acham ela no Facebook. Eu não sei como é que ela acha, mas acho que vocês acharam. Ela se chama Adaltiva Teixeira. E ela nos ajudava muito nesse trabalho. Ela era uma intermediária com esses artesãos. E ela ajudava muito. Ela vinha com os artesãos para Belo Horizonte e ajudava muito esses artesãos. Por incrível que pareça, 50 anos depois eu encontro com ela no Facebook. Aí vem uma foto dela. Eu estou falando isso porque talvez valha a pena, ela está viva e parece com muita saúde ainda. Eu dou o endereço eletrônico para vocês, aí vocês entram em contato com ela, ela pode dar um depoimento pra vocês, o que que ela acha dos alunos da comunicação dessa época, ou o trabalho da faculdade de comunicação nessa época, ela pode dar esse depoimento. E vocês também podem pegar esse depoimento desse Chinelinho, que participou da peça de teatro, ele era o cangaceiro, né? E eu não lembrava quando ele falava, eu falei chinelinho, né? Quem é esse chinelinho? Ô, Valdir, você não tá lembrando não, era o cangaceiro, né? Aí ele até fala, pô, eu lembro muito de você, Valdir, porque seduz trouxe o depoimento dele, né? Sobre mim e outros alunos de comunicação, aliás, vários alunos de comunicação, que ele se apegou a eles, alunos que treinaram eles para montar a peça. Que eu mesmo não entendia muito de teatro, não, mas como eu era a ponte, pegava os alunos que entendia de teatro na comunicação e eles treinavam o pessoal.

Mas então esse é o cartaz dessa feira. Então foi assim, um negócio muito bonito. E a partir daí, eles criaram a Associação dos Artesãos de Araçuaí. Inclusive eu conto, Dama, eu conto como é que se deu isso aí, eu conto isso aí. Aí eu conto e a partir daí eles passaram. Depois eu me afastei, porque eu fui para o Peru para fazer um curso da OEA, a Organização dos Estados Americanos, aliás, não, isso não foi da OEA, não, era um projeto das Nações Unidas sobre a questão da comunicação rural. Eu fui para fazer um curso e acabei ficando trabalhando com comunicação rural. Depois eu voltei, aí eu me tornei professor de comunicação rural da Faculdade de Comunicação.

Mas quando eu voltei, a faculdade já era bem mais comportada, né? Já não tinha nem aquela... já não era colorida, tão colorida mais, né? Mas eu dei aula lá e depois eu fui... O professor Fausto Neto, que foi professor lá da faculdade também, ele foi pra Universidade Federal da Paraíba, pra um curso de comunicação que foi criado nessa universidade, na Universidade Federal da Paraíba, ele foi pra lá e ele, estando lá, me convidou pra ir. Aí eu fui, trabalhei cinco anos lá na Universidade Federal da Paraíba até 1985. Depois voltei, fui transferido para o UFMG, aí me aposentei em 2005, aí depois fiquei dando aula na... na Fiocruz, no Rio de Janeiro. Aí, como eu faço em moldeados, eu ia uma vez por semana. Eles

me contrataram, mas eles me permitiram que eu continuasse morando aqui em Brumadinho, eu já tinha mudado para Brumadinho, né? Falei, ah, não quero sair daqui não.

Aí, uma vez por semana, como era pós-graduação, então é só orientação de mestrado, doutorado, e você dava aula uma vez só por semana. Então dava aula de manhã e de tarde, orientava os alunos. Aí, quando veio a Covid de 2019, e como eu fui fazer meu diário, eu era do grupo de... era, não, ainda sou, dentro do grupo de risco, eu não podia contrair Covid, porque senão eu ia... não durava muito tempo. Aí eu pedi... eu tive que sair, aposentei por lá também, na Fiocruz. E aí continuei fazendo na Universidade Federal do Pará e até hoje. E aí eu tenho... e já nessa minha jornada eu publiquei três livros, né, já estou publicando o quarto agora, publiquei um livro sobre o Inhotim. Aliás, sobre o Inhotim eu publiquei dois. Um chama Réquiem para o Inhotim, porque eu era morador da comunidade do Inhotim. E aí eu tive muitas desavenças com o museu e acabei depois.

O museu, ele foi tomando conta do lugar. Aí eu escrevi Réquiem para o Inhotim, ou seja, o Adeus à Comunidade, que era uma comunidade tradicional e foi engolida pelo Inhotim. E escrevi também um livro que foi publicado agora pela editora dialética, que chama Notícias de um lugar e um não lugar, Inhotim, 1856-2013. Eu conto a história do Inhotim do ponto de vista da teoria da comunicação. Aí eu vou me valer muito de um teórico da comunicação, que nós usamos na comunicação, que é o Walter Benjamin, que ele tem a tese sobre a comunicação táctica, que diz que é a comunicação do oprimido. O oprimido não tem condições de usar a mesma arma de comunicação do opressor. Então você usa a comunicação do oprimido. Qual é a comunicação do oprimido? É aquela que ele tem acesso. Então nós tínhamos... aí, por exemplo, a gente se valia dos jornais... por exemplo, porque nós tivemos muito conflito com o museu, então eles se valiam muito da comunicação dos jornais, do rádio local. Então eu estudo essa comunicação. E eu era militante dela também, eu tinha um programa de rádio, era o mais ouvido da cidade. O único que não gostava de ouvir o programa era o prefeito, mas ouvia, pra ver o que eu preciso muito fazer com relação ao CEPEC.

O CEPEC, como eu falei anteriormente, ele nasceu com alguns alunos e professores lá do curso, entre eles o José Milton, né? Aliás, o José Milton teve um papel fundamental na criação do CPEC. Quando eu cheguei no CEPEC, ele já tinha se formado. O Zé Milton era aluno já dos últimos períodos do curso de comunicação, era dos períodos iniciais. E eu me interessei comecei a estudar, e o CEPEC passou a aglutinar tanto alunos quanto professores, que queriam estudar principalmente a questão da comunicação rural, a comunicação em comunidades e a comunicação com populações marginalizadas. Isso que iria marcar inclusive a faculdade, inclusive em relação às outras faculdades no Brasil. Então nós nos destacamos

muito nisso. Então o grande trabalho do CEPEC foi exatamente o Vale do Jequitinhonha, embora não foi só o Vale do Jequitinhonha, mas foi principalmente o Vale do Jequitinhonha, através do projeto Rondon, que a faculdade mantinha.

Então o CEPEC aglutinou alunos interessados no estudo com essas populações marginalizadas, populações rurais, e estudo de práticas comunicativas, principalmente uma comunicação que não fosse vertical, mas uma comunicação mais horizontal, aí é nesse sentido que o Paulo Freire era a nossa bíblia. E nesse sentido o CEPEC, além dessas preocupações da América Latina para discutir esse tema com a gente, ou então a gente estudar os textos deles. Como a gente estudava os textos do Paulo Freire? Eu lembro de um deles que era o Mário Caplan, Mário Caplan era um uruguaio e ele estudava comunicação radiofônica. Veja bem, nós não estamos falando numa época que não existia internet. Então o rádio era fundamental e ele estudava formas de comunicação horizontais. E aí ele estudava a comunicação que era produzida. Vocês conhecem o Chico Grassetti, né? Que bom, né? Era do meu tempo. Mas ele mostrava a experiência que era feita em cooperativas rurais, onde um núcleo gravava passava em várias comunidades e essas comunidades escutavam as mensagens e retrucavam essas mensagens, alimentavam essas mensagens e faziam com que o núcleo produtor produzisse novas mensagens.

Então se criava uma comunicação horizontal e circular. Ele era uma referência pra gente, Mário Kaplún, o Juan Dias Bordenave, que eu já mencionei pra vocês, que a gente tinha ele como referência no CEPEC, porque ele era da Sociedade Inglaterra Americana de Desenvolvimento, trabalhava na América Latina toda, e ele passou a ser uma referência pra gente, inclusive ele foi várias vezes lá na faculdade e lá no CEPEC, onde discutir. E a gente trocava ideias com ele sobre o nosso trabalho. E a gente queria aprender com ele, mas ele falava, não, eu é que vou aprender com vocês, com esse trabalho que vocês estão no Valle de Chion. E aí, com isso, o trabalho do CEPEC, ele ganhou uma projeção muito grande. E o Sepec alimentou muito da efervescência da discussão teórica sobre a comunicação dentro da faculdade. O professor Fausto Neto, que era ligado com a gente, o José Hilton Santos, o Lélío Fabiana não participava diretamente, mas ele, como diretor da escola, ele apoiava a gente em qualquer coisa. Inclusive ele fez uma viagem comigo até o Vale de Equitión, que ele falava, eu não posso ficar falando do Vale de Equitión se eu nunca fui lá.

Aí, na época, não tinha muita opção, era ônibus uma viagem de 12 horas, 6 horas de asfalto até Diamantina, e Diamantina até Rua Azóia, 6 horas de viagem de terra. Você chega super empoeirado, super cansado. Então o Lélío, o Fabiano, ele nos dava apoio e todos os professores da escola, direto ou diretamente, tinham alguma coisa a ver com o CEPEC,

porque a gente tinha ramificações da faculdade toda, em tudo quanto é disciplina, em tudo quanto é coisa. E como o trabalho do CEPEC era muito admirado por quem estudava comunicação na época. Então a gente tinha uma referência muito grande de todo lado, todo mundo na escola, professores e alunos que estavam sempre ligados ao CEPEC. Então, claro que não era todo mundo, se tinha 300 alunos, pelo menos 10% de toda a escola, juntando com os alunos, 10% estavam ligados ao CEPEC, direto ou indiretamente. Por exemplo, quando a gente falava em teatro, lá no Vale de Equitió, a gente se ligava à disciplina de teatro do professor Alcione Araújo, e então todo mundo acabava sempre ligado com esse trabalho de CEPEC.

Então o CEPEC foi um catalisador muito forte e obviamente que a ideologia de CEPEC era essa. Primeiro contra a ditadura militar e segundo a favor de uma comunicação alternativa. Numa época que se discutia muito jornalismo alternativo, que era a época que cria o Pass Queen, que era uma alternativa à mídia convencional. E aí a gente passa a falar de mídia alternativa ou jornalismo alternativo. Então alguns alunos da escola criaram o jornal de fato, da escola não, junto com outras pessoas de fora da escola, criaram o jornal de fato. Entre eles, a professora Miriam Cristos, que até hoje é aposentada, ela criou esse jornal de fato. E vários alunos da nossa escola trabalhavam nesse jornal. Era um jornal já mais profissional, mas era dentro desse espírito da comunicação alternativa. Porque já que a gente estudava os apocalipses integrados, a gente não queria estar nem com os apocalipses nem com os integrados, mas numa linha alternativa.

O Marco a gente considerava ele como um jornal alternativo. Então, não era só um jornal de só falar, habilidades, mas para aprofundar as questões da comunidade, ajudar a integrar a comunidade, apoiar a comunidade nas suas lutas. E daí, em Belo Horizonte, também se passou a surgir muitos jornais alternativos. Aí surgiu o Jornal dos Bairros, que eu tive participação indireta, Zé Milton também teve participação indireta, mas quem liderava esses jornais era o Tilden Santiago, que foi deputado federal depois, muito tempo, ele já morreu, e o Nilmário Miranda, que na época era estudante, ajudou a criar o PT depois, e eles criaram o Jornal dos Bairros, que era um jornal que abrangia várias comunidades de contagem. Então, um jornal, até com muita força, tinha anunciante, tinha muita força, e muitos alunos, ex-alunos nossos, alunos do curso de comunicação, passaram a trabalhar nesse jornal. Nessa revista aqui, eu tenho a impressão que tem artigo sobre o Jornal dos Bairros. E indiretamente o CEPEC teve ligado a tudo isso, né? Porque a gente também era referência pra essa mídia. Inclusive o tio dos Santiago, ele tinha uma admiração muito grande pelo trabalho

que a gente fazia. Um dia o tio do Santiago apareceu aqui em Brumadinho, para falar sobre mídia alternativa.

Aí alguém falou, o Valdir tá morando aqui em Brumadinho. Ah, então é ele que vai falar. Ele que... Tá em casa. E assim foi. A gente também tinha uma atuação muito firme no sindicato dos jornalistas, os alunos de jornalismo. Aliás, os professores de jornalismo, todos eles tinham uma grande experiência de jornalismo. O professor Disseu, que era o editor do Estado de Minas, o professor Carlos Felipe, que era editor do Estado de Minas. E como lá eles não podiam fazer jornal alternativo, então eles ficavam admirando a nossa discussão sobre jornal alternativo, mídia alternativa e o trabalho do CPEC. E a gente tinha também o professor da Rochella, que era o professor de televisão, que também vivia, nos ajudava muito nos trabalhos sobre rádio, sobre televisão, que a gente fazia no Vale de Jequitinhonha e os alunos que faziam trabalho de mídia alternativa em bairros de Belo Horizonte. Então, assim, o CEPEC, ele catalisava toda essa efervescência que tinha na escola e acabou virando um certo símbolo. Ali no memorial você vai ver lá e eu falo com mais detalhes dessas questões. Beleza, então beleza. Vamos dar uma olhada ali, porque parece que tem muita coisa ali, né, que vai agregar no nosso trabalho.

Olha, eu acho que eu complementaria, porque todo depoimento que eu fiz é um tom mais político das coisas, mas há também um que a gente fala lá, lá tinha funcionários, alunos e professores. E em toda escola isso sempre é marcado, é uma hierarquia. Tudo isso, os funcionários são uma coisa, alunos são outros, um professor e outro, e tinha as hierarquias. E na escola não tinha muito isso, a gente era muito marcado pelo afeto. A gente discutia, muita igualdade, condições, a gente se colocava no mesmo patamar um do outro e havia muito afeto entre a gente e inteligente. E isso fazia com que a faculdade, a grande parte dos alunos, professores e funcionários constituíssem uma comunidade propriamente dita, inclusive muito solidários um com o outro.

Não apenas no sentido da questão acadêmica, mas também nas questões pessoais, nas questões familiares. Muitas vezes alguém que estava com dificuldade ainda sempre ajudando. Os funcionários, a gente tinha uma relação muito horizontal com eles. Então tinha essa dimensão do afeto que era uma coisa que acabava auto alimentando um desejo coletivo de melhoria da vida, solidariedade, uma política melhor para o país, uma dimensão mais afetiva entre as pessoas. Quer dizer, a gente quer transmitir aquilo que a gente sentia ali dentro para as outras pessoas também. Tanto é que a gente, por exemplo, até hoje, quando eu falei com vocês que eu reencontro uma pessoa de 50 anos atrás, o que essa pessoa lembra de mim e dos alunos de comunicação é o afeto. É a memória e o afeto. Porque ele lembra disso, porque é

isso que deixou com ele. Ele fala, você é o Valdir? Você não lembra de mim? Eu era o Chinelho. Quer dizer, é uma linguagem afetiva que marcou tanto essa pessoa que até hoje ele me devolveu o feedback dele, né? Falando na teoria da formação, o feedback dele é o afeto que marcou ele e que ele transmitiu para mim. E assim foram com várias pessoas. E até hoje, por exemplo, todos os alunos que participaram do CEPEC, e principalmente aqueles que foram ao Vale de Jequitinhonha, porque eles foram e voltaram, o que marcou eles era o afeto. O que fazia eles voltarem para a Líbia de Cristo era o afeto. E esse afeto eles trouxeram para a convivência deles, junto com os outros alunos. Então, todo mês era uma disputa dos alunos para ir para o Vale de Cristo de Lourdes. E a gente pensava que eles estavam fazendo grandes teorias da comunicação. Mas eu diria que hoje, eu pensando nisso, a gente estava construindo afetos.

E era isso que nos atraía, no fundo era isso que a gente ia. Porque toda comunicação está ligada à questão de afeto. Comunicação social. É, exato. Mas era engraçado. Não era só as teorias que a gente descobria a vivência daquilo no dia a dia. E era uma solidariedade. Por exemplo, como eu te disse, quando eu fui para fazer uma reunião política lá na Fafich, na Carangola, toda a faculdade os alunos estavam preocupados comigo. Quer dizer, porque eu me dividia, mas todo dia tinha um aluno sempre envolvido com aquilo, porque a gente tinha um afeto e essa pessoa se mobilizava em torno de outro.

E assim, da mesma forma, eu sempre me mobilizava com alunos que tinham problemas, alunos com problemas, ou afetivamente me envolvia com os alunos e com as alunas lá, no sentido da gente estar fazendo alguma coisa coletiva em prol do bem comum. Sempre a gente estava no encontro com isso. E os alunos lá, principalmente aqueles que frequentavam muito o Vale de Jequitinhonha, eles criaram tantos afetos lá, que as pessoas... que marcou muito, inclusive, a trajetória profissional deles daí pra frente. O Chico Pinheiro é um deles, né? O Chico, se eu cutucar a ele, no Vale de Jequitinhonha, ele... se cutucar a ele, foi uma grande coisa pra ele, marcou muito a vida dele. E, aliás, ele já tinha um perfil, ele era católico militante, ele já tinha um perfil muito voltado para as questões sociais, para a solidariedade. Mas o Vale de Equipe Chão marcou ele, tanto é que ele ficou seis meses lá, numa situação inédita. E vários outros alunos, igual, por exemplo, tinha um aluno de medicina, Davi Uip. Davi Uip era um judeu, e ele estudando medicina, ele toda vez, quase todo mês, ele ia pro Vale de Jequitonha, e ele ficava lá. E ele ganhou um respeito pela população de lá, uma coisa assim, que marcou muito a vida dele. E ele chegou, depois ele foi secretário estadual de saúde em São Paulo, ele foi cogitado a ser ministro da saúde no

primeiro governo Lula e depois parece que ele não quis. Ele é grande referência nacional hoje no campo da saúde. E de vez em quando ele pega uma brecha e fala do Vale de Jequitinhonha.

É aquilo que marcou ele no Vale de Jequitinhonha. E eu só lamento que hoje a escola não tenha muitos espaços. Quer dizer, o mundo mudou, a sociedade brasileira mudou muito, a universidade também mudou. Então é engraçado, era uma época da ditadura militar, mas acho que talvez exatamente por ser uma ditadura que a gente queria encontrar um caminho diferente dela. Hoje a gente tá meio sem rumo pra essas coisas.

### **VERA REGINA VEIGA FRANÇA**

Eu sou a Vera França, meu nome todo é Vera Regina Veiga França. Eu fiz comunicação- jornalismo na PUC, na época ainda era UCMG, Universidade Católica de Minas Gerais, ainda não era pontífice. E eu fui aluna do primeiro curso, da primeira turma de comunicação de 1971 a 1974. Depois da graduação, eu fui direto para o mestrado na UNB, Universidade de Brasília. Depois, voltando para Belo Horizonte, eu fiquei em Brasília dois anos, voltando para Belo Horizonte, terminando o mestrado, eu lecionei na Newton Paiva, no curso de comunicação, e desde 1981 eu ingressei na UFMG.no departamento de comunicação, como professora até bem recentemente, eu aposentei em 2016 mas continuei até 2022 como professora voluntária na pós-graduação e continuo, hoje já estou afastada das aulas, mas eu continuo fazendo parte de grupo de pesquisa. Bom, eu comecei o curso de comunicação, como eu falei, na primeira turma em 1971. Comunicação era uma novidade pra gente aqui, né. Existia, a Federal tinha o curso de jornalismo, mas esse da PUC, criado por Lélío Fabiano, estava sendo inaugurado, era uma novidade, então eu entusiasmei com essa ideia e fui fazer comunicação.

Era 1900. O curso foi de 1971 a 1974, o período duro da ditadura, mas eu devo dizer que eu não tinha muita noção disso. Ou melhor, eu fui tendo aos poucos. Antes de entrar na faculdade, eu tinha feito o segundo grau em Belo Horizonte. Eu sou do interior, eu sou do sul de Minas, da cidade de Nepomuceno. Eu fui para Belo Horizonte para fazer o segundo grau. Eu fiz no colégio Isabela Hendrix e eu vivia num mundo bem à parte do mundo político. Então, quando eu entrei na faculdade, eu realmente não tinha muita noção do que estava acontecendo.

Foi um período de muita vivacidade, de muita criatividade, esse início do curso de comunicação. O Lélío era uma pessoa muito dinâmica, muito aberta. A relação ...bom, o

curso era noturno e a relação de proximidade entre professores e alunos era muito grande, era um clima de muita conversa, muito entrosamento, muito diálogo. Então, a vida interna lá do curso de comunicação, era... a gente às vezes brincava que era uma festa, mas com ótimas experiências acadêmicas e o clima de liberdade, a abertura das relações era muito grande. Eu diria que o curso de comunicação não era muito permeado pelo clima político. Talvez, assim, era mais atravessado por aquele outro aspecto dos anos 70, que foi e ainda é do movimento hippie e a questão da liberdade dos costumes. Então, no curso de comunicação, eu acho que era mais esse lado mais festivo do que o lado político, do que estava acontecendo fora da faculdade. Eu fiz, a minha habilitação foi jornalismo. Então no jornalismo, aí, e com os colegas a discussão política era mais presente, eu tinha dois colegas que trabalhavam durante o dia e, a partir de outros espaços, eles traziam mais informações e foi através deles que eu comecei a me dar conta do que estava acontecendo. Mas nunca participei do Diretório Acadêmico, do DCE da PUC, eu, pelo menos, não tinha muita noção disso, não tinha proximidade com o movimento estudantil, nem da PUC e nem da Federal ou de outros lugares. Há uma conversa, e na época a gente já ficou sabendo, que um dos colegas era um senhor mais velho e que ele seria, digamos, um infiltrado. Que havia convênios americanos na época e um deles muito conhecido é o tal do Mac Usaid, são agências de desenvolvimento que os Estados Unidos implantavam pelo mundo como forma de influenciar e também de colher informações. Então um dos colegas tomava-se algum cuidado com ele, porque ele foi um pouco visto como sendo essa pessoa que trabalhava nesses organismos de informação para os americanos. Não havia, lá na faculdade, nem na universidade, nunca havia a interferência, a presença ou a interferência de militares. A experiência política, o que eu presenciei de mais forte como política não foi lá na PUC, na faculdade, mas foi num evento que fomos participar na USP. Haveria um evento de comunicação na USP em São Paulo. Nós fomos um grupo de alunos, tanto da PUC como da Federal, para a USP. Ficamos hospedados na própria USP. E lá na USP, então, o clima foi pesado. A polícia entrou lá na USP, entrou a cavalo. Então, lá eu pude ver o clima que estava acontecendo, que era polícia, polícia a cavalo, estudantes correndo, mas isso eu nunca vi em Belo Horizonte na PUC. Na minha época eu nunca presenciei. A minha memória da comunicação, desse curso de comunicação, eu tenho boas memórias mas assim eu não tive uma memória política. Posteriormente que eu tive mais uma militância, a minha militância política começou mais tarde. Na época da faculdade, eu fiz duas atividades que não tinham nada a ver com a política, mas acabou tendo algum eco. eu participava de um grupo de jovens da igreja, da igreja católica. Mas não era nenhum grupo político, participava de um grupo de jovens. E uma outra coisa que eu fiz, que também não

tinha nenhuma relação nem com a escola nem com o grupo de jovens, era... Eu fiz um curso de paraquedismo. Então a ligação entre esses dois aí, o grupo de jovens e o curso de paraquedismo e ambiente universitário. Um dia eu soube pelo meu professor lá de paraquedismo que os organismos de informação tinham ido, pedir informação sobre o meu comportamento, coisas que eu falava.

Então, mas, na verdade, eu não tinha nenhuma intenção política nessas duas atividades. Bom, era isso o que eu me lembro, olhando assim de longe, e toda depois, com o meu envolvimento político posterior, eu vejo, quer dizer, tanto a minha participação como dos colegas de quem eu era mais próxima, uma certa, não é nem ingenuidade, mas uma descontração e um clima festivo que contrastavam muito com o que estava acontecendo com outros estudantes mineiros e do Brasil naquele momento. E que a gente meio que passou à distância, enquanto grupo, enquanto turma. Então bom era isso que eu tinha a relatar dessa experiência.

Hoje vendo, lendo as memórias daqueles jovens, na mesma época, que passaram pela clandestinidade, que tiveram atuação política, eu, assim, um pouco, às vezes me dá um aperto no coração. Poucos dias eu assisti o filme “Zé”, do Zé Carlos da Mata Machado e a gente pensa não é, como é que tanta gente, tantos estudantes não se deram conta e não deram apoio maior aos colegas que por caminhos que não deram certo, não tiveram sucesso, mas se o movimento tivesse se estendido mais, nós poderíamos pelo menos ter prestado algum apoio e solidariedade e evitar as prisões, pelo menos denunciar mais a prisões, as torturas e as mortes que aconteceram naquele período.